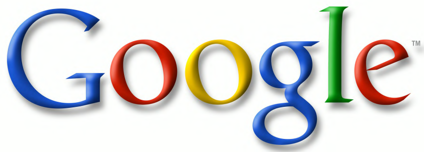
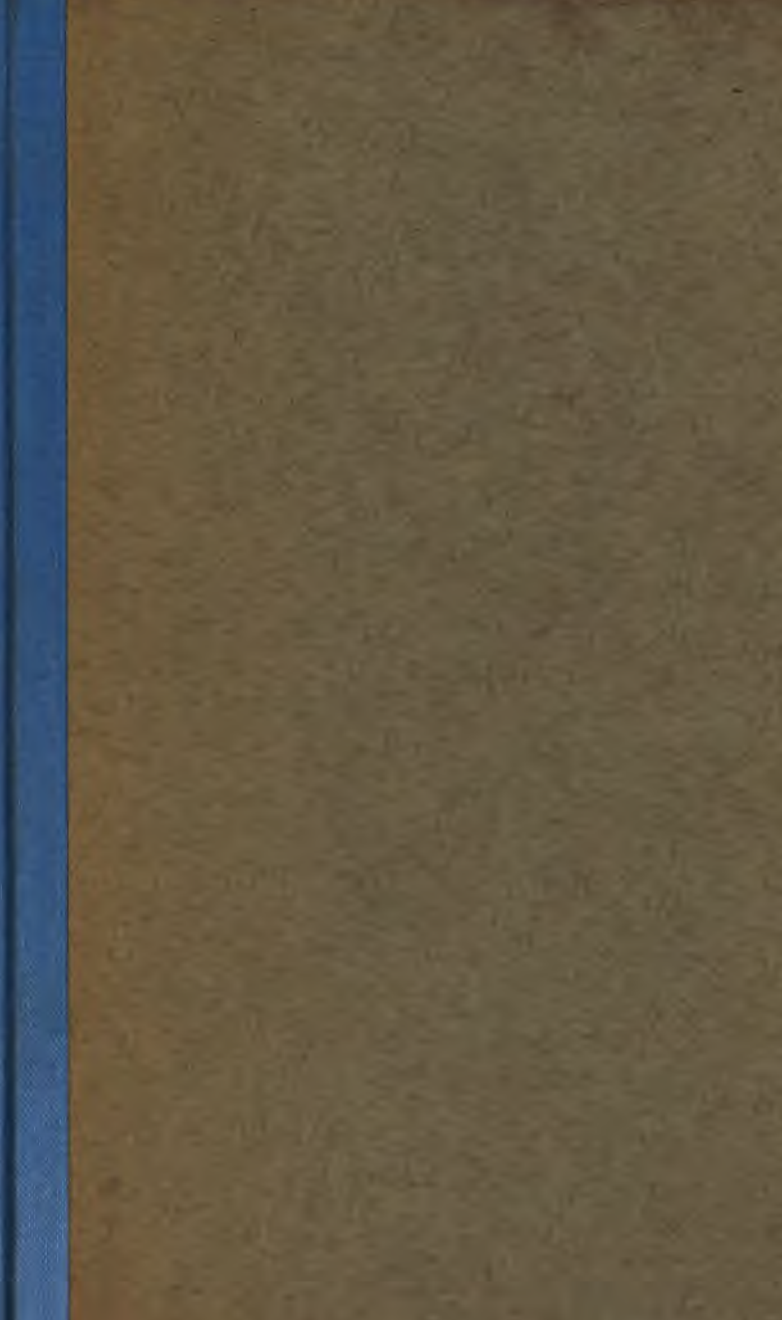
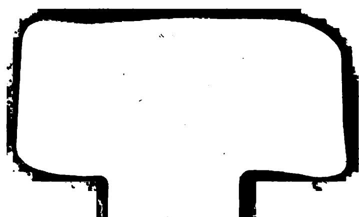








Paulo Osorio

CAMILLO

A SUA VIDA

O SEU GENIO

A SUA OBRA



PORTO
MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores
[illegible] — Largo dos Loyos — [illegible]
[illegible]



CAMILLO

A SUA VIDA — O SEU GENIO — A SUA OBRA

Edição de Magalhães & Moniz, Limitada
Composto e impresso nas officinas da
Emprêsa Litteraria e Typographica
178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

DO MESMO AUCTOR

Aguilhadas, opusculos de critica, 1 vol. (1903-1904). *Esg.*
Historia d'um morto, conto (2.ª edição, 1904).
Na casa de Garrett, opusculo de critica (1905).
Camillo Castello Branco, esboço de critica (1905).
A ultima noite, novella (1905).
Camillo Castello Branco e o sr. dr. Bombarda, artigos de polemica (1905).
Notas á margem, chronicas (1905).
Criminosos loucos, estudo de medicina-legal (1906).
Lisboa, chronicas (1908).
Variações sobre um velho thema, contos (1908).
Por amôr d'ella, peça em 1 acto. *No prélo.*

Histoire d'un mort, trad. de Philéas Lebesgue (1904).



Camillo Castello Branco

Paulo Osorio

CAMILLO

A SUA VIDA
O SEU GENIO
A SUA OBRA



PORTO
MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores
11 — Largo dos Loyos — 14
1908

Ao Snr. Ramalho Ortigão

«... o prosador elegantissimo, o fidalgo de raça senhoril, a revelação mais assignalada que ainda tivemos do espirito francês».

(CAMILLO: *Noites de Insomnia*).

« A historia publica e intima dos homens como elle não se escreve senão depois, assim como a justiça inteira e o elogio sem restricções não se concedem senão á sua memoria. Emquanto não restituem á terra tudo que os fez iguaes dos outros, a sua elevação opprime os mediocres, a sua voz assusta os emulos e o seu vulto assombra as vaidades invejosas que suppoem que elle lhes toma todos os passos e lhes fecha todas as estradas ».

L. A. REBELLO DA SILVA.

« Porventura virá um dia, quando Portugal não fôr mais que uma provincia da nação invasora, e o grupo dos portuguezes nostalgicos, retrocedendo a magua ás recordações da patria perdida, procure o symbolo synthetico da nossa antiga vida livre, porventura virá um dia em que o espirito de Camillo se levantará do passado, como em 1880 viram os portuguezes levantar-se o espirito de Camões. Então os livros d'elle serão martyrio e consolo para esses contempladores opprimidos sem remedio; avultarão os seus desesperos como sentenças; viverão os seus typos como abstracções; e toda a memoria do meu adorado paiz, saltando os annos, outra vez fará verter as lagrimas que eu tanta vez chorei de o vêr tão pobre, tão indolentemente passivo, e tão mal guiado. Ninguem se lembrará dos histriões que ora o apedrejam, nem da cafila liquidante que nos negoceia e nos esmaga; e o vulto de Camillo, sempre de pé no seu cerro minhoto, visivel para toda a roza do espaço, parecerá dizer: — Fui eu o ultimo! »

FIALHO D'ALMEIDA.

PREFACIO

PREFACIO

Em 1905, publiquei um livro intitulado *Camillo Castello Branco (esboço de critica)* [1]. Escrevi esse livro precisamente dentro dos processos de apreciação critica que presidiram á feitura d'este. A minha velha admiração por Camillo levou-me a estudar attentamente essa figura, grande de artista e desgraçado, fazedor de tragedias, e elle proprio protagonista d'uma bem dolorosa e bem intensa: a tragedia da sua vida inteira. A sciencia moderna impunha-me um methodo de estudo a que eu não poderia fugir, sob pena de fazer um trabalho esteril. O doente, que a dôr engrandece e purifica e do qual em Camillo a figura litteraria não representa mais que um corollario, era sem duvida digno de

---

[1] Edição da Livraria Moderna, Lisboa.

interesse. Estudei-o o melhor que pude, estudei-o com amôr, procurei não dar um passo sem ir solidamente apoiado em opiniões incontroversas; não formulei uma conclusão que não assentasse numa base de factos; quiz fazer um trabalho com todo o rigor, probo e consciente, não pelo medo que me pudessem inspirar os gladios dos pomposos ignorantões da minha terra, mas pelo respeito que devo ao nome de Camillo e ao meu proprio nome. O trabalho que apresentei — mesmo a meus olhos ainda incompleto bastante para merecer o subtitulo de *esboço* — não tinha direito a esperar um unanime e enthusiasmado côro de applausos. Expuz ali opiniões minhas que me seria agradavel vêr discutidas e, se d'essa discussão nascesse para o estudo da personalidade de Camillo uma conclusão diversa d'aquella que tão seguramente quanto possivel formulei, ficaria para mim ainda a honra de ter chamado para a figura tão interessante do maior escriptor português do nosso tempo a attenção de quem quer que fôsse mais competente do que eu para avaliá-la.

Logicamente, eu não poderia esperar que o meu trabalho provocasse um debate alevantado e util. Em Portugal sabe-se pouco de psychiatria, as doenças mentaes não se ensinam nas escolas, um medico conclue o seu curso sem ter posto os pés num manicomio. E eu tinha ainda a contar com esse sentimento de defêsa que impede um diplomado em medicina de discutir com profanos assumptos que mais ou menos se relacionam com o seu modo de

vida,— não vá ás vezes no decorrer do pleito o observador ter o ensejo de cogitar na inutilidade dispendiosa que, em muitos casos, por si só, um curso representa. Esperava o silencio, o desinteresse simulado, a affectação do desdem: mas não esperava a agressão indocumentada e violenta. E comtudo o alienista sr. Miguel Bombarda veio, não discutir, mas agredir-me. Disse-me que o meu livro tinha reduzidos meritos e limitou-se a contrapôr a sua opinião em questões de minucia que não attingiam as conclusões finaes que procurei. E disse-o tão d'alto, com um ar de despreso de tal modo lamentavel, que eu, replicando, tive de lhe fazer notar que o trabalho dos outros é uma coisa que a mais elementar correcção manda que se respeite.

De então para cá, a minha maneira de vêr modificou-se, ulteriores observações levaram-me a alterar um pouco as conclusões que formulei nesse primeiro esboço; mas quero desde já registar que nenhuma d'essas alterações attingiu aquellas afirmativas que provocaram a sobranceira contradicta do director de Rilhafolles.

*

A proposito d'esse meu primeiro trabalho sobre Camillo, o sr. Theophilo Braga dirigiu-me a seguinte carta, publicada depois, com auctorização sua, em jornaes do Porto e de Lisboa:

« Lisboa, 19 de junho de 1905.

Caro e illustre amigo.

Recebi hontem o seu livro — CAMILLO CASTELLO BRANCO — *Esboço de critica — e hontem mesmo puz de lado todo o trabalho que me tinha destinado, e li-o de uma assentada. Quer pelo interesse que a individualidade de Camillo suscita, quer pelo processo critico do seu julgamento, o livro attrahiu-me e deixei tudo por elle.*

Desde já lhe confesso que é esse o verdadeiro processo para estudar todas as individualidades que se destacam no seu tempo ou no seu meio social: o estudo PSYCHOLOGICO *traz uma nova luz para a comprehensão do genio creador em qualquer fórma de actividade. Na historia litteraria tenho reconhecido praticamente o valor d'esse instrumento. Vou ainda mais longe, investigando a psychologia collectiva, da multidão anonyma, do Povo, e é essa a luz que vivifica os factos concretos e muitas vezes banaes da Ethnologia. E, juntando estas duas psychologias, chega-se a uma comprehensão philosophica, indispensavel para todo o historiador digno d'esse titulo.*

Mas, voltando ao seu livro: apparece alli o Camillo fortemente explicado, com opulenta documentação. O meu amigo está em dia com os trabalhos de psychiatria, e escolheu bem o Camillo como um caso complexo bem digno de interpretar-se; e a sua conclusão, implicita em todo o livro, é que, temperamento profundamente desgraçado, tudo em Camillo, nas suas qualidades superiores e nos seus destemperos, desperta uma grande sympathia. Cheguei tarde a esta conclusão e sómente depois de ter

lido perto de quinhentas cartas de Camillo ao Visconde de Ouguella (hoje perdidas?)

O Camillo merecia um estudo assim. Se o meu amigo matizar o seu livro com trechos autobiographicos de Camillo, e referencias d'elle á origem ou motivos da sua obra, faz uma obra definitiva que ficará como o monumento levantado ao excelso escriptor. Deve fazel-o com vagar até ao momento em que lhe appareça ensejo de publicação.

Parabens pelo precioso livro; e pelas palávras affectuosas que o acompanham, o reconhecimento do

seu am.º obg.mo e adm.or

THEOPHILO BRAGA ».

Procurei seguir as indicações do sr. Theophilo Braga, revi o meu *esboço*, procedi a novas investigações, tentei novos estudos — e fiz, quer na essencia quer na fórma, um livro novo. Mas não permittiram os modestos recursos do auctor que ficasse valendo mais que um subsidio aquillo que o illustre signatario d'essa carta generosamente quizera que fôsse um monumento.

GENEALOGIA

«Heredity is the law»

DARWIN.

Ha fundadas razões para pôr em duvida a rigorosa verdade historica que se attribue á nobiliarchia d'uma familia trasmontana, pelo epitheto d'um dos seus varões mais recentes, conhecida por *Os brocas*.

Parece-me, de resto, dispensavel para o interesse pratico do meu intuito averiguar se tal linhagem trazia integra a progenitura d'aquelle Fruela, irmão de Affonso I, genro de Palagio, fundador da monarchia de Oviedo e Leão, dos reis Vermudo ou Bermudo, Ramiro I e Ordonho, ou então, por outras vias, do fidalgo solarengo D. Payo Mogudo de Sandim. Basta ter como elucidado mais ou menos que, olhando em ambito mais curto para essa pretendida cadeia de transmissões de sangue azul, que se perde por uma dynastia de Ordonhos, nuns tempos vagos do rei Bermudo de Navarra, se nos depara um Domingos Correia Botelho a quem o mais illustre dos seus descendentes outhorgou a qualidade de estudante [1], quando ao certo, e con-

---

[1] CAMILLO: *Cousas leves e pesadas.*

*

forme a afirmação de outros auctores, se sabe que, durante uma existencia vagabunda, andou de terra em terra propagando as profecias do Bandarra e exercendo o mistér de picheleiro [1].

Espiolhando bem as costellas da creatura a quem genealogistas diversos tão varias profissões attribuiram, vem-se a saber ainda que seu bisavô foi Domingos Rodrigues Pinto, filho de um almocreve e d'uma tendeira de mercearia, que prestou serviços patrioticos na revolução de 1640, cooperou em prisões do Santo Officio, e veio, segundo o testemunho de coevos, a servir «os mais nobres e honrados cargos da Republica»; que seu avô, filho de Isabel Machado, a quem se attribue o apellido de Botelho, foi Martinho Machado Pinto, cavalleiro de S. Thiago; e que seu pae, filho natural d'esse Martinho e de Isabel Mendes do Rocio, foi Lazâro da Costa, primeiro representante d'uma dynastia de marchantes que por muito tempo prosperou em Villa Real [2]. A essa dynastia pertenceram todos os filhos de Lazaro da Costa e de Francisca Mendes, salvante Domingos Correia Botelho, que enjeitou a profissão

---

[1] ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camillo*, 1899.

[2] PEDRO A. D'AZEVEDO: *Os antepassados de Camillo*. No *Archivo Historico Portuguez*. Vol. V, 1907, n.os 5, 6, 9, 10 e 11 e Vol. VI, 1908, n.os 1 e 2. A esse estudo, o mais completo e documentado que possuimos sobre a genealogia de Camillo, pertence grande parte das informações de que me sirvo neste capitulo do meu trabalho.

e o appellido paternos preferindo-lhes uma onomastica mais nobre e as commoções e os beneficios de uma agitada carreira d'aventureiro errante. Mais d'uma vez se pôs em duvida na sua ascendencia aquella pureza de sangue tão derimida nos preludios inquisitoriaes de tantos autos de fé; e se essa circumstancia eu registo, não é para fanaticamente lançar sobre Domingos Pinto e Lazaro da Costa o labeu de *christãos-novos* de que uma devassa benevolente depois os illibou. Mas a sciencia afirma que a raça hebraica é, d'entre todas as raças, uma das que maior contingente fornecem para o cadastro da pathologia nervosa [1].

Domingos Correia Botelho casou duas vezes, ambas ellas com filhas de pedreiros, a primeira chamada Angela Fernandes, de quem teve, além de duas filhas que recolheram a um mosteiro e outra que casou, um filho, Frei José de S. Bernardo, que professou como Agostinho descalço e outro, Manuel Correia Botelho, que foi escrivão em Villa Real, e a segunda, Maria Moutinha, que lhe deu, entre outros filhos e uma filha que tambem entrou para um convento, José Luiz Correia Botelho. Diz-se que o

---

1 SERVI: *Gli Israeliti di Europa*, 1872; VERGA: *Archivio di statistica*, 1880; BOUVERET: *La Neurasthenie*, 1891; LOMBROSO: *L'homme de génie* (ed. francêsa) 1903; *Bulletins de la Societé d'anthropologie*, t. IV; RIBOT: *L'herédité psychologique*, 7.ª ed. 1902; FIALHO D'ALMEIDA: Estudo sobre Camillo, publicado na *Revista Illustrada*, de Lisboa, em 1896.

filho de Domingos Botelho que professou «viera de longe propellido para uma grande catastrophe» e que «a profissão era o acto final d'uma tragedia» [1]. Certo é que esse religioso, que pertenceu ao convento de Nossa Senhora da Piedade, em Santarem, onde chegou a prior, nem sempre em documentos publicos gosou uma impolluida fama de virtude. Numa certidão passada em 1780 por um frade da sua ordem, diz-se que elle, em certo convento d'Extremoz, levava vida escandalosa «não só para os domesticos como para os Estranhos, por acçoens que produzia indignos do habito e muito mais do cargo e ministerio que ocupava», a ponto de o Vigario Geral, averiguando «serem verdadeiros os Enormes delictos que lhe impunhão» ter mandado «fechar de pedra e Cal a porta do Carro, por onde elle metia na Clauzura pessoas de sexo prohibido, E que as chaves da Clauzura não estivesse em seu poder».

Domingos Botelho cahiu na miseria e Frei José tomou conta da familia, instituindo-lhe umas rendas que mais tarde originaram litigios e fizeram quebrar as relações entre elle e o irmão José Luiz, de cujo proceder ingrato ao depois amargamente se queixava.

Manuel Correia Botelho, nascido e residente em Villa Real, casou com D. Maria de Carvalho e Menezes, filha de Francisco Martins Menezes, *christão-*

---

[1] CAMILLO: *Bohemia do espirito.*

novo. Elle e a mulher, pouco doces de temperamento, por via de repetidas contendas, malquistaram-se com a maioria da gente de Villa Real. Quatro annos antes de morrer, foi perdoado do assassinio d'um soldado numa questão em que entrou com seus filhos Domingos José Correia Botelho e José Correia Botelho de Menezes.

Domingos José Correia Botelho era um homem extremamente feio. Formou-se em Coimbra. «Era alcançadissimo de intelligencia, e grangeára entre os seus condiscipulos da Universidade o epitheto de *brocas* com que ainda hoje os seus descendentes em Villa Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epitheto *brocas* vem de *brôa*. Entenderam os academicos que a rudeza do seu condiscipulo procedia de muito pão de milho que elle digerira na sua terra» [1]. Domingos Botelho foi nomeado juiz de fóra de Cascaes, logar que exerceu durante nove mêses e do qual foi suspenso, segundo informa sua sogra, nas allegações d'um processo que mais tarde lhe moveu em causa de partilhas, «pelo dezacato que fizera a sua Filha D. Francisca Julianna, cazada com José Joaquim de Proença e Sylva, Tenente do Regimento da dita Villa; por lhe querer dar com hũa faca; e pela escandaloso modo, cõ que injustamente fizera prender ao Padre Antonio do Valle Capellão do dito Regimento, e conduzir amarrado em hum jumento para o Aljube desta Cidade, de

[1] CAMILLO: *Amôr de Perdição.*

donde por estar innocente, sahira solto, e livre» [1]. Esse Botelho era um excentrico, com certo chiste nas maneiras rudes que lhe mereceu a alcunha de *doutor Bexiga*. Se, como se pretende [2], frequentou o paço, insinuando-se, por ignoradas bullas, na estima de D. Maria I e de D. Pedro, e aproveitando o ensejo para tomar d'assalto o coração d'uma formosa dama de nome Rita Thereza Margarida Castello Branco, não o sei eu dizer com precisão. Ha documentos comtudo que desfazem um pouco na pretendida nobreza d'essa D. Rita, depois mulher do bacharel, dizendo-a filha d'um capitão de infantaria de Cascaes, de nome José Pereira da Silva e de D. Thereza Ignacia Joaquina Castello Branco, a sogra furibunda, neta paterna de Domingos Pereira da Silva e Francisca dos Anjos, a *Benta,* e bisneta d'um servente de pedreiro e soldado de artilheria, neta materna de Diogo Luiz de Mesquita Castello Branco, creado grave da condessa de Aveiras e de Isabel de Mattos, aia ou creada da mesma titular. E a sogra D. Thereza, em documento respeitante ao litigio judicial já referido, reduz a proporções assás materialonas a historia do consorcio que se dizia derivado d'um galanteio palaciano do modo sereno e limpido como deriva a agua de um arroyo: «Este supplicado Domingos José Correa Bottelho sendo natural de Villa Real, filho de

---

[1] Doc. transcripto pelo sr. Pedro d'Azevedo.

[2] CAMILLO: *Amôr de Perdição.*

hum nacimento escuro, e de baxa e pobre fortuna, vendo-se condecorado com o honorifico emprego de Juiz de Fora da Villa de Cascaes, e sabendo que a caza da supplicante era das principaes, e das mais ricas daquela Villa, e que tinha filhas Donzellas, tomou cazas para a sua habitação junto as da supplicante com quintal mistico ao seo que só lhe servia de divizão, hum pequeno muro, e por via de hũa Escrava, que comrrompeo, se intruduzio fora de hóras na casa da supplicante deshonestando a dita sua filha menor de 20 annos, com a qual se acha cazado, recebendo se em 30 de Outubro de 1771 vindo a parir sua filha um filho, que naceo a 14 de Junho de 1772, 8 mezes depois de cazados como mostrão as certidoens do cazamento — n.º 1.º e Bauptismo n.º 2.º esta verdade he incontestavel, porque os filhos só nacem de 7 e 9 mezes, e raras vezes de 11 e 14 mezes». Áparte o devaneio gynecologico, tenho a allegação como digna de fé.

Anna Margarida Mourão, mulher de Lourenço da Costa, tio de Domingos, moveu contra este uma acção por divida de quinhentos mil reis que o bacharel lhe pedira emprestados quando estudante, introduzindo-se com ella «como sobrinho de seu deffunto marido e pella razão do dito parentesco e cavilação de que é dotado», [1] e que depois não quiz pagar. Nas suas allegações, a viuva credora disse

---

[1] Esta transcripção e seguintes pertencem a doc. reproduzidos ou citados pelo sr. Pedro d'Azevedo.

serem Domingos Botelho e seu irmão José «valentoens, desemvoltos e absolutos, sem temor ou respeito aos Magestrados e offeciaes de Justiça... descompondo de palavras aos mesmos... e oufanos por terem... feito hũa morte as oras do dia a hum soldado de que lhe não resultou castigo, e porisso amiaçando os mesmos officiaes, e ainda paçando a excesso mayor que até os Magestrados ameação»: e mais que «Tanto o dito Domingos Joze Correa como seu irmão se asociào ambos e armados de sorte que nimguem se atreve a oporse a seos depravados intentos». A isso respondeu Domingos Botelho confessando-se «homem cordato, prudente, civilizado, retirado de communicações com officiaes de Justiça tanto que os negocios os trata por Procuradores sem escandalizar pessoa algũa» e alegando mais que sua tia afin nunca lhe emprestara dinheiro, nem podia emprestar «porque hé hũa pobre meretrix publica que de si não tem couza alguma nem para se sustentar mais que o que adquire pelo ilicito trato que tem com muitos homens» e que essa mesma sua tia «tem filhos de varios homens e prezentemente d'hum José Manuel Teixeira de Novaes hũa filha natural por andar com ella amigado». D'onde se mostra que *o doutor Bexiga* não era muito gentil para com os seus proprios parentes.

Nomeado em 1802 juiz de fóra de Vizeu, Domingos Botelho soffreu, alguns annos mais tarde, a accusação de venal. Arguiram-no de receber «por si, sua mulher e filhos e amigos quantias avulta-

das». Feita a devassa, em consulta de 1 de março de 1806, a mesa do Desembargo do Paço considerando-o «gravemente indiciado de crimes enormes que pela lei do Reino tem pena de morte, oferecendo tão bem a impunidade aos malfeitores a preço de dinheiro e vendendo a justiça em publico leilão; provandose ja quanto basta para ser suspenso, sequestrado e prezo, dando-se-lhe logo o logar por acabado, e mandando-se tirar sua residencia por Ministro exacto, a qual deverá ser julgada no Juizo dos Feitos da Fazenda com a assistencia de Procuradores Regios». Assegurou-se que Domingos José Correia Botelho morreu em 1805 na sua quinta de Montezellos, assassinado por salteadores[1]. Ha, pelo menos, ahi um erro de data pois que a consulta referida é, como disse, de 1806. O sr. Pedro d'Azevedo suspeita que elle se suicidasse para escapar a uma vergonha publica.

O primeiro filho de Domingos Botelho, nascido oito mezes depois do seu casamento e que teve o nome de José, morreu creança. Mais tarde, nasceram duas filhas e dois filhos, de nomes Simão e Manuel.

Da vida de Simão Botelho existem duas versões: uma amplamente desenvolvida no *Amôr de Perdição* e outra, mais recente e mais incompleta, mas com o merito da authenticidade garantida por documentos que o sr. Pedro d'Azevedo exhumou da poeira dos archivos[1]. Ambas, porém, são concordes

---

[1] Ver NOTA B, no fim d'este volume.

na descripção do caracter do filho segundo de Domingos Botelho. De Coimbra, conta-se no *Amôr de Perdição* que «o filho mais velho escreveu a seu pae queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do genio sanguinario d'elle... porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os á lucta com assuadas». São ainda do mesmo romance estas palavras: «Finalizavam as ferias, quando o corregedor teve um grave dissabor. Um dos seus creados tinha ido levar a beber os machos, e, por descuido ou proposito, deixou quebrar algumas vazilhas que estavam á vez no parapeito do chafariz. Os donos das vazilhas conjuraram contra o creado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo; e, armado d'um fueiro que descravou d'um carro, partiu muitas cabeças, e rematou o tragico espectaculo pela farça de quebrar todos os cantaros. O povoleu intacto fugira espavorido, que ninguem se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça á porta do magistrado». Em face dos documentos, o sr. Pedro d'Azevedo informa que «em 3 de agosto de 1804, sendo um quarto de hora depois da meia noite, na Rua Direita de Vizeu foi ferido por um tiro de clavina Francisco José Ferreira, natural de Moimenta da Beira, creado de José Cardoso Cerqueira, de que lhe resultou ficar sem parte dos dedos das mãos e com uma

coxa atravessada, recolhendo-se os criminosos a casa do juiz de fóra que morava no terreiro da Sé. Foram accusados d'este crime Simão Antonio Botelho e José Jeronymo, filho de Lourenço de Andrade e Seixas, que tinham sido vistos andar armados por aquella rua e ameaçando o primeiro Fernando de Almeida, filho do referido Cerqueira. De Simão diz uma testemunha: *sendo tambem publico que o mesmo filho do Juiz atirara mais tres Tiros a outras varias pessoas e que he verdade que sabe pello ver e ouvir que toda esta cidade* (de Vizeu) *andava com temor e estavam em grande desasucego em quanto o ditto filho do Juiz de Fora se achava n'esta Cidade pellos insultos que fazia e esperançado na falta de castigo por seu Pai ser Juiz.* A devassa que se tirou, feita pelo vereador mais velho de Vizeu e pelo meirinho geral em 6 de agosto, resultou pela pressão exercida sobre as testemunhas como de nenhum valor, pelo que o desembargo do Paço ordenou em 21 de maio de 1805 se procedesse a outra. Entretanto os dois criminosos *homens vadios costumados a commetter similhantes delictos, e a andarem de noute e de dia dando tiros em varias pessoas* tinham tirado cartas de seguro, sendo a de Simão datada de 17 de setembro de 1804, augmentada por mais um anno em 5 de setembro de 1805 e ainda por mais outro em 12 de agosto de 1806, em consequencia do seu livramento pela Relação ir muito atrazado; e a de José Jeronymo de Loureiro e Seixas tambem reformada por mais um anno por

despacho de 11 de outubro de 1806». «Nos capitulos apresentados contra o pae de Simão — informa tambem o sr. Pedro d'Azevedo — diz a testemunha o bacharel Antonio Cardoso de Sousa e Liz *he publico bem como que o referido filho* (Simão) *asuciado com o referido Quintas derão hum tiro e foram desafiar a porta hum irmão do Cappitam de San Salvador, em ocazião que se queixava de lhe matarem as suas pombas;* José Rodrigues Quintas do logar da Travanca, *ladrão publico que rouba pelas Feiras e Mercados quanto pode, he da amisade do dito Juiz de Fóra, e um caçador que muitas vezes acompanhava com seus filhos.*»

São assim as duas versões concordes em dar Simão como um impulsivo, de maus instinctos, violento e desordeiro. O romance dá-o tambem como um amoroso: «Amou, perdeu-se e morreu amando». Não me repugna crêr que o fôsse. Por amôr perdeu tambem a carreira seu irmão Manuel; culpas d'amôr tivera, ao que parece, Frei José de S. Bernardo seu tio-avô: fôra, segundo alguns pretendem, o amôr a causa do crime de que soffreram accusações seu pae, seu tio paterno e seu avô. E, assente que dados positivos nos asseguram uma tara morbida luxuriante nessa suspeitissima linhagem, seria, sem duvida, de interesse averiguar até que ponto essa provavel feição amorosa, ao manifestar-se em successivas gerações, foi a causa do exacerbamento d'uma doença antiga ou apenas o resultado logico do proprio mal.

A analogia que existe entre alguns caracteres objectivos do amôr e aquelles que as obsessões conscientes d'uma origem morbida nos apresentam, o facto de os amorosos serem, em summa, seres de excepção, num restricto numero dos quaes se encontra com frequencia uma elevada proporção de criminosos, têm levado alguns philosophos e scientistas a attribuir ao amôr uma origem puramente pathologica. [1] Depois, os aspectos morbidos com que a paixão amorosa, em geral, se exterioriza vêm corroborar até certo ponto uma tal opinião, e physiologistas modernos [2] lembram a passagem de Plutarcho em que se conta como o medico Erasistrato reconheceu pelos movimentos tumultuosos do pulso que Antiocho amava Estratonica. [3] Gaston Danville combate esta doutrina, e o seu argumento capital baseia-se num criterio de utilidade applicado á classificação das obsessões, separando as nocivas ao individuo e á especie como as unicas a que rigorosamente compete a origem pathologica que se lhes attribue. Fincando nesse argumento todas as suas deducções e attribuindo ao amôr normal o mero intuito da procreação da especie, é claro que o philosopho não encontrou grande difficuldade para o

---

[1] GASTON DANVILLE: *La Psychologie de l'amour*, 1894.

[2] DANVILLE: Ob. cit.; MOSSO: *La peur* (ed. francêsa), 1886.

[3] PLUTARCHO: *Vida de Demetrius*, XXVII; CAMÕES: *Auto d'El-Rei Seleuco.*

pôr a salvo do seu capitulo de obsessões de origem morbida. Eú julgo haver razão em negar ao amôr uma origem pathologica: que a attracção entre dois individuos de sexo differente, verificavel de resto em quasi toda a escala zoologica, não póde por certo interpretar-se fóra das leis que regem o mecanismo psychico no estado normal de cada um. O amôr virá, tão só, pôr em preeminencia, resultante d'uma intensa e quasi exclusiva actividade, o sentimento affectivo e, se a creatura fôr um psycopatha, a doença encaminhar-se-á irremediavelmente para o ponto em destaque da sua entidade psychica. Implacavel, a sciencia diz-nos que só é susceptivel de ficar doido d'amôr aquelle que tiver um amôr de doido. [1]

Ora o amôr dos Botelhos não foi decerto um amôr normal: surgindo em creaturas presas d'uma nevrose herdada que a sequencia das suas vidas depois nos aclara, a paixão amorosa dominou-os com uns caracteres particulares, uma intensidade, um exclusivismo que fazem saltar aos olhos a sua maneira morbida de ser. A vida romantica ou romantizada de Simão Botelho vem contada com lagrimas nas paginas dolorosas e intensas do *Amôr de Perdição*. Ahi, ella apparece como a simples historia d'uma existencia esturdia que um certo dia se embaraçou e prendeu irremediavelmente num fino cabello de

---

[1] FRANK: *Traité de Pathologie Interne*, trad. Bayle, t. III, p. 143.

mulher; e como esse desgraçado rapaz viesse, talvez por uma opportunidade má de nascimento, a acarretar, num equilibrio falso, com uma herança morbida que em seus maiores se foi accumulando, de geração em geração, em dezoito annos tinha esgotada toda a razão de ser da sua vida de espirito, morrendo quando lhe faltava já a coragem para todo o esforço, mesmo atirado de golpe, nessa impulsão de vesania que outr'ora fizera d'elle um desordeiro, depois um assassino, e o acompanhara passo a passo nos momentos de lyrica paixão. Diz o romance que Simão amava com loucura essa Thereza que morreu d'amôr, agitando o lençosinho branco no mirante de Monchique, quando cortava as aguas do Douro, á vista do convento, a nau que o conduzia ao degredo da India. Os documentos até hoje pesquizados, apenas nos dizem «que elle foi criminado pelo estrupiamento que praticou com um tiro da sua carabina ou clavina na pessoa do criado de um individuo de Vizeu.» [1]

Do irmão primogenito de Simão Botelho, Manuel, que ficou doido e morreu d'uma congestão cerebral e de quem no *Amôr de Perdição* se conta a

[1] Pensa o sr. Pedro d'Azevedo que alguns esclarecimentos sobre esse caso nos poderá dar o archivo da Relação do Porto «no caso que este ainda exista». E esclarece: «O archivo da Relação conservava-se num subterraneo, estando os papeis respectivos, devido á humidade, convertidos em pasta. Uma gloria para a magistratura!»

historia romanesca do adulterio com uma açoriana, conhece-se, através de dados cheios de incerteza, a accidentada união com D. Jacintha Rosa do Espirito Santo, filha de uma doida. [1] Sabe-se que essa mulher amou e soffreu —

Que o sangue, derramado sem seu caminho,
Eu pude ainda vêr, como um vestigio
Da martyr que passou. [2]

— e o facto de uma vida assim, levada entre lagrimas, é natural que ficasse nitidamente marcado no caracter dos fructos d'esse amôr.

A influencia do estado de espirito dos paes no momento de concepção sobre a maneira de ser psychica dos filhos, tinha sido observada já antes dos medicos se occuparem do seu estudo: Hesiodo prescrevia a abstinencia do coito na volta das cerimonias funebres, para se não gerarem filhos melancolicos. Erasmo punha na bôca da sua *Loucura* estas palavras: «Eu não sou o fructo d'um aborrecido amor conjugal». *Tristam Shandy* attribue as enfadonhas particularidades do seu caracter a uma pergunta que sua mãe, em momento muito inopportuno,

---

1 «Meu pae, minha avó materna e duas minhas tias morreram doidas» (CAMILLO: Cartas ao Visconde de Ouguella, publicadas pelo sr. Theophilo Braga na *Revista Portugueza*, 1895 p. 117). — Vêr a NOTA C.

2 CAMILLO: *Um livro*.

formulou [1]. Um dos filhos adulterinos de Luiz XIV, concebido durante uma crise de lagrimas de M.me de Montespan que as cerimonias do jubileu tinham emocionado, conservou por toda a vida um caracter que o fez chamar «o filho do jubileu» [2]. E' conhecido o caso d'um pae, homem illustrado, que durante a vida inteira teve sensiveis tendencias para um estado mental doentio, com periodos alternados de excitação e abatimento; dos numerosos filhos que teve, dois foram alienados: a epoca da sua concepção coincidia com os momentos em que o pae tinha manifestado em grau mais alto as suas tendencias malsãs [3]. De Candolle, citado por Lombroso, faz notar a influencia d'um estado de paixão violenta dos paes, no momento da copula e lembra o numero consideravel de bastardos de genio [4]. E' nas uniões illicitas, mais que no casamento, que se encontra, no enthusiasmo da sua maxima intensidade, um amôr violento; mil razões ha nesse caso para excitar, pela alegria, pelo medo, pela revolta ou pela an-

---

1 FERÉ: Ob. cit., p. 17.

2 P. LUCAS: *Traité pratique et physiologique de l'herédité naturelle*, 1850, t. II, p. 504.

3 Este caso vem em RIBOT (ob. cit. p. 255) como tendo sido communicado ao auctor por um medico, e figura tambem, juntamente com o anterior, em DÉJERINE: *L'herédité dans les maladies du systeme nerveux*, 1886, d'onde LOMBROSO os tirou para o seu trabalho.

4 DE CANDOLLE: *Histoire des Sciences*, 1883; LOMBROSO Ob. cit. p. 217.

gustia, o estado de espirito d'um dos progenitores ou d'ambos elles. Isaac Disraeli escreveu na *Memoria de Toland:* «O nascimento fóra do casamento cria os caracteres fortes e resolutos» [1]. Tambem nas uniões illicitas, se o primeiro filho póde sentir a influencia d'um pleno amôr, o segundo já geralmente nasce no doloroso periodo d'uma reacção expiadora, de ainda mais impressiva influencia. M.elle Roubinovitch communicou ao congresso de Amsterdam, de 1907, que, num estudo de 74 biographias de grandes homens, apenas encontrou 10 primogenitos [2].

Da união de Manuel Botelho e de D. Jacintha Rosa nasceu primeiro uma filha e depois um filho, beijado talvez já no seu berço pelas lagrimas do arrependimento e do martyrio.

Ao descendente dos *brocas* e á sua companheira de aventuras, podia bem caber a sorte de darem vida a uma creatura de caracter extranho, num momento mais intenso da sua vida de amores e de torturas. Mas um filho de D. Jacintha Rosa tinha já, por banda paterna, os symptomas reveladores d'uma nevrose herdada. Corremos a linha da sua ascendencia e encontramos uma longa tradição de vesania [3]. D'ahi, porém, a concluir de rompante

---

[1] LOMBROSO: Ob. cit. p. 217.

[2] *L'Encephale*, 2.e année. N.o 10. Octobre 1907, p. 451.

[3] «Ambos nevropathas hereditarios, Camillo e Julio (*Julio Cesar Machado*) pois em ambas as familias havia a

que o filho nascido d'essa união devesse forçosamente ser um doido ou um criminoso, ainda mesmo sujeito á influencia morbida hereditaria, vae um abysmo. Difficil, se não impossivel seria mesmo prevêr qual a fórma de psycose que quasi certo era vir junta a essa creaturinha posta no mundo com o carreto d'uma tão pesada herança. A variação da hereditariedade é um facto. «As doenças do systema nervoso, quer se manifestem por perturbações psychicas, sensoriaes ou motoras, offerecem entre si afinidades numerosas, pontos de contacto multiplos; e, se bem que, nestes ultimos annos, os estudos tanto clinicos como anatomo-physiologicos tenham multiplicado as especies, póde-se dizer que ellas constituem uma só familia, ligada indissoluvelmente pelas leis da hereditariedade» [1]. Mas não ha uma regra precisa; e o proprio schema que Morel formulou para a marcha da degenerescencia progressiva esbarra na pratica, a cada passo, por circumstancias que se explicam mas que nem por isso se podem deixar sem nota, com casos que abertamente o contradizem [2]. «Os alienados, os criminosos e os homens de genio trazem ingenitamente uma constituição muito analoga; todos são dotados

---

dupla tradição da vesania e do suicidio». (SOUZA MARTINS: *Nosographia d'Anthero*, no *In Memoriam*.

[1] FÉRÉ: Ob. cit., pag. 8.

[2] G. WEYGANDT: *Atlas-Manuel de Psychiatrie*, ed. fr., por ROUBINOVITCH, 1904, p. 26.

d'uma tal excitabilidade que reagem fóra das regras psycologicas ordinarias. São ás vezes as circumstancias que determinam a especialização»[1]. Por hereditariedade não se entende exclusivamente a doença transmittida á progenie com a identidade de symptomas de ordem physica e moral observados nos ascendentes. Comprehende-se no termo *hereditariedade* a transmissão de disposições organicas de paes a filhos...[2]. «A fixidez das ideias nos progenitores, póde transformar-se nos descendentes em melancolia, amor á meditação, aptidão para as sciencias exactas, energia de vontade... A *mania* dos progenitores póde vir a ser nos descendentes aptidão para as artes, arrojo de imaginação, vivacidade de espirito, inconstancia dos desejos, vontade brusca e sem tenacidade»[3]. «Assim como a loucura real póde reproduzir-se hereditariamente sob a fórma de *excentricidade*, não se transmittir senão com meias tintas, tons mais ou menos adoçados, assim um estado simples de excentricidade, que não vá além de certas extravagancias de caracter, de certas singularidades de espirito, póde ser para os filhos a origem d'um verdadeiro delirio»[4]. A historia nosologica das familias de homens no-

---

[1] FÉRÉ: Ob. cit., p. 41.

[2] MOREL: *Traité des dégénérescences*, 1857; RIBOT: Ob cit., p. 247.

[3] RIBOT: Ob. cit., p. 249.

[4] MOREAU (de Tours): *La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire*, 1859, p. 187.

taveis, traçada por alguns auctores, mostra-nos com frequencia a associação de psyco-nevroses com um alto desenvolvimento intellectivo [1]. Numa familia estudada por Berti, em quatro gerações de cerca de oitenta individuos, derivados de um doido melancolico, observaram-se três homens de genio, três criminosos, dezenove nevroticos, e dez doidos [2]. Da linhagem de Carlos v, que teve alienados, lypemanos e excentricos, nasceu um bastardo de genio: Alexandre Farnese [3]. Beethoven era filho d'um alcoolico, Alexandre nasceu d'um bebado e d'uma mulher perversa e dissoluta, a mãe de Byron era desequilibrada e o pae um estroina bizarro e impudente [4]. O proprio Baudelaire

---

[1] LÉLUT: *Le génie, la raison et la folie, le demon de Socrate*, 1855; GALTON: *Hereditary Génius*, 1868; MOREAU (de Tours): Ob. cit.; P. JACOBY: *Étude sur la selection dans ses rapports avec l'heredité chez l'homme*, 1881: LOMBROSO: Ob. cit.; RIBOT: Ob. cit.; MANTEGAZZA: *De la nevrose des grands hommes*, (ed. fr.), 1881; H. JOLLY: *Psychologie des grands hommes*, 1883; E. TOULOUSE: *Emile Zola*, 1896; GRASSET: *La superiorité intellectuelle et la nevrose*, 1903; GASTON LOYGUE: *Th-M. Dostoiewski*, 1904; MARIANNI: *L. N. Tolstoi*. T. XXIV, fasc. IV, p. 369 do *Archivio di Psichiatria, Scienze penali e Antropologia criminale*, 1904; ARTURO BASANO: *Tommaso Hobbes*, T. XXIV, fasc. IV, p. 419 do *Archivio di Psichiatria, etc.*, 1904.

[2] LOMBROSO: Ob. cit. p. 210.

[3] IRELAND: *The Blot upon the Brain*, 1885, p. 147; DÉJÉRINE: Ob. cit.; LOMBROSO: Ob. cit.

[4] LOMBROSO: Ob. cit.; EMILIO CASTELAR: *Vida de Lord Byron* (trad. de M. Fernandes Reis), 1876.

escreveu que os seus antepassados, idiotas ou maniacos, foram victimas de terriveis paixões [1]. Pedro, o Grande e os seus dão á sciencia salientes casos de genio, imbecilidade, habitos crapulosos, mortes prematuras, ataques epileptiformes, e virtudes e vicios levados aos ultimos extremos [2]. Por ultimo, Voisin cita o caso typico d'um pintor de talento, filho d'uma hysterica e irmão de dois idiotas e de um alienado [3]. *Nullum magnum ingenium nisi mistura quadam dementiæ*, disse um antigo; e a sciencia moderna póde concretamente concluir: *o genio é uma nevrose* [4].

Na familia illustre cuja genealogia se perde no sendal dos tempos que mal deixa ver os vultos imponentes dos grandes senhores de Oviedo e de Leão, o cadastro pathologico, já bem opulentado desde aquelle Domingos Pinto que desposou uma Botelho, enriqueceu-se nesta altura com o exemplar morbido mais nobre. De Manuel Botelho — um doido, descendente d'uma familia de desordeiros, assassinos, loucos moraes, libertinos e excentricos — e de D. Jacintha do Espirito Santo — a filha d'uma doida — nasceu um homem de genio: Camillo Castello Branco.

---

1 E. Crepet: *Œuvres posthumes et correspondance inédite de Baudelaire.*

2 Moreau (de Tours): Ob. cit.

3 Voisin: *Heredité*, no *Dictionaire de medicine et cirurgie pratique*, 1875. t. XVII, pag. 473.

4 Moreau (de Tours), Ob. cit.

BIOGRAPHIA

« Quand la nature crée un homme de génie, elle lui secoue son flambeau sur la tête el lui dit : Va, sois malheureux ! »

DIDEROT

I

1825-1844

Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa, numa casa do largo do Carmo, em 16 de março de 1825 e foi baptizado na egreja dos Martyres em 14 de abril do mesmo anno. A mãe morreu pouco tempo depois d'elle nascer e dos dez primeiros annos da sua vida apenas se sabe que em 1834 com o visconde de Ouguella e seu irmão Ricardo Sylles Coutinho, frequentou uma escola de João Ignacio Minas Junior, na rua dos Calafates. «A meu lado — escreveu Camillo — no banco da escola de primeiras letras, em Lisboa, por 1834, sentavam-se dois meninos, filhos d'um amigo de meu pae. Estou vendo, além, para lá da cerração de trinta e oito annos, aquellas duas creanças loiras e formosas, pedindo comigo a Deus que nosso mestre João Ignacio Luiz Minas Junior fôsse para a guerra. Porque o nosso professor era guerreiro por aquelles tempos. Com uma das mãos na palmatoria e outra

na espingarda, acudia pelo decoro do Lobato e pela restauração da monarchia representativa. Nas baterias de campo de Ourique devia de ser um bravo João Ignacio; e, no gyneceu modestissimo da rua dos Calafates, era um apaixonado fautor da religião do participio, e das outras não menos respeitaveis partes da oração. Isto vae ha muitissimos annos: era num tempo em que se aprendia syntaxe. Dos dois meus condiscipulos um chamava-se Carlos, o mais novo dos dois, que tinha seis annos. D'aquella creança estou bosquejando hoje um perfil de biographia. Vae nisto o que quer que seja para scismar e entristecer. E' a poesia melancolica — o funesto condão dos homens que vivem muito da vida intuspectiva. Naquelle anno de 1834 nos apartamos. Meu pae morreu. E, como eu já não tivesse mãe nem fôsse inteiramente pobre, a desgraça deparou-me parentes em Trás-os-Montes onde vim a entender que não ha lagrimas bastantes a deplorarem o destino de um orphão com oito annos de edade, e as faces quentes e humidas dos ultimos beijos e das ultimas lagrimas de seu pae» [1].

Camillo não é sempre rigoroso em datas nas suas evocações. Manuel Botelho Castello Branco morreu em 22 de dezembro de 1835; e o proprio Camillo, no seu livro *Duas horas de leitura,* confessa que foi effectivamente aos dez annos que ficou or-

---

[1] *O visconde de Ouguella.*

phão de pae: «Aos meus dez annos — conta — levantou-se uma tempestade no seio da minha familia. Uma vaga levou meu pae á sepultura, outra atirou comigo de Lisboa, minha patria, para um torrão agro e triste do norte; e a outra... Não merece chronica a outra: arrebatou-me um esperançoso patrimonio. Foi bem pregada peça para que eu não tivesse a impudencia de nascer, a despeito da moral juridica, filho bastardo de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da Senhora D. Maria I me desherdava. A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão cruamente para os filhos do peccado. Denominava-se — *a piedosa*, pela mesma razão que um rei nosso, soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou — *o piedoso*. A boa da historia é uma trapalhona».

Por deliberação do conselho de familia, Camillo foi levado para Villa Real, entregue aos cuidados de D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, irmã de seu pae. «Embarcamos no barco a vapor chamado *Jorge IV* — conta elle no livro *No Bom Jesus do Monte* —. Uma criada, que tinha ares de mestra de minha irmã, veio comnosco, estipendiada por conta do nosso patrimonio. A senhora Carlota Joaquina não me esquece. Era uma mulher gorda, façuda e frescalhona, que bolsava os figados do beliche abaixo, e gritava *á d'el-rei* de afflicta com o enjôo. Era immundo, sujo a mais não poder, o *Jorge IV*. A camara era commum dos dois sexos, com menos resguardo que os mosteiros duplices

da edade media; mas os animos dos passageiros pareceram-me a negação de toda a ideia monastica. Os homens do beliche do segundo andar conversavam com as mulheres do primeiro dialogos entrecortados de vomitos. A senhora Carlota, que ficou á minha esquerda, praguejava contra o seu destino: e o meu vizinho da direita, sujeito de grandes barbas, sahia do beliche em menores para lhe ter mão da testa. Esta caridade absolve a inconveniencia da mistura. Dos passageiros nenhum falava inglês, e o criado da camara, que tambem era fogueiro, attenta a negrura encarvoada da camisa e cara, quando lhe pediam chá, café, ou um caldo de gallinha, dava sempre agua por um canudo de lata. Carlota exclamava: — *Eu morro!* — *Tenha paciencia, menina!*, acudia o homem das barbas. — *Não ha-de morrer querendo os deuses.* Devia de ser pagão o monstro! — *Eu morro!* rebramia ella. *Quero confessar-me!...* — *Não peça a confissão a estes brutos*, observava-lhe o meu vizinho, *que além de não terem Deus nenhum, se a menina lhes pede um padre, trazem-lhe agua na lata surrada.* Havia muito mar quando se avistou a barra do Porto: e por isso arribamos á Galliza. A nossa Carlota, assim que pôs os quatro pés e os dois estomagos na hospedaria de Vigo engordou outra vez. O pagão não sahia da beira d'ella. No dia seguinte abalou a caravana para Tuy por uns caminhos que Deus e a civilização já fizeram desapparecer da face do globo. Ao outro dia passamos a Valença; depois a

Ponte do Lima, e de lá a Braga em romagem ao Bom Jesus.»

«Tinha eu nove annos, e era orphão — escreve o romancista no capitulo que precede aquelle d'onde transcrevi a narrativa da viagem. — Dois mêses depois d'este desamparo, com o tenro coração fistulado de saudade, a desbordar de lagrimas, e os ouvidos ainda resoando-me á alma o estertor da agonia de meu pae, é que eu, pela primeira vez, entrei no Santuario do Bom Jesus. As lembranças gravadas pelas fugitivas impressões d'aquella edade, são poucas; mas assim mesmo, em todas as epocas ulteriores que ali fui, o tão remoto passado, com as suas quasi delidas memorias, vinha entre-luzir-me nas commoções melancolicas do presente. Os grupos piedosos das capellas que prendem a curiosidade da creança, já enternecendo-a com o aspeito dôce e afflígido de Jesus, já apavorando-a com o gesto ranhudo e esgares ferozes dos soldados de Poncio, pouco me lembram, salvo um rapaz do meu tamanho de então, que chegava os pregos aos crucificadores do martyr. O que ainda indelevelmente diviso na tela do meu espirito dos nove annos, é as grandes arvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos, e, lá em baixo, um oceano de verdura ondulando entre outeiros, e á volta dos presbyterios, casalejos, e edificios de grande porte, que alvejavam d'entre a espessura dos arvoredos. Que devanear seria o meu naquelle dia? Quando eu punha os olhos, carregados de lagrimas, no azul do ceu, que tão

outro se me figura hoje, que aza de anjo da angustia levaria para lá a minha prece! Nella se me iria a alma, em anceios de saudade, procurar meu pae que, ao sahir do mundo, nem sequer me deixara mãe, que me ensinasse a orar por elle. Devo ajuizar da minha precoce sensibilidade, recordando que, dois mêses antes, entrei, por noite alta, na sala onde meu pae estava amortalhado, sem mais companhia que quatro cirios de chamma azulada. Ajoelhei, sem orar. Afastei da fronte do cadaver o capuz do habito, e beijei-lh'a. Puz tambem a bôca nas mãos glaciaes; senti um frio de que ainda o coração me guarda a memoria: o frio do ambiente dos mortos. Ao meu lado, ninguem. A irmã que eu tinha, alguns annos mais velha, encerrára-se com a sua dôr e com o seu terror de cadaveres. E eu estava ali, destemeroso das sombras que desciam dos angulos do tecto á penumbra do clarão oscillatorio das tochas. Largo espaço contemplei a face de meu pae, aformoseada pelo resplandor da aurora do dia eterno; e assim ponderei as ultimas palavras que lhe ouvira, confiadas ao frivolo espirito dos meus nove annos: *Que será de ti, meu filho, sem ninguem que te ame!*... Poucas horas depois que m'as disse, fez-se noite naquella alma: dez dias volvidos, as trevas desataram-se ante o alvorecer da eternidade, E eu assistira, dia e noite, a esta agonia.»

Na *Bohemia do Espirito* vem, datada de 84, uma impressão da primeira viagem de Camillo. «Eu tinha dez annos quando, pela primeira vez, fui ao

Bom Jesus do Monte — escreve o romancista —. Eu, com outros romeiros, vinhamos de Vigo onde nos aproara uma tormenta no alto mar. A minha criada, muito amante da vida, fizera uma promessa ao Bom Jesus; e, no cumprimento da sua palavra, de passagem para Trás-os-Montes, convidara alguns companheiros de jornada a subirem ao alto da mata para agradecerem ao miraculoso Senhor o seu salvamento. Eu, como disse, tinha dez annos, e estava tambem ajoelhado na capella onde se venera a imponente esculptura. Emquanto os meus companheiros agradeciam com fervorosa uncção o prazer da vida, recordo-me que scismava, muito em desharmonia com a acção de graças d'aquella gente. Pensava eu se me não teria sido muito mais benigno o Senhor do Monte deixando-me resvalar ao abysmo, amortalhado em uma das suas ondas menos amargas que as lagrimas que eu havia de derramar em naufragios de maiores agonias. Porque eu, aos dez annos, vinha de perder meu pae, quando já não tinha mãe; sahia do aconchêgo da casa paternal desfeita como um ninho espedaçado por um furacão; e ia para uma terra desconhecida, enviado a parentes que nunca me tinham visto. Era por isso que eu, pensando na infelicidade da existencia, scismava se Deus me seria mais benigno deixando-me ir procurar as almas de meu pae e de minha mãe. Ha cem annos que este Senhor crucificado vê umas poucas de gerações prostradas deante do seu altar — uns a agradecer, outros a supplicar. Pois talvez no trans-

curso de um seculo, nenhuma outra creança de dez annos repetisse deante d'esta sagrada imagem, as palavras de Job: *Quare de vulva eduxisti me!* — Porque me deste o nascimento?»

Em Villa Real, D. Rita Castello Branco começou educando o sobrinho numa liberdade menos ampla que aquella a que o pequeno vinha acostumado da sua vida de Lisboa. Elle era o filho unico d'uma aventura de romance em que o tedio veio, ao que parece, matar em breve o exaltado amôr que a provocou, e como quer que os dois ficassem — pae e mãe — vivendo uma mesma vida, de relações cortadas com o passado, sem enthusiasmo de amantes, unidos por uma ligação serena que veio tarde para transmudar na tranquillidade feliz d'um lar uma agitada existencia de novella, percebe-se como ambos elles consagrassem ao filho, apaixonadamente, o affecto que d'um para o outro andava, incomprehendido ou despresado. Cercavam-no de mimos, faziam passar o primeiro periodo da sua educação sem uma rudeza, sem um estorvo, e o caso é que o futuro romancista, assim creado á larga, no melhor meio para o amplo desenvolvimento das tendencias innatas do seu espirito, antes da época em que ficou sem pae, já, em namoricos, exhibia as tendencias libertinas de pivete.

Não é assim por certo que se faz d'uma creança um instrumento docil, amoldavel pelas reprimendas d'uma tia severa e rabujenta. Camillo era travêsso, irrequieto. «Quando eu tinha dez annos, e vivia

em Villa Real — diz elle no primeiro volume das *Memorias do Carcere* — morava defronte d'um procurador de causas, que tinha um filho da minha edade, menino muito sisudo e galante. Se eu o convidava a apedrejar algum transeunte, Leonardo recusava-se a esta camaradagem ignobil, e escondia-se para não dar suspeitas de cumplicidade nas minhas travessuras de fundibulario... Vi entrar na Relação o meu vizinho de infancia, e não o conheci. Ouvi-lhe pronunciar o nome, e as circumstancias dos seus crimes: então vi a creança de 1836 e o perpassar d'aquellas risonhas scenas em que elle me apparecia com gestos de censura ás minhas tropelias, e com grandes applausos e bons agouros da vizinhança, a quem eu era odioso». A irmã do romantico degredado do *Amôr de Perdição* não tinha já edade nem paciencia para supportar de boa sombra as «travessuras de fundibulario» do sobrinho e, naturalmente revoltado contra uma rispidez bem diversa dos carinhos dos seus primeiros annos, num primeiro impulso d'aventura que bem ficava em quem viria a ser um exemplar completo de fatalidade morbida de herança, um bello dia, com um par de piugas e duas camisas atadas num lenço, Camillo abalou para Lisboa.

«Pedi ao conselho de familia que me vestisse — diz elle no livro *No Bom Jesus do Monte* — e o conselho de familia, em reunião de 10 de julho de 1837, deliberou que me vestissem num algibebe e me reenviassem para qualquer parte...» Essa qual-

*

quer parte foi a aldeia de Villarinho de Samardan, «em Trás-os-Montes, na comarca de Villa Real, sobranceiro ao rio Corrego, no desfiladeiro de uma serra sulcada de barrocaes»,[1] onde, em companhia de uma irmã casada com um medico, irmão do padre Antonio d'Azevedo que o iniciou nos mysterios do latim, Camillo, levando a vida do campo, fazendo-se pastor do rebanho da casa, indo para o monte armado, prompto ao combate com o lobo, simultaneamente aprendendo o cantochão e lendo Camões e o Mendes Pinto, passou então, como elle conta, o periodo mais feliz da sua vida. Ainda nas *Duas horas de leitura,* vêm descriptos, com tôdo o pittoresco encanto d'uma prosa incomparavel, esses episodios interessantes dos seus primeiros tempos. «Fui educado — diz elle — numa aldeia onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão d'um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre. Fugia de casa para a serra, dava muitos tiros ás gallinholas e perdizes; porém, louvado seja Deus, não me doe o remorso de ter matado uma! O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia ácerca da minha dignidade; reprehendia

---

[1] CAMILLO: *Seroens de S. Miguel de Seide.*

os meus baixos instinctos; attrahia ao seu voto o marido e o padre e cortava-me o rasteiro vôo escondendo de mim a clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a brôa, e a cabacinha da agua-ardente. Não obstante eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros». «Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos — diz ainda Camillo no prefacio do *Degredado*. — Está situada na provincia transmontana entre as serras do Mesío e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem á aldeia e sevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancellar as portas dos curraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois; consoante a necessidade. Se não topam alimaria, uivam lugubremente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com rapozas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarizei com as bestas-féras; ainda assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me irriçaram os cabellos. Na vertente da montanha que dominava a Samardan, havia um fôjo — uma cerca de muro tosco de calháos a êsmo onde se expunha á voracidade do lobo uma ovelha tinhosa. O lobo engodado pelos balidos da ovelha, vinha de longe, derreado, rente com os fragoedos, de orelha fita e o focinho a farejar. Assim que dava

tento da preza, arrojava-se de um pincho para o cerrado. A rez expedia os derradeiros berros fugindo e furtando as voltas ao lobo que, ao terceiro pulo, lhe cravava os dentes no pescoço e atirava com ella escabujando sobre o espinhaço; porém, transpôr de salto o muro era-lhe impossivel, porque a altura interior fazia o dobro da externa. A féra provavelmente comprehendia então que fôra lograda; mas, em vez de largar a preza, e aliviar-se da carga, para tentar mais escoteira o salto, a estupida sentava-se sobre a ovelha e, depois de a esfolar, comia-a. Presenciei duas vezes esta carnagem em que eu, animal racional, levava vantagem ao lobo tão sómente em comer a ovelha assada no forno com arroz». [1] «Neste instante, vejo, palmo a palmo, aquelles sitios. Se eu ali fôr, vou sentar-me ao pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, ha quinze annos, dois anneis de missanga. Ora estes anneis...» [2]

Estes anneis têm uma historia que merece ser contada, porque se relaciona com um dos mais intensos episodios da existencia melodramatica do romancista. Mas, antes de contá-la, eu tenho de referir outras aventuras que, em ordem chronologica, antecederam essa. A historia dos seus primeiros versos — uma Ode ingenua, com o seu Alcino e a sua Elmena — anda ligada, como é natural, a uma

---

[1] CAMILLO: *Novellas do Minho.*
[2] CAMILLO: *Duas horas de leitura.*

breve historia de paixoneta infantil que Camillo conta do seguinte modo no seu livro *Ao anoitecer da vida*:

«... Por esse tempo (1842) [1] fui eu a uma romaria da *Senhora Apparecida* [2], duas leguas ao sul da mesma serra, na quebrada d'outra serra da mesma cordilheira. Já eu tinha dado algumas voltas em roda da ermida, ao lado do rabequista que era o mais atrevido imaginador de phantasias chulas. *Chulas* chamam lá ao complexo do instrumental que forma o essencial de taes festanças. Em outras partes da provincia dizem *ronda* e *esturdia* noutras. Parara a ronda, como visse que outra lhe sahia á frente, mais galharda, com maior sequito de moças e sobre-excellencia de um clarinête que guinchava umas deliciosas variações algum tanto abafadas pelo retumbar do zabumba e grilharia dos ferrinhos. A ronda a que eu ia associado não quiz ceder o passo á outra que era de rópia e basofia. Esta, um pouco desconcertada, deteve-se momentos em conselho deliberativo; mandou as mulheres e rapazio para a rectaguarda; recolheu os musicos ao centro e cobriu a frente com quatro espadaudos

---

[1] Deve ser 1841. Já ficou dito que os erros de datas são frequentes nas evocações de Camillo.

[2] Segundo o sr. Alberto Pimentel (*Os amôres de Camillo*) «a romaria não era da Senhora Apparecida, mas da Senhora da Pena, em Mouçoz, nas cercanias de Villa Real».

moços de paù ferrado. D'ahi a nada, as cabeças amolgadas eram mais que os paus; as rabecas iam soando pelos ares como harpas eolias; os bombos gemiam roucos ao arrebentarem; o homem do clarinête salvava-se no topo da serra com o inspirado instrumento, e a cantadeira mais insigne d'aquelles arredores, que sustentára desafio duas horas, amaldiçoava o estro fatal que a fez quinhoeira d'uma bordoada que a deslombou. Parecia o dia de juizo! Devo á minha presença de espirito sahir illeso d'esta suprema provação. Estava ali perto uma pipa que os gladiadores respeitaram por não sei que prodigioso instincto. Os paus travados desensarilhavam-se, quando, ao roçarem pela pipa, o taverneiro lhes gritava aos cegos da ira: — *Rapazes! não me boteis a perder! Olhae que me abrides o vinho!* Parecia coisa de milagre! Desandavam logo como de logar sagrado e não respeitavam as opas dos irmãos da confraria, muitos dos quaes sahiram moidos da festa, por se metterem a pregoar pazes. Salvei-me pois, encostado á pipa, onde me acolhi depois de raciocinar friamente sobre as evoluções da tremenda batalha. D'aqui presenceei o triste espectaculo de dezenas d'homens esmoucados e centenares de mulheres, velhos e creanças, ajoelhados por aquellas ladeiras, pedindo clamorosamente á Senhora Apparecida que tivesse mão d'aquelles homens que se matavam. Entrelembro-me de que estas supplicas aproveitaram, excepto a dois, que lá ficaram enterrados no adro da ermida: um d'estes era o zabum-

beiro da ronda agressora, e o outro era o violista da minha, engenhosissima creatura que tocava tudo quanto havia em dois bordões e uma prima, prima da viola, quero dizer. Deus os tenha a ambos nos coros angelicos, já que o mundo não era digno d'elles. Applacada a desordem, agradeci mentalmente á pipa aquelle como inviolavel protectorado do pavilhão inglês (vem do ceu ao pintar todas as comparações com inglêses, quando cheiram a vinho) e fui procurar os destroços dos meus amigos. Um sacerdote de boa presença andava providenciando ácerca dos mortos e dos feridos. Com este padre, vigario da freguezia proxima, andavam duas sobrinhas, vestidas senhorilmente, com suas barretinas de palha de Italia, plumas escarlates e vestidos brancos de mangas perdidas. Eram umas tafulas! No tocante a rosto, mais feiticeiras mulheres nunca meus olhos tinham visto, nem a minha devaneadora poesia as entrevira em sombra. Perguntou-me o padre quem era eu; e succedeu ser eu irmão de uma conhecida d'aquellas esbeltas senhoras. Festejaram-me com muitos cuidados pela minha segurança, e deram-me de merendar umas saborosas talhadas de salpicão e fructa sêca, tudo condimentado pelos sorrisos supra-celestiaes de uma das duas mocetonas, que a estas horas... santo Deus! como isto é triste! devem ter netos e raros vestigios d'aquellas lustrosissimas perolas que lhes divinisavam o sorriso! Ao lusco-fusco, o vigario sahiu da romagem com as sobrinhas, e eu, com os meus

conterraneos, caminhamos em direcção opposta, para os nossos sitios. Estive largo espaço no têzo d'um oiteiro, emquanto os olhos alcançavam, por entre o já carregado crepusculo, as brancas visões que transmontavam a collina proxima. Depois que de todo em todo desciam na quebrada invisivel do oiteiro, ainda ali me fiquei, vendo-as no arrebol do horizonte, e na èstrella vesper. Depois, tornado em mim pelas vozes dos meus companheiros, que já me não enxergavam, dei tento então de estar chorando. Eram as primeiras lagrimas do coração. E quer agora ver o leitor o que fazem lagrimas aos quinze annos? Veja nas seguintes linhas a face irrisoria de um primeiro amôr. Olhem a ingenuidade com que eu quiz metrificar as minhas primeiras e parvoinhas innocencias e admirem-se da mais sandia ingenuidade com que as divulgo, sem corrigí-las sequer...»

«Riram-se? — escreve Camillo após a transcripção dos versos. — Agora saibam que esta cataplasma me foi um vesicatorio no coração. Muita lagrima chorei naquelles meus quatorze annos! Subia eu á crista d'um oiterio, d'onde se avistavam umas como nevoas de fumo, a duas grandes leguas de distancia. Ali imaginava eu que devia ser a aldeia de Elmena, e presbyterio do tio, e a guarida das avesinhas que a viam, e lhe annunciavam a madrugada. Do oiteiro me descia ao entardecer, chorando e escogitando na traça de lhe mandar a minha ode. De ninguem fiava a remessa, ou ninguem se encarregava do mandato. Uns riam de mim, outros escarneciam-me,

e os mais sizudos mandavam-me jogar o peão ou conjugar um verbo da arte do padre Pereira. Poucas semanas volvidas, sahi d'aquella terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, prégador de fama, e bom velho sobretudo, o padre Manuel da Lixa...»

A historia d'esses versos de Camillo lembra logo a d'uns outros, seus tambem, documento d'outra historia de castos amores da sua adolescencia. São os que elle proprio recorda quando no *Discurso Preliminar* das *Memorias do Carcere* conta a visita que fez a Samardan num dos mais dolorosos periodos da sua vida. «Ao seguinte dia da minha chegada — escreve — parti para a aldeia onde passara alguns annos da minha infancia na companhia de minha irmã. Ali era que me levavam memorias, que por ahi estão escriptas em livrinhos de que o leitor se não lembra. Ali estava..... aquella Luiza... Ai! Luiza,

... a flôr d'entre as fragas,

que eu cantei num poema, escripto com as minhas ultimas lagrimas, adoçadas de esperanças! Passei por ella e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado:

Luiza, flôr d'entre as fragas
Donairosa camponeza,
Typo gentil de pureza,
Lindo esmalte das campinas,
Colhes, no prado, as boninas?

Brincas, á tarde, na espalda,
Onde verdeja a alamêda
Da viva côr da esmeralda?
Brincas, Luiza, afagando
O que mais amas no bando,
O teu alvo cordeirinho?

Encarei, sorrindo tristemente, em meu sobrinho, e elle disse-me: — *Não a vê?* — *Luiza?* — *Sim. Aquella que tem os braços cruzados.* Contemplei-a, e vi uma velha. — *Aquella que me está olhando?!* — repliquei. — *A mesma Luiza de ha quinze annos.* E eu disse comigo: *Estará ella dizendo ás outras: — Elle é aquelle velho?!* E passei ávante. E meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto, consagrado áquella Luiza, que fôra nova e linda:

E eu amei-a muito!...
A' tarde,
Quando o sol no occidente
De escarlate as selvas tinge,
Com o brilho refulgente
Da floresta incendiada,
Fui sentar-me pensativo,
Sobre a agulha dos rochedos,
Decifrando em minha alma
Indecifraveis segredos.

Além, nas varzeas do val,
Tinha quanto o coração
Sonha de bello e immortal
Na sua ardente ambição,
Nem mais formosa que ella,

Nem mais pura o mundo a tinha!
Quizera vê-la, e não vê-la...
Antes fugir-lhe... offendê-la...
Mais valera não ser minha!

— *É pois, aquella a Luiza...* — murmurei eu ão de manso, que só a minha alma podia ouvir-se. E na noite d'aquelle mesmo dia, quando a lua assomou das montanhas, fugi á aldeia da minha infancia e da infancia de Luiza...»

Quem era Luiza, a musa inspiradora d'esse romantico amôr de adolescente? «...Uma camponeza de encantar. Distinguia-se por bonitas feições: branca, faces coradas, olhos castanhos muito vivos; cabello abundante, da côr dos olhos; estatura meã; magra e flexivel como se proviesse de raça fina. Alegre e folgazã, tinha comtudo maneiras senhoris, que completavam um conjuncto de perfeições raras em mulher nascida na Samardan, entre serras». «Estas informações — annota o sr. Alberto Pimentel no seu livro *Os amôres de Camillo,* d'onde tambem as precedentes palavras são transcriptas — foram colhidas em Villarinho de Samardan, a meu pedido, pelo sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco, sobrinho de Camillo».

Ora a aldeia para onde Camillo partiu, semanas depois da batalha da romaria e consequente paixão poetica pela Elmena, sobrinha do presbytero, era Friume, povoação da margem esquerda do Tamega, na freguezia de Salvador de Ribeira da Pena. Sua tia, D. Rita Castello Branco, fôra de Villa Real visi-

tar o genro que ali morava e Camillo acompanhou-a. [1] Na povoação havia *a loja*, a loja conhecida de todas as nossas aldeias, simultaneamente armazem de modas, mercearia e club, de que era proprietario um tal Sebastião Martins dos Santos, que, tendo nascido em S. Cosme de Gondomar e exercido na terra natal a profissão de alfaiate, para aquellas paragens trasmontanas depois se transferira. Ali chegou Camillo, alegre e estroina, com a sua guitarra a tiracollo e um arsenal bem sortido das mais sonoras rimas e, desde logo, conquistou as boas graças de Luiz da Cunha Lemos, secretario da camara e da administração do concelho de Ribeira da Pena, escrivão da fazenda e tabellião do julgado, que lhe deu um logar de escrevente, e da filha do tendeiro, Joaquina Pereira de França, que lhe deu o coração. Era a moçoila uma lavradeirona rija, de bella carnação sadia que excitava o temperamento sensual do futuro do romancista e, como quer que o homem da loja logo ali farejasse um bom partido e aproximasse com prazer os namorados, Camillo, preso das graças da rapariga, não sabendo resistir — casou com ella. Era ainda em 1841. Tinha elle então dezeseis annos. E Sebastião dos Santos, que á viva força queria ter um doutor na familia, mandou-o aprender mais latim para a Granja Velha, logar proximo de lá, onde o padre Manoel de Lixa residia. Foi ahi que diabruras me-

---

[1] ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camillo.*

tricas fizeram com que, aconselhado pela prudencia do sogro, Camillo tivesse de partir para Lisboa. Quaes essas diabruras foram elle o conta, embora se não refira ao casamento, que, de resto, procurou sempre occultar. «Naquella terra — diz o prefacio do livro *Ao anoitecer da vida* — andavam ás más dois irmãos de fidalga prosápia, á conta do casamento desigual que um d'elles intentava fazer, contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes d'este me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fôssem chanceados á custa de me não lembro que antecedencias, mui ageitadas á galhofa metrica. Deu-me soberbas uma incumbencia d'este genero! Poeta, e de mais a mais requestado para intervir com a minha opinião em casamento tão falado nas vinte aldeias circumpostas! Escrevi uma folha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da egreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do morgado, lia a satyra á população, que ria ás escancaras. E eu de lado a rever-me na obra e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio! Por um cabello que não fui então martyr do genio! A victima crucificada na porta da egreja não era das que dizem: *Senhor, perdoae ao poeta, que não sabe as asneiras que diz!* Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento e deixou não só o fidalgo, que tambem o boticario em paz. Poeta era eu só naquelle quadrado de dez

leguas: avisadamente conjecturou o homem que esganando a musa que o verberára, abafaria aquelle respiraculo de detracção inimiga. O padre-mestre avisou-me, horas antes, da espera e da sepultura. Fugi com o *magnum lexicon* debaixo do braço e com os ossos direitos que aquella terra ingrata me queria comer».

De Lisboa, a breve praso, Camillo foi para o Porto e, de lá, um bello dia, porque as recordações dos tempos idos mais o incitassem, voltou para a Samardan. E foi então que recebeu os taes anneis... Romanticamente os recebeu d'uma mão de mulher.

O casamento fôra para elle uma passageira aventura. Se nos interrogarmos neste ponto sobre o motivo que o levou a um acto em que a paixão, docil demais á vontade d'um sogro ambicioso, não havia de ser muita, temos de fixar o seu temperamento de sensual, um pouco grosseiro, sem uns requintes de delicadeza que fôssem bem com o sentir d'um bardo que canta, um a um, os seus amôres. Havemos de vê-lo assim pela vida fóra, amando sempre, amando com a ancia soffrega da posse, o crepitar d'um desejo irreflectido, arrebatado, que, satisfeito, nada deixa de si, e, por consequencia, a incapacidade para uma vida tranquilla, de amorosa paz que não teria, mesmo que circumstancias outras não interviessem a impedi-la, na intimidade do seu primeiro lar.

Na vida de Camillo ha a pôr em destaque, para um logar primeiro, a sua feição amorosa: elle foi

um sacrificado ao amôr, como já o haviam sido, em linha de curta ascendencia, os seus maiores, e como a mais que qualquer d'esses, elle tivesse ainda o amôr ás letras, toda a pequenina paixão se engrandecia, enriquecida pela sua imaginação exuberante, romantizada pelo seu genio d'artista. Junte-se esse vidro d'augmento que existe vulgarmente na consciencia do artista pelo que toca a assumptos de coração a uma pronunciada tendencia hereditaria e mais á ancia de procurar affectos fortes, natural em quem, como elle, cedo tenha ficado quasi só no mundo, e ter-se-á justificada a maneira preponderante como o amôr influiu na vida inteira de Camillo, subindo a timoneiro das suas acções e arbitro superior do seu destino.

Emquanto Joaquina Pereira, em Friume, com uma filha nos braços, chorava a ausencia do marido, Camillo, indo a Samardan matar saudades, deixava-se prender pelos encantos da Maria do Adro, camponeza do logar. A rapariga era triste, desde que uma doença lhe levara as louçanias melhores da mocidade, e como quer que ao romancista agradasse essa melancolia de sempre, que a fazia contemplativa, guardando-se com os seus pensamentos da alegria bulhenta das mais, ahi começou um honesto idyllio, conversas ao crepusculo com extasis pantheïstas, promessas, juramentos, na ingenua poesia d'um singelo amor de adolescentes.

«Estes anneis, meu caro Barbosa — escreve Camillo nas *Duas horas de leitura* — deramos a Maria

do Adro. Sabes tu lá quem era a Maria do Adro?! Desce da elevada esphera por onde voejam as tuas preoccupações, cá abaixo, ao razo de uma mulher do povo. Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha dezesete annos. Fôra bonita até aos quinze; depois, uma enfermidade grave emmagreceu-lhe a face, amarelleceu-lhe a pelle, e sugou-lhe a seiva que viçava em flôres por todo aquelle rir e olhar de descuidosa innocencia. A' mudança de semblante correspondeu a da alma. Fez-se melancolica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas de linho. Chamavam-lhe *môna* as azougadas companheiras, e ella o que respondia ás provocações era: —*Andae, andae, raparigas; eu tambem me diverti assim, quando tinha saude.* E muito divertida dizem que ella fôra. Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre-mestre, com versos certos e sentenciosos. Minha irmã disse-me uma vez: — *Esta Maria do Adro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril que não parece do seu tracto.* Isto impressionou-me e eu reparei na moça, que até ali me fôra indifferente.

«Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar. Achei a tal distincção. Esqueci as perdizes e as ovelhas, ia, sempre que Maria estava em casa, sentar-me num toro de castanheiro á porta d'ella; visitava-a na leira, cortinha ou horta onde ella estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa e ella respondia-me sempre com o seu sorriso meigo,

dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira. Maria, de madrugada, não faltava á primeira missa. A aldeia tinha cinco padres; e eu, por causa d'ella (Deus me perdôe a intenção), ajudava ás cinco missas, se Maria estava até á ultima; se não, não. Na quaresma era certa todos os domingos á tardinha na Via-Sacra, em redor do presbyterio. Lá ia eu para a Via-Sacra, ouvir o numero de gemidos que uma arithmetica piedosa fez gemer ao Salvador do mundo. Minha irmã, que devia á devoção a sua felicidade, era quasi sempre a que entoava as Estações. Tudo poesia para mim! Comecei a quinhoar da fé que a divina graça repartia por ambos. Minha irmã Carolina, que eu vira em Lisboa preparando-se para entrar no golfão das delicias brilhantes, onde é necessario para haurir o goso completo esquecer a Deus!... ali, depois, entre quatro montanhas, aos vinte e dois annos, com um livro de Via-Sacra, ajoelhada, deante de uma cruz tosca!... Entre nisto, meu amigo...

«Nos dias de calma, pela estação das segadas, eu ia sentar-me debaixo d'um castanheiro vizinho da leira, á hora da sésta, conversando com Maria, emquanto as outras dormiam, ou pulavam em redor de uma viola. Nunca lhe disse que a amava. Parece-me até que não conhecia ainda este verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: é o *plusquam imperfeito*. Que lhe diria eu?! Perdi a lembrança do colorido; retive, apenas, as imagens nuas d'aquelles quadros

de innocencia. Sei que encostava a cabeça ao regaço d'ella, e este grupo faziamo-lo com tanta singeleza, que a approximação d'alguem não nos assustava. Dado o signal do trabalho, Maria tomava a sua foucinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabello. Eu, depois, saudoso d'ella, subia ao cerro de uma collina afastada, d'onde nos viamos. Os segadores, se me enxergavam, faziam-me estridorosos apupos, á sua moda; e Maria, sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquella falta de respeito a mim. Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol, e os segadores sahirem do campo. Maria, por caminhos travessios, sahia-me ao encontro, e vinha comigo, quasi sempre silenciosa ou recolhida em si. Enfastia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arripiarei os cabellos ás minhas imagens.

«Três mêses depois, mandaram-me sahir da aldeia. O padre-mestre não me podia aturar. Tinha razão... Minha irmã, boa para todo o mundo, menos para mim, era indifferente á minha sahida. Feriram-me todos o meu orgulho, e eu deliberei sahir sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus num spasmo, que a não serem as lagrimas, tomá-lo-ias por insensibilidade estupida. Demorei-me algumas leguas distante, em casa de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de familia, passados sete mêses dos ociosos quinze

annos com loucuras dos trinta, intimou-me a sahida de Lisboa, pena de considerarem o meu estomago uma viscera inutil».

Voltou então Camillo para as aulas. Terminados os preparatorios, matriculou-se na cadeira de chimica da Polytechnica do Porto, em outubro de 43, e fez acto em 12 de julho do anno seguinte. Simultaneamente, como o tempo lhe sobejasse, segundo elle mesmo declara, estudou anatomia. «Eu morava na rua Escura — diz, no opusculo *O general Carlos Ribeiro* — no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um bêco fetido de coirama surrada em uma esquina que olha para a viella dos Pellámes. Eramos dois os estudantes que occupavamos o terceiro andar com uma retorcida varanda de pau, esmadrigada, num escalabro de incendio, debruçada em ameaças sobre os transeuntes como a varanda de Damocles muito mais perigosa que a lendaria espada, cujo gume deve estar muito rombo e poído da esgrima dos eruditos em Damocles. No primeiro andar morava a proprietaria, uma adela que nos cozinhava certas iguarias dignas de ser expostas ao sêvo das aves de rapinas no peitoril d'aquella varanda. Quanto a ratos era uma succursal de Montfaucon. O segundo andar tinha escriptos desde muito, e não havia homem desesperado, cançado da vida, que ousasse tentar o suicidio naquellas ruinas minacissimas. Quem procurava casa olhava com terror, e seguia o seu caminho, como se ali morassem os leprosos de Xavier de Maistre». «De dois condiscipulos sómente me re-

cordo bem — conta ainda Camillo no *Cavar em Ruinas* — : Um era o melhor estudante; o outro, ultimo da lista, seria o peor do curso se eu lá não estivesse. O primeiro era pharmaceutico: chamava-se Francisco Pereira Amorim de Vasconcellos. O outro era alferes de infanteria, filho de gente notavel do Porto, duellista, peralta, galã de muito boas trêtas: chamava-se Antonio Augusto de Macedo Passos Pimentel. O seu mais amigo condiscipulo devia ser o mais inimigo da chimica: era eu. O nosso lente, o senhor frei Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto, nunca teve o gosto de nos ouvir. Quando nos chamava, ou não nos via, ou nós não tinhamos visto o compendio, que por signal se chamava o Lassagne, parece-me que era; pela orthographia do nome não fico. Fugiamos da aula de cócoras, quando o sol de Deus nos estava incitando á rebellião. Com que tristeza eu via o sol e invejava a minha vida lá das serras d'onde viera a estudar o sesquioxido de ferro e o bicarbonato de soda naquellas frias salas do convento da Graça! O meu condiscipulo Passos abundava nas minhas ideias lyricas ácerca do sol. E por isso fugiamos ás recuadas, quando o nosso condiscipulo pharmaceutico tinha absorvidas as attenções com a sua eloquencia recamada de *protos*, de *deutos*, de *bis*, de *sesqui*, de *pilhas*, de *retortas*, e varias coisas com que os homens entretêm a vida para não morrerem de tedio. Não me lembra já se o alferes fez acto de chimica. Eu fiz. O meu ponto era o *Kermes mineral* e não sei que mais. Tirei-o

com outro infeliz da minha tempera em chimica. Fui para um quarto andar onde morava na rua dos Pellámes. Do quarto andar subi ao telhado com o compendio e uma viola. A mulher que eu amava, vivia numa trapeira da rua do Souto e estava lá a mondar mangericões. Vi-a, sentei-me na espinha do telhado, e, ao arpejo da viola chuleira, cantei-lhe umas trovas, que eram a negação de toda a chimica, ou se pareciam com as theorias da sciencia em formarem no telhado o polo positivo com que as correntes electricas se haviam de estabelecer, dado que a vizinha se constituisse polo negativo: como de facto. Assomou ao telhado o estudante emparelhado comigo para a hecatombe do dia seguinte: ia estudar, communicar-me os seus conhecimentos e participar dos meus. Que chalaça! Traduziu pessimamente os prologomenos do compendio, e foi-se convicto da sua perdição e da minha. Ao anoitecer ainda eu não sabia a que pagina do livro estava a materia do ponto. Deliberei ás nove horas da noite não fazer acto, e fui ouvir musica á porta do quartel general. Estava eu embevecido na aria da *Norma*, quando senti no hombro pousar-se-me amigavel mão. — *O senhor por aqui?* perguntou-me alguem. Voltei-me e vi o meu sabio condiscipulo Amorim de Vasconcellos, o estudante premiado, que, naquelle tempo, devia orçar pelos seus trinta annos, e já era administrador da botica do hospital da Trindade, se bem me lembro. —*Por aqui em vespera de ponto?!* tornou elle.—*E' verdade*...—*Já estudou?* — *Nada.*—

Então?! — Não vou fazer acto. — Porque não sabe o ponto? — Justamente. — Venha comigo, que ensino-lh'o. Venha, que é uma desgraça perder um anno! E levou-me pelo braço. Escutei-o até ás duas horas da madrugada. Quando sahi, sabia o ponto, sabia os rudimentos da chimica, sabia a historia e a philosophia da sciencia, conhecia Berzelius, Gay-Lussac, Orphila e não sei quem mais. Adormeci como um justo e acordei com a cabeça mais pesada que uma igual porção do *Kermes* do ponto. Soou a hora do acto. Já de antemão os condiscipulos me davam os pêsames: dizia-se que eu, além de ser um parvo chimicamente falando, tinha quarenta e oito faltas, afóra vinte e duas abonadas, sete *negas* e cinco *fugidas*. O senhor Santa Clara estava na presidencia com ar funebre. O meu consocio do holocausto entrou como moribundo que não pudesse morrer sem fazer acto de chimica. Eu ia alegre com a minha sciencia e três calices de licor de canella. Que acto eu fiz! Desenruguei a fronte do lente, enchi de jubilo os arguentes, espantei os condiscipulos e fui approvado *nemine discrepante.* E, o que mais é, salvei o meu condiscipulo, que tinha sido menos boçal do que eu, e frequentára exemplarmente... os bancos da aula. Se eu não fui reprovado, fôra escandalosa a reprovação do outro. Deram-lhe um *r*, que elle agradeceu com o coração nos labios não maculados de uma só palavra escorreita em materia de chimica. Amorim abraçou-me, levantou-me á altura da sua optima

cabeça e disse-me: — *Se não fossem as negas e as fugidas, o premio devia ser seu!* Radiava de alegria o bom homem! Tinha razão: fizera-me elle o assombro de todos; creara-me a reputação em quatro horas, com a sua linguagem tersa, clara, insinuante e amena, como devêra ser o methodo de quem ensinasse chimica a senhoras».

Emquanto, no Porto, Camillo ia levando uma vida esturdia de estudante, Joaquina Pereira, em Friume, soffria toda a dôr de um abandono quasi sem esperança e a Maria do Adro, sem novas d'elle, pensando talvez na inconstancia do namorado, ia consumindo a vida, moendo-se de saudades pelos campos trasmontanos. Confessa Camillo que, no Porto, sentiu «vivas saudades de Maria e tambem remorsos de a ter esquecido quasi, em Lisboa» [1]. Esquecimento esse, talvez provocado por uma certa Amelia lisboeta que mereceu o favor das suas rimas...

Como aquelle amôr nascêra
Tenho uma vaga lembrança...
Da lua um raio descêra,
E, d'improviso, illumina
As feições de jaspe, immoveis,
D'anjo... não... nem de mulher.
Moça, tão moça, e menina,
Os seus segredos, se os tinha,
Nem a arte os adivinha
Quando sondá-los quizer.

---

1 CAMILLO: *Duas horas de leitura.*

....

A' noite, á beira do Tejo
No explendido crystal
D'aquellas ondas dormentes,
Parecia a vista encantada
Numa visão...

....

Amelia, a filha dos sonhos,
A rival dos anjos vinha
Povoando aquelles mundos
Para mim, que mundos tinha,
No coração, para dar-lh'os.

....

Como aquelle amôr nascêra,
Tenho uma vaga lembrança...

....

Amelia, recordas
Aquellas noites do Tejo,
Quando vinha dar-te um beijo,
A brisa que te dizia
O que não fazia o pejo?
Em redor de nós viviam
Vida diversa da nossa
Teus irmãos e mãe, que viam
Em nosso amor um gracejo...

....

E quem diria, meu anjo
Tutelar da minha infancia,
Quem diria os mil poemas
D'aquella estatica ancia?
Se nos vissem sós... recordas?...
Naquelles dias tão breves,
Em que te disse... que disse?...
Palavras, não, que não pude,
Por mais que á alma as pedisse,

Dizia-te o que era este ardor
Este mysterio profundo,
Este elevar-me tão alto
Das coisas baixas do mundo!...» [1]

Camillo teve depois saudades da Maria do Adro. Mas a pobresinha, lá longe, de cada vez mais debil e mais triste, não podendo sequer receber d'elle duas palavras d'amôr — porque não sabia lêr, entrou de adoecer, e peorar, peorar sempre, a ponto que, quando elle resolveu voltar, passados mêses, já a não encontrou: — tinha morrido. Como elle soube a má noticia, vem contado ainda nas *Duas horas de leitura:*

«Esperava com ancia as ferias-grandes,—escreve Camillo — e afigurava-me o jubilo com que ella me veria, depois de quinze mêses. Quantas vezes eu ia do atrio do Bomfim pasmar os olhos naquellas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia... Chegaram as ferias, fiz acto de anatomia, e fui premiado com um indulgente *R.* De boa vontade acceitava eu três, comtanto que me deixassem sahir mais cedo. Esperava-me o cavallo com a magra mala. O arrieiro perdeu-me de vista em Vallongo, e encontrou a meio-caminho o cavallo aberto dos peitos, com não sei quantas sobrecanas de mais, e ferraduras de menos. Aluguei em Amarante uma égua muito nervosa ao estimulo da espora,

---

[1] CAMILLO: *Um livro.*

e em dia e meio venci as oito leguas. Quando vi as montanhas da minha terra adoptiva, alvoreceu-me um arraiar de alegria n'alma, que não sei dizer-te! Era não sei que parecia com o trinar dos passarinhos em aurora de estio. Tinha vontade de cantar, de rir, de poetar, de beber a longos sorvos um ambiente balsamico em que o meu coração doudejava embriagado! Já via os castanheiros seculares a circumdarem a casa de minha irmã. Já tinha encontrado duas pessoas vizinhas d'ella. Estive quasi a apear para abraçá-las! Não sei que traços de parecença eu achava entre Maria e as duas moças que cegavam herva num lameiro contiguo á estrada. — *Já não conhece a gente?!* — disse uma d'ellas. — *Conheço, Luizinha, conheço, Anna; pudéra não conhecer! Como estão vocês? rijas, hein? — Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe? — O quê? —* — *Pois não sabe que a Maria do Adro... — Que tem? está doente? — Está com Deus... morreu faz amanhã um mês.*

«Meu caro Barbosa, tu crês nas lagrimas aos dezesete annos? O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentanea. Fugiu-me a rédea da mão, e apertei instinctivamente os joelhos ao selim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lagrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa similhante a um estalo. Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma d'ellas disse á outra: — *Eu não te disse que elle era muito amigo d'ella?*»

Vinte e quatro horas depois, a convite de seu cunhado e com o auxilio d'elle, Camillo abriu a sepultura de Maria, desenterrou-a, viu-a, e tal foi a impressão sentida que, quando, ao outro dia, o medico, sósinho, preparava o esqueleto da camponeza morta, o futuro romancista soffria no leito os primeiros assaltos de uma febre cerebral intensa que o prostrou. D'esse facto nos apparece a narrativa na sequencia do capitulo citado das *Duas horas de leitura*, se bem que o decorativo d'um anoitecer de tempestade, com silvos de ventania e clarões tragicos de relampagos, possa ser um devaneio phantasista do romantico que se comprazia em pôr aquelle caso lugubre num bello quadro de horror e de tortura.

«Lembra-me — diz elle — que fuzilavam os relampagos d'uma trovoada de Agosto quando entramos na egreja, pela porta da sacristia. Já lá tinhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na egreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei machinalmente, e senti os sustos d'um sacrilego. Meu cunhado deu-me animo com um riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentamo-la no pendôr com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as taboas lateraes do esquife. Não consenti d'ahi em deante o uso da enxada. Tirei a terra ás mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as formas de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti

cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebras, e pedaços de habitos mortuarios, comtudo angustiava-me uma sensação de nauzea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei. Meu cunhado, vendo-me descorar, offereceu-me um vidro de espirito que eu não acceitei. Prosegui na exhumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos tremulas; tirei devagar o panno, e vi Maria. Permaneci quieto não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sobre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma nesses lances creio que se anniquila. Ha dôres com que o homem não póde, e Deus, quando as dá assim, permitte a lethargia, a morte passageira, a paralysia dos orgãos conductores da impressão. Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de extranheza que eu antes quizera não fôsse fingida.

«O resto do trabalho fê-lo elle. Eu sentei-me na cadeira parochial, procurando as minhas ideias, que me fugiam aos turbilhões. Como privado d'alma, o estrondo exterior azoava-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da egreja, e o ranger das arvores que açoitavam as cornijas. Eu estava como tranzido de medo. Era no estio, e sentia uma especie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito. O cadaver foi lançado num cesto. Esperamos que anoitecesse, e eu tomei uma

aza do cesto, ajudando a transportá-lo para uma mina sêca, na margem do rio. O dia seguinte fôra o designado para dissecarmos o cadaver. Prepararam-se escalpellos, thesoiras e bisturís, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada á cama, e achou-me passeando no meu quarto.—*Já a pé!* disse elle, admirado.—*Ainda me não deitei.*—*Como?!* E abriu uma janella para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher á cama. Quiz resistir á ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumpri-la. Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui, perguntei que remedios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com pannos ensòpados em vinagre na cabeça. Recordo-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros: — *Diz minha cunhada que muitas pessoas d'esta familia endoideceram...*»

II

1845-1848

Camillo, depois do episodio da Maria do Adro, findas as ferias, veio matricular-se no segundo anno da Escola Medica do Porto e, passado pouco, perdido o anno por faltas, retirou para Villa Real, decerto mais leve sem o encargo estopante d'aquella formatura.

Percebe-se que assim fôsse. Camillo levava por esse tempo uma vida alegre de bohemio, nessa altura o humorista revelou-se nuns folhetos satyricos hoje raros e no episodio espirituoso do duelo simulado na Torre da Marca, e essa vida que mais podia ser a d'um ocioso que procura divertir-se, passar o tempo, — com as suas serenatas romanticas, os seus derriços, a tentação do botequim — não era decerto a que convinha a quem pretendia, para satisfazer um sogro de Friume, estudar muito e ser doutor. Depois os cursos, entre nós, mal organizados, aterrando por uma complexidade toda materialona

que solicíta o esforço das memorias mais bem dotadas e nada quer das faculdades de intelligencia, aptas a uma clara comprehensão mais racional e mais proficua, fizeram-se de tal modo o privilegio de vocações esporadicas de intelligentes eruditos e da multidão dos menos lucidos, cuja deficiencia se acommoda sem custo ao trabalho material mais torturante e os força a sinceramente encarar sem um sorriso o pedantismo vulgar nos professores. Aqui, só muito tarde, o legislador que organiza e o mestre que ensina, percebem que não se trata já precisamente d'aquella aula de primeiras letras, onde a disciplina é quasi tudo. Usando o methodo socratico no decorrer d'um curso inteiro, é evidente que um desequilibrio se estabelece entre o que o ensino superior é e aquillo que em boa razão devia ser; e a pretenção de seleccionar naquelles cinco ou sete annos os individuos aptos a seguir na vida com proveito commum o seu mistér, decerto falha, quando o acaso providencialmente a não ajuda. Basta vêr um regimen de frequencia que impõe como uma obrigação, mal acceite como todas, aquillo que espontaneamente deveria nascer pela consciencia, mais cedo formada, do dever, ou da comprehensão evidente d'uma positiva utilidade: já para não falarmos da facilidade que sempre teve a estupidez, quando a bafeja a importancia d'um nome ou a abjecção d'uma humildade, para se guindar alto, gatanhando no caminho dos galardões escolares, ou pelos degraus acima d'uma ca-

thedra. Quando, não ha muito, numa escola de medicina, alguns professores quizeram seguir numa orientação mais coherente com o caracter do curso e as modernas conclusões da sciencia do ensino, baixou uma portaria, mettendo na ordem os discolos perturbadores d'uma tão apreciavel harmonia; em vista do que, se mesmo assim os governos quizessem, em questões de pedagogia, obedecer a um plano logico de orientação, melhor iriam outhorgando ao mestre, nos estabelecimentos de instrucção superior, o direito de mandar pôr em cima do banco, exposto á troça dos condiscipulos, o alumno irreverente (e, nesse caso, ter uma ideia seria irreverencia), espetar o chapeu de bicos, como um estygma, pelas orelhas d'um cabula, ou lançar mão, em caso extremo, do recurso salutar da palmatoria.

Camillo Castello Branco, de indole avêssa a docilidades de collegial, intelligente demais para estar bem numa organização a tal ponto atrazada e deprimente, pouco estavel, ainda, numa resolução ou num projecto, ficou sem o diploma d'um curso, como de resto homens eminentes como Herculano e Oliveira Martins tambem ficaram, sem que por isso a sua obra fôsse menos grande ou a falta da chancella official prejudicasse o seu saber. Era o que ignorava o tendeiro de Friume, insensivel aos rogos da filha, condemnada pela ambição d'um papelucho sellado, a essa viuvez que começou dias depois do casamento e havia de a acompanhar irremediavelmente até morrer.

*

Falei do duelo simulado na Torre da Marca. Num artigo com a epigraphe *Que saudade!...* inserto no n.º 7 das *Noites de Insomnia,* dá-nos Camillo a descripção d'essa espirituosa scena de comedia: «Folheando acaso a *Revista Universal Lisbonense* de 1845 — escreve o romancista — li pela primeira vez a seguinte noticia:

UM DUELLO DIGNO DE LOUVOR

(CARTA)

Porto, 10 de maio de 1845.

Snr. redactor. — Peza-me o não ter sido testemunha ocular de um caso acontecido aqui, a 5, pelas 4 horas da tarde, e em que se ha-de falar por muitos dias.

Tinha-se espalhado que dous estudantes da arte amandi, *fortissimos no capitulo dos ciumes e rivaes por uma triste fatalidade (porque segundo os srs. estatisticos ha mais mulheres do que homens, e por isso os zelos masculinos quanto a mim deviam ser prohibidos); estes dous meninos, digo, ambos com o sangue na guelra, tinha-se espalhado que a essa hora combateriam em duello de morte (que sempre é obra mais asseada), sendo o sitio da execução o campo da* Torre da Marca, *padrinhos, outros academicos, e as armas, pistolas.*

Concorreu toda a gente que pôde (eu só faltei por estar com um ataque de gotta, nos pés se entende); e não só o povo, mas dous regedores, cabos de policia, um destacamento de tropa e muitas mulheres (não admira, a festa era em nome e louvor do sexo, nada prova tanto os seus feitiços como umas tripas ao sol); só faltava a tumba da misericordia, diz hoje com muita graça o «Periodico dos Pobres». *Sôa a hora; apparecem os dous Quixotes montados como dous Sanchos em burros lazarentos de albarda rota e freio de corda mas muito arrogantes na catadura (não os burros, porém os campeões); um dos regedores, aliás bom homem, desapprovou com destempero que duas figuras d'aquelle feitio brigassem á pistola; mandou-os apear e aos soldados que os prendessem; o povo, que não queria perder as passadas, murmurava contra o regedor, muitos estudantes já começavam a vociferar, um dos duellistas procurava convencel-o em segredo; o magistrado via-se perplexo e creio que assustado.*

Apressou-se em passar por mão o negocio para superior instancia: acompanhou os zelosos á presença do administrador do bairro. Foi ahi que se descobriu a chave do enigma: — os maganões declararam que o seu unico intuito fôra fazer aos duellos a guerra do ridiculo: mostraram que as suas pistolas levavam polvora mas não bala, e affirmaram, o que era verdade, que entre os dous não havia nenhuma Dulcinéa. Afóra o regedor, todos riram muito; e o administrador mostrou ter pena de que se não tivesse chegado a

representar uma farça que poderia ter talvez prevenido algumas futuras tragedias.

UM TRIPEIRO VELHO QUE NUNCA BRIGOU NEM HA DE BRIGAR.

«Fala-se ahi em *dous meninos.* — commenta Camillo — Ai! um d'esses meninos era o sr. Freitas Barros, actual secretario da administração do concelho de Coimbra. E o outro menino era... eu! Direi alguma cousa nos pontos em que o correspondente do Porto foi omisso. Eu vestia casaca preta de abas em triangulo isosceles com a gola em promontorio, convexa, redonda e algum tanto sebacea. Na lapela esfarpellada alvejava uma camelia, symbolisando tenção amorosa á mingua da charpa dos Amadis e Lancelotes, meus heroicos antecessores. Os collarinhos de papel almasso embeiçavam com os arcos amarellos dos oculos. A gravata era britannicamente branca, e absorvia-me o queixo de baixo na circumspecta gravidade dos desembargadores d'aquelle tempo. Recordo-me das luvas que eram de lã verde com um ante-braço que lhes dava uns longes de manoplas. Em uma das botas duvidosamente marialvas, luzia o espigão d'uma espora sem roseta. O chapeu de castor, derribado por gebadas *ad hoc,* desformára-se nas fórmas caprichosas de barretina de lanceiro. Se bem me lembro, o meu adversario Freitas Barros vestia o mesmo uniforme, tirante o chapeu que era de bicos, em arco,

de alterosas badanas um pouco desengonçadas pelo attrito de meio seculo. E neste feitio, depois de presos, atravessamos a cidade, desde a Torre da Marca até á rua do Almada, bifurcados nos burros espavoridos pela grita do gentio que exultava naquelle intervallo de imprevisto carnaval. Claro é que a minha postura e a plastica do trajar eram bastantemente ingratas aos effeitos oratorios, posto que a rhetorica não fôsse de todo parvoa. Dei ao meu braço direito, durante o discurso, um movimento pendular que depois vi perfeitamente arremedado no parlamento pelo sr. Martens Ferrão. E, dado que, tanto nas posturas como nas expressões, eu mantivesse a seriedade compativel, o magistrado, que se chamava fulano Mendanha, não sustentou a gravidade consentanea ao acto, porque me interrompia com espirros de riso assás funestos aos golfos da eloquencia de quem quer que seja. Não obstante, a authoridade compoz sisudamente o aspeito neste lanço do meu discurso: *Sr. administrador! O ridiculo, na questão sujeita, póde contribuir para defecar a humanidade de um crime que a lei não evita nem pune. O duello, ill.mo sr., só deixa de ser ridiculo quando ha uma victima, quando ha sangue e lagrimas; e, assim mesmo, ninguem sabe dizer qual é o honrado, se o que morre, se o que mata, etc., etc., etc.* Lembra-me que me fiz forte com Voltaire, como se o tivesse lido. Eu não tinha ainda 19 annos; e, naquella edade, dou palavra d'honra que era estudante sem compendios, e o mais igno

rante que podia ser um rapaz que entranhadamente execrava livros, e amava o sol e tudo quanto elle cobria, exceptuados os livros e os sabios. Finalmente, o jovialissimo Mendanha mandou-nos embora; e nós d'ali sahimos com a consciencia convicta de haver escripto um brilhante capitulo na ethologia nacional, e com o estomago palpitante de sorrisos para uma merenda condimentosa no *Rainha* da Praça Nova. Eu não me considerei então ridiculo a despeito da hilaridade das multidões. Ridiculo me vi eu dez annos depois, quando sahia de um duello com uma cutilada; e, olhando para ella, me acudia á memoria o meu discurso ao administrador Mendanha... Mas... que saudades!»

Camillo era um cabula. Elle proprio no-lo afirma sob a sua palavra d'honra. E, assim, facil é comprehender como, perdido o anno, sem coragem para apparecer ao sogro de Friume nem ao austero padre Azevedo, correu a acolher-se á protecção d'um tio afim, residente em Villa Real e que elle proprio depois chamou analphabeto. Esse tio, João Pinto da Cunha, era miguelista ferrenho e tão conceituado entre as hostes agitadoras dos defensores do rei proscripto, que o padre dr. Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, logar-tenente do sr. D. Miguel I, prometteu nomeá-lo corregedor da comarca logo que se désse o grito em Trás-os-Montes. [1]

---

[1] CAMILLO: *Maria da Fonte.*

A politica, por esse tempo, era agitada e turbulenta. Nessa lucta continuada e persistente entre a idiosyncrasia d'um povo e um systema estrangeiro a que á força querem adaptá-lo, nessa successão de episodios inesperados e varios, com manchas de sangue e lances de comedia, que tem sido e continuará sendo a campanha para a implantação perfeita do constitucionalismo em Portugal, surgia, nesse momento, um homem de qualidades extraordinarias, espirito vivissimo e arguto, resistencia inquebrantavel, imagem do cynismo insculpida numa lamina d'aço, sem força, ainda assim, para romper abertamente o despotismo das formulas, mas audaz bastante para, encarando-as bem de frente, se rir d'ellas. Era Costa Cabral. E essas eleições de 45, que elle venceu, constituem de per si o mais sarcastico e esmagador libello contra um systema bastardo, que só logra sustentar-se na immobilidade da impotencia ou no cynismo da trapaça. «Vencer por fas ou por nefas as eleições, nesse anno de 45 da decisiva batalha, era para Costa Cabral o mesmo que viver ou morrer. Lançou, pois, mão de tudo, e foi ás do cabo. Três camaras municipaes protestaram, vindo a Lisboa os vereadores implorar á rainha: á de Evora voltou-lhe ella as costas, a de Villa-Franca foi presa, e ambas, com a de Faro, dissolvidas...... Nenhuma das conhecidas tricas para levar a Urna a dizer o que se deseja — como nos velhos oraculos sagrados! — fôra esquecida pelo governo. Os recenseamentos eram taes que

não incluiam nomes como os do marquês de Niza, do Fonte-Arcada, do Felgueiras, juiz no supremo tribunal, de Garrett, etc. Incluiam, porém, mendigos e lacaios, aguadeiros e defunctos; incluiam nomes imaginarios, e soldados e marinheiros. As listas eram marcadas: transparentes, pautadas, carimbadas, tarjadas, numeradas. Os individuos influentes e perigosos eram presos arbitrariamente...... Os governadores-civis distribuiam aos galopins mandados de captura em branco. E onde as tricas não bastavam, apparecia a força bruta...... Por toda a parte houve prisões, mortes em muitos logares...... Para forjar um simulacro de parlamento, para aguentar a sophismação da doutrina, chegava-se á maxima tyrannia, atacando-se as mais necessarias garantias dos cidadãos». [1] As urnas cercavam-se de bayonetas; a tropa atirava — a matar. E o rijo beirão, aprumado no primeiro degrau do throno, junto á soberana que o cummulava de honras, sorria, livido, com o seu amargo sorriso de triumphador insatisfeito, e pensava que, não podendo espatifar de prompto um regimen que insistia em viver sobre um inane pedestal de tropos e mentiras, o melhor que tinha a fazer era empalmá-lo. Um anno antes, Torres Novas quizera reagir, e o ministro, com alguns batalhões de vantagem, dominára-a. Mas os politicos moviam-se irrequietos,

---

[1] OLIVEIRA MARTINS: *Portugal Contemporaneo.* t. II.

porque aquelle homem, grande demais para um systema que só demanda automatos, calcava sem piedade os seus sonhos doutrinarios ou destruia indifferente os seus interesses de ambição. Era um sceptico, vigoroso e rude, cahido numa sociedade de idealistas ingenuos e vaidosos impacientes. Tornava-se mistér vencê-lo, annulá-lo, pô-lo fóra da egrejinha constitucional como um intruso. Mas como, se não havia soldados? como, se não havia sequer o dinheiro preciso para mandar vir de fóra, sem direitos d'alfandega, nas cartucheiras de bandoleiros bebados, prompta a servir — uma revolução? Restava disponivel, para explorar e torcer á mercê dos intuitos d'uma opposição politica levada ao paroxismo, uma força formidavel que o conde de Thomar e seu irmão José não cuidaram nunca de chamar a si: — o povo. O governo prohibira os enterramentos nas egrejas, quiz tornar maximamente productiva a colheita do imposto: e a população das aldeias minhotas, fanatica e analphabeta, açulada pelos farrapos do legitimismo escasso, instigada pelos padres, fazia ouvir por todo o norte do reino esse surdo rumor que nos vulcões annuncia a ecclosão d'uma cratéra.

Com as coisas neste pé, Camillo foi para Coimbra estudar preparatorios de direito, regressando a Villa Real quando, por virtude da revolução popular, as aulas se fecharam. Foi nessa altura que, á sahida de Penafiel, Camillo e um seu companheiro de viagem receberam aviso de terem pela vanguar-

da uma guerrilha de realistas, capitaneada pelo tenente Milhundres. «Quiz o meu companheiro retroceder — conta o romancista nas *Memorias do Carcere* — ; mas eu convenci-o da desnecessidade de fugirem aos realistas dois pobres academicos que se presumiam politica e socialmente indefinidos neste mundo. Fomos ávante. Exactissimamente: lá estava, na quebrada de um serro, densa mó de gente armada, com as armas embandeiradas de escarlate. A tiro de bala, mandaram-nos fazer alto, e nós paramos, fiados na lealdade dos parlamentarios, que vieram a nós com as clavinas no braço. Eram dois, com o caudilho á frente. Milhundres era homem mal encarado. Cincoenta annos teria, e grisalhas as barbas. Vestia casaco de miliciano com insignias de tenente, e dragonas de capitão mór. Trazia a banda a tiracolo, e uma longa espada de misericordia enfiada num boldrié de coiro de anta. — *Quem são, e d'onde vêm?* disse elle. — *Somos estudantes e vimos de Coimbra.* — *Quem vive?* tornou elle. — *O senhor D. Miguel!* respondemos. — *O senhor D. Miguel* PRIMEIRO! replicou o guerrilheiro, accentuando a palavra supplementar, como se a nossa profissão de fé, sem a addição, ficasse equivoca. — *O senhor D. Miguel primeiro!* repetimos, sacudindo os gôrros. — *Então, visto que são dos nossos*, retrucou Milhundres, *andem lá para a recta-guarda, que nós vamos entrar em Penafiel. Precisamos de quem escreva proclamações ao povo, e os senhores, se são estudantes, hão de*

fazer coisa que se veja. Consultei a minha bossa das proclamações, e disse: — *Vamos lá!* O meu companheiro estava enfiado, porque receava que o general guerrilheiro o nomeasse chefe de estado maior. Eu achava extrema graça a tudo aquillo. Entramos em Penafiel. Quando surgimos no cruzeiro, que se ergue ao topo da primeira rua, os moradores da cidade começaram a fechar as portas. — *Que ovação!* disse eu ao meu condiscipulo. — *Dir-se-hia que somos malta de salteadores que irrompemos das brenhas! — Se pudessemos fugir!...* murmurou o meu amigo. — *Cala-te, que isso é serio!* disse eu. Milhundres entoou os vivas aos quaes respondemos enthusiasticamente. Ao fim da rua engrossaram as nossas forças com três maltrapilhas armados de foices, e defronte da cadêa fizemos juncção com um alferes de milicias montado, e alguns pedestres em tamancos. Repetiram-se os vivas. — *Primeiro que tudo,* disse o chefe, *vamos á egreja dar graças a Deus.* Era um *Te-Deum* economico, com profusão de fervor religioso. Abriu-se de par em par o templo. E os valentes prostraram-se, e resaram o *bemdito* com grande estridor de vozes. Evacuado o templo, disse eu a Milhundres: — *É necessario proclamar? — É, vá vocemecê escrever um edital, e o seu companheiro outro,* respondeu o caudilho. — *Onde é o quartel general?* perguntei. — *Não sei por ora. Vocemecês onde se vão aquartelar? — Na estalagem do Mulato. — Pois então é lá. Eu vou nomear authoridades, e lá vou ter.*

Amanhã vem aqui fazer juncção comnosco o brigadeiro Bernardino. O Mac-Donell já está em campo, e o Candido de Anêlhe é seu secretario. Diga lá isto vocemecê na proclamação. — Muito bem. Galopamos para o quartel general. — *Vamos proclamar?* disse eu ao meu companheiro. — *Pois vae, que eu, em chegando ao cimo da rua, enterro as esporas nos ilhaes do macho,* respondeu elle com as côres ainda quebradas. — *Pois não achas isto bonito? Acaso estarás mais divertido na tua aldeia? Tiremos partido de tudo, emquanto não cheira a polvora. Vamos collaborar numa proclamação em estylo biblico. — Pois fica, se achas graça a isto: eu de certo fujo. — Pois então tambem eu, que me parece estupida a farça se me deixas em monologo.* Era facil e segura a fuga, mas honrosa não me pareceu muito. Eu ia envergonhado do meu procedimento, e compadecido do cabecilha. Pareceu-me desgraçado aquelle homem, e d'ahi vem o desvaneio da simpathia que lhe ganhei. Além de que, de mim confesso sem pejo que me não seria difficil escrever uma proclamação sentida; grammatical não direi. A minha familia era miguelista, e festejava, como em synagoga recondita, os dias solemnes da sua crença. Milhundres seria o bem-vindo e honorificado em casa de minha familia. Ia-me por isso a consciencia recriminando de mau coração, de covarde animo, e de apostata villão. Tudo isto me esqueceu quando cheguei a Amarante, e só me tornou á memoria

quando vi, em 1861, entrar Milhundres preso nas cadeias da Relação.»

Chegou Camillo a Villa Real hospedando-se em casa do tio realista. Lá, como em todo o norte, ouviam-se já vozes de guerrilheiros que acclamavam D. Miguel. O general escossês Macdonell só mêses depois appareceu á frente das suas forças, mas os elementos do partido legitimista, que ainda eram importantes, de ha muito que vinham preparando a revolução. «Se ainda o não tinham conseguido é porque as desavenças e as rivalidades dos que estavam de fóra, e de longe jogavam com a vida dos outros, creavam conflictos que não tinha sido facil resolver». Em carta-regia datada do *Paço em Roma* em 26 de maio de 1843, D. Miguel nomeia o escossês «General em Chefe e Director Militar, no Reyno» para que possa desde logo «tratar, independentemente, da organização dos elementos de huma força, que opere effectivamente, como e quando as circumstancias o permittam». E feita a nomeação, Macdonell não se conserva por muito tempo inactivo. «Já d'esse mês de Maio de 1843 apparecem cartas d'elle a um dos chefes miguelistas do Porto, João Ferreira Rangel, recommendando, mesmo de Londres, ser preciso trabalhar sem demora, para um movimento militar, e pedindo aos directores da revolta dentro do paiz, que ajuntassem qualquer fôrça, por pequena que fôsse, dentro da provincia do Minho, *por modo a dar o exemplo ás outras provincias*. Escrevia em hespanhol e lem-

brava *que a ousadia, quando guiada pela experiencia, tinha como resultado verdadeiras maravilhas*. Perguntaram-lhe de cá se *a cousa estava para breve.* Elle respondia: *que seria para muito breve, porque era sua opinião que, naquelle anno, se decidiria da sorte de D. Miguel.* TAN FIRME ESTOY EN ESTA CRENCIA QUE SI NADA SE EFECTUAR EN EL CURSO DEL PRESENTE AÑO, YO POR MI ABANDONO LA CAUSA». [1]

Camillo, «de pé, sobre o balcão do Zé-da-Sola, em Villa Real, um logista de cabedaes de bezerro e vacca, muito legitimista, declamava emphaticamente e com os gestos mais violentos as proclamações do Padre Casimiro estampadas no *Periodico dos Pobres*, e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fénelon, enviada pelo correio á senhora D. Maria II. Era — diz o romancista [2] — uma carta convulsionada de profecias tragicas, ás quaes eu dava toadas funereas, expedições gutturaes como diz Renan, valha a verdade, que faziam Ezequiel e Habacuc. A turba que me escutava, toda orelhas, trovoava urros de um vandalismo que sobrepujava as minhas cordas vocaes. Havia cabeças de granito que choravam como os penedos bibli-

---

[1] *Historia de Portugal, popular e illustrada*, de Manoel Pinheiro Chagas, continuada desde a chegada de D. Pedro IV á Europa até nossos dias por J. BARBOSA COLEN. Decimo primeiro volume. MDCCCVI.

[2] CAMILLO: *Maria da Fonte.*

cos; e velhos bachareis formados, antigos juizes de fóra, com o simonte engatilhado aos narizes e as mandibulas num prolapso de espanto, diziam: — grande homem é o padre! é o 2.º José Agostinho de Macedo! E eu, na qualidade de declamador correcto, prosodico e muito mimico, attribuia-me um quinhão d'aquellas ovações, muito menos explosivas quando o leitor era Antonio Tiburcio, o meu amigo de infancia que morreu ha muito, depois de ter governado o districto muitos annos, mantendo-se, com um grande tino, na media, entre a Republica e o Absolutismo. Havia senhoras realistas, filhas de capitães-mores, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição, ás quaes eu lia as peças do *General das cinco chagas*. Em algumas casas brazonadas accendiam-se castiçaes com bobeches de papel verde nos oratorios de talha dourada, e faziam-se preces votivas, bastante caras, a varios santos muito anteriores á formação do regimen parlamentar, e por isso talvez indifferentes á revolução de 1820 e á politica de Villa Real. De permeio com as jaculatorias, bebia-se muita geropiga capitosa para, por meio da etherização alcoolica, dar alôr aos voadouros da esperança. Que noites de alegria doida naquelle inverno de 1846!»

Inverno?! Não. Camillo precipita aqui um pouco... as estações. Por certo o seu melhor tempo de Villa Real foi aquelle que consumiu, não sómente empoleirado nos coiros do Zé-da-Sola a cantar as loas do padre minhoto com musica do *rei-chegou*,

mas tambem gosando as noites de festa em casa de D. Rita Moreira, onde os serões eram animados e se fazia musica excellente. Por uma sobrinha d'essa senhora, Patricia Emilia, apaixonou-se o romancista. O drama *Agostinho de Ceuta*, representado num theatro que o proprio auctor improvizou, foi escripto para que ella o ouvisse e, como quer que, em pleno romantismo, o rapto coroasse, numa aureola de abnegação e heroismo, todo o devotado amor. assim os dois fugiram, abandonando-se ao destino para que elle os protegesse, na vehemencia d'uma paixão que não pensava: elle, pobre, seguindo a sua senda de aventura; ella, deixando-se conduzir, vencida, com o seu vestido de chita escura e a sua capinha côr de vinho, com riscas negras...

A agitação politica não cessara ainda, não havia de cessar tão cêdo. Os sinos minhotos tocaram a rebate, o povo revoltou-se. Contra os tyrannos que sophismavam o systema representativo? contra os despotas que calcavam o seu direito de fazer as leis ou revogá-las? Não: importava-se elle bem com essas coisas! Revoltava-se porque o governo ordenara um novo processo de cobrança do imposto e prohibira que sob as lageas dos templos se continuassem a abrir as sepulturas. Revoltava-se, não em defesa da liberdade, mas em defesa da distribuição chaotica e iniqua do imposto a que se pretendia dar remedio, em defesa da usança tradicional e fanatica a que os principios da hygiene mandavam pôr um termo. Era um movimento de reacção,

não de progresso. Mas a elle se prenderam, avidos, insoffridos, barulhentos, de envolta com os paladinos d'um passado morto, os apostolos eloquentes da ideia-nova. Ergue-se

a Maria da Fonte
com as pistolas na mão,

José Cabral, o *Zé dos Conegos*, assusta-se, vacilla, recua; a revolução triumpha; mas o paiz fica ainda e continúa intranquillo, á mercê das paixões que se desencadeiam e entrechocam, mais desordenadas e violentas do que nunca. As guerrilhas continuam em armas, os triumphadores da vespera não sabem afinal o que pedir e, pelos cêrros minhotos, ergue-se e domina o chaos, ameaçador como um remorso, sereno como um escarneo, o espectro de D. Miguel. A 8 de Outubro, a rainha dá o golpe d'Estado. Saldanha é o chefe do governo. São os Cabraes que voltam, escondidos subtilmente sob os crachás brilhantes que coiraçam o arcaboiço valente d'um guerreiro velho...

Mas que importa a politica quando, a alguem que só a cultiva em *dilettante,* por um interesse todo de arte e pittoresco, domina violenta a paixão do amôr? Indifferente aos Cabraes e aos setembristas, sem querer saber da Junta de Passos José nem da prisão do Duque da Terceira, deixando ao Zé-da-Sola a defesa dos direitos do sr. D. Miguel primeiro, Camillo seguia com Patricia Emilia a ca-

*

minho de Coimbra, quando, ao chegarem ao Porto, em 12 de outubro, a requerimento do tio Pinto da Cunha a policia os prendeu. A essa prisão se refere Camillo mais tarde, na *Maria da Fonte*:

«Eu tinha sido preso a requerimento de minha familia — escreve elle — quando ia para Coimbra continuar, no Pateo, as minhas explorações scientificas, bebendo nos mananciaes latino e rhetorico do padre Cardoso e do padre Simões, Deus lhes fale nalma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois annos depois, farejavam delictos execrandos na causa mysteriosa d'aquella prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião publica do botequim *Guichard* e da *Aguia* e das *Hortas*, mandei pedir á pessoa que requerera a minha captura, houvesse por bem explicá-la. Pode ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de uma juventude já esquecida, venha a ser estôrvo á inauguração da minha estatua, uma coisa que eu havia de ter por força, sobre um pedestal de adjectivos plangentes com alto relêvo de adverbios, nos oito dias immediatos ao do meu trespasse. Lamento muito e por antecipação esse dissabor que me hade consternar na minha individualidade cosmica de cernêlha de boi, de cauda de comêta ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho. O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim, nos jornaes de 1849, á minha solicitação:

Snr. Redactor — Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas: Quem fez prender na Relação d'essa cidade Camillo Castello Branco, fui eu que sou seu tio. A causa porque eu o prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. E' um rapto, não é um roubo. Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado, busquei um pretexto; se é d'elle que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e authorizo meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultrage que se lhe faça com allusão á sua captura. Villa Real, 27 de fevereiro de 1849 — João Pinho da Cunha. [1]

«Este bom homem — continúa Camillo — para me salvar de um enlace indiscreto, ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como *raptor* de uma mulher sem pae nem mãe e de maior edade, que me acompanhava expontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delicto efficaz para a prisão *requerida por meu tio,* como se eu fôsse o *raptado,* então authorizava o agente a queixar-se de que eu o esbulhára de ricos valores em joias e baixella, 20:000 cruzados, calculava-se no botequim do *Guichard.* Para que os genealogistas porvindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergontea de *Pintos* e *Cunhas* na minha arvore, devo esclarecer que este homem não me era nada — era marido de uma tia minha. Prova-

---

[1] *Nacional* de 10 de março (Nota de Camillo).

velmente, se eu teimasse em matrimoniar-me[1] honradamente com a *raptada,* seria pronunciado como ladrão de joias e baixella, 30:000 cruzados — computava o botequim da *Aguia.* Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que sahi do carcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador, que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduziu sem difficuldade, por que eu ia tão leve que não levava um pataco — nem a joia d'um pataco, senhores, e logo saberão porquê. Que saudades me fazem estas alegres e explendidas miserias dos meus vinte annos! Vejam que nem tenho pejo de contar as miserias nem as saudades, hoje que algumas centenas de contos levantam entre mim e esse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! Naquelle tempo, os rapazes tinham desvarios tragicos até ao ridiculo, e entravam muito cedo e depressa na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre imperterritos e armados como Xerxes do tagante para azorragar as ondas aparcelladas... Mas que saudades eu tenho d'aquellas joias e baixella — 50:000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das *Hortas!*»

---

[1] Revela-se aqui mais uma vez em Camillo o proposito de occultar o primeiro casamento. Elle não poderia *teimar em matrimoniar-se* pela simples mas poderosa razão — de que era casado. Joaquina Pereira morreu em 47. A filhinha d'ella e de Camillo morreu tambem poucos mêses depois (ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camillo*).

Passados onze dias, Camillo e Patricia Emilia eram postos em liberdade. E, d'ahi a pouco, novamente envolvido na contenda politica, então mais accêsa de que nunca, o romancista encorporava-se no sequito d'esse Reinaldo Macdonell, a quem mais tarde havia de chamar «extraordinario patife» [1]. No *Romance do romancista* o sr. Alberto Pimentel publica uma carta que recebeu de Villa Real e cuja transcripção nesta altura é elucidante. Diz o seguinte:

«Na revolução de 1846, não me consta que o Camillo figurasse, *nesta terra*. Creio, até, que elle não residia por aqui; porém, em 1847, depois do desastre de Valpassos, que esta villa ora estava governada pela patuléa da Junta do Porto, ora pelos cartistas e, até, alguns dias pela gente do Macdonell, lembro-me que o Camillo, uma noite, em que esta villa estava sem auctoridades nem governo algum, porque os cartistas fugiram para Chaves, e os da Junta estavam na Amarante, o Camillo appareceu *ao escurecer*, de chapeu armado, de espada á cinta, de esporas nas botas, fazendo grande barulho com a espada á rasto, de fórma que toda a villa ficou apavorada, todos os habitantes fecharam as portas, e, *elle só*, fez a policia da terra. Em seguida ao desastre que o Visconde de Sá da Bandeira soffreu em Valpassos, recolheu ao Porto

---

[1] *Maria da Fonte.*

o Governador Civil que aqui estava, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, e todas as forças populares d'esta provincia e de quasi todo o reino. Ali, no Porto, se organizou de novo o exercito da Junta, indo o mesmo Visconde de Sá da Bandeira com uma expedição para o Algarve, e nós com o General Guedes viemos para Villa Real. Foi nesse periodo que o Camillo esteve empregado no Governo Civil como amanuense. O Governador Civil, se bem me recordo, era de Vizeu e chamava-se Thomaz Maria Paiva Barreto, excellente pessoa que era. Depois do convenio de Gramito, veio para aqui o José Cabral Governador Civil, e foi então que o Camillo escreveu alguns artigos politicos nos jornaes contra o José Cabral, de que resultou o conflicto do *Olhos de Boi*, de que o amigo já tem conhecimento. Pouco tempo depois do despotico acontecimento praticado pelo referido caceteiro, *Olhos de Boi*, ás ordens do Governador Civil, foi que o Camillo se resolveu a ir para o Porto.»

O que foi esse episodio com o caceteiro cabralino diz Camillo, num *Communicado* de desaffronta que então publicou, com data de 23 de agosto de 47:

«Eu devia ter consultado os fastos do despotismo, para me convencer —diz elle— que, tarde ou cêdo, seria victima do sr. José Cabral, governador civil de Villa Real. Devia recordar-me, que me tinha chegado á bandeira dos livres, para temer o ferrête de escravo, e o maior peso da oppressão... Todavia não sei que presentimento me trahiu! Vi

offendidos vil e despoticamente os meus cumplices em opinião, e uma vez pungido pela magua d'elles, bradei ao oppressor *Quousque tandem Catilina!*... Este pensamento que se achava traduzido em uma unica correspondencia minha, impressa no *Nacional*, bastante foi para que o dedo de s. ex.ª me apontasse a sepultura, e os seus orgãos procurassem um cadaver para ella! Da porta do governador civil no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã, sahiu um homem armado de cacete: espancou-me, deitou-me por terra, e, recolhido outra vez á casa d'onde sahira, appareceu com uma espingarda, e com um desgarre insultuoso, á porta de sua ex.ª. Entregue ás mãos do assassino, ainda agora tremo da posição em que estive, quando sei evidentemente que José Cabral tinha dito ao caceteiro: —*mata-o!* —e porque? José Cabral confessa *que á sua ordem fui eu espancado*, e dá a razão d'este delicto, porque *eu não lhe tirára o chapeu, tendo-o visto á sua janella.* —*Risum teneatis, amici?* Ha casos, que o requinte da desvergonha chega a tal ponto, que as considerações sobre os seus actos se turvam, e confundem na intelligencia de quem as medita!!! Pois s. ex.ª manda espancar um homem, porque lhe não tira o chapeu! José Cabral arroga-se o direito de senhorio de Veneza, em terra que o conhece, e a um individuo, que jámais lhe explora os escaninhos dos seus brazões, inda no chaos, e as phases da sua vida? Por ventura devo culto ao despota, porque vejo um cacete, que póde espancar-me? Como authoridade

que direito tem sobre o meu chapeu?! (Carta Constitucional. Artigo 145 § 1.º) *Ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer senão aquillo que a lei manda.* E a lei não legisla sobre chapeus. Respeito as authoridades, e conheço que tenho cumprido este dever, quando negocios de estado me pedem este ou aquelle acto; mas devo por isso descobrir-me, quando, mau grado meu, encaro o homem que detesto?! E assim vingada foi a susceptiblidade de s. ex.ª; assim os encarregados pela Soberana conciliam as opiniões, e deslembram as injurias; assim novos crimes preparam novas dissenções, se d'esta arte a liberdade se identifica com as disposições do protocolo. Seria bom, porém, que o governador civil de Villa Real, entrasse no conhecimento da seguinte verdade: — *Que as nossas injustiças quasi sempre são julgadas pelos homens*».

A agressão do caceteiro fez crescer em Camillo o odio contra o despotico governador civil e seu irmão o conde de Thomar. E — liquidemos desde já a ingloria passagem do romancista pelo jornalismo politico — foi essa ruim paixão que o fez entrar com a sua penna nesse ultra-ridiculo debate do mais que todos grotesco caso do *Caleche,* enxovalhando num folhetim a honra e o pudôr d'uma mulher, esposa e mãe exemplar, que, com o facto de ser rainha, não perdeu nunca as qualidades mais nobres e respeitaveis do seu sexo.

...Entretanto, em Villa Real, as relações entre Camillo e Patricia Emilia continuavam. O romance

d'amôr porém não durou muito; d'elle ficou uma filha e, com ella, annos depois, apenas a recordação carinhosa d'uma paixão antiga. O proprio Camillo se encarregou de dizer um dia, ao traçar a biographia d'um amigo, tão desgraçado como elle: «João Jacques, nas suas *Confissões*, diz que vira os homens e os costumes do seu tempo. Eu vi mais que elle porque me estou vendo a mim. José Augusto, crê por fé no apostolo da experiencia. O anjo que foge do seio de sua familia, deixa lá dentro as azas, e fóra da porta é mulher»[1]. Patricia Emilia teve uma rival, exaltou-se ao presentí-lo, decerto fez lembrar ao amante o direito que elle não tinha de lhe pagar com o abandono o sacrificio da sorte e da honra por amôr d'elle, e foi então que dois amigos evitaram, por um acaso, que Camillo se matasse com uns grãos d'opio, depois de escrever *A harpa do sceptico*, poesia hereje, como ultimo adeus a uma vida que lhe fôra de agitações e d'amarguras. Conta Vieira de Castro que, no lance, Camillo tinha sobre a banca setenta libras, para que se não dissesse, vendo-o morto, que a miseria tinha sido a causa que o levára a tal extremo. Nas *Horas de lucta*, Freitas Fortuna assegura que, quando escreveu a poesia, Camillo tinha já engulido quantas pastilhas de opio lhe haviam receitado para debellar a insomnia, e que os amigos (Miguel Nicolau Esteves Negrão e

---

[1] *No Bom Jesus do Monte.*

José Augusto Pinto de Magalhães) o soccorreram depois. A rival de Patricia Emilia era, ao que parece, uma senhora da melhor sociedade portuense, cujo nome ainda hoje ali tem representantes. Camillo, ora em Villa Real, ora no Porto, não podia occultar de Patricia Emilia esses amôres. D'ahi o conflicto sentimental que o ia levando á morte pelo caminho romantico do suicidio. Numas palavras que precedem a publicação da *Harpa do sceptico* no jornal litterario *A Semana*, palavras transcriptas pelo sr. Alberto Pimentel no *Romance do romancista*, Camillo explica, com todo o ornato da sua rhetorica sentimental, o seu estado d'alma ao compôr essa poesia:

«Era em julho de 1847 — escreveu elle [1] — Por esses tempos que eu choro... de saudade — não!... que eu choro porque me revivem as dôres surdas e despedaçadoras das chagas da alma, que de lá me restam... por esses tempos luctavam-me duas paixões furiosas no espirito estreito, acanhadissimo, para duas tamanhas paixões como essas eram!... Eu devia sacrificios tremendos a uma mulher que me estremecia de adoração cega, descomposta, e... caprichosa...... Não sei se a amava por esses tempos, como devêra amá-la sempre; é certo que outra mu-

---

[1] «Nem artigo nem poesia vem assignados — regista o sr. Alberto Pimentel — mas Camillo firmou depois a poesia com o seu nome, e até se refere a ella num livro, pelo menos».

her havia ali no mundo tão fascinadora, tão despota dos seus encantos e da sua posição social, que u, reptil orgulhoso, ousei erguer-me do rasto de eus pés, para guindar-me á altura do seu vôo de anjo. Essa mulher... ouviu-me... Deverei escrever aqui uma verdade amarguradissima que a consciencia me diz?... Amou-me...... É uma historia de muitas miserias impossiveis numa vida só, e essa apenas estreiada!... Quem sabe se este livro será todo *d'ella* e para *ella?* E' o meu segredo, sacrosanto como o mysterio da hostia e do calix. Rojei-me aos pés d'essa mulher; acurvei-me, annulei-me em toda a soberbia do falso oiro do meu orgulho — amei-a perdidamente! Mas a mulher dos tremendos sacrificios resentiu-se, delirou, desmandou-se até ao incrivel d'uma vingança senhoril... Era uma serpente de ferocidade como fôra um anjo de amor! Foi augusto, solemne e grandioso de santa resignação o aspecto com que supportei dissabores incomprehensiveis! A ancora maldita do suicidio encorajava-me de brios de infeliz por entre parceis de quantos infortunios resaltam de uma vida tempestuosa. Determinei matar-me...» Parece que ao principio pensou em suicidar-se com um tiro. «Morrer á pistola — diz elle nesse mesmo artigo — parecia-me a mais nobre, a mais excellente, e, deixai-me assim dizer, a mais significativa maneira de revelar a desesperação». Por fim, escolheu o opio... morrer sonhando, mergulhado num mundo inreal de coisas bellas.

«Vivêra só neste mundo,
Só, na campa, vae cahir,
O seu gemer moribundo
Ninguem lh'o ha de carpir...
Nem um Christo allumiado
Pela tocha do finado
Terá no leito a morrer!...
Nas visões do paroxismo
Vê de nada o torvo abysmo
Sorver-lhe o impio viver!
Um cadaver insepulto
Ahi jaz do que morreu!
Deixai-o! — é a Deus um insulto
Dar sepultura ao atheu!
Deixai-o! — ninguem o vele...
Que os corvos pairem sobre elle
Em voraz sofreguidão!
Não dobre funebre o sino!
Demonios! rugi-lhe um hymno
Ao morto sem contricção! [1]

Mas tudo isto que hoje nos faz sorrir, tem um caracter que tão naturalmente deriva da época em que foi, tudo isto se nos apresenta d'um modo que a feição individual do escriptor, juntamente com as caracteristicas tão salientes do meio, d'uma fórma tão perfeita nos explicam, que eu não saberia ir mais além no meu estudo, sem rapidamente lançar os olhos para o aspecto da vida portuguêsa — ou, mais restrictamente, portuense — nesse tempo, que, em tantos pontos e por vezes d'um modo pittoresco,

---

[1] Da *Harpa do sceptico.*

se afasta profundamente da maneira de ser dos nossos dias. Por esse tempo, para mais, Camillo vae começar a ser perfeitamente um portuense. Abandona a provincia. E na vida da cidade leva todo o seu tempo,— menos aquelle em que, afastado em Gaya, cultiva, ao que parece, romanescos amores com uma costureira, num ninho idyllico escondido nas sombras discretas do Candal. [1]

Quanto á romanesca tentativa de suicidio, ainda é licito dizer que tal desvairamento é susceptivel d'uma explicação, abstrahindo mesmo de tudo o que nelle se possa encontrar de pathologico, porquanto Camillo era um homem, collocado entre a mulher que elle seduzira e que abandonou o futuro para o seguir de olhos fechados, que lhe lembrava com desespero o amôr antigo e, na voz, ora supplicante, ora agreste, da dôr e do ciume, vinha gritar os seus direitos,— e essa outra á prestigiosa altura de cuja belleza se rendêra o pobre martyr d'um coração que tinha de o tornar infeliz a vida toda. Porque era ainda esse homem que, annos depois, pensava assim: «Eu de mim, se viesse da natureza privado de todos os dotes que habilitam para o trabalho, sahiria de noite a pedir esmola para sustentar a mulher que se houvesse despenhado dos afagos de uma familia á deshonra dos meus braços». [2]

---

[1] ALBERTO PIMENTEL: *Os amores de Camillo.*

[2] *Memorias do carcere.* t. I

Um rapido escorço do meio dar-nos-á margem a uma melhor comprehensão da complexa figura de Camillo, cuja historia, neste ponto do meu relato, vae entrar no seu periodo de maior actividade como escriptor, periodo dentro do qual se esboça, desenrola e fenece sob o peso da desgraça, mais intenso e duradoiro que os outros, o derradeiro episodio d'amôr da sua vida.

III

1849-1890

In illo tempore, a cidade da Virgem já não era apenas o amontoado interessante de casas, trepando sobre o Douro, num declive, até ás alturas do severo Paço Episcopal. O Porto d'outros tempos, tão caracteristico no pittoresco dos seus aspectos, de ha muito se alargára e, na altura em que o meu estudo o encontra, já, com os seus theatros, o seu passeio publico e a posse do coração do rei D. Pedro, entrára, de par e passo, na civilização e na gloria. Foco, pela historia adeante, das reivindicações do terceiro estado, *baluarte das liberdades patrias* no nosso tempo, o Porto de ha quarenta e tantos annos tinha, porém, mais o aspecto sombrio e socegado de velho burgo que o bellicoso ar de torrão fadado ao fermento de revoluções e á génese de heroes. Atrás dos balcões da rua das Flores e dos Clerigos havia uma sociedade pacata e laboriosa que monotonamente levava a sua vida de trabalho,

presando a sua honra, cuidando os seus callos, não se importando de politica, arrecadando com usura, gulosamente, as libras que o negocio lhe dava em seu provento; e, comtudo, esses homens, curtos d'aspirações, poupados no saber, correctamente mettidos nas suas longas sobrecasacas negras, trabalhando o dia inteiro, deitando ao domingo, regradamente, a sua merenda pelo rio ou o seu camarote no theatro, longe a longe, — eram velhos combatentes do cêrco do Porto, que fizeram frente audaz ás tropas miguelistas, ou dos que sustentaram depois, nas inconstancias d'um regimen adaptado á força a uma terra que o não queria, as luctas varias que por muito tempo seguiram, em contínuas rebelliões, imposições armadas, um mal-estar constante, uma maneira de ser instavel, o advento do constitucionalismo em Portugal.

«Da politica propriamente dita — escreveu o sr. Ramalho, no *Estudo critico* que precede a edição monumental do *Amôr de perdição* — tinham uma ideia longinqua e nebulosa a que a palavra *ladroagem* servia de vaga synthese», mas dos seus deveres de cidadãos — mesarios da Misericordia, irmãos de confrarias, juizes de paz, cotizando-se para festejar os santos padroeiros, comparecendo pontualmente, como a bons catholicos cumpria, a procissões e romarias, d'esses deveres tinham elles a consciencia mais nitida, como nitida tinham tambem, e intransigente, a sua ideia de moral. A dissolvencia dos costumes não entrára na pacatez honesta da rua das

Flores, nem tampouco a arte corrompera os candidos espiritos, emquanto os amantes de boas-letras soletravam em seus ocios as historias de cordel, com cavalleiros e princezas, e *A Virgem da Polonia* do conselheiro Bastos. Nem o *palheiro* da Assembleia encontrava farto assumpto nas suas nocturnas sessões de maldizer.

A sociedade portuense, sem pretensões afidalgadas, era quasi exclusivamente composta dos mercadores que já lembrei e da colonia inglêsa que, vivendo á parte, espantava os burguêses com a garridice dos seus trajos e a maneira, adeantada já, dos seus costumes. Isso quando uma mocidade endiabrada veio, com todas as arrogancias e todas as infantilidades que o romantismo francês lhe ensinára, a pôr uma nota inedita, com a novidade do escandalo e o pittoresco da aventura, num meio em que os bons costumes eram norma e reinava ainda o carroção. Começaram então a ser frequentados os cafés, a correrem as ruas os trens e os cavalleiros, a sublevarem-se as plateias em manifestações nunca mais vistas, a dormirem em sobresalto maridos de joanêtes e paes com filhas novas; a litteratura romantica venceu, dos livros passou o rapto para a historia de todos os amôres contrariados e, em frente da má-lingua do *palheiro,* ergueu-se, de sangue na guelra, travêssa, mais môça e mais cortante, a má-lingua do *Guichard*. Já menina em termos não havia que desposasse o caixeiro lorpa do papá, sem levar, a dentro d'alma, como folhas murchas

*

pelo outomno das esperanças illudidas, as cinzas d'uma paixão romanesca, com personagens de bigodes encerados e musas capazes de enternecer as mais esquivas. Já o casamento não era para os bons mercadores do velho Porto o sacramento que lhes dava a posse da mulher, por mais gentil, exclusiva á face de Deus e dos homens, por determinações respeitadas dos canones, da moral e da justiça. Era a edade de oiro dos Manfrêdos, jovens e tristes, de longos cabellos negros, pallidez de cêra, olheiras fundas, com um diccionario de rimas no bolso e a alma de Musset no coração. E essa mocidade portuense, não desprezando as suas tradições de valentia, esmurrando-se em pugilatos, pugnando a cacête e a tiro por uma tirada em folhetim ou a voz d'uma cantora, era, no fim de contas, uma legião de creaturas exaltadas, pelos modelos da época, importados da França de Lamartine, e que, no ardôr das suas aventuras, pondo a mascara d'um cynismo que triumpha, nem sempre deixavam de ser, por seu mal, apenas uns sinceros.

A população da cidade ficava assim, na parte que me interessa, dividida em duas facções: d'um lado os homens de acção, trabalhando de manhã até noite nos seus armazens e nas suas lojas, do outro, uns moços estroinas, desbaratando patrimonios, aproveitando a seu modo a vida, fazendo gala de aventuras, se bem que mettendo o coração em todas ellas, e, por essas e por outras, conquistando a granel as suas damas. Manda a verdade dizer que

se não comprehendiam uns aos outros, e que, apreciando-se de tal modo, fôram, por vezes, deploravelmente injustos, —porque nem o mercante era sempre e em absoluto abjecto e desprezivel, nem os rapazes eram tão maus nem tão perversos como o terror dos paes e consortes os pintava. Pelo que respeita a damas sensificadas e cavalheiros que lhes mitigavam com o alcide do amor a sua aplestia de caroaveis affeições, é de saber que estavam nesta afinação: Ellas, se tinham certos dotes litterarios, escreviam coisas d'estas:

«...Eu amei-o, oh meu Deus! era um anjo!
Era um anjo o mortal qu'eu amei;
Mas que digo? infeliz inda o amo
Só por morte de o amar deixarei.

Tem uns olhos castanhos escuros,
Quasi negros... que lindos que são!
Expressivos, tão ternos, tão meigos!...
Iguaes olhos não ha —isso não...

Nunca amara — era livre e ditosa,
Esses olhos mal vi logo amei.
Feiticeiros!... fascinam e matam;
Doidejando por elles fiquei.

Fiquei doida por olhos divinos,
Tão divinos como eu nunca vi,
Longos tragos d'amor ineffavel,
N'aura taça por elles bebi.

E o cabello? tão negro, tão negro,
Sua tez? tão morena e tão pura,
E os dentes? tão brancos, de neve,
E a gentil tão esbelta figura?

He poeta o meu anjo!... no peito
Coração de poeta lhe bate:
Como nunca, ó poeta eu t'adoro
Pois tu hes cá na terra o meu vate.

Ai eu t'amo co' estremo e doçura!
Ai eu t'amo com idolatria!
A um mortal tanto amor consagrado
Tanto amor... só a Deus pertencia.

O bom Deus castigou-me por isso:
O meu anjo infiel se tornou!
Gosta d'outra... e a mim — malfadada —
Tão inf'liz e tão só me deixou.

Gosta d'outra esse ingrato querido?
Gosta d'outra! e agora ai de mim!
Que tormento me rala minh'alma,
Que tormento, meu Deus... e sem fim!»[1]

E os homens iam dizendo maguas e amôres naquelle estylo, hoje morto, em que João de Lemos gemia os seus tormentos:

---

[1] Pertencem estas quadras a uma extensa composição que, com o titulo de *O meu viver* e assignada por *Uma portuense*, vem inserta no t. V da *Lisia poetica ou collecção de poesias modernas de auctores portuguezes*, publicada por José Ferreira Monteiro, em 1847, no Rio de Janeiro.

«Ouves além no retumbar da serra,
O som do bronze, que nos causa horror?
Foi mais um ente que voou da terra
Mais um poeta que morreu d'amôr.»

Porque nesse tempo morria-se d'amôr, lyricamente, fóra das imagens dos poetas e das paixões de má ventura das chronicas medievaes. E morria-se por vezes de modo tão extranhavel para a maneira de ver materialona dos nossos dias, que eu terei de encarar sem um gracejo, d'entre o grupo dos novos então em evidencia, alguns cuja sorte, com certeza, merece, pelo que tem de doloroso, o nosso respeito, antes mesmo de, pelo seu interesse como documento d'uma época e, de modo mais restricto, como caso morbido curioso, reclamar o nosso estudo.

Assim esse Jorge Arthur, versejador e enamorado, que ouvindo, da rua, cantar, entretendo as visitas de casa, a creatura amada que, por elle ser pobre, lhe não davam, se foi deitar da ponte abaixo, levando junto ao coração um boné de velludo, bordado pela mulher por quem morria [1].

Assim esse D. João d'Azevedo, poeta e romancista, que, amando uma mulher rebelde, fez imprimir e mandou-lhe um só exemplar d'um livro a descompô-la, o que lhe acarretou o odio d'ella e um maior motivo ás suas amarguras [2].

---

[1] CAMILLO: *A mulher fatal* e *Obolo ás creanças.*
[2] CAMILLO: *No Bom Jesus do Monte.*

Assim Jacintho Navarro d'Andrade que, depois de desbaratar o patrimonio, casou, e um dia, no tempo da febre amarella, já doente, ao ver a mulher morta, foi ao estabelecimento do Nilo, tomou um banho frio e entrou em casa moribundo para expirar horas depois [1].

E esse José Augusto que, sabendo, entre o rapto e o casamento com Fanny Owen, que essa senhora, já depois de o conhecer, escrevera a um amigo, dizendo que não tinha achado ainda coração que a comprehendesse, deixou-a, passados mêses, morrer virgem [1]. Quando dias depois, uma febre cerebral o levou, dentro da unica mala que conduzira para o hotel de Lisboa onde morreu, encontrou-se apenas um vestido de noivado e uma corôa de flôres de laranjeira [2].

E, além d'estes, que Camillo nos mostra dispersos na sua longa galeria, ainda esse outro antigo militar que, segundo o sr. Ramalho nos conta, «desenganado de todas as glorias, descrido de todas as illusões com que se póde illuminar uma existencia de mundano, fazia periodicamente uma peregrinação de nove leguas a pé, para ir a uma montanha da provincia do Douro ver uma rapariga do campo que tinha os olhos verdes e uma longa trança de cabellos louros. As paredes do quarto em que per-

---

1 CAMILLO: *No Bom Jesus do Monte.*
2 RAMALHO ORTIGÃO: Log. cit.

noitava, por occasião d'essas romagens, encheram-se de versos á que denominava, *A deusa dos olhos garços*». O original amante «morreu no Porto prostrado pelo abuso do alcool, em que tentava afogar o seu longo e pesado tedio, num quarto de dormir armado em barraca de campanha, tendo por decoração duas mumias trazidas do Egypto, e uma jaula em que se debatia e uivava um leão» [1].

E, a par d'isso, se corrermos, de passagem, as causas da morte da maior parte dos que nesse tempo figuravam na arte e no dandysmo e espantavam, com os seus principios e as suas arrogancias, a pacatez dos bons e honestos mercadores, iremos ver preponderantes a tysica, o alcoolismo, a demencia e o suicidio.

Nasceram esses homens num periodo de agitação politica, em que as tentativas de Napoleão ainda não tinham esquecido e o liberalismo rompia por toda a parte, berrando os seus direitos pela bôca dos tribunos ou pela intimação das bayonetas; Portugal vinha a ser, dentro em pouco, um reino sem rei, sujeito ao mando de todos, á mercê do alvedrio d'um bretão ou das ameaças d'um francês, ou das represalias violentas d'um povo revoltado. Não vem isto para demonstrar que nos invictos *Saint-Preux* medrasse o furor d'esse constitucionalismo que, entre nós, nunca foi mais que um inattingido ideal

---

[1] Ramalho Ortigão: Log. cit.

para meia duzia e, sob o sendal de hypocrisia, um suculento filão para a maior parte. A sciencia, porém, ensina que os individuos concebidos em certas épocas agitadas apparecem muito vulgarmente malformados ou soffrendo perturbações nutritivas e nervosas [1]; e, por esse lado, não espanta, mesmo que circumstancias individuaes nos não convençam, concluir que, afinal, com todo o seu ruido de escandalo, as suas arremettidas de D. Juans e de Quixotes, — a mocidade esturdia de ha cincoenta annos não passava de uma infeliz geração de nevropathas. Para esses bons rapazes, se alguma coisa de alto e respeitavel havia na vida era o amôr, esse amôr que os lançava sem medo nos braços da aventura, esse amôr que elles contavam e cantavam nas ingenuas paginas dos seus livros. O amôr era a redempção, a fortuna, o destino, e a morte...

Um facto basta que o comprove: Quando foi á scena, no Porto, pela primeira vez, a *Dama das camelias*, a gente moça deu em procurar por toda a parte, já não pelos salões, mas nas ruelas da miseria e do vicio, a Margarida Gauthier que o seu amôr redimiria. E o caso é que, na febre rehabilitadora, alguns d'esses homens desposaram, salvando da tysica romantica no ultimo lance, garridas damas que lá fôram, no correr do tempo, envelhecendo e encarquilhando, em charra prosa, como qualquer matrona honesta.

---

[1] FERÉ: Ob. cit., p. 18.

E' opportuno agora recordar a interessantissima evocação que, em 1885, Camillo fez d'alguns episodios da sua vida no Porto d'aquelle tempo. Vem no segundo volume dos *Serões de S. Miguel de Seide* e diz assim:

«A esta hora, na egreja de S. Ildefonso, no Porto, uns presbyteros de larynge sadia garganteam responsorios á beira do cadaver de um que ainda hontem era Juiz da Relação, e se se chamava João Roberto de Araujo Taveira. O concurso dos assistentes, quer official quer espontaneo, deve ser lisonjeiro para o benemerito defuncto. João Roberto, diz o *Diario* que me trouxe a dolorosa noticia, *era muito estimado pelas suas excellentes qualidades e respeitado pela inquebrantabilidade do seu caracter e rectidão de consciencia.* Entre tantos assistentes a essa derradeira scena muda e cega que o corpo representa na crosta do planeta, nesse berrado lyrismo de cantochão que apenas tem para o morto a vantagem de elle o não ouvir, posso jurar que ninguem se lembrou do que foi no Porto, ha 35 annos, aquelle velho que ali está na eça, rigido e inflexo, amortalhado na toga de desembargador. Em 1849 era João Roberto de Araujo Taveira um dos mais galhofeiros e satyricos rapazes da phalange do *Café Guichard* — que eu chamaria uma colmeia onde se emmelavam doces favos de espirito, se aquelle botequim não fôsse antes um vespereiro que desferia, ás revoadas, ferretoando os bócios dos gordos philistinos da *Assembleia* e as macias espa-

duas lácteas das suas consortes no coração e nos ádypos. Foi João Roberto sempre magro e de feições angulosas, typo castelhado de raça musulmana, olhos phosphorescentes e umas risadas estridulas quando tinha de castigar, rindo como Horacio, um inepto desvanecido ao victoriar uma boa e lusitana chalaça. A isso que hoje por ahi se inculca subtil remoque, arranque de espirito, chamavamos nós *chalaças*; e ás agudezas que actualmente celebrizam os Sternes e Pirons das *Havanezas* chamavamos, nesse tempo, *babuzeiras*, provavelmente — umas facecias aziumadas de velhice e expostas nos *trottoirs* betuminosos das tabacarias. Na mocidade de João Roberto e na minha, os estanques eram sentinas delecterias, umas colonias de microbios virgulados ainda então ineditos, pestilenciaes escandalos onde os viciosos, por medo da opinião publica, não paravam. Os Contractadores do Tabaco eram umas especies peoradas de *Mellos do Casacão* (Deus perdõe a todos!) que viviam medradamente das agencias d'aquelles bordeis de nicotina. A tabacaria ainda não tinha usurpado á botica a concorrencia de individuos, pletoricos de anecdotas lubricas, e archivistas dos maus costumes das familias de suas relações. A botica era o queimadeiro subalterno dos creditos, uma especie de patibulo succursal do *Palheiro*, grande centro constituido em uma sala especial da *Assembleia da Trindade*. Fazia-se ali a *Pall Mall Gazette* verbal do Porto, e esboçava-se a preexistencia do *Daily News*, de Chicago. A male-

dicencia do Café-Guichard era a vingadora das victimas do *Palheiro* em particular e da botica em geral. Nós profligavamos a corrupção dos velhos, a putrilagem purulenta que infeccionava, com a lingua, toda a florescencia das almas novas. Compunha-se o *Palheiro* de veteranos estropiados, um contubernaculo de argentarios invalidos com femeas espaventosas muito communistas, egressos, causidicos, ornamentos da magistratura, e até desembargadores e bastantes conegos, todos cabralistas e alguns, salvo seja, catholicos. Contavam, á vez, historias cantaridadas das Venus *au rabais* da sua mocidade, rapaziadas terriveis, particularizando miudezas anatomicas, musculaturas, curvas de carne, boleios de quadris e maciezas de epiderme, como se do craneo de cada qual estivesse a explosir o futuro Zola. Tal era o *Palheiro*, hoje provavelmente substituido atavicamente por uns calvos, com dentaduras problematicas, que, ha 35 annos, encalamistravam os bigodes e narcisavam as cabelleiras frizadas nos espelhos do Café-Guichard. O certo é que o *Palheiro* subsiste. As trombetas do progresso ainda não vingaram baquear aquelle pedaço da velha Jericó. É uma escrophula hereditaria do burgo de D. Moninho.

«No qual tempo, João Roberto escrevia chronicas semanaes no *Ecco Popular* com um pseudonymo. Estylo um pouco derramado, aziatico, mas adubado de picantes especiarias levantinas. Mordacidade felina, bastante delicada, mas com unhas sempre desembainhadas para impôr respeito nas brincadei-

ras. Havia guerra de adjectivos percucientes por causa das actrizes lyricas. Elle alistara-se no estandarte da Dabedeille, esvelta mulher. Um classico, sem medo do calembour, diria que toda a juventude portuense seguia as partes da cantora aphrodysiaca. Morgados da provincia arrebanhavam-se, como cerdos, á volta d'aquella Circe. Eu e poucos mais juramos levar pancada até morrer, sendo preciso, fiéis á bandeira da Belloni, uma creatura enfesada, feia, veletudinaria, casada e de mais a mais honesta. *Anastacio das Lombrigas*, um pseudonymo espirituoso que prognosticava a tenia, era o meu nome de guerra no *Jornal do Porto*. João Roberto arcou valentemente comigo e de modo tal que sahiu d'este mundo com as contas bem saldadas em moeda de epigramma, de insolencia e de troça. Ninguem sabia, nem o proprietario do jornal, o João Coelho, que morreu ministro em Berlim, quem era o *Anastacio das Lombrigas*. Quando eu tive, no momento physiologico de pancadaria imminente, a lenidade de o declarar em defesa de alguma supposta victima sem culpa nem grammatica, João Roberto applaudiu a minha franca lealdade, modificando para melhor a sua opinião impressa a respeito das minhas parvoiçadas lyricas, muito accentuadas na estolida pretensão de fazer-me mestre de esthetica portuguêsa, o Véron da Rua das Flores. D'ahi em diante, nos poucos mêses que convivemos no Porto, terçamos ainda as pennas de pato no campo do folhetim honrado, sem nos tratarmos de *pulhas*, de *patifes*,

e nem sequer de *bestas* — um caso mythologico nas polemicas indigenas. E entretanto deu-se uma causa irritante para voltarmos á cascalheira lamacenta em que os fundibularios carregam as fundas. Ainda hontem a li no *Nacional* d'aquelle anno; e, quando cheguei ao fim, as lagrimas não me deixaram deletrear as ultimas linhas. Saudade de tantos amigos mortos, e saudade de mim mesmo, da minha alegria, das minhas doidices, dos meus 23 annos.

«Foi assim. Os paladinos da Dabedeille, em numero passante de vinte e quatro, deram-lhe um jantar na Ponte-de-Pedra. Concorreram damas da primeira extracção com os seus perfidos esposos.

> Ditosa condição, ditosa gente
> Que não são de ciumes offendidos.

Casualmente passeava eu por aquelles sitios. Ia comigo Aloysio Ferreira de Seabra, um *bellonista*, fallecido ha muitos annos, conjurado tambem em deixar-se bater e matar por ella, que era feia, doente, casada e de mais a mais honesta. A fileira espectaculosa dos trens á porta da taverna beliscou-me a curiosidade. Quando soubemos que se festejava a cantora, apeamos com a innocente cobiça de ouvir os brindes. O taverneiro serviu-nos um quarto e umas enguias de caldeirada, ao pé da sala do banquete. Um dos commensaes que ainda vive e não podia ser senão o festival João Guimarães, que Deus conserve dilatados annos na recebedoria de

Belem, vira-nos curvados ugolinamente sobre as enguias rescendentes de coloráo, e chamou, de longe, a nossa attenção com uma palmatoria que um prospero acaso deparára ao seu espirito magistral; e, dando palmatoadas na sua mão esquerda, exprimia o symbolista imaginoso que o jantar dado pelos dabedeillistas á sua dama eram ideaes palmatoadas nos menestreis, a sêcco, da Belloni. Não soubemos estheticamente apreciar a symbolica de João Guimarães, sob aquella fórma pedagoga — uma ratice genial, com todas as irresponsabilidades de um organismo esquisito, como era o do nosso jovial amigo. Capitulou-se pois de repto o acto; e, sem previo debate, entramos, os dois, de copo em punho, na quadra do banquete, e brindámos á nossa dama, a dessorada Belloni, feia, enfermiça, casada e de mais a mais honesta. Entre aquelles vinte e tantos convivas havia rapazes muito valentes. Estavam os quatro famosos Guedes, da casa da Costa, o terror dos caceteiros cabralistas; os Leites de Paço de Sousa; bastantes morgados de Riba-Douro e Riba Corgo e Riba Tamega — uma gente bravia com ares de recem-vindos da Palestina, fartos de fluminar o montante, espostejando mós de turcos. Conhecia-se apenas que eram nossos contemporaneos, pelas mirabolantes côres com que vestiam — pittorescos como araras. Pois d'esses façanhosos nenhum se insurgiu contra nós. Ergueram-se apenas, floreando as facas do talher, com cabo de osso sujo, os três ou quatro unicos poltrões da companhia. Aloysio de Seabra

retirára ferido em uma das mãos pela ponta de um estoque de bengala; e eu, que entrára resoluto a morrer, inutilizado o copo na cabeça do mais cobarde, cruzei os braços esperando a morte numa attitude romana; e, se não cobri o rosto como Cesar, em vista de varios brutos sem maiuscula, foi porque a aba do frak não me chegava á cabeça. Parece que entre os três ou quatro carnifices havia hesitações: se me rebentariam de encontro á parede, ou se seria mais exemplar enforcarem-me em um galho do pinhal. Uma senhora hysterica, com uns soluços, dava-se geitos de querer desmaiar. Outra matrona unctuosa, frescalhona, de caracóes postiços, com ares de muito emancipada de etiquetas, dardejava-me olhos exophtalmicos furiosamente e vociferava: — *Pouca vergonha! pouca vergonha!* Ella parecia dominada do cruel appetite de me dar meia duzia de facadas nas entranhas. — *Que eu tinha-lhe perturbado a digestão*, dizia, muito azêda, com flatulencias, pondo as mãos espalmadas no alto ventre tympanizado. João Roberto d'Araujo Taveira e Antonio Guedes Infante perfilaram-se comigo. O Guedes ria-se — aquelle gentilissimo rapaz que, damas e homens, todos amavamos pela graça incomparavel do seu rosto e pelos encantos do seu riso sarcastico. Elle tinha inventado o *italico* na palestra oral; era pôr o dêdo sob o labio inferior quando a palavra era expedida. — *E' preciso*, disse-me elle então, *dar uma satisfação a madame Dabedeille, que é uma virtuosa senhora*, e griphava com o dedo debaixo

do beiço a *virtuosa senhora*. Entretanto, João Roberto, voltado contra o grupo dos cannibaes, perorava com gestos forenses e 5 razões: 1.ª Que era indecoroso atacarem um homem só e inerme. 2.ª Que o nosso brinde romanêsco a mad. Belloni, se não era uma expansão de corações sensiveis, tambem não podia considerar-se explosão definitiva do vinho da Ponte-de-Pedra que não prestava para nada. 3.ª Que mad. Dabedeille, com o seu rico, saluberrimo sangue e marmoreas carnes, a rebentar de sadia, não poderia levar a mal que dois cytaredos da sua rival anemica propuzessem um brinde á saude de mad. Belloni, uma dama que expedia dos gorgomilos infelizes notas cacheticas a pedirem misericordia e oleo de figados de bacalhau. 4.ª Que o sangue derramado por causa das duas primas-donas naquelle recinto, ou taberna, era uma orgia de sentimentalismo que envergonhará Portugal, um paiz serio, perante as nações da Europa culta e talvez na propria Tartaria. 5.ª e ultima razão, que me deixassem ir em paz e incolume, a digerir a minha paixão ou o meu vinho, se elle fôra o elixir que fizera retroceder o meu espirito até á edade media, enchendo-me a cabeça de Rolandos, de Amadizes, de Clarimundos e *Cavalleiros da Triste figura,* isto numa época de prosa em que as Dulcineas se festejavam a 3 pintos por cabeça numa estalagem de almocreves. E, curvando-se ao meu ouvido: — *Vá-se embora emquanto elles mastigam o meu discurso. Lembre-se você que a rhetorica de Cicero nem sempre salvou*

os seus clientes; nem elle proprio com toda a sua eloquencia se eximiu de o levar o diabo. Achei razão a João Roberto e fui-me embora. E no dia seguinte inventei uma vingança estrondosa — uma corneta de lata feita na Rua Escura que expedia berros atroadores; e, no theatro de S. João, inaugurei pateadas á Dabedeille com trompa. Nem inventei mais nada em toda a minha vida, na região do lyrismo. O martello já estava inventado pelo Diogo Maria, conde de Casal, o principe dos elegantes, que hoje esconde os destroços da sua vida atormentada nas brenhas de uma quinta no Alto Minho, sem saudade do que foi, porque entre as pompas da sua juventude e a sua velhice obscura está a imagem de uma filha morta a nublar-lhe o passado com tamanha paixão que todos os horizontes lhe fecha e aperta á volta de uma sepultura. Quem são os que ainda vivem d'aquelle banquete? seis ou sete dos vinte e tantos, quando muito. Há seis mêses acabou de morrer um, nas angustias da ataxia: elle era o mais irrequieto e alegre de todos nós — o Antonio Duarte Guimarães. Que desconto acerbo o dos seus ultimos annos, confrontados com os jubilos imperturbaveis da sua mocidade, e pela vida fóra, sempre honrada, até que os cabellos lhe encaneceram, e a doença entrou a esphacelá-lo por todas as fibras! Um dos restantes, era esse, o juiz da Relação João Roberto que a esta hora, hirto na sua mortalha de tafetá, em S. Ildefonso, inicia a putrefacção transformista do seu quinhão de materia que ali serve de pretexto á

algazarra latina fanhoseada por algumas dezenas de presbyteros com mercenária uncção e grande aproveitamento.

«Restamos poucos d'aquelles genuinos de 1849, sinceramente rapazes, pouco dinheirosos, nada convencionalistas; mas desinfectantes e imputreciveis no seio das familias, porque eram romanticos, castamente romanticos. Guedes Infante é consul na Gallisa. Quando nos encontramos, com interpostas ausencias de annos, conversamos de uns sujeitos que tiveram o nosso nome. Se os nossos risos pudessem ser liquidados, davam uma lagrima. Constantino de Souza Guedes, um dos restantes, seguiu immaculadamente a magistratura. Antes de envelhecer, quando o vulgar dos magistrados se arredondam e arrotam boas digestões, elle adelgaçava-se e estorcia-se nas dilacerações da nevralgia. Dos outros, não sei; ou, se os encontro, não os conheço, nem me reconhecem. Este que hontem morreu, encontrei-o, ha poucos mêses, pelo braço da esposa que lhe era um anjo bom em paga de uma adoração de muitos annos e sem intermittencia. Eu disse-lhe que ia morrer; e elle, com um sorriso animador: — *você está a ir morrer ha trinta annos.*

«E as primas-donas o que é feito d'ellas? Onde tiritam essas duas velhinhas que trouxeram ahi de escantilhão, de asneira em asneira, a juventude d'esta cidade, medieval nos seus amôres, e os corações dom-juanescos dos morgados de Riba-Douro, Riba-Corgo e Riba-Tamega? A Belloni nunca mais

cantou. Morreu logo. A Dabedeille poucos annos sobreviveu á sua pobre rival no proscenio. Lá foram ambas desafinar no côro dos anjos».

Nesse mesmo theatro de S. João, ha pouco destruido por um incendio, deu-se um episodio interessante que o sr. Ramalho Ortigão nos conta no seu já citado *Estudo critico*. Foi assim:

«O jornalista Novaes Vieira, o *Novaes dos oculos* ou *Novaes da Patria*, como variadamente lhe chamavam, publicou um artigo de maledicencia, em que três homens, Camillo, Faustino Xavier de Novaes e um outro cujo nome me esquece, viram allusões pessoaes que resolveram punir. No dia d'essa publicação malfadada, Faustino, chegando ao theatro de S. João, onde o redactor da *Patria* ia todas as noites, encontrou no pateo da entrada Camillo, rebuçado no *plaid*, com o *casse-tête* bamboleando pendente da sôga. — *Quem lhe dá aqui sou eu, que cheguei primeiro*, disse Camillo. Faustino subiu á primeira ordem, onde Novaes Vieira assistia de um camarote ao espectaculo. Á porta d'esse camarote, sobraçando uma longa chibata de picaria, passeava o anonymo a que acima alludi. Este personagem dirigiu-se attenciosamente a Faustino Xavier de Novaes: — *Se v. ex.ª vem tambem para espancar o sr. Novaes Vieira, rogo-lhe o obsequio de esperar de preferencia lá em baixo... — Lá em baixo está-o esperando já com logar tomado o sr. Camillo Castello Branco. — Nesse caso supplicar-lhe-hei que me faça a fineza de ir para esse primeiro*

patamar. Eu encaminharei para lá os passos do sr. Novaes Vieira, para cujo primeiro encontro sou eu que tenho a vez. Ha dez minutos que aqui estou. Assim, bem vê... O drama de expiação, em que o pobre Novaes da Patria estava destinado a figurar nessa noite infausta, foi pungente mas breve. Dentro de poucos minutos, o desventurado sahia do camarote em que se achava, era rapidamente estreiado com duas chibatadas, galgava como um gamo o primeiro lanço de escada; d'ahi rechassado a socco, vinha de um só pulo cahir sob o *casse-tête* de Camillo, no esteirão do fundo, e era consecutivamente levado em braços á botica proxima, com uma brecha na cabeça e duas costellas partidas».

Mas sempre esses doidivanas atiravam para um regaço de mulher, entre as petalas do galanteio, um pedaço de coração, de forma que, se era aquella a *mulher fatal* de que falam as chronicas do tempo, assim o namorado, num instante, iniciava a sua sina de amôr e de desgraça. Elles faziam versos, ellas liam-n'os, e os bons papás mercantes, vivendo num positivismo que não excluia, de vez em quando, a sua historia de coração, não queriam saber de musas e olhavam de soslaio para os endiabrados perturbadores da sua paz. De resto, a época, por qualquer ladò que a encaremos, apparece-nos com um certo ar de ingenuidade, toda de enthusiasmos espontaneos, uma maneira sinceramente simples em tudo, sem sombras d'uma preoccupação pelo gro-

tesco, que incommode, ou que constranja. Ia ser ainda essa a geração do

« Senhor Rei, acceita o preito »

arrôto lyrico-patriotico que um bardo enthusiasta arrojou, no S. João, ás regias faces do monarcha D. Luiz, — quando aos reis se falava em oitava rima e a Carta não gemia ainda o fado da desillusão. Ao vêr agora, já de longe, num meio tão diverso e, valha a verdade, tão menos interessante, essa sociedade pittoresca, com as suas usanças curiosas e a sua maneira, tão outra, de tomar a vida a serio, — a gente sorri, como Camillo, nos ultimos annos da sua vida, sorria, d'esse passado depressa desfeito, com a estabilidade ephemera das épocas de transição...

Foi comtudo nesse periodo, quando o feitio romanesco triumphava em toda a linha, que, num baile da Assembleia, Camillo deixou preso num olhar de mulher o seu destino.

« Era num baile. Ondulava
De ouro e sedas o salão:
O ar que ali se aspirava
Escaldava o coração.
Tinha fogo o olhar da virgem,
Fogo de amôr, de vertigem
Desse que inflama o pudor;
Tinha a mulher, anjo ou fada,
Uma existencia encantada,
Um condão fascinador!

Que linda noute, que vida
No salão se não viveu!
Que existencia tão florida
Nessa quadra rescendeu!
Que sorrisos tão mimosos
Se trocaram carinhosos
Nesse angelico festim!
Um galanteio era um hymno,
Que soava um som divino
Nos labios d'um cherubim.

Era um folgar incessante,
Era um delirio febril!
Cada qual cinge da amante
Breve cintura gentil;
Vôa com ella, embebido
No lindo collo pendido,
No eburneo peito ao desdem...
Sente arfar tão junto d'ella
O coração que revela
Ventura... e magoas?... tambem!

E, depois, lá murmuravam
Brandas, doces expressões...
Cada palavra que davam
Resumia mil paixões...
Uma só, um só sorriso,
Um olhar terno indeciso,
Uma supplica... talvez!...
E, no fim do baile, a pena...
A saudade... Ai! tão pequena
Foi a noite desta vez!» [1]

---

[1] CAMILLO: *Duas épocas na vida.*

«Quando entrei na sala, em que ella estava, ia triste. A escuridade interior do espirito vinha fóra espessar em volta dos olhos da face uma zona, côr das minhas imaginações, negra como a desesperança, como os vinte e dois annos sem amôr, como o tedio das delicias da vida apenas provadas. Vi, como se vê num sonho, sem conhecimento da alma pensante, o quadro confuso de espectaculos agradaveis. Giravam as valsas, sentia nas faces o halito das mulheres offegantes de cansaço, os vestidos em redopío agitavam o ar tepido, rossavam-me o braço hombros nús, seios alvos e duros como alabastro, e não sei se mais animados pela vida do coração que o marmore das estatuas. Se eram Galatheas não o sabia eu; Pigmaliões, no ardôr do olhar pareciam-me todos os que as levavam cingidas no pular vertiginoso da dança. E ellas deixavam-se apertar e elanguesciam, ageitando as feições de modo que pareciam envergonhadas da lubricidade d'elles. O espectaculo devia ser deleitoso para todo o homem que estivesse em paz comsigo e com os outros. Para mim era triste. Ali foi que eu conheci o que é o doer da solidão moral. Cessaram as danças. Um homem deu-me o braço e disse-me: — *Venha vêr as três mulheres mais lindas d'esta terra.* Da que primeiro vi mal me recordo. Se a procurar hoje, depois de doze annos, para acordar as reminiscencias d'então, não a encontro, que morreu. Da segunda nunca poderei esquecer os olhos. A luz que elles tinham, como o fogo das vestaes

nunca se apaga: a terra da sepultura abafa o recipiente da alma que chammejava nelles, mas a flamma vive sempre na memoria do coração que os contemplou um momento. Morreu tambem essa. A terceira eras tu. Vestias de branco, cahia-te da cintura aos pés uma faxa de sêdas em ondulações, ennastravam-te os cabellos enfeites de fitas escarlates tão graciosos como singelos. Aqui tenho deante de mim o teu retrato. Eras assim. Aqui me estás, no estio da vida, florindo a primavera d'então. Doze annos, e nem uma petala murcha d'estas flôres! Frescura, graça, meiguice, o sorrir caricioso, o olhar morbido, a voluptuosidade innocente, os teus dezeseis annos aqui neste retrato, que me está dizendo: *Se queres achar os estragos do tempo, procura-m'os no espirito. A formosura em mim é duradoura como a dadiva funesta de um destino irrevogavel.* Deixa-me recordar aquella noite. Eu contemplei-te. Viste-me; e, d'ahi a momentos, procuraste o desconhecido que ouviras dizer-se em sua consciencia: *Com esta impressão alimenta-se uma longa vida.* Não me viste já. O restante d'aquella noite passei-a lendo Werther e comprehendi-o. Imaginei-te amada, imaginei-te esposa d'aquelle que disputava a tantos um sorriso teu, comprehendi a paixão que nega o dever, que acovarda a dignidade do homem, e o desata das correntes da vida. A um relampago dos teus olhos, vi todos os arcanos tenebrosos do coração humano. Ao outro dia, pudéras vêr impressa a historia de um cinerario que se abrira, para que

as cinzas de um coração revivessem. Leste-a. Falava-se ahi de um anjo que puzera o dedo sobre a urna funerea. Os traços debuxados da creatura celestial eram os teus; mas nessa sala estavam três mulheres bellas, e tu renunciavas o primor á mais ambiciosa. Has-de crêr-me. Vêr, nos extasis scismadores da juventude, uma imagem, um aggregado de feições que raro se nos deparam complexas depois, e que se vão encontrando separadas e acaso se amam do amôr reflectido do typo imaginario, não é mentira nem mera visualidade de poeta.» [1]

Anna Placido, senhora somaticamente dotada de preclaros meritos e sua tendenciasinha morbida para as letras, era, ao tempo em que, segundo conta a historia, sentiu em si uma paixão intensa por Camillo, a noiva promettida do brazileiro Alves. Casou, dizem que depois de chorar muito, e se os annos que viveu com o marido, gosando em frente ao mundo o aspecto d'uma vida de tranquilla paz, passaram sem um reparo para o chronista meticuloso de percalços do coração, não o sabe nem o quer saber quem estas linhas escreve com algum fim mais alto que divulgar, em phrase limpa, as mais divertidas blandinas. Por esses annos andou Camillo, embora trabalhando sempre, numa vida incerta, em que o proposito de se afastar da creatura que espiritualmente o prendera não conseguiu vencer a tentação, mais forte, de ficar. Pensa em

---

1 CAMILLO: *Scenas innocentes de comedia humana.*

ir para o Brazil e não vae; retira-se para o Minho e logo volta; matricula-se no Seminario e, no momento de tomar ordens, vem-se embora.

Esse impulso de romantismo ardente, que o ia levando á vida de padre, influiu, durante um certo periodo, na sua obra. O mysticismo de Camillo era aquelle de que tantas vezes se acompanha a paixão amorosa. Na carta ao visconde d'Azevedo que vem inserta no volume da edição, feita onze annos depois, dos artigos sobre a *Divindade de Jesus*, escriptos nessa época, o proprio romancista nos fornece elementos bastantes para ajuizar do seu estado psycologico d'então. «Quando eu escrevi os artigos, que me foram testemunho da minha ignorancia ou hypocrisia nas praticas dos meus julgadores imprudentes, — diz Camillo — me estava eu dando a mim as razões da minha crença. Não sei se foi algum ingente infortunio que me fez ir alliviar o peso de minha cruz ao pé da cruz do Homem-Deus: devia de ser; umas quasi delidas reminiscencias do coração d'aquella edade me dizem que foi. O aperto da dôr espertou-me na memoria as orações da infancia. A mãe, que eu não conhecera, devia falar-me nessa hora. A luz que depois me guiou no rasto dos grandes infelizes, caminho do Calvario, devia de preluzir-m'a ella no animo conturbado e affligido, antes que o estudo me volvesse á serenidade da fé e ás fontes novas das aguas bemditas da esperança. Vi então rasgarem-se-me os horizontes da vida em annos de paz. Contava com a graça divina para

luctar e vencer, vencer-me a mim, o mais inexoravel inimigo que ainda tive. Enganei-me: as paixões sopraram rijas do lado do inferno; os vislumbres da graça deixei-os apagar no coração replecto de maus sedimentos. Volvi ás angustias antigas, ás trevas d'uma cegueira em que, por vezes, umas visões como os lampejos dos amauroticos, me davam rebates de saudade da luz perdida».

Sobre o modo como a opinião publica ajuizou a sua conducta neste lance, tambem o depoimento de Camillo nos não deixa duvidas. São ainda palavras suas, da carta ao visconde d'Azevedo: «O fervoroso desejo de entranhar a minha fé no animo de amigos bem inclinados, que se dispensavam d'ella, emquanto as miragens da vida, moça e enganada, lhes bastavam á lisonja d'olhos, e o coração, de grado, se entregava á cadeia doirada das esperanças: — aquelle fervoroso desejo, digo, foi grande parte no publicarem-se os argumentos com que eu respondia á philosophia indocil dos espantados da minha conversão. *Conversão* chamaram alguns o que meramente devera chamar-se *reflexão.* A juizo d'outros a minha religiosidade era hypocrisia. Os amigos arguiam-me de inepto; os inimigos de impostor...»

No Seminario, em 51, Camillo perdeu o anno por faltas. E, nos annos seguintes, a sua preoccupação dominadora era fugir d'esse amôr de mulher que o attrahia como um abysmo e assustava como um peccado. Por algum tempo, isolou-se num arrabalde de Vianna do Castello, em S. João de Agra.

Depois voltou. E era tal o seu empenho em convencer os outros, e porventura em convencer-se a si proprio, do mysticismo em que debalde procurava repoisar o espirito, que uma noite, no theatro de S. João, confuso deante do conselheiro Guilhermino de Barros, pretendeu desculpar-se da sua estada ali: — *Venho ouvir o* Moysés, *que é uma opera de assumpto biblico* [1]. Está dito que Camillo era um sensual; a imagem d'aquella mulher, esculpturalmente perfeita, que o attraía, não esquecera nunca; nos seus romances d'então apparece uma mulher idealmente linda, que o destino sacrifica a um brutamontes, e, nas entrelinhas, a cada figura, por maior diversidade de caracteres que as scindam, a gente vê, bem a claro, Anna Placido — a creatura amada sempre — e o marido atirado para a galeria dos bôbos que o romancista mostrava ao publico ridente, — como o mais precioso exemplar e o mais grotesco.

Se me não arreceasse da banalidade miserrima da imagem, eu diria que Anna Placido attraía Camillo como a luz attrae a borboleta. E foi afinal em 1858, no Bom Jesus do Monte, que a borboleta irremediavelmente queimou as azas fugidias. Elle viu-a, quando ella, junto ás arvores do Bom Jesus, acompanhava uma irmã doente. Elle viu-a; correu o lance do maior perigo e foi vencido. De volta d'ali, Anna Placido recebeu de Camillo a confissão do seu amôr nestas quintilhas:

---

[1] ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camillo.*

Quem ha ahi que possa o calix
Dos meus labios apartar?
Quem, nesta vida de penas,
Poderá mudar as scenas
Que ninguem pôde mudar?

Quem possue nalma o segredo
De salvar-me pelo amôr?
Quem me dará gota d'agua
Nesta angustiosa fragua
D'um deserto abrazadôr?

Se alguem existe na terra
Que tanto possa, és tu só!
Tu só, mulher que eu adoro,
Quando a Deus piedade imploro,
E a ti peço amôr e dó.

Se soubesses que tristeza
Enluta meu coração,
Terias nobre vaidade
Em me dar felicidade,
Que eu busquei no mundo em vão.

Busquei-a em tudo na terra,
Tudo na terra mentiu!
Essa estrella carinhosa
Que luz á infancia ditosa
Para mim nunca luziu.

Infeliz desde creança,
Nem me foi risonha a fé;
Quando a terra nos maltrata,
Caprichosa, acerba e ingrata,
Ceu e esperança nada é.

Pois a ventura busquei-a
No vivo anceio do amòr,
Era ardente a minha alma;
Conquistei mais d'uma palma
A' custa de muita dòr.

Mas estas palmas taes eram
Que, postas no coração,
Fundas raizes lançavam,
E nas lagrimas medravam
Com fructos de maldição.

Em ancias d'alma, a ventura
Nos dons da sciencia busquei.
Tudo mentira! A sciencia
Era um signal de impotencia
Da vã razão que invoquei...

Era um brado, um testemunho
Do nada que o mundo é.
Quanto a minha mente erguia
Tudo por terra cahia,
Só ficava Deus e a fé.

Lancei-me aos braços do Eterno
Com o fervor de infeliz;
Senti mais fundas as dôres,
Mais agros os dissabores...
O proprio Deus não me quiz!

Depois, no mundo, cercado
Só de angustias, divaguei
De um abysmo a outro abysmo
Pedindo ao louco cynismo
O prazer que não achei.

Tristes correram meus annos
Na infancia que em todos é
Bella de crenças e amôres,
Terna de risos e flôres
Santa de esp'rança e de fé.

Assim negra me era a vida
Quando, oh luz d'alma, te vi
Baixar do ceu, onde outr'ora
Te busquei, mão redemptora,
Procurando amparo em ti.

Serás tu a mão piedosa,
Que se estende entre escarceus
Ao perdido naufragado?
Serás tu, ser adorado,
Um premio vindo dos ceus?

E eu mereço-te, que immenso
Tem já sido o meu quinhão
De torturas não sabidas,
Com resignação soffridas
Nos seios do coração.

Que ternura e amôr e afagos
Toda a vida te darei!
Com que jubilo e delirio,
Nova dôr, novo martyrio
De ti vindo, acceitarei!

Se na terra um ceu desejas
Como ceu que eu tanto quiz,
Se d'um anjo a gloria queres,
Serás anjo, se fizeres,
Contra o destino, um feliz.

Faz que eu veja nestas trevas
Um relampago de amôr,
Que eu não morra sem que diga:
« Tive no mundo uma amiga,
« Que entendeu a minha dôr.

« Deu-me ella o estro grande
« Das memoráveis canções;
« Accendeu-me a extincta chamma
« Da inspiração que inflamma
« Regelados corações.

« Os segredos dos affectos
« Que mais puros Deus nos deu,
« Ensinou-m'os ella um dia
« Que d'entre archanjos descia
« Com linguagem do ceu.

« Os mimosos pensamentos
« Que, de mim soberbo, leio,
« Inspirou-m'os, deu-m'os ella,
« Recostando a fronte bella
« Sobre o meu ardente seio.

« Morta estava a phantasia
« Que o gelo d'alma esfriou;
« Tinha o espirito dormente,
« Só no peito um fogo ardente,
« Quando o ceu m'a deparou.

« Agora morro no goso
« D'uma saudade immortal.
« Foi ditosa a minha sorte;
« Amei, vivi; venha a morte,
« Que morte ou vida é-me egual.

«Egual sim, que o amôr profundo,
« Como foi na terra o meu,
« Não expira, é sempre vivo,
« Sempre ardente e progressivo
« Em perpetuo amôr do ceu ».

Assim, querida, meus labios,
Já moribundos, dirão,
Nas agonias supremas,
Essas palavras extremas,
Do meu ao teu coração.

Sabes quem é, neste mundo,
Quasi igual ao Redemptor?
É quem diz: « Sou adorada
« Pela alma resgatada,
« Por mim das ancias da dôr ».

« Estes versos chegaram ao seu destino,—diz o sr. Alberto Pimentel no seu livro *Os amôres de Camillo*, depois de transcrevê-los — fôram lidos, encontraram echo affectuoso num coração de mulher que os decorou ». E assim, porque tal amôr sahisse da reserva platonica em que confrangidamente se embrenhára, oito annos depois do primeiro encontro no tal baile, Anna Placido abandonou o marido, seguindo, com Camillo, por esse Portugal fóra, a exhibir vaidosamente aos olhos de censores e maldizentes o interesse picante da aventura. Pinheiro Alves, ferido pelo escandalo, processou por adulterio a mulher e o amante; a consorte foi presa no justo praso em que a justiça assim o quiz, e o romancista, incapaz, como em todas as épocas da vida, de tomar

com firmeza uma resolução, deixou-se levar, ora por conselhos precavidos de amigos, ora por instancias da saudade, numa peregrinação pelas terras em que logares ou creaturas estavam presos a um episodio inolvidado da sua agitada vida de outros tempos.

Lá foi a essa Samardan e viu a Luiza que em novo amára, seguindo com os seus filhos e as suas rugas o caminho da velhice, a Villa Real, onde a irmã de seu pae, decrepita e cadaverica, lhe disse que era necessario ser desgraçado, para não contradizer os fados da familia, [1] e ainda ao Bom Jesus do Monte, onde recentes recordações lhe traziam ao espirito, num nimbo de doirado idealismo, o seu amôr de então. Até que, instavel na propria posição de fugitivo, não podendo supportar por muito tempo a mesma orientação, destituido de toda a equilibrada força de vontade, passados quatro mêses, Camillo entregou-se ao carcereiro da Relação do Porto, [2] para que, sem entrave, a justiça resolvesse da incerteza do seu destino, porque se lhe não pedia já que dissesse da boa ou má razão da sua causa.

Na vespera (30 de setembro de 1860), tinha escripto a Vieira de Castro uma carta que principiava assim: «Meu V. de C.— Amanhã entro na Relação. Uma d'estas noites, impellido pela saudade, pela paixão e pelo remorso de ter offendido a martyr,

---

1 CAMILLO: *Ao anoitecer da vida.*
2 CAMILLO: *Memorias do carcere.*

entrei na Relação, subi, abriram-se três portas, fui até a encontrar, abraçar, chorar, e salvar-me da demencia. No dia seguinte, era um inferno na Relação: Presidente, procurador regio, guarda-mór, carcereiro, chaveiros, toda aquella cafraria endiabrada contra o meu arrojo. Que importa! eu tinha-me salvado, salvando-a...» [1]

O julgamento de Camillo e da sua cumplice no crime d'adulterio começou em 15 de outubro de 1861, um anno e quinze dias depois da entrada d'elle na cadeia, e terminou, no dia immediato pela absolvição dos accusados. Uma das testemunhas de defesa, o medico Joaquim José Ferreira, declarou que não podia depôr na presença do reu, em virtude do que, com a acquiescencia do tribunal, Camillo saiu da sala. «Meu pae, que ouviu este depoimento, — diz o sr. Alberto Pimentel num dos seus livros [2] — contava que fôra notavel e causára profunda impressão no jury. Ferreira entrára em minudencias physiologicas, discursára sobre a fatalidade dos temperamentos e os impulsos irreprimiveis da natureza em certos organismos. O seu depoimento foi o de um psychiatra. Surprehendeu então pela novidade». E assim, a eloquencia de um advogado, [3]

---

[1] J. C. Vieira de Castro: *Camillo Castello Branco (Noticia da sua vida e obras)*, 1863.

[2] *Os amôres de Camillo.*

[3] Marcellino de Mattos, pae do illustre alienista sr. dr. Julio de Mattos.

as razões de um medico e a consciencia de uns jurados, conseguiram que o tribunal perdoasse aos adulteros e elles pudessem seguir, agora juntos para sempre, numa vida que já não tinha certamente o encanto que lhe dera, esmaltando-a com aspectos novos de mais brilho, a illusão de um amôr que despontava.

A partir d'ahi, a historia da vida de Camillo é a historia da sua doença, que permenorizadamente eu contarei reatando o fio da narração dos incidentes curiosissimos da sua herança morbida. Afóra isso e abstrahindo do trabalho insano, constante e infatigavel do escriptor, essa vida decorre sem factos salientes sobre os quaes mereça deter, nesta altura do meu estudo, a attenção dos que o lêem. Basta que se diga, embora escusado fôsse dizê-lo, por estar em linha de logica irrecusavel, que essa vida não foi feliz, e a melancolia de um amôr morto, sem que, do lado do romancista, ficasse arreigadamente a estima ou o respeito, e depois o ciume, e o remorso, e a doença — sobretudo a doença, congenita, fatal e irreparavel — fizeram bem do declinar da vida aventureira d'esse homem de genio um periodo triste de tortura: Camillo foi um desgraçado.

Á hora em que morreu Pinheiro Alves, elle, recostado no leito, a lêr, sentiu que mão herculea o estrangulava[1] e, depois, na solidão da casa de Sei-

[1] ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camillo.*

de, rodeada de pinhaes, que pertencera ao brazileiro[1], os espectros, povoando-lhes as noites de nevrose, acabaram para todo o sempre a passageira paz da sua vida.

Quiz ser visconde e foi-o; ficou cego; aceitou remunerações dos cofres publicos; sentiu o azedume dos que o malqueriam calcá-lo, quando o seu cacete formidavel já não tinha um pulso que o brandisse; casou, foi pae de um filho doido e, de dôr em dôr, presa da fatalidade que parecia pesar, como de chumbo, por sobre a tara que má herança lhe deixou, não podendo já trabalhar — o seu supremo consolo, — aos 75 annos, na tarde do primeiro dia de junho, em S. Miguel de Seide, no seu gabinete de trabalho, já inutil, comprehendendo que para sempre o seu mal era sem cura: — matou-se.

---

[1] Vêr NOTA D.

NOSOGRAPHIA

«Parece-me, meu querido amigo, que não fugi ás heranças de pae, d'avó materna e duas tias».

(Carta de Camillo ao sr. Padre Senna Freitas)

I

Os factos

Camillo Castello Branco foi gerado no periodo mais intenso d'um amôr violento, e esse facto é importante na determinação etiologica do seu genio.

Numa casa em que dois doentes revolviam com amargura as cinzas da paixão que os unira e benevolamente encaravam, através das lagrimas, as diabruras infantis d'aquelle filho, Camillo viveu até aos nove annos, sem uma educação que de começo o orientasse na vida ou corrigisse na maneira de ser do seu espirito qualquer nativo mal, se é que o tinha. Nessa idade, começou a vida apoquentada, aos empurrões d'um conselho de familia que o levou para Villa Real e foi a causa da sua evasão da terreola, quando a rispidez da tia que o cuidava começou a asphixiar no sobrinho irrequieto as prematuras tendencias do homem livre. Homem livre esse que aos dezeseis annos se julgou preso pelos encantos da filha do tendeiro que fez do rapaz

leviano um mau marido e marcou o primeiro passo na sua accidentada carreira de aventuras.

Na vida de Camillo, que ahi começa, com os seus dramas, os seus triumphos, os seus combates e as suas amarguras, ha um symptoma morbido que salta aos olhos d'aquelles mesmos que não busquem na figura do romancista todo o interesse novo e elucidante d'um caso de doença. É a abulia, a falta de energia moral que trouxe esse homem de genio pela vida fóra numa hesitação de cada instante, que o fez iniciar diversas carreiras abandonadas logo, recorrer á vida de padre, cheio de fé, e, no momento de tomar ordens, vir-se embora, e que, alastrando para todas as faculdades do seu espirito, foi mais tarde a origem d'uma existencia de vagabundo, de terra em terra, e d'uma mutabilidade constante na maneira de julgar as coisas e os homens. As diversas tendencias litterarias a que elle a cada passo amoldava os recursos extraordinarios do seu genio, a variação dos generos de litteratura ao serviço dos quaes punha a sua phantasia inexhaurivel e a sua erudição ampla e firme, entram aqui propriamente como symptoma denunciador d'essa abulia. Era bem aquelle estado doloroso de irresolução constante que Leopardi definiu *Mille dubbietà nel deliberare e mille ritegni nell'eseguire,* como bem o comprova o periodo errante que precedeu a entrada de Camillo na cadeia após a aventura de Anna Placido e as palavras que elle deixou espalhadas, como a mais preciosa documen-

tação, na sua obra. Em 1881 escrevia numa carta ao sr. Silva Pinto: «Recolhi antes de hontem de Vizella e resolvi ir para Ancora no dia 24. Ainda assim, se me escrever, faça-o para Seide, porque eu não conto comigo». [1] Pode-se aqui presuppor, na mente do romancista, um receio de doença, esse receio que o obsecou durante a maior parte da sua vida, mas o facto é que o doente da vontade tem sempre essas e outras coisas a que recorrer para tornar explicaveis, aos olhos dos outros e aos seus proprios, aquillo que não passa de uma malsanidade que elle na maior parte dos casos desconhece. De modo que o symptoma da pathologia da vontade que se observa nos nevropatas é, no nosso caso, d'uma nitidez absoluta.

Entrando por assim dizer no mecanismo d'esse mal, vemos que em todo o phenomeno volitivo ha a distinguir a acção excitante, a percepção com a associação de ideias consequente e a determinação á qual na normalidade se segue mecanicamente a execução; mas, nos casos de abulia, o influxo originado numa dada excitação ou se dispersa num grande numero de direcções e dá origem a outras tantas determinações contradictorias, e irresolução portanto, ou conduz a uma resolução unica que se não chega a executar. [2] Mas toda essa hesitação, que

---

[1] *Cartas de Camillo Castello Branco*, com um prefacio e notas de SILVA PINTO. 1895.

[2] LE DANTEC: *Traité de Biologie*. 1903, p. 481-484.

é torturante, enfileira bem, por suas origens e consequencias, ao lado da infinidade de terrores doentios que Jolly, poupando-se ao passatempo de buscar palavras gregas para os baptizar um a um, conglobou na designação geral *caïrophobia*. A abulia poder-se-á mesmo chamar *bouleuenphobia* (medo de querer) entendendo-se neste caso por *querer* o exercicio amplo e perfeito d'uma vontade sã. E nem por essa concretização, que simplifica o estudo, o processo morbido se altera.

Vamos assim seguindo, passo a passo, a nosogenia de um estado neurasthenico, não perdendo de vista que a neurasthenia é sempre o indicio de uma tara nervosa profunda[1] e que «ella constitue o terreno mais proprio para o desenvolvimento das nevroses, das vesanias e mesmo das affecções organicas cerebro-spinaes, a ponto de se poder considerar como a origem commum da maior parte das doenças nervosas. Em summa, a neurasthenia cria a opportunidade morbida do systema nervoso».[2]

Enunciando os symptomas da nevrose de Camillo, eu tenho, em certa altura, de me afastar do quadro neurasthenico; a propria actividade prodigiosa do romancista, contrastando com a fadiga e a má disposição para todo o esforço, que é a caracteristica primeira do exgotamento, nos indica de começo

---

[1] RÉMOND: Précis des maladies mentales, 1904, p. 110.

[2] FÉRÉ: Ob. cit., p. 80.

que o diagnostico se não póde fazer aqui por um meio simples, grosseiramente, sem entrar no mais delicado estudo d'essa mesma actividade. Se bem que alguns symptomas, e entre elles a inaptidão para o trabalho intellectual, communs quando a neurasthenia é adquirida, muitas vezes faltem na neurasthenia hereditaria, embora nos doentes d'este mal o trabalho sustentado e perseverante seja, assim mesmo, superior ás suas forças. [1]

Camillo não tinha, realmente, esse methodo regularissimo de trabalho que é apresentado como exemplo em alguns escriptores de grande nome; elle não tinha as suas horas de labuta fixadas nem tão pouco uma tarefa contada em cada dia; escrevia por assim dizer aos jactos, *num impulso*, e é certo ainda que os seus periodos de intenso labor correspondem sempre a crises mais ou menos graves numa vida de aventuras, com a excitação consequente da sensibilidade malsana dos seus nervos. Annos havia em que a producção litteraria de Camillo se limitava a compilações de coisas feitas, e nunca essa producção foi mais copiosa que após a prisão por adulterio, quando a consciencia do grande homem se impoz o dever de sustentar com os unicos recursos do seu trabalho uma familia que o destino fizera chamar sua. São tempos de dispendio d'uma energia nervosa meia exhausta, seguidos

---

[1] Bouveret: Ob. cit., p. 204.

quasi sempre d'um periodo de abatimento, com mais um passo andado para a liquidação final que se avizinha.

E' opportuno citar aqui uma observação curiosa de Weygandt [1] que se adqua perfeitamente ao nosso caso. Esse professor da Universidade de Würzbourg procurou avaliar pelo methodo psycometrico a capacidade para o trabalho de intellecto na neurasthenia constitucional, e, para isso, os doentes deviam fazer, durante um tempo determinado, pequenas addições de numeros de um só algarismo, marcando entre cada uma o espaço d'um minuto, depois do que se podia, fixando o *quantum* de trabalho effectuado na unidade de tempo, estabelecer a chamada *curva de trabalho*. Constatou-se que, ao passo que em creaturas normaes a producção cresce ordinariamente durante os três ou quatro primeiros quartos d'hora, por consequencia do augmento de exercicio, para baixar em seguida, pouco a pouco, á medida que a fadiga se manifesta, — nos neurasthenicos constitucionaes se verificavam bruscos saltos no decorrer da producção, modificando-se por vezes no intervallo de cinco minutos, de 50 a 100 p. 100, e nos neurasthenicos por exgotamento a capacidade productiva desde o começo da experiencia ia baixando.

Neurasthenico constitucional era Camillo e eis

[1] Ob. cit., pag. 239.

porque o seu trabalho prodigioso, irregularmente feito, aos solavancos, longe de nos afastar do diagnostico aventado, no-lo vem justificar por sua vez. De resto, mais d'uma vez, Camillo se sentiu e confessou incapaz de trabalhar. Cito dois exemplos, extrahidos das cartas a Vieira de Castro. «A minha doença — escreveu Camillo — tem tido algumas intercadencias de abatimento; mas a cabeça peora quando o restante parece melhorar. Eu não tenho esperanças algumas de cura. Poderei viver alguns annos, mas sempre atormentado e incapaz de trabalhar ou pensar uma hora». E noutra carta: «Passam-se semanas sem que eu tenha sequer animo para sahir da cama. Não posso trabalhar...» [1]

Entrando agora no estudo das phobias, cumpre registar perturbações profundas na sensibilidade interna. Effectivamente, emquanto que, num individuo normal, a sensibilidade não alcança as vias conscientes de associação que residem na corticalidade e neurones superiores, nos casos de doença attinge-as dolorosamente depois de, numa superexcitação, passar os neurones inferiores, reflexos e automaticos. A essas sensações cenesthesicas, que é possivel considerar o *primum movens* da neurasthenia, que chamam toda a sua attenção e unicamente o preoccupam, o doente, capaz apenas d'uma reacção

---

[1] *Correspondencia Epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco.* 1874. T. II, p. 73 e 98.

insufficiente e dolorosa, não oppõe as suggestões solidas das acquisições sensitivas e sensoriaes anteriores, entra num estado de angustia, quer e não quer, tem desequilibrios de sensibilidade e intelligencia, e apenas as sensações cenesthesicas e as ideias que ellas evocam occupam, em plena posse, o campo da consciencia [1]. E' a opportunidade de todas as perturbações adstrictas ao estado neurasthenico; vem então, entre outras, a *arithmomania*, tão vulgar nos grandes homens e denunciada em Zola pelo medico Toulouse, a *onomatomania*, possivel de encontrar num estudo attento d'alguns dos mais salientes mattoides da litteratura symbolista, uma serie longa de obsessões e impulsões que podem levar até ao crime, a *loucura da duvida* de Legrand du Saulle e as phobias.

E digo obsessões e impulsões apesar dos reparos que possa suscitar a propositada associação d'estes dois termos. Porque realmente a coexistencia do dois syndromas em alguns estados morbidos não é facto que tenha passado sem reparo por parte de alguns auctores. Ainda não ha muito Soukhanov publicou na *Rousski Vralch* [2] um estudo sobre as ideias obsidentes e actos impulsivos (*Naviazt mysli i impulsivnya deïstvia)* pondo em contradicção as duas ordens de phenomenos e constatando, em caso

---

[1] J. Virès: *Maladies nerveuses*, 1902, p. 404-410.
[2] T. II, n.º 15, p. 561.

excepcional de existencia simultanea, uma fraqueza congenita das inhibições moraes ou um enfraquecimento de senso moral. Mas o facto irrecusavel, sejam quaes forem as razões que o justifiquem, é que obsessões e impulsões apparecem associadas em alguns processos morbidos, completando-se. Tal o caso, vulgarissimo nos estados neurasthenicos, d'um doente que, *obsidiado* pela ideia de não praticar um certo acto, a meio da sua angustia e não podendo resistir a uma *impulsão*, o effectua. «Muitas vezes a obsessão — diz Weygandt [1] — estende-se ao dominio psycomotor e torna-se então uma *impulsão*». «Todos estes phenomenos, obsessão e impulsão — observa Rémond [2] — são em realidade da mesma natureza; comportam uma fraqueza de vontade». «A questão está em saber — argumentam outros illustres psychiatras [3] — se as obsessões caracterizadas pela phobia d'um acto, isto é, por uma repulsão anciosa por esse acto, se relacionam de qualquer modo com as obsessões impulsivas, ás quaes, ao primeiro aspecto, parecem oppôr-se inteiramente. Em theoria, a questão não offerece duvidas e, pois que *toda a ideia d'um acto é um movimento que começa* (Féré), o medo de effectuar um acto deve ser uma tendencia para esse acto... Os proprios

---

[1] Ob. cit., p. 245.

[2] Ob. cit., p. 117.

[3] A. Pitrès et E. Régis: *Les obsessions et les impulsions*, 1902, p. 111-113.

doentes, que em geral se observam bem, dizem indifferentemente: *Tenho medo de ser obrigado a fazer isto* ou *Sou impellido, sinto vontade de fazer isto*. Noutros ha a coexistencia de phobia e propensão impulsivas, e em alguns, finalmente, a phobia termina pela impulsão.» «A impulsão morbida — conclue Dallemagne na sua *Pathologie de la volonté* — não é mais que o ultimo acto de uma especie de drama cerebral que começa pela obsessão e continúa pela ideia fixa.

Assente pois a opportunidade das perturbações nevrasthenicas, preparado o terreno, inutilizada de vez a resistencia, a nevrose póde, á larga, coinquinar o espirito. Na obra de Camillo, e nomeadamente nas suas cartas, preciosas como documentos de analyse noologica, ha a revelação, mais ou menos precisa, d'um numero avultado de phobias. As que mais notavelmente predominam são a *pathophobia* ou *nosophobia* (horror á doença) que, tomando por vezes o caracter obsessivo, nelle chegou quasi a constituir uma verdadeira *nosomania*, e a *thanatophobia* (horror á morte), consequencia natural daquella, que actuou com uma intensidade se é possivel superior ainda e correu a par d'essa morbida tendencia para o suicidio que em Camillo se revelou desde bem cedo. Assim, folheando a *Correspondencia epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco* na parte que contém as cartas de Camillo, escriptas no periodo decorrido de 70 a 72, encontram-se phrases como estas: «Sinto-me no

cabo da vida...... Estou tão doente que á uma hora da noite passada dei um beijo no meu Jorge cuidando que ia morrer. Foi uma ameaça de congestão cerebral que mais hoje mais ámanhã, me fulmina...... Esta noite passei peor; mas ainda assim conservei-me na cama. A grande desgraça é quando lá não posso estar. Parece que me faz horror a posição horizontal da sepultura...... Não me consideres encarecedor dos meus padecimentos. Eu estou gravissimamente doente e decerto te não vejo mais...... Agora, depois que estas creanças brincam felizes na minha negra atmosphera e a respiram com delicias, a morte apavora-me...... Esta infelicidade de doença não me deixa ir vêr-te. Figura-se-me que me ha-de apanhar longe de casa uma febre cerebral...... Comprehendo que as molestias te dobrassem mais cedo que as desgraças moraes. Se eu ha doze annos, quando comecei a ser tão infeliz, padecesse como hoje, ter-me-ia matado... .. Se ainda a muito custo escrevo d'isso que vês, antevejo a completa paralysia do cerebro, e em seguida a morte. ......A cura é impossivel. Não se regenera o sangue em circumstancias de vida tão deleterias...... A minha enfermidade não cessa nem me deixa esperar melhoras» [1] «Tenho — dizia elle, em novembro de 79, numa carta

---

[1] *Corr. Epist.* T. I, p. 32; T. II, p. 21, 51, 62, 109, 133, 144, 145, 173 e 177.

ao sr. Silva Pinto[1] —a, não sei se triste se alegre convicção de que vou emfim descançar brevemente». [1] «A preocupação da morte — diz o sr. padre Senna Freitas no seu estudo biographico[2] — é ainda mais familiar na sua penna. Chega a ser uma obsessão, como o precipicio de Pascal». «A cada passo — conta o sr. Alberto Pimentel num dos seus livros[3] — Camillo, imaginando os symptomas d'uma doença grave, chamava afflicto por D. Anna...... Uma vez, Camillo estava no periodo de se julgar muito doente e não querer sahir de casa. D. Anna Placido pediu, instou, supplicou a Camillo que fôsse dar um passeio com um dos amigos que o visitava. Camillo resistia, dizendo que não tinha forças, que iria morrer de inanição no meio da rua, porque havia muito que se alimentava mal. — *Vou dar-lhe o desgosto de morrer na rua*, disse elle ao amigo.» Quando, depois da morte do romancista, o sr. Alberto Pimentel esteve em S. Miguel de Seide, um vizinho de Camillo e seu dedicado amigo, o sr. Francisco Correia de Carvalho, observou a alguem que rememorava as circumstancias em que se deu o suicidio: «— Na vespera tinha andado a passear pelo meu braço ali no largo, em frente da egreja. Como começasse a soprar uma

---

[1] Ob. cit., p. 23.

[2] *Perfil de Camillo Castello Branco.* Nova edição, 1888, p. 29-30.

[3] *Os amôres de Camillo.*

aragem fresca, o sr. visconde disse-me: *Vamos embora, que tenho medo de uma pneumonia.* Ainda na vespera do suicidio temia tanto a morte!» [1]

Eu disse que a thanatophobia correu a par da tendencia para o suicidio, que em Camillo se revelou desde bem cêdo. Essa circumstancia, apparentemente paradoxal de o horror á morte conduzir com frequencia ao suicidio, citada por alguns auctores, mereceu a Nicolau um desenvolvido estudo. [2] É um facto sem duvida interessante mas para encontrar um paradoxo no qual nós teriamos em boa razão de considerar o suicidio resultante d'um raciocinio são, cahindo assim num paradoxo tanto maior quanto elle aqui se dá num caso confesso de desequilibrio anterior que as phobias descortinam.

Entre estas notarei mais a *celaphobia* (horror aos ruidos), consequencia natural da peresthesia dos seus ouvidos hyperacusicos, que durante a vida toda lhe fez um dos maiores dos seus tormentos. «Cá tenho o ferro em braza na cabeça» — escreve elle em carta a Vieira de Castro. E ainda: «Escrevo-te com cabeça empanada em parches de vinagre. O que eu sinto ha doze noites seguidas é um estrondo infernal nos ouvidos, uma zoeira de cata-

---

1 ALBERTO PIMENTEL: *Os netos de Camillo*, 1901.

2 *Thanatophobie et suicide.* Annales méd. psychol. 1892, T. XV.

dupas que me não deixa estar sequer cinco minutos deitado. Tenho phrenesis que me despedaçam...... O peor é este rolar de trovões que me estruge na cabeça. Ora vê tu, meu caro José, que desesperação não poder eu um instante fazer calar estes estrondos, e tamanhos que me acordam em sobresalto! A medicina não tem nada para isto!..... Tu não imaginas os dolorosos caprichos d'esta enfermidade que me está despedaçando. Lá vejo no ceu a lua serenissima. O estrondo que me rebôa nos ouvidos não me deixa ouvir o mar. Assaltam-me impetos de loucura quando penso que este inferno não ha-de passar...... Escrevo devagar porque tenciono concentrar-me quanto possa e porque acho difficuldade em escrever. Este incessante estrondo na cabeça dia e noite, chega ao extremo de me pôr deante a morte como unico remedio...... Este tormento dos ouvidos é d'uns que eu d'antes imaginava que me endoideceriam se durassem uma hora. Como se não bastassem vinte mêses de ouvir incessantemente uma zoeira de mar tempestuoso e um silvo de vapor, accresceu agora a dôr penetrante de lado a lado...... Hoje estou soffrendo muito da zoeira e d'uns vagádos que me assustam... Se me dissessem antes de eu adoecer que havia de estar assim dois annos, eu cuidaria que ao fim de poucos dias preferiria a morte». [1]

---

[1] *Corr. Epist.* II p. 27, 33, 58-59, 62, 69, 97 e 133.

Poderei ainda citar a *antropophobia* (horror á multidão) e a monophobia (horror a estar só) oppostas, alternando-se nos periodos de abulia mais intensos. «Aquelle que escreve estas linhas — disse um redactor *d'O Mundo,* dando noticia do meu *esboço de critica* sobre o grande romancista [1] — viu, uma vez, receber-se numa estação telegraphica de Lisboa um telegramma lancinante de Camillo. Era dirigido a Fernando Palha, com quem o illustre escriptor se relacionara, cremos que em virtude de investigações historicas a que ambos se dedicavam. O telegramma dizia pouco mais ou menos, isto: *Estou aqui, na Povoa* (seria na Povoa? não temos a certeza) *só e abandonado. Venha v. ex.ª ver se me salva, levando-me para Lisboa.* O resto é textual, de tal forma se gravou no nosso cerebro, então de creança, este grito de mortal desamparo. Este telegramma deve ser de 1888...»

Poderei citar a *photophobia* (horror á luz) coincidiu com os primeiros assomos das perturbações visuaes. «Basta dizer-te — confessa o proprio Camillo nas *Vinte horas de liteira* — que escrevo sempre á luz do crepusculo. Os meus olhos não comportam outra luz. Quando os dias estão lucidissimos do brilhantismo do sol, eu tomo do favor de Deus a frouxa claridade de um raio coado por transparentes negros. O meu gabinete de trabalho, durante os

---

[1] N.º de 26-6-1905.

mêses explendidos do anno, é um continuado começo de noite».

Poderei citar ainda a *keronauphobia* (horror á obscuridade) manifestada, mais tarde, quando a affecção visual tomou caracter grave. Em 1885 — conta o sr. Alberto Pimentel [1] — estive em casa de Camillo, na Povoa de Varzim, e ahi lhe li o original dos *Idyllios dos reis*. Quatorze luzes, em duas serpentinas de sete castiçaes cada uma, illuminavam a sala, que aliás era pequena. Era assim que Camillo queria afugentar as trevas que avançavam».

Depois, ainda, a *phobophobia* (horror ao mêdo), com os seus terrores morbidos. «Esgotado de forças — diz ainda o sr. Alberto Pimentel [2] — exaltada a imaginação como fornalha accêsa, Camillo era dominado por tenebrosos pavôres, visões torturantes...»

Por fim, a *pantophobia* (horror a tudo) e, restrictamente a *biophobia* (horror á vida) antecedente natural do suicidio.

Como signal d'um estado pathologico mais grave, as obsessões e as impulsões fizeram-se sentir no romancista, mas d'uma forma velada, revelando-se apenas num ou noutro ponto mais saliente da sua vida publica e não dando margem, porisso

---

[1] *O romance do romancista.*

[2] *Os amôres de Camillo.*

mesmo, a uma análysе perfeita. Talvez à manifestação obsessiva mais perfeitamente caracterizada fôsse o amôr, esse amôr morbido que corre definido em livros como «a hypertrophia d'um sentimento verdadeiro e, por consequencia, um caso pathologico» [1] Camillo foi nitidamente um nevropatha amoroso. Não teve perversões, é certo, mas amou á doida, com um exclusivismo que em certas épocas da sua vida punha de parte qualquer consideração d'uma outra ordem e bem se póde, sem esforço, comparar, em quadro de nosologia, á ideia fixa. Elle não seguiu aquelle conselho d'um personagem de Musset: «Usae do amôr como um homem sobrio usa do vinho; não vos embriagueis». [2] Embriagou-se, exagerou: e a tendencia para a exageração de todas as sensações penosas ou agradaveis, nos doentes neurasthenicos, procede da propria natureza da doença, d'essa diminuição de energia moral que é um dos seus caracteres mais salientes [3]. Violento e inconstante, e soffrendo todo o dispendio nervoso d'essa violencia e toda a dôr moral d'essa inconstancia, elle escreveu num romance [4] estas palavras, que são um precioso documento para o estudo da maneira de ser do seu amôr:

---

1 EMILE LAURENT: *L'amour morbide*, 1896, p. 82.
2 A. DE MUSSET: *La confession d'un enfant du siècle*.
3 BOUVERET: Ob. cit., p. 74.
4 *Onde está a felicidade?*

«Moralistas, dae-nos uma figa de azeviche para afugentar o demonio da tentação: traze-la-hemos devotamente sobre o espirito fraco, o espirito maleavel, que se presta a todas as fôrmas, esse camaleão intimo que varia de côr a cada novo raio de luz dos ultimos olhos que o fixam. Corrigi os defeitos do systema nervoso de Guilherme. Transfundi-lhe um sangue mais sereno, menos irritavel, nas arterias. Dae-lhe o remanso da paz no regaço de uma mulher, seja ella rainha, ou costureira. Remi-o da infelicidade que traz comsigo a inconstancia. Fazei que elle não chegue aos trinta annos detestando as vinte variedades de mulheres [1] que conheceu, e detestando-se por ter abusado das faceis regalias, que o oiro, a juventude, e a seducção lhe serviam em mesa de risos e venenos, como nos festins dos Borgias. Arrancae-lhe do fundo do seio o espirito inquieto, que principia por travessuras, e acaba em ciumes rancorosos: insufflae-lhe lá uma alma nova, pacifica, facil de nutrir-se, parca e susceptivel de adormecer na paz pôdre de uma amisade burguèsa, e estupidamente feliz... Moralistas, quando tiverdes descoberto o processo de

---

[1] «*D. João, num momento de humor sombrio dizia-me, em Thorn: Ha só vinte variedades de mulheres, e logo que se conhecem duas ou três de cada variedade, começa o fastio.* — STENDHAL, *Physiologia do amôr*, cap. LIX.— O auctor conhece vinte e uma variedades».

(Nota de CAMILLO).

encadear o espirito, devereis erguer um cadafalso para os infames voluntarios, que arremessarem a mulher ao abysmo...»

Nessa mesma paixão por Anna Placido, a mais violenta talvez, com ser a ultima, a saciedade veio dentro em pouco, e a vida seguinte, com ciumes, recordações de tempos idos, insultos até, a essa mulher em quem elle teve, ao que se diz, uma enfermeira dedicada, — foi toda ella uma expiação cruciantissima. Não é preciso recorrer ao relato mais ou menos fiel de testemunhas para conhecer a historia d'essa ligação com Anna Placido, depois do periodo romanesco da prisão e do idyllio; basta transcrever algumas paginas do livro de Camillo *No Bom Jesus do Monte.* Nesse livro, publicado pela primeira vez em 64, e no qual o auctor evoca todos os periodos da sua permanencia no Bom Jesus, vêm elementos bastantes para a reconstituição d'essa historia maguada e melancolica de desillusão e desalento. São palavras d'elle, na parte relativa a 1858:

«Estava ella sentada num comoro tapeçado de relva. Ao seu lado, com a fronte pendida ao hombro d'ella, estava a irmã, quinze formosos annos, um coração de Deus. Olhavam ambas contra as agulhas do Gerez toucadas de nevoas. E eu, que pedia ao Senhor um sorriso d'aquella mulher, e depois o somno do infinito esquecimento, abria uma letra num tronco e dizia no recesso de minha alma: *Ella ha de vê-la.* Ouvi-lhe a voz: cantava no tom abafado de quem quer ser sómente ouvida em seu coração.

Onde podia ir aquella toada saudosa? Eu estava ali, eu, que lhe daria o meu seio, a minha juventude, a minha honra para escabello dos seus pés! Onde podia ir aquella toada saudosa? Oh Belleza eterna e Verdade eterna! oh Suprema Intelligencia, que bafejaste á minha alma o calor das inextinguiveis paixões, rompe essa represa de lagrimas, e lavem-me ellas a nodoa do crime, se em amá-la injurio as vossas leis e postergo os deveres da humanidade! Assim orou o meu espirito ao Espirito do Senhor. E, adormecendo com a face encostada ao musgo do rochedo, sonhei este sonho: Era num carcere; eram tresentas e noventa noites de carcere. Eu estalejava de frio e horror. As multidões premiam-se ás rexas das minhas grades e cuspiam-me no rosto, conclamando: *Maldito!* E eu, debulhado em lagrimas, dizia: — Deixai-me a honra do coração, e macerai-me as carnes, e triturai-me os ossos. E o sonho continuou. Era no hospital. Eu inclinava o peito, crivado de dôres, sobre uma banca para ganhar, escrevendo e tressuando sangue, o pão d'uma familia. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas precursoras da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre. E das fadigas incomportaveis do lavôr ia a refrigerar-me a fronte ao espirar reanimador da mulher amada, e servida com a immolação de todos os desejos, das esperanças todas. E era esta mulher a que eu vira sentada no comoro tapeçado de verdura no Bom Jesus do Monte. E ella repellia-me, dizendo: — *Tenho direitos á luz dos teus olhos, ao*

gue das tuas arterias, e ao ar dos teus pulmões. *abalha, escravo!* E o sonho continuou: Cahia o rradeiro bago da ampulheta do sexto anno de artyrio. Era por noite horrenda... O anjo reobo da perdição d'aquella mulher com um stylete fogo, avincou-lhe na fronte um lemma ignomioso! E o anjo da salvação, triste, ajoelhado, com s olhos no ceu, chorava. E o reprobo, numa toada le infernal escarneo, levantava este cantar:

....
....
....
..............................[1]

E o anjo bemdito, num suspriar de gementes notas, dizia:

Não és culpada; és escrava
Da tua estrella funesta.
A sorte abysmos te cava
E tu pões o pé na aresta!

E o anjo precito:

E és cega! e nessa lama,
Em que te vês immergida,
Ainda tua voz clama:
« Gloria á mulher perdida! »

---

1 Assim, no original.

Acordei! O ceu estava lindo e sereno c
terra! Gloria a Deus! que estes horrores só
concebê-los a alma sonhando. Oh! a mulh
mosa, a santa do meu amôr, a immaculada q
manchei num sonho, aquella mulher... Mor

E, na referencia a 1863:

«Já outro coração, outra alma e outra lu
tavam apagadas as lampadas electricas dos
arvoredos. As arvores... eram troncos e fol
ceu era o espaço interposto aos corpos lumin
opacos. A agua das fontinhas era a combinaç
88,91 partes de oxigenio com 11,09 de hydro
O sol era o centro do systema planetario. A
era um processo escuro de bronchites. E
era o homem da natureza. E, por isso, naturali
me constipei, assim que da calma do caminh
sei á frescura das sombras. E eu d'antes nã
constipava. Era clima de Paraizo terreal para
aquelle! Bastava-me a lava interior para
ás frialdades da periferia. A sombra dos
plátanos nunca me havia instillado aos bron
uma gota de peçonha. As almofadas de
quando me eu deitava por aquelles combros,
me coaram aos ossos o rheumatismo. E agora,
zado o viveiro d'oiro d'onde me sahiam as po
candidas das minhas chimeras, todo o meu s
era um gemer de entrevado, que se contor
angustia. Ao meu lado, á cabeceira do meu
de enfermo, com o cotovêllo appoiado ao tr
seiro humido de minhas lagrimas, estava uma

maldita do Senhor, o ministro da flagellação expiatoria dos erros de minha vida. A sua bôca extravasava de sarcasmo; dos olhos coruscavam-lhe as faúlas, que resaltavam do coração feito braza infernal; o bafo rescaldava, como lingua de fogo. Era assim a visão maldita do Senhor. E eu, com o peito arquejante de ancias, punha aos labios o travor d'aquelle calix, e dizia: *Amplius, amplius, Domine!* Quando eu, através da vidraça, expraiava os olhos por aquelle ceu, dizia abafando os soluços: *Oh ceu das minhas alegrias! oh alva nuvem onde vos vejo ir amortalhadas! oh cantoras das selvas, os vossos regorgeios já me soam como o gemer da ave hybernal sobre um tumulo.* E chorava sem vexames dos meus cabellos brancos. E o Senhor, depois que eu chorei muito, mostrou á minha escuridade um como lampejo de gladio na mão de um archanjo de semblante formidavel de pavor. Estremeci até á medula dos meus ossos, e ouvi: — EXPIA! E, desde aquella hora, as minhas agonias tem a doçura do escravo, que conta os dias do captiveiro remissivel. Bemdito sejaes, Senhor Deus de Saulo, que vos amerciaes do delinquente, afogando-o na onda da agua amarissima de expiação!»

E numa pagina das *Scenas innocentes da comedia humana:*

«Eu pedira a Deus a paixão em que um dia de prazer custa annos de agonia. Pedi-lhe o flagello do ciume, e o Senhor pôs a meu lado o anjo maldito que matara Desdemona, e arrojara um cadaver

aos pés de Carlota. Uma tortura para cada fibra, um rugido de homicida para cada homem que a contemplava, e, podia, no secreto da sua phantasia, imaginar o sabor de um beijo dos labios d'ella. Tinha amigos, e injuriei-os e perdi-os para que m'a não vissem. Escutava-lhe anciado as palavras do sonho, e contemplava-lhe o seio com o amôr vertiginoso de um louco, e a insania furiosa de quem quizera na ponta de um punhal roubar-lhe o segredo do coração. E, se ella balbuciava, num vagido infantil, o meu nome, os meus labios convulsivos respondiam-se com um beijo em que me sahia da alma o inferno incomportavel da duvida. Ella dissera-me um dia: *Sou a tua mulher fatal!* Eu fitei-a com o assombro de homem, affeito a vêr na mulher a creatura fragil, a linda e quebradiça argila que não podia conter seis lagrimas sinceras de um coração varonil. *Sou a tua mulher fatal!* Contemplei-a, ouvi-me da voz da consciencia que nunca invocara para as chimeras do amôr, e a consciencia disse-me: *Será*».

Finalmente na *Recapitulação,* ainda do livro *No Bom Jesus do Monte:*

«... circumvaguei um extremo olhar ás minhas arvores. Depois, no cercado da ultima capella, encostei a face ao musgo de uma rocha, puz o meu espirito no remoto ponto dos vinte e sete annos passados, desde a primeira vez que ali viera, e desci discorrendo até áquella hora derradeira. A cada passo tropeçava num tumulo......

«A mulher da paixão, que eu, no pavôr da minha soledade, pedira ao Senhor;

«A mulher que me acorrentou a um cadafalso de supplicios ignominiosos;

«A mulher que me levou as virtudes da alma e o pudor do coração, quando eu já não tinha lagrimas, que me ella pedisse;

«A mulher, a quem a Providencia divina, em sua ira justiceira, atirára aos gryphos do dragão do mundo, contra o qual eu puzera o peito, emquanto o coração teve sangue que expedir;

«A mulher que me fez odiar a justiça de Deus, e insultar a providencia dos homens;

«Essa mulher morreu.»

Essa mulher morrera de facto, porque o amôr de Camillo por ella entrara para o numero d'aquellas que elle mesmo chamava as «affeições cahidas á voragem infernal do desengano» [1]. Deixara-lhe a saudade, é certo, a saudade d'uma paixão arrebatadora e ardente, mas essa mesma envenenada pelo remorso, um remorso doentio que imperou como uma obsessão de terror nos derradeiros annos da vida de Camillo. Em todas as suas amarguras elle via o castigo de Deus e na tranquillidade que buscava para o corpo e para a alma, longe dos ruidos das cidades, na serena quietidão d'um recanto minhoto, ali mesmo, em Seide, «havia a atormentarem-n'o

---

[1] CAMILLO: *Amôr de salvação.*

— diz um seu biographo [1] — espectros sinistros, sombras, phantasmas, visões de remorso, e nos *pinhaes gementes*, que rodeavam a casa, gritos de maldição, clamores de vingança, que elle, desde a morte de Pinheiro Alves, jamais deixara de ouvir». Em 9 de março de 88, Camillo desposou finalmente Anna Placido. Cerimonia breve e muito intima realizada de noite na casa da rua de Santa Catharina, no Porto, onde, ao tempo, estava residindo. Pensa o sr. Alberto Pimentel que o grande escriptor casou a instancias de amigos seus e cita mesmo os nomes dos srs. Joaquim Ferreira Moutinho e conego Alves Mendes [2]. A mim me quer parecer que ao remorso de Camillo e aos seus escrupulos ao aproximar da morte se deve attribuir essa resolução. De facto, já em 1879, nove annos antes, Camillo pensara em se casar com Anna Placido quando, sabendo-a com uma angina-pectoris, a considerou perdida. «Se ella morre — dizia elle então numa carta ao sr. padre Senna Freitas [3] — a saudade ha de pungir-me com o remorso de a não ter honrado aos olhos dos filhos e do mundo.» Em 88, Camillo estava atravessando uma mais intensa crise de desanimo atroz. O sr. Alberto Pimentel afirma no *Romance do romancista*, referindo-se a esse anno, que Camillo «numa hora de maior desalento, resol-

---

[1] ALBERTO PIMENTEL: *Os amôres de Camillo.*
[2] *Os amôres de Camillo.*
[3] Cartas ineditas. (Vêr NOTA E).

veu partir para o Porto». Não era então Anna Placido que se podia considerar perdida; era elle que a si proprio, com a consciencia perfeita do mal que o perseguia, se considerava assim. De novo apparecia o perigo de aquella ligação se quebrar pela morte antes que elle houvesse «honrado aos olhos dos filhos e do mundo» a mulher que por amôr d'elle se perdera.

As transcripções que ha pouco fiz de trechos da obra de Camillo, em que mais ou menos isoladamente se allude ao seu caso d'amôr, dão-me o azado ensejo de dizer que Camillo, como quasi todos os neurasthenicos, vivia muito do passado, comprazia-se em recordar os mais gravativos incidentes da sua agitada vida de aventuras, e por tal fórma que d'esse facto, junto com a qualidade, morbida tambem, da inconfidencia, deriva o fundo de uma grande parte das suas obras.

Tinha ainda Camillo, bem marcada, essa tendencia pathologica para a auto-observação de que quasi sempre a neurasthenia se acompanha, e pena foi que a falta de conhecimentos de psycopathia, o tenha inhibido de dar a esse inquerito de cada instante uma orientação mais proveitosamente scientifica. Se algum medico, amigo de Camillo e já versado na maneira moderna de considerar os males da alma, colheu d'uma observação directa e minuciosa os dados preciosissimos que só uma observação assim nos póde dar, o resultado do seu trabalho ficou occulto; de modo que quem hoje queira con-

scienciosamente fazer a critica, encontra a cada passo lacunas insuperaveis, abertas a hypotheses sempre vagas pela impossibilidade de as verificar com segurança. Assim, se nem sempre o quadro nosographico nos apparece mais ou menos integro, não é bem porque Camillo deixasse de ser aquillo que em medicina se costuma chamar *um bom caso,* mas porque a documentação de certos symptomas não é tão completa, que por si só nos consinta, sem escrupulos, registá-los. De resto, para o estudo perfeito d'um exemplar como Camillo, haveria a pôr em pratica, durante a sua vida, um certo numero de methodos de observação cujos dados seriam d'um valor indiscutivel. Seria mistér recorrer á anthropologia, effectuando as mensurações craneanas, á analyse das urinas, ao hydrophymographo e ao myographo, para o exame do apparelho circulatorio e da emotividade do doente, seria mistér estudar rigorosamente os phenomenos da sensibilidade geral e tambem os orgãos dos sentidos, especializando no nosso caso o campo visual, e, além de tudo isso, fazer mil outras observações que se tornaria longo e fastidioso enumerar inutilmente. Mas o facto de faltarem elementos de importancia não poderia nem deveria impedir que eu dirigisse o meu estudo com a unica orientação compativel com o rigor scientifico da critica moderna. Seria improductivo fazer psycologia sã num homem como Camillo, em quem os stygmas morbidos se accentuam d'um modo tal que fere mesmo aquelles menos versados em coi-

sas d'essas, e a propria critica litteraria da obra gerada nos periodos exacerbados d'uma nevrose intensa havia, por força, de sair falsa, convencional, postiça, a debater-se em meio de adjectivos incolores e de afirmações incomprovadas.

Neste capitulo do meu trabalho, ficam já registados varios symptomas morbidos que me auxiliarão a fixar d'aqui a pouco um diagnostico provavel: a abulia, as phobias, as obsessões e as impulsões, a irregularidade caracteristica do trabalho, o exagero de todas as sensações, a inconfidencia, as tendencias para recordar o passado e para a auto-observação, os pavores nocturnos e os phenomenos peresthesicos. Citarei ainda as insomnias, as vertigens, os estados hypocondricos, a vagabundagem, e tambem as dôres nevralgicas, a atonia gastro-intestinal, a dispepsia, a surdez, toda a serie longa das perturbações visuaes, manias persecutoria e das grandezas, e ainda certos caracteres que Lombroso e outros auctores attribuem aos homens de genio, taes como a procura constante do termo raro, a perda de senso moral, as desigualdades psychicas, a interpretação mystica dos factos mais simples e o misoneismo. Todos estes ultimos são phenomenos complexos que necessitam d'uma mais detida prova. Para a demonstração dos primeiros é facil encontrar documentos na sua propria obra.

Para as insomnias, por exemplo, occorrem-me algumas phrases de cartas a Vieira de Castro, insertas no segundo tomo da *Correspondencia episto-*

lar[1]. «Só duas linhas — escreve Camillo ao seu amigo — porque a minha doença me não permitte mais. Ha cinco dias e noites que apenas consegui dormir a somma de seis horas...... A noite passada foi das taes medonhas. Não consegui dormir. Já não descanso sem narcoticos que cada vez mais me desafinam os nervos. As minhas cartas estão sendo para ti, meu filho, um boletim sanitario. Eu sei que em verdade te interessas na minha vida, porque tenho de consciencia que me julgas um dos teus mais affligidos amigos...... Ha quatro noites que apenas durmo instantes».

Para prova da vagabundagem, servem precisamente estas palavras d'uma carta escripta ao sr. padre Senna Freitas: [2] «Se vou para o Porto, com intensão de lá estar 15 dias, apenas lá estou uma noite cruel de insomnia e anciedade de me safar». E ainda estes periodos de cartas ao Visconde de Ouguella: «Amanhã volto para o Bom-Jesus; mas se me escreveres seja para Famalicão. Não paro. Custa-me a immobilidade...... Já não sei onde hei de estar. Em 15 dias ensaiei quatro paradeiros, uns nas montanhas, outros nas praias. Em toda a parte o tedio, o asco das cousas e das pessoas..... Vim de Vizella hontem, e não sei para onde irei amanhã».

---

[1] P. 32, 47 e 63.

[2] Ob. cit. p. 139.

Sobre os outros symptomas mencionados, posso citar ainda alguns trechos das cartas de Camillo, não esquecendo tambem a sua phrase da *Maria da Fonte:* «Eu vim d'ahi, de colica em colica intestinal, até esta ruina gastrica que sou hoje». «Eu ha dez dias que passo as horas a contorcer-me numa nevralgia que já me tem posto deante dos olhos o recurso do suicidio — escreve elle a Vieira de Castro — ...... Os meus padecimentos voltaram. Estou escrevendo ás seis da manhã. Passei toda a noite com a cara nos vidros á espera do dia. Imagina, meu filho, um espasmo nervoso no esophago que só com muito custo me deixa respirar e á força de anti-histericos. Por cima d'isto, o estrondo de uma azenha na cabeça, aquillo que Henry Heine sentia quando escrevia no *Livro de Lazaro: No fundo do meu cerebro vae um ruidoso desmancho.* Depois a fraqueza que me não deixa ter em pé e a impossibilidade de estar quieto. Não se póde viver assim ...... A noite passada deitei-me com esperanças de adormecer. Ergui-me logo e vi romper o dia e esperei que me deixasse uma dôr nevralgica que veio sobredourar a insomnia, o espasmo, a zoeira e toda esta admiravel cadeia de nevroses ...... Antes de hontem reuni aqui três medicos. Não sei o que pensam de mim. O de Braga chama gastralgia á molestia. O de Guimarães tambem. E o das Taypas, que cura ha 60 annos, ainda não sabe o que é...... A noite passada dormi regularmente. De oito em oito dias tenho assim um remanso...... As noites

são as mesmas e atribuladas. Hoje veio uma sobrecarga de dôres nervosas nas pernas que me privam de andar...... Estou de cama: perdi ambos os ouvidos: ficaram-me horrendas dôres que me tomam toda a face...... Ha cinco dias que padeço mais e muito. No dia quinze d'este mês faz um anno que eu tive a primeira congestão. Não creio que estes ataques tenham prasos fataes; mas é certo que os padecimentos se agravam com a aproximação do calor...... A minha enfermidade até já me faz angustias se me demoro segundos a escrever. Não ha palavras para o que soffro; é a anemia mais desgraçada que póde dar-se. O meu cerebro está ralado e dissolvido em sangue...... Os meus prazeres neste antro chamado o viver são as poucas horas em que durmo se as não sobresaltam as nevroses subitas ou os sonhos horrendos que me prostram a alma». [1] «Hontem estive de cama a curtir um começo de bronchite e a cevar as dôres da perna com o Pain-Killer, uma mixordia americana que me leva a epiderme e me deixa as dôres — escreve elle ao sr. Silva Pinto — ...... Estou de cama, com as mesmas dôres de velhice...... Já vê que lhe escrevo na cama, moido de dôres, e ancioso por isto acabado...... *Fakir* soa como *pobre* nas linguas semiticas. Escrevo-lhe de cama com muitas

---

[1] *Corr. Epist.* t. II p. 16-17, 40, 43, 44, 49, 64, 96, 158, 174 e 183.

dôres de olhos e de pernas, como um fakir da peor raça estropiado». [1] «Estranhei pois — diz o romancista numa carta á sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho publicada na *Bohemia do espirito*—que V. Ex.ª me não felicitasse por estar surdo, quasi cego, tropego, com duas nevroses em cada nervo, com duas atonias formadas, uma no estomago, outra no figado, e a terceira a principiar no cerebro». «Estou cada dia mais doente, mais triste e mais convencido de que acabei...... — diz Camillo ao sr. padre Senna Freitas [2]— Logo que me sinta com forças ahi estou. Não imagina o meu estado de fraqueza. Qualquer mudança de ar, uma nuvem, um bocejo de vento, uma pequenina convulsão nas arvores despedaçame os nervos. Parece que se vae fazer noite na minha alma...... Esperava eu que a mudança de terra me suavisasse umas crueis dôres nervosas que me desesperam. Vou procurar remedio noutra parte...... Estou quasi paralytico, e quando a atrophia me subir á região peitoral, decerto, e felizmente, acabarei de penar...... Ainda vivo no ultimo acto da decomposição. As pernas já estão na campa; mas ainda as sinto nos estorcegões das nevralgias. Eu esperava isto ha muitos annos, quando experimentei os prodromos da ataxia. Agora já difficil-

---

[1] Ob. cit. p. 48, 82, 85 e 114.

[2] Ob. cit. p. 126, 132, 133, 144, 147 e Cartas ineditas (Vêr NOTA E).

mente me arrasto d'uma cadeira para outra; mas, assim mesmo, vou até onde póde levar-me uma sege...... Afinal a sciencia descobriu que a minha enfermidade inexoravel é uma myelite. A paralysia por emquanto está nas extremidades inferiores. Se a lesão da columna vertebral chegar ás vertebras cervicaes, tenho de morrer asphixiado». «Estou doente como uma enfermaria de S. José—diz ainda Camillo ao visconde de Ouguella.—Cheguei á prosa da dôr de barriga...... Sinto-me vivo de nevralgias. Tenho andado por todas as praias do norte sem tomar um banho; quando soffro até cahir, venho para a piedade inutil da familia». «Ha trinta dias que não durmo com atrozissimas dôres nas pernas» — afirma elle a um amigo, em carta publicada numa revista do Porto. [1]

Nos seus delirios de megalomano e perseguido, Camillo seguiu o typo classico: é um caso perfeito, posto que notavelmente attenuado. E nelle se poderia talvez encontrar aquella passagem raciocinada do delirio de perseguições para o de grandezas que alguns alienistas pretendem e outros, não menos illustres, como entre nós o sr. dr. Julio de Mattos, se recusam, pelo resultado das suas observações, a confirmar [2]. Quando Camillo foi para Lisboa com Anna Placido e a opinião publica os agredia, o

---

[1] *A Illustração Moderna.* Porto, 1901, 2.º anno, n.os 8 e 9.

[2] JULIO DE MATTOS: *A Loucura,* 1902.

romancista julgou-se victima de tenebrosos conciliabulos dos amigos de Pinheiro Alves, que contra elle tramavam projectos de assassinio. «Assim foi — diz o sr. Alberto Pimentel nos *Amôres de Camillo* — que de Lisboa escrevera para o Porto a seguinte carta, que está junta ao processo e que reputamos completamente infundada nas suspeitas que lhe servem de assumpto:

Illustrissimo Senhor — V. S.a e eu reduzimos sua sobrinha á extrema miseria. Ha no crime ainda a possibilidade da virtude. A minha, se alguma me concede, é trabalhar noite e dia para alimenta-la e a seu filho. Os projectos de assassinio tramados por V. S.a contra mim, não vingaram no Porto. Se conseguir que elles vinguem em Lisboa, glorie-se V. S.a de ter quebrado o ultimo esteio d'uma senhora desvalida. Não se espante da liberdade que tomo de escrever-lhe. Espero que V. S.a seja um dia o primeiro a dizer que eu não era tão infame como a sociedade me julga. — 20 de fevereiro de 1859. — De V. S.a attento venerador e creado. — CAMILLO CASTELLO BRANCO.»

É claro que taes projectos não existiam. O marido atraiçoado vivia num meio em que essas resoluções violentas só com muito custo poderiam germinar, e, mesmo que a sua dôr fôsse tamanha que o allucinasse, os respeitabilissimos amigos que o cercavam, gente conselheiral e ordeira, haviam de

fazer-lhe escutar a voz da prudencia e da razão. Pinheiro Alves instaurou um processo, metteu os amantes na cadeia e, embora o seu soffrimento fôsse muito e lhe encurtasse uma vida amargurada, o certo é que a isso se cifrou e a isso se deveria cifrar logicamente a exteriorização do seu rancor.

Mais tarde, dizia o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, numa carta a seu primo Nuno, visconde de S. Miguel de Seide, referindo-se a Camillo: «O que eu lhe ouvi foi as palavras em que elle me exorava para dar-lhe o revolver comprado, dizendo-se cercado de pessoas que o odiavam...» [1] E o proprio Camillo, num opusculo da questão da Sebenta, escreveu: «Afinal, este doutor é mais um dos ignorantes maus da quadrilha formidavel que me sahiu quando eu já ia no fim da estrada, estropiado, amparado ao bordão do caminheiro que vem de uma assás trabalhosa peregrinação» [2], quando, em verdade, se os odios occultos contra elle eram bastantes, a quadrilha que sahiu em linha de ataque estava longe de merecer o epitheto de formidavel que a nevrose de Camillo lhe assacou.

Sabe-se que o grande escriptor teve sempre em grau altissimo a preoccupação nobiliarchica e, ave-

---

[1] NUNO CASTELLO BRANCO: (Visconde de S. Miguel de Seide). *Protesto contra a supposta filha de Camillo Castello Branco.* 1890.

[2] *Notas á Sebenta do dr. Avelino Cesar Callisto,* 1883, p. 15.

riguado como parece estar que a sua ascendencia se não enfeita com o sangue azul dos pergaminhos, é de concluir uma accentuada megalomania. Essa arvore genealogica, cheia de nomes vistosos, que entra galhardamente e com solemne entono pelas dynastias remotas de Oviedo e de Leão, a que me refiro no começo d'este livro, foi organizada pelo proprio Camillo e veio ter em manuscripto ás mãos do sr. Alberto Pimentel, que a publicou no *Romance do romancista.* Mais tarde, este mesmo auctor, mais bem informado, emittiu a opinião de que essa illustre estirpe nada mais fôsse que uma novella de linhagens escripta por Camillo sob a influencia do seu delirio dominante.[1] E foi ainda indubitavelmente esse delirio que o levou a acceitar o titulo de visconde que, sob o rotulo d'uma nobreza de brasileiro minhoto, vinha encobrir todo o brilho do seu nome de gloria. Dizem que era uma antiga aspiração sua, satisfeita depois pela influencia d'uns amigos e é ainda o sr. Alberto Pimentel que nos conta a tal respeito este episodio. «Toda a gente estranhou que elle quizesse trocar o seu nome por um titulo de visconde; só elle não estranhou. Em Seide disse-lhe eu: — *Se eu fôsse ministro, teria introduzido uma innovação no seu titulo, meu querido mestre.* —*Qual?* perguntou Camillo. — *Agraciá-lo-ia com o titulo de — visconde Camillo Castello Branco. Assim,*

---

1 *Os amôres de Camillo.*

a mercê não eclipsaria um nome glorioso, antes lhe seria homenagem. Camillo não gostou e respondeu de prompto: — *Correia Botelho são appellidos nobres da minha familia.»* [1]

Planeando, nos ultimos annos da sua vida, escrever um romance sobre os seus antepassados, intitulado *Os Brocas*, Camillo dirigiu-se ao visconde de Sanches de Baena solicitando-lhe algumas indicações que o pudessem auxiliar no seu trabalho. «Como V. Ex.ª possue muitos conhecimentos genealogicos e dados infalliveis que lhe fornecem as velhas inquirições do Santo Officio que Deus haja em sua Santa guarda — escreveu Camillo numa carta ao erudito investigador, datada de Seide, em 23 d'outubro de 1881 — tomo a liberdade de lhe enviar um traslado de certidão baptismal, de familia de Villa Real de Trás-os-Montes, a ver se porventura V. Ex.ª me póde dar alguma informação dos antepassados do Dr. Domingos José Correia Botelho de Menezes, fallecido em 1805, desembargador aposentado da Relação do Porto, e de José Luiz Correia Botelho, cavalleiro professo da Ordem de Christo, que me parece ser tio paterno, irmão de Manuel Correia Botelho, avô do baptizado. Tambem desejaria saber se o capitão José Pereira da Silva, casado com uma senhora Castello Branco, de Cascaes, tem representante nesta villa.» [2]

---

[1] *Os amôres de Camillo.*

[2] ALBERTO PIMENTEL: *O romance do romancista.*

Noutra carta, posterior, tambem dirigida ao visconde de Sanches de Baena, escreve Camillo: «Pelo que respeita a Correias Botelhos, estou plenamente satisfeito, graças ás illucidações prestantissimas de V. Ex.ª. O que muito me interessava era saber quem fôsse D. Rita Castello Branco, senhora com quem casou o dr. Domingos José Correia Botelho, em Cascaes, sendo ahi juiz de fóra. Os paes d'ella constam da certidão do baptismo que enviei a V. Ex.ª, e o dr. Domingos José Correia Botelho, segundo calculo, casou entre 1760 e 1765. Em Cascaes existe um indigena general reformado, de appellido Castello Branco: póde ser que elle proceda d'essa familia. Conheci uma filha do dr. Domingos José Correia Botelho que se assignou *Caldeirão*. Porque? Entre os meus papeis manuscriptos ha umas trovas propheticas d'um physico Caldeirão de Cascaes, especie de Bandarra do seculo XVI. Poderemos espiolhar o Caldeirão nessa familia de Cascaes que ha 50 annos assignava *Castello Branco?*»

Registei em Camillo a constante procura do termo raro, e facil se me torna justificar o asserto. Não ha em toda a litteratura portuguêsa linguagem mais exuberante, mais fornida e ao mesmo tempo mais pura que a d'elle. Mas a grande parte do seu vastissimo vocabulario são termos por elle creados ou feitos reviver d'entre a prosa obsoleta dos cartapacios velhos, de modo que muitas são as paginas da sua obra em que para uma comprehensão litteral o uso d'um diccionario ou d'um elucidario

se não dispensa e rara será aquella em que não encontremos uma palavra nova, derivada sempre segundo a indole e o mecanismo da lingua, para que esta de fórma alguma deixe de ser ainda e sempre o mesmo instrumento autonomo, vivendo á custa dos seus recursos proprios, vernaculo e purissimo. E' claro que se não trata aqui apenas d'uma necessidade urgente de expressão, mas da exigencia d'um temperamento de colorista, num homem de genio que possuia, como todos, a tendencia para a originalidade.

Mas, falemos do senso moral de Camillo, tão discutido... e tão injuriado; falemos do seu caracter que ainda ha pouco um articulista dizia não ser «precisamente o de Smiles» [1] e vejamos até que ponto esse modo de sêr moral se integra no esboço de physio-psycologia malsã que estou traçando.

Não houve infamia que lhe não attribuissem, monstruosidade moral que não servisse para, a olhos de idiotas meticulosos, diminuir a grandeza do seu genio e o valor colossal da sua obra. O certo é que Camillo, como nevropata, tinha desigualdades de caracter por vezes exteriorizadas d'um modo saliente e, assim, de envolta com um ou outro modo de proceder pouco correcto, actos de bondade que francamente o nobilitam. Numa carta a Silva Pinto

---

[1] PEDRO A. DE AZEVEDO: Log. cit.

escreveu elle: «Os seus *Realismos* deviam ser bem acolhidos; agora com novo prefacio veja lá o que faz. Eu não lhe inculco a pujança dos seus inimigos; advirto-lhe simplesmente que é melhor não os ter, porque a gente de coração normal até mesmo quando fere os adversarios se magôa. Eu sou desgraçado até me entristecer quando firo alguem: prefiro que a retaliação seja cruel para me não ficarem escrupulos». [1]

Tendo ardido a casa do editor de *Um homem de brios*, Rodrigo d'Oliveira Guimarães, dias depois da publicação d'esse romance, Camillo, condoído da miseria do livreiro, não só não acceitou o preço da edição como ainda escreveu o drama *Espinhos e flôres*, fê-lo representar no S. João e cedeu todo o producto da recita em favor d'elle. Annos depois, Camillo era insultado no jornal d'esse mesmo homem que tão bizarramente soccorrera.

Em favor d'um velho soldado de D. Miguel, Thomé Cabral, cedeu o romancista uma edição do folheto *O Clero e o sr. Alexandre Herculano*. Tempos depois, o homem foi levar-lhe 40$000 réis, metade do producto liquido da publicação. Camillo não os acceitou e Cabral, sahindo de casa d'elle, comprou um bilhete de loteria que foi premiado com vinte contos. [2]

Estava com Camillo no mesmo hotel, na Povoa

---

[1] SILVA PINTO: Ob. cit., p. 52.
[2] J. C. VIEIRA DE CASTRO: Ob. cit., p. 148-150.

de Varzim, um mediocre pintor hespanhol, que perdeu ao jogo tudo o que levava, deixando por fim de pagar á dona da casa. Quando, semanas depois, esta, que era uma tal D. Ernestina, despediu o hospede, á hora do jantar, explicando o motivo porque assim procedia, Camillo levantou-se do seu logar e disse:

«—A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil réis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda o não tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão».

E entregou ao pintor os cem mil réis. Mais tarde, como o artista lhe declarasse que não tinha meios para pagar aquella divida, Camillo encarregou-o, como saldo de contas, de pintar o retrato do filho e do cão, o que o pobre homem fez com toda a impericia notavel que possuia. [1]

Na sua *Auto-biographia,* publicada posthumamente no *Diario de Noticias,* conta Trindade Coelho, o illustre e mallogrado homem de letras:

«...vim a Lisboa a dois concursos: para *conservador do registo predial* e para *delegado do Procurador Regio,* mas regressei a Coimbra sem esperança de ser despachado, porque não tinha ninguem que me protegesse... Mas um dia de manhã recebo uma carta de Camillo Castello Branco, o grande escriptor, que eu nunca tinha visto,

---

[1] *Primeiro de Janeiro,* de 3 de junho de 1890; A. PIMENTEL: *O Romance do romancista,* p. 369.

nem elle a mim: dizia-me que vira nos jornaes que eu fôra a concurso e que escrevera ao ministro pedindo-lhe que me despachasse! Cahi das nuvens! Mas d'ahi a poucos dias estava effectivamente despachado *delegado do Procurador Regio* do Sabugal, e eu ia ao Minho visitar o grande escriptor, vel-o pela primeira vez (primeira e ultima!) e beijar-lhe as mãos pelo seu tão grande favor. Mais tarde eu soube como as coisas se tinham passado: Camillo estava casualmente numa livraria do Porto, quando viu num jornal o meu nome, entre os dos outros que tinham vindo tambem a Lisboa fazer concurso. Constou-me que dissera: — *Ora aqui está um rapaz que provavelmente vae ser preterido por esses todos!* Perguntaram-lhe: — *Quem é?* — *Um rapaz que escreve: Trindade Coelho.* Disse-lhe o livreiro (que era precisamente aquelle redactor do jornal onde eu publicara o *Scepticismo,* o editor Costa Santos): — *Ninguem melhor do que V. Ex.ª para o despachar!* — *Como?* — *Escrevendo ao Ministro.* Camillo calou-se; e o resto já nós o sabemos. Sabugal era a melhor comarca de 3.ª classe; mas era quasi uma aldeia, na Beira; e Camillo disse-me numa carta que me escreveu para lá que *receava que eu me fizesse ali um reinicola pavoroso;* — e em menos de um mez estava transferido para Portalegre, que era já uma pequena mas linda cidade, capital de districto, no Alemtejo.» [1]

---

[1] *Diario de Noticias,* de 18 dé setembro de 1908.

O certo é que um homem normal que praticasse acções d'estas não seria capaz de injuriar grosseiramente a mulher que por causa d'elle tinha perdido a consideração da grande parte, e o desafogo de uma situação social invejavel, fôsse qual fôsse, perante a sua consciencia, o valor moral d'essa mulher, nem tampouco de ir viver para uma casa que ella tinha conseguido á custa d'esse casamento que, depois, para o seguir, repudiou.

Pouca gente conhece a razão por que o romance *Annos de Prosa* appareceu abruptamente cortado no mais emaranhado da acção, com estes periodos finaes que algumas edições posteriores eliminaram:

«Alguma vez verá o leitor que boleus deu toda esta gente com as costumadas voltas do mundo. O livro complementar d'estas biographias ha-de denominar-se REACÇÃO DA POESIA. E' o natural seguimento dos ANNOS DE PROSA.»

Ora tal *Reacção* não sahiu nunca e o motivo é facil de comprehender, contada a historia. O editor tinha contractado com Camillo a publicação d'uma novella d'um certo numero de paginas e, nessas condições, abriu a assignatura. Da quantia do ajuste deveria entregar metade no começo da impressão, tal como fez, e o resto no fim. Camillo, em certa altura, suspendeu a remessa do original, que ia em meio, e declarou que a não continuava sem lhe darem o resto do dinheiro, pretenção com

a qual, a muito custo, o editor se conformou, sem que comtudo a remessa do original continuasse. E foi após reiteradas instancias feitas pelo proprietario da edição em todos os termos, que Camillo mandou a metade que faltava... numa pagina. Ora tal editor, fallecido ha annos e de quem eu ouvi a narração de toda a historia, tendo-se compromettido a dar um certo numero de paginas aos seus assignantes, resolveu dá-las a todo o transe, fazendo seguir os *Annos de Prosa* de dois outros romances traduzidos livremente por um pharmaceutico de Lisboa, [1] com o titulo de *A Gratidão* e *O Arrependimento*, e a acção transportada para Portugal. O frontespicio prestava-se a uma dubia interpretação que a escolha dos locaes da acção — S. Cosme e o Candal — mais avolumava, e alguem, que descobriu o *truc*, não tardou em lançar sobre Camillo o labeu de plagiario. Camillo exigiu do editor uma declaração que elle, com effeito, fez inserir nos jornaes do Porto, redigida cautelosamente, em termos que encobriam a fraude do romancista. De bem com a sua consciencia e pensando de certo de si para si que a magnanimidade é virtude que pouco custa, estava o bom do editor, quando Camillo lhe entrou pela porta dentro barafustando que lhe exigira a verdade para desfazer uma accusação falsa, mas não

---

[1] HENRIQUE MARQUES: *Bibliographia camilliana*. Primeira parte, MDCCCXCIV, p. 32.

lhe pedira que contasse uma historia para desculpar a incorrecção do seu procedimento:

«— O que o senhor deveria ter dito era o seguinte: o sr. Camillo tinha combinado comigo a publicação d'um romance de tantas paginas, recebeu o dinheiro e faltou á sua palavra; e eu então fiz traduzir os outros contos para completar o volume.»

E' possivel que estas palavras não sejam textuaes, mas o facto é authentico com certeza. O proprio editor, que m'o contou, era um honrado homem incapaz de mentir e que tinha por Camillo uma grande admiração.

Entre os papeis soltos que durante annos estiveram a monte na Bibliotheca da Ajuda e que, sob a gerencia do sr. Ramalho Ortigão, se coordenaram, existe uma carta de Camillo que pela primeira vez appareceu publicada no trabalho do sr. Pedro d'Azevedo sobre *Os antepassados de Camillo* a que, por mais d'uma vez, no decorrer d'este trabalho, me tenho referido. Ignora-se qual fôsse o destinatario d'essa carta; o endereço deveria achar-se no enveloppe, que desappareceu. O sr. Azevedo, classificando-a de «lamuriante» e reveladora do caracter do futuro romancista, o tal caracter que «não é precisamente o de Smiles», pensa que ella tenha sido dirigida a Herculano, que no mesmo anno da sua data publicou o primeiro volume da *Historia de Portugal*. Em todo o caso, a carta não é apocrypha. «Ninguem que conheça a letra de Camillo — disse-me o illustre bibliotecario de Ajuda numas

informações que teve a bondade de me prestar a tal respeito — hesitará sobre esse ponto». E, nesse caso, é irrecusavel a opportunidade da publicação d'esse documento nesta altura do meu estudo em que procuro dizer imparcialmente, arredando-o muito embora da teia de lendas injuriosas que calumniosamente o conspurcam, o que foi o caracter do grande romancista. Diz o seguinte:

«Illmo Sr. — Os virtuosos sentimentos por V. S.^a^ proclamados em suas obras; — essas obras que eu julgo fieis reflexos da bondade, religião, e amôr do proximo, que dominam seu auctor, — me incitam com arrojada confiança e temeridade, a dirigir á presença de V. S.^a^ esta minha carta, não mensageira de talentosas frazes, antes pura copia da magoa que inspira seu desconhecido escriptor. Um licito desejo de fazer algum vulto nas letras, se bem que incompativel com as minhas circumstancias, me excitou a frequentar o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Encetei-o; e, depois que colhi victoriosas palmas das fadigas do meu primeiro anno, a morte me roubou o protector unico, que ali me mantinha com as suas parcas, mas para mim, filho das circumstancias, abundantes posses. Absolutamente privado de meios para a continuação do meu corriculo literario, olho para o meu futuro, e prevejo um futuro calamitoso, qual póde sobrevir a um moço de 20 annos, despido de protecçoens. Em meu abono, a resignação me tem

conservado, até hoje, entre os limites da honra e da prudencia; por que, no meio de minhas amarguras, lembra-me que ha um Deus, assiduo vigilante por suas creaturas, e representado na terra por alguns homens — honra da sublime idéa da creação. Não temo enganar-me, se disser, que V. S.ª he um dos Apostolos a cumprir a mais divina das missoens: — valer aos afflictos — He pois a V. S.ª que me dirijo: — serei eu feliz nesta minha atrevida inspiração?! Meios de subsistir com honra — unica herança de meus paes — he, o que procuro, e pelo que suspiro. N'esta Provincia, Senhor, não vive o homem probo, por que a calumnia, de mãos dadas com a politica, vão denegrir o homem que mais lhes foge. N'esta Provincia, o homem, quer de medio, quer de transcendente talento, senão segue a maxima geral — o vaivem das opinioens he ente nullo. Quizera, eu, Sr., fugir a este ar mefitico, e procurar n'essa cidade, em paga do meu trabalho, seis vintens para o pão de cada dia, e viver tranquillo — ahi, onde ninguem conhece os meus principios tão bellos, e tão esperançozos para admirar a minha subjeição de hoje — ahi, onde ninguem motejará a minha casaca já velha, nem me apontará dizendo por escarneo: *Ali vae o filho d'um que foi corregedor em Vizeu!* Pode V. S.ª valer-me; poderei eu ir a Lisboa esperançado na caridade de V. S.ª? Eis aqui, meu protector, cumprida a mensagem d'esta carta. Se ella he digna da resposta de V. S.ª eu a aguardo anciosamente — Favoravel, Deus

permittirá que seja. Conceda-se-me a honra de me assignar de V. S.ª — servo muito venerador *Camillo Ferreira Botelho Castello Branco.* V.ª Real de Tras-os-Montes — 28 de agosto de 1846».

Quem desconhecer certos pormenores da biographia de Camillo estranhará deveras o puritanismo de quem procura discutir o caracter d'um homem, num sentido pouco lisonjeiro, pelo facto de esse homem ter pedido trabalho — seis vintens para o pão de cada dia — no estylo humilde que naturalmente se impõe á epistolographia implorativa d'um homem que não possue esses seis vintens. Ha porém, mais alguma coisa. E' que Camillo afirma nessa carta que colheu as victoriosas palmas das fadigas do seu primeiro anno de Direito na Universidade de Coimbra — e Camillo *nunca* frequentou a Universidade de Coimbra. E' que Camillo afirma nessa carta de 1846 que a morte lhe roubou o protector unico que o mantinha nos estudos com as suas parcas posses — e esse protector, um tio chamado João Pinto da Cunha, em 1849 ainda vivia. E isso é facilmente comprovavel. No *Romance do romancista,* o sr. Alberto Pimentel conta que um amigo seu, a quem pediu informações sobre a vida de Camillo em Coimbra, lhe respondeu o seguinte: «Percorrendo as listas impressas ou *Relações de estudantes matriculados na Universidade e lyceu de Coimbra*, desde o anno lectivo de 1840-1841 até ao de 1860-1861 não encontrei o nome de Camillo Castello Branco. Além

d'isto, falando com varias pessoas que me poderiam informar a este respeito, todos me disseram que elle não frequentou a Universidade nem o lyceu.» Por meu lado, procurando informar-me ainda a tal respeito, dirigi-me a um amigo residente em Coimbra, que me confirmou nestes termos as palavras do informador do sr. Alberto Pimentel: «Tive occasião de percorrer o archivo das matriculas desde 1839 até 1849, e nesse periodo de dez annos, *posso garantir-lhe* que absolutamente nada existe relativamente ao nosso Camillo, sendo portanto inexacto que elle houvesse frequentado esse estabelecimento de ensino superior... São estas pois as informações officiaes e fidedignas que, com a mais absoluta certeza, lhe posso fornecer». Quanto ao tal tio — em casa de quem elle se hospedou em 45 quando regressou a Villa Real depois de perdido o anno na Escola Medica do Porto — a prova de que em 49 ainda vivia está no facto de, nesse mesmo anno, ter escripto aos jornaes do Porto, por solicitação de Camillo, uma carta explicativa da prisão do futuro romancista em 46.

Fica assente, pois, que, nesse anno de 46, Camillo deturpava a verdade, — romantizando a sua propria vida á custa d'algum dos seus heroes de novella, como, de resto, tantas vezes romantizou alguns dos seus heroes de novella á custa da sua propria vida, — mas deturpava-a, não para se desculpar d'uma má acção, não para prejudicar interesses d'outrem, não para mendigar um emprestimo ou uma esmola,

mas para pedir trabalho. E a essa religião do trabalho foi elle sempre escrupulosamente fiel. Se a carta transcripta d'isso é uma prova incontestavel, outras que vou transcrever o são tambem e d'uma fórma mais nobre, mais eloquente e, de todo em todo, immaculada.

A primeira d'essas cartas a que me refiro, foi escripta em 61, das cadeias da Relação do Porto, e publicada nos jornaes d'então. Camillo estava preso. «Dissera-se que eu recebera dois contos de réis» dadiva do soberano *(D. Pedro V)* — conta elle proprio nas *Memorias do carcere*. — Os meus amigos perguntavam-me se eu os recebera, como certissimos de que eu os enganava, respondendo negativamente. Dei o boato como inventado no Porto, e ponderei-o como todas as calumnias que por aqui me assaltam. e eu esmago entre a sola e a lama. Quando, porém, um respeitavel cavalheiro e amigo, Antonio Joaquim Xavier Pacheco, me asseverou que vira uma carta de Lisboa dizendo que o sr. Conde da Ponte me ia enviar dois contos de réis por ordem do rei, apressei-me a desmentir a calumnia, ou a rebater a esmola sem mais vaidade que a do trabalho, que a si se basta». A carta de desmentido era a seguinte:

« Sr. redactor. — Muita gente me tem perguntado por dois contos de réis, que mandou dar-me o Senhor D. Pedro v. Pessoas circumspectas acolheram e divulgaram o boato, commentando-o de diversos modos, mas nenhum lisonjeiro para mim.

Eu creio que o Senhor D. Pedro v é infinitamente delicado, e só dá esmolas a quem lh'as pede. Quando S. M. me fez a honra de perguntar, na cadêa, em que me occupava, respondi a S. M.: *que trabalhava.* Ou o Senhor D. Pedro v entendesse que eu me occupava em chapeus de palha, ou em romances, ou em caixinhas de banha, a minha posição ficava definida para o intelligente Monarcha: o homem que trabalha não pede nem acceita esmolas; e, se a pedisse ao Rei, julgar-me-hia tão humilhado como se a pedisse ao infimo dos homens. A cousa é outra. Ha muita gente que se diverte comigo. É bem feito, porque eu tambem me divirto com muita gente. Rogo a v. a publicidade d'estas linhas. De v. etc. — *Camillo Castello Branco.* Porto, cadêas da Relação, 11 de fevereiro de 1861.»

A outra carta foi escripta um mês antes da sua morte. Um jornal de Famalicão disse que Camillo contratara com um editor do Porto a publicação de dois romances e de um livro referente á questão com a Inglaterra. Dias depois, o *Primeiro de Janeiro* publicava o seguinte:

«Meu presado Oliveira Ramos: Alguns jornaes transcreveram de uma folha periodica de Famalicão, a meu respeito, uma noticia inexacta. Não contratei com algum editor a publicação de livros novos. Em cousas de litteratura, deve falar-se de mim como se fala de um escriptor morto. Logo

que eu acceitei do Estado uma pensão, é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa independencia de 40 annos. Ceguei na lucta e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a futuros escriptores. De v. etc. *Camillo Castello Branco*. S. C. — S. Miguel de Seide, 30-4-90».

Certo, nessa lucta de 40 annos, Camillo teve horas de desanimo — e largos motivos para as ter. Em 28 de abril de 62, dizia elle a José Gomes Monteiro, numa carta que vem em parte transcripta no *Romance do romancista*: «Escrevo romances, e que remedio senão escrevê-los sempre?! Em Lisboa tenho editor que me paga o volume a 144$000 reis. Se dentro de um anno me não pagarem a propriedade de cada vol. a 50 libras, creio que abrirei uma tenda, e acabarei tranquillo, honrado, e estupido como convem». E, em 15 de maio de 1863, em carta tambem a Gomes Monteiro, que vejo ainda no *Romance do romancista*: «Dizem-me que vou ser não sei que na secretaria da Marinha. Acceitarei, para mais facilmente poder conseguir collocação no norte, Barcellos que seja». Em 16 de maio de 1904, Carlos Malheiro Dias publicou no *Seculo* estas palavras:

«Camillo foi sempre um calumniado e um perseguido. Teve, é certo, quem o reverenciasse. Mas á maneira de quem reverenceia um tyrano: — temendo-o. Esse grande infeliz gozou uma realeza,

mas de onde só lhe derivaram amarguras. Elle foi, com Garret e Herculano, o terceiro homem que presidiu, sem contestação de poder, ao movimento litterario do seu seculo. Camillo passou, com o seu casacão de gola de pelles, a luneta de aro de tartaruga, a fealdade de varioloso, como passam os dominadores e os despotas, numa tormenta de improperios e num clamôr de applausos. Arremeçaram-lhe flôres e escorias. Foi injuriado e acclamado. Mas eram acclamações de pardaes saudando uma aguia e injurias de mosquitos incommodando o somno de um leão. Nem de umas lhe vieram, durante a vida, os prazeres orgulhosos que consolam, nem das outras as furias sagradas que exterminam. A sua realeza acabou no suicidio, que é o tedio da vida. As flôres feneceram e as escorias deixaram nodoas. A ingratidão humana procurou, depois da sua morte, abafar a sua obra. Mas a obra era immensa e as mãos dos ingratos pequenas. Por ultimo, concordou-se que elle era grande. Mas insinuou-se que elle fôra mau. Todos o admiram, mas poucos o amam. Ninguem contesta que elle escreveu admiraveis livros; mas muitos afiançam que elle commetteu abominaveis acções. As almas candidas visionam-o como um espirito do Mal, desregrado e satyro, mysto de Belzebuth e Casanova, violador de conventos e perturbador dos lares, adulterino e sceptico, usando de poderes infernaes de seducção, com segredos de philtros conturbadores quando falava nos livros ao coração ingenuo das mulheres.

Os que, sem lhe negar o genio imperativo, lhe obscurecem o caracter e disformam a memoria, sabem que os escriptores só pódem perdurar pelo amôr no coração dos que os lêem. Todo o seu talento não o rehabilitará perante os que o não amem. E hoje, que morreram quasi todos os homens que com elle mais intimamente conviveram, não se póde apellar para os corações d'aquelles que o estimaram. O corpo d'esse pobre desherdado está-se consumindo num alheio jazigo, no pequeno e triste cemiterio da Lapa. Elle morreu longe de todos, numa solidão que a cegueira tornava maior, onde o não foram confortar os affectos de meia duzia de homens, com os nobres corações d'esses outros a cujo culto piedoso de saudade Lisboa deve hoje o monumento do Largo do Quintella. Esse grande infeliz conheceu todos os soffrimentos. E para que nenhuma voz o accusasse de ser injusto nas raras horas em que a sua penna, molhada em lagrimas, se transformou num flagicio, Deus não lhe poupou a mais cruciante, a mais intoleravel, a dôr mais atroz que as fibras de um coração humano podem, sem estalar, consumir e soffrer: a recusa affrontosa da esmola, quando quem a rejeita é uma mulher e quem a supplica é... um Camillo! Vive ainda a nobre e arrogante senhora, que se divertiu com a desgraça e a humilhação de um homem glorioso e pobre, exercitado no desengano, que ainda conservava a illusão mentirosa de que o coração da mulher é refugio da piedade. A velhice deve ter

abrandado a antiga crueldade d'essa senhora, que é hoje avó. Era facil tornar transparentes os véos que lhe occultam o nome. Mas nem é meu proposito vingar o pobre offendido, nem reparar, com o castigo, a tremenda falta de que a deve accusar a consciencia. A historia d'esta amargura é singela como a de todas as grandes dôres humanas e depressa se conta. Era em 1872, no Porto. Camillo vivia então na rua do Bomjardim, pobre como sempre e mais do que nunca queimando as pestanas a escrever. A exterminadora tarefa d'esse homem durava havia mêses, sem que elle houvesse até essa hora conseguido assegurar para o inverno a lenha e o prato do lar modesto. Foi numa hora de afflicção e de fadiga, em que a penna se negava a trabalhar pela gloria e pelo sustento, transformando a tinta em radiosas idéas, que Camillo afastou de si o manuscripto do romance incompleto e escreveu a um amigo a carta que vae lêr-se:

Ill.mo Ex.mo Sr.

Classificam-se de confidenciaes umas cartas da natureza d'esta; eu porém deixo a V. Ex.a determinar o que nella deve haver de reservado.

Recebi ha annos, uma taça de prata, brinde da colonia portuguêsa em Hong-Kong. Dizem ser um trabalho primoroso, que lá custou cem libras. Creio que materialmente não vale isto; e estimativamente poderia valer mais se eu pudesse ter baixela.

Tem o meu nome e uma dedicatoria em caracteres chinezes. Isso que monta? Vendo-a, porque taças de prata em casa de escriptores portuguêses são como taças de amargura, quando o vacuo d'ellas é como o da gloria em Portugal. Vendo-a por 300$000 réis. Note V. Ex.ª que ella não tem um terço d'aquelle valor em prata. Parece, porém, que os lavores são estimaveis.

— Então que quer você? — pergunta V. Ex.ª

*Pedir-lhe que apresente esta alfaia á Ex.ma Sr.ª D***. que tem riqueza e gosto superabundantes. Se S. Ex.ª a quizer, póde aspar-lhe o meu nome; e se não lhe importar que a sua posteridade encontre esta memoria de um homem que passou um dia a querer luzir nesta escuridão abafadora de Portugal, S. Ex.ª honrará a minha memoria conservando-a intacta.*

V. Ex.ª se dignará dizer-me para onde devo remetter-lh'a, se me quizer obrigar fazendo-a enviar á respeitavel senhora de quem V. Ex.ª é considerado como merece.

De V. Ex.ª

affectivo e obrig.mo criado

Camillo Castello Branco.

Casa de V. Ex.ª

Rua do Bomjardim, 860.
20 de Novembro de 1872.

A esta carta, cuja grandiosa e melancolica tristeza commove até ás lagrimas, essa senhora, que era poderosa e rica, respondeu com a recusa de comprar a taça, sob o pretexto ironico e especioso de que entre a sua baixela aquelle primor de arte avultaria demasiado. A taça de prata voltou ao lar pobre, de onde saira cheia de esperança na apregoada caridade d'essa mulher. Voltou transbordando o fel que a perfida mão feminina lhe entornara. Camillo esvaseou até ao ultimo trago essa peçonha. E de tão affeito ao veneno e ao infortunio, não morreu!»

Fechado este largo parenthesis a que a discussão d'uma peça comprovativa deu logar, cumpre-me proseguir no relato do que, nos phenomenos do espirito e da materia, se me afigura de molde a comprovar na individualidade de Camillo a existencia d'uma nevrose em que porventura se hajam de integrar as qualidades summas do seu genio. Eu citei já as desigualdades psychicas, a interpretação mystica dos factos mais simples e o misoneïsmo, como caracteres que Lombroso e outros auctores attribuem aos homens de genio e que é possivel encontrar em Camillo Castello Branco. Do primeiro d'elles, eu penso que já no decurso d'este estudo tenho feito uma prova eloquente. Da interpretação mystica dos factos mais simples julgo tambem que deve estar convencido todo o que tenha lido a sua obra e muito principalmente aquella que foi

escripta no tempo em que a descrença cedeu o passo a um mysticismo que o ia levando á vida de padre e o arrastou ainda á frequencia do Seminario. Mas depois mesmo: a loucura do filho (e é claro que isto não entra nos factos mais simples, posto que seja bem dos mais explicaveis) a attribuiu elle a um castigo de Deus, e, no decorrer das suas novellas, essa mesma ideia da intervenção da Divindade no destino dos homens se nota a cada passo. Deter-me-ei pois apenas no misoneïsmo, antes de entrar no estudo das perturbações visuaes, que deixei para o fim, porque seria immethodico separá-las do facto capital de que ellas foram a causa immediata: o suicidio. Já ficou dito que o misoneïsmo é vulgar nos grandes homens. «Os homens de genio, escreve Lombroso, são: como a gente do povo, as creanças e os idiotas, essencialmente misoneïstas; possuem uma energia incrivel para recusar as descobertas d'outrem, seja porque a saturação, por assim dizer, dos seus cerebros lhes não permitta novas acquisições, seja porque, possuindo uma grande sensibilidade para as ideias proprias, se não possam impressionar com as dos outros»[1]. Camillo foi, sem duvida, misoneïsta. E, se a sua indifferença por coisas de politica nos não deixa facilmente, por esse lado, colher elementos demonstradores d'essa verdade, os impetos de reaccionario, evidentes nos seus es-

---

[1] Ob. cit., p. 35.

criptos de doutrina e a opposição, mais ou menos franca, com que recebeu a escola de Coimbra e mais tarde o realismo, são elementos que só de si corroboram bastante a minha afirmação.

E, posto isto, chega o ensejo de, abandonando por instantes o lado puramente psychico da doença de Camillo, me referir ás perturbações visuaes que nelle foram crescendo do simples enfraquecimento neurasthenico á amaurose, que me arrasta a um diagnostico mais grave. Foi na cadeia, em 1861, que o grande escriptor começou a soffrer da vista. Nessa altura, como sempre aconteceu nas variadas manifestações do seu mal, exaggerou, e assim, nas *Memorias do carcere,* contando a serie longa dos trabalhos a que consagrou, durante a prisão, a sua actividade, deixou escripto que tamanho esforço «era de mais para quem não via nada.» E o seu biographo Vieira de Castro, com todo o amôr rhetorico ás hyperboles e phrases de pompa, apostrophava-o no começo d'uma tirada romanesca: «Dizem-me que estás quasi cego...» Mas, volvidos três annos, o incommodo, que até ahi não fôra mais que uma pouco pronunciada perturbação neurasthenica, que o «horror á doença» de Camillo exaggerou, mostrou progressos, a photophobia appareceu e Camillo poderia então dizer como Daudet, numa das suas *Notes sur la vie:* «Mes yeux, trés affaiblis, ont peur de la lumière éblouissante, fermés surtout; le dessus des paupières est d'une sensibilité incroyable. On sait que, dans le demi-sommeil, un coup de

sonnette est comme un dechirement de l'oreille, ou se ramifient tous les nerfs. La trop vive lumière me cause une impression analogue, affectant les yeux de la même manière». Dez annos mais tarde, as perturbações visuaes tomaram um aspecto alarmante e, desde então, a doença caminhou sempre, e, successivamente, as crises de lagrimas, a nevrite optica, a diplopia e a amaurose vieram, em todo o tempo que decorreu desde essa data até ao suicidio, collaborando com as nevralgias, os ruidos nos ouvidos e todos os males do espirito, na formidavel desventura que o prostrava. De todos esses males, ou melhor dizendo, da marcha aterradora d'um grande mal que uma sobrecarregada herança lhe marcara, ha larga documentação nos seus escriptos. Não citarei toda; seria difficil e fastidioso. Mas não deixarei de mencionar um ou outro exemplo que, sobretudo pela ordenação chronologica que procuro, se me afigure de mais vivo interesse.

Em 70 e 71, Camillo escrevia, em cartas a Vieira de Castro, coordenadas na *Correspondencia Epistolar:* «...a felicidade é luz coruscante que offende as almas quasi cegas de chorar. Esta comparação deu-m'a o desgosto de mal poder hoje fitar a luz...... Estou enfraquecidissimo da vista e da cabeça...... Os olhos não me deixam escrever, filho. Estão afogados em lagrimas, mas olha que são de ophtalmia.» Em 1878 (agosto) ao Visconde de Ouguella: «Não posso lêr nem escrever»; e ao mesmo, no mesmo anno (novembro): «Estou com uma con-

juntivite ha dois mêses. Agora mal posso encarar a luz artificial...... Continúo a padecer de tudo e principalmente dos olhos. Tenho de volta de mim 14 luzes, para vêr o que te escrevo. Desde que o sol se esconde, estou cego; e não apresento symptomas de amaurose nem de cataratas!» Em janeiro de 80, ao sr. Silva Pinto: «Eu, mal de tudo e principalmente dos olhos. Vejo só com um, para não vêr tudo duplicado. Absurdos da optica. Chama-se a isto uma coisa grega.» No mesmo anno ao sr. padre Senna Freitas: «Tenho os olhos razos de lagrimas». Em março de 81, ao sr. Silva Pinto: «O peor é que lhe escrevo com um dos dois olhos fechado, para não vêr duplicado. Um inferno!...» Um mês depois, ao sr. padre Senna Freitas: «O meu padecimento de olhos promette demorar-se como costuma quando vem com este prestito de perversões nervosas.» Em outubro d'esse mesmo anno, ao sr. Silva Pinto: «Desconfio que vou ficar cego. Ha muitos dias que nem lêr posso.» Em julho de 82, tambem ao sr. Silva Pinto: «A luz dos meus pobres olhos creio que se apaga. Ha três mêses que choram sempre.» Em setembro de 85, numa carta a Thomaz Ribeiro inserta nos *Amôres de Camillo:* «Se eu viver em novembro, hei de vêr se posso ser apresentado por ti á sciencia ou á caridade d'alguns medicos de Lisboa. O que eu queria, meu querido amigo, era que me dessem a vista que eu tinha ha 4 mêses, para poder trabalhar até morrer. Não me podia ser inflingida maior tor-

tura que isto de não poder escrever sem grande mortificação.» Em setembro de 86, ao sr. padre Senna Freitas: «Estou quasi cego desde que o meu Jorge, em delirio furioso, entrou no hospital do Conde de Ferreira.» Nesse mesmo anno, ao sr. Alberto Pimentel: «Ha dois mêses que não escrevo nem leio por falta de vista. O menor esforço produz-me vertigens. Suspendi todos os meus trabalhos. Concorreu muito para esta perversão nervosa o estado do meu pobre Jorge.» Em março de 87, ao mesmo: «Depois veio um periodo de quasi cegueira; e agora com muita difficuldade e quasi em trevas lhe escrevo.» Em abril de 87, ao Visconde de Ouguella: «Estou quasi cego, porque algumas horas de escripta me cegaram a circumferencia da iris, de modo que apenas vejo um circulo mais estreito que este papel. Todas as minhas infelicidades do corpo e da alma eram delicias antes de eu sentir esta suprema desgraça. Se isto progredir resolverei depressa a crise.» Em outubro d'esse mesmo anno, ao sr. Francisco Martins Sarmento: «Dou-lhe a triste nova de que estou quasi cego. É a anemia dos olhos congenere da anemia geral. Faço ainda o sacrificio de ir a Lisboa e sem esperanças, ouvir os especialistas. Se os de lá não souberem mais do que os do Porto, estou prompto.» Ainda nesse mesmo anno (novembro) ao sr. padre Senna Freitas: «Estou a escrever a trote, porque não vejo. Tenho apenas algumas fibras contrateis em uma das retinas.» Finalmente, em abril de 90, na carta, já tran-

scripta, a Oliveira Ramos: «Ceguei na lucta e fiquei vencido.» [1]

O velho luctador, sentiu-se realmente vencido. E a sua energia doente, a sua vontade oscillante mas imperiosa ás vezes, os recursos do seu belissimo espirito, nada podiam contra aquelle novo assomo da desgraça, que lhe vinha roubar impiedosamente o supremo bem de trabalhar. Queria lêr, queria escrever — sobretudo escrever! — e não podia. Uma vez, num momento de desanimo, mandou leiloar a preciosa bibliotheca que possuia, desistiu de todas as investigações historicas a que se entregava nos ultimos tempos — e pôs-se a fazer versos. Num soneto ao filho doido, escreveu isto:

> «Nem goso nem paixão te altera a vida!
> Eu choro sem remedio a luz perdida...
> Bem mais feliz és tu, que vês o sol.»

E num outro:

> «E eu que tanto carpia os condemnados,
> Os cegos — os supremos desgraçados!
> Já lagrimas não tenho para mim!»

---

[1] *Correspondencia epistolar*, t. II, p. 49, 55 e 114; Cartas ao Visconde d'Ouguella, log. cit. p. 116, 115 e 119; Cartas a Silva Pinto, ob. cit. p. 28, 119, 71 e 115; Cartas a Senna Freitas: *Perfil de Cam. C. Branco*, p. 136, 139 e 149 e Cartas ineditas, Vêr NOTA E; *Amôres de Camillo*, p. 418; *Rom, do rom.*, p. 289 e 290; *Cartas de C. C. Branco a Francisco Martins Sarmento*, com prefacio e notas de João de Meira. Separata de *A Revista*, Porto, 1905, p. 15.

Augmentaram as impaciencias da sua vida errante. E começou a consultar medicos de toda a parte. Voltava-se para a religião como para um auxilio. Escrevia ao padre Sebastião de Vasconcellos (hoje bispo de Beja), a pedir-lhe os Padre-nossos dos seus educandos da Officina de S. José. «Commovido até ás lagrimas, ouvi lêr a sua carta —dizia, em setembro de 88, Camillo ao sacerdote — Senti fazer-se a luz da esperança na minha alma em trevas; mas, considerando-me indigno das suas preces e da Misericordia Divina, a escuridão da alma volveu ao estado em que se acham os meus pobres olhos. Entretanto espero que as orações de V. Ex.ª e dos seus innocentes protegidos consigam aligeirar a minha agonia de modo que a morte me seja menos tormentosa. Deus Nosso Senhor lhe dê saude para amparo de outros infelizes a quem V. Ex.ª ensina o caminho do trabalho e da virtude.» E ainda de outra carta do mesmo mês e anno, transcripta, como a precedente, no *Romance do romancista:* «Cresce o meu agradecimento quando vejo que V. Ex.ª recorre ao poder divino para que se opere o milagre que a sciencia não fez nem poderá fazer. Eu tenho muita confiança nas suas preces, acompanhadas da voz innocente dos seus filhos adoptivos, cuja alma V. Ex.ª regenerou.» Sentia-se perdido, queimava os ultimos cartuxos, procurava tacteante uma ultima esperança e recorria a tudo, e acreditava em tudo... até na medicina!

Dez dias antes de morrer, dirigiu ao medico

especialista de doenças dos olhos dr. Edmundo Magalhães Machado, esta carta, que é um dos mais extraordinarios documentos da dôr que tenho visto escriptos:

«Illmo e Exmo Sr. — Sou o cadaver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste paiz, durante 40 annos de trabalho. Chamo-me Camillo Castello Branco e estou cego. Ainda ha quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flammula escarlate. Depois, sobreveio uma forte ophtalmia que me alastrou as corneas de tarjas sanguineas. Ha poucas horas ouvi lêr no *Commercio do Porto* o nome de V. Ex.ª Senti na alma uma extraordinaria vibração de esperança. Poderá V. Ex.ª salvar-me? Se eu pudesse, se uma quasi paralysia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procural-o. Não posso. Mas poderá V. Ex.ª dizer-me o que devo esperar d'esta irrupção sanguinea nuns olhos em que não havia até ha pouco uma gotta de sangue? Digne-se V. Ex.ª perdoar á infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimonia por um homem que não conhece».

E, em 26 de Maio, ainda esta outra carta a Mello Freitas:

«Exmo Sr. Joaquim de Mello Freitas: Em tempos relativamente felizes me deu V. Ex.ª a honra

das suas relações. Hoje que a minha desgraça é enorme, recordo-me do seu nome, da sua intelligencia e do seu coração para vir pedir-lhe um favor. Escrevi ao Dr. Magalhães Machado, patricio de V. Ex.ª, ácêrca da minha cegueira, na esperança de que elle pudesse operar o milagre de me restituir não a vista que tive, mas a bastante para me descondensar a treva que haverá dois mêses se fez completa nos meus olhos. O Dr. Magalhães Machado respondeu-me de modo que me deixou sentir a delicadeza do seu espirito e a sua commiseração pelos meus padecimentos. S. Ex.ª pedia-me um relatorio da minha doença; ella porém é tão complicada e variada no transcurso de 40 annos, que eu só interrogado por um medico, poderia responder e esclarecer satisfatoriamente o exame. Disse-me S. Ex.ª que, sendo curavel a minha enfermidade, eu iria tratar-me para Aveiro. Seria para mim, nesta conjunctura, suprema felicidade, ir para Aveiro na esperança de ser curado; isso porém só eu poderia pratical-o, no estado de prostração em que me encontro, se o senhor doutor depois de me visitar em S. Miguel de Seide, achasse possivel a minha cura. Elle fez-me sentir a impossibilidade actual de abandonar os seus clientes para se encarregar de um doente tão afastado e carecido da presença do medico e tratamento vagaroso. Mas se a visita que eu peço ao medico é só uma e decisiva, quer para o tratamento, quer para o abandono da molestia incuravel, essa visita poderá talvez o senhor

doutor prestrar-m'a sacrificando-se ao mais infeliz dos doentes que se teem soccorrido de S. Ex.ª No caso feliz de que V. Ex.ª pudesse movel-o e commovel-o a vir a S. Miguel de Seide, teria V. Ex.ª a bondade de me prevenir do estipendio com que me cumpre remunerar tão trabalhosa jornada em que além do caminho de ferro ha uma legua de mau caminho, comquanto se faça de carruagem desde Famalicão até Seide. Estou certissimo de que V. Ex.ª dará toda a consideração a esta carta dictada por um cego, e na volta do correio, se fôr possivel, me dará a resposta que me levante d'este desalento que me vae levando ao suicidio, se a Divina Providencia me não deixar morrer como em geral morrem os felizes e os desgraçados. De V. Ex.ª admirador affectivo e muito obrigado — *Camillo Castello Branco.*

«Fui logo procurar o dr. Edmundo Magalhães, — conta Mello Freitas no artigo d'onde transcrevi as duas cartas [1] — pedindo-lhe com instancia que fôsse visitar Camillo Castello Branco, o que elle me prometteu fazer dentro d'aquella semana. Respondi ao grande romancista, dando-lhe parte do que succedera. A impaciencia de Camillo manifesta-se no telegramma que recebi a 28 do alludido

---

[1] MELLO FREITAS: *Camillo Castello Branco.* (Para a historia dos seus ultimos dias). No n.º 6 da *Revista Illustrada* — 30 de Junho de 1890.

mês: *Peço favor avise chegada Dr. para mandar carro estação.* Enderecei-lhe segunda carta communicando-lhe a boa noticia de que no domingo, ás 11 horas da manhã, o dr. Edmundo Magalhães estaria em Villa Nova de Famalicão, e reiterava-lhe os meus votos de felicidade e profunda estima. No dia 30 recebi outro telegramma, cujo texto é o seguinte: *Bem haja pelas suas cartas*».

Afinal, em 1 de junho, a visita fez-se; e como o dr. Machado, depois de detido exame, puzesse de parte a ideia primeiro aventada d'um tratamento em Aveiro e aconselhasse o doente a ir algum tempo para o Gerez, onde, em outros ares, colheria de certo algum allivio, Camillo, comprehendendo nessas meias palavras consoladoras a sua condemnação irrevogavel, insistiu com a esposa para que acompanhasse o medico até ao pateo e, ficando só matou-se.

E isso afinal não era mais que a realização, um pouco tardia, d'um projecto que desde cedo começou a germinar no seu espirito. E se tardia ella foi como eu digo, lance-se isso em conta d'aquella indecisão — *mille ritegni nell'eseguire* — de que fala Leopardi. O suicidio é vulgar nos nevropathas, como de resto o é em todos os que soffrem de certas molestias sem cura. Mas, nos casos de perversão nervosa, todo o raciocinio se torce numa feição doentia, e quando as esperanças de melhora vão morrendo de desillusão em desillusão e a psychialgia tortura, a cada passo exacerbada, o doente resolve

morrer. Se é um neurasthenico, um doente da vontade, nem sempre consegue reúnir o *quantum* de energia necessario para executar a sua resolução e ou não a executa nunca ou vae levando, entre uma variedade de considerações dilatorias, mêses e annos, a *encher-se de razão.* [1] Passa esse tempo todo a convencer-se, numa auto-catechese lenta, cheia de minucia, laboriosa, destruindo um a um todos os argumentos que no seu espirito se vão oppondo á ideia dominante. Se é um crente, procura justificar a morte violenta dentro dos principios religiosos que professa, se se lembra do que dirão os outros, argumenta que o suicidio não é uma cobardia, mas o recurso ultimo e legitimo dos que têm sobre os hombros o peso da desgraça. Tal é o caso de Camillo.

Eu já falei da tentativa de suicidio romantico com os grãos d'opio, a poesia de despedida e as libras em cima da mesa para afastar a razão materialona da falta de dinheiro, e a palavra suicidio por vezes tem apparecido nas citações que até esta altura tenho feito dos seus livros. A referencia de resto é vulgarissima, a cada passo se encontra, e, segundo a afirmação de Sousa Martins, as tentativas de execução foram mais repetidas do que se pensa: «...antes do tiro decisivo, no decurso de annos, mais de cem vezes—4 ou 5 á minha vista

---

[1] A phrase é de Sousa Martins, na referencia a um caso identico.

—sacou do revolver, que, a meio da cabeça, pendia da mão paralysada pelos instinctos conservadores.»[1] «O suicidio—escreveu Camillo nas *Memorias do carcere* — é uma ideia tão habitual que já nem poesia nem grandeza tem para mim. No livro do sr. Alberto Pimentel *Os netos de Camillo*, vem o seguinte trecho de dialogo entre o auctor e a sr.ª D. Anna Rosa Correia, a mãe dos filhos de Nuno Castello Branco, na visita, feita em agosto de 1901, a S. Miguel de Seide: «—O sr. visconde (Camillo), perguntei eu, trazia sempre comsigo o revolver?—Sempre; já o levára a Lisboa, onde um dia o experimentou, disparando para o tecto. Mas o filho (Nuno) tinha substituido as balas por uns projecteis inoffensivos, não sei de quê. O sr. visconde percebeu isto. Todavia não largára mais o revolver, nem consentia que lh'o tirassem.—De tanto o apalpar, observou o sr. Carvalho, já tinha a coronha poída. A sr.ª D. Anna Correia concluiu a sua dolorosa narrativa, dizendo:—Estavamos longe de imaginar que tivesse adquirido balas verdadeiras. Todos suppunhamos o revolver vazio. Foi uma surpreza terrivel.» Numa carta, já citada, a Martins Sarmento, Camillo define precisamente com todos os antecedentes proximos e remotos, o estado de espirito que o levou á morte: «Eu bem queria poupar-me ao suicidio; mas desde os 18 annos que presinto a necessidade d'essa evasiva, sem me lembrar que a

[1] Sousa Martins, Ob. cit., p. 304.

cegueira seria o impulso justificadissimo da catastrophe.»

São do *Livro de Consolação* estas palavras:

«Aturdido pela apostrophe e coberto de lagrimas, Eduardo ajoelhou, referindo os infortunios que o levaram por necessidade e gratidão a servir o seu libertador. Com o soccorro da mãe compadecida, conseguiu commover o velho até ao extremo de prometter-lhe não o denunciar á justiça, com a clausula de que iria sumir-se nas Alturas de Barroso em casa de parentes. Foi; mas poucos dias permaneceu na soledade agra de uma serrania onde o desejo de morrer o debruçava sobre os despenhadeiros, implorando á sua desgraça a coragem do suicidio. A coragem! Porque não hei de, acostado a moralistas de grande tomo, charmar-lhe antes cobardia? E' porque ha mister enorme coração quem dentro d'elle se abre um tumulo. E' porque vae esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar com a certeza de que, em vez de lagrimas, lhe pesará sobre a memoria a censura dos felizes, o horror dos espiritualistas catholicos, e a nota da demencia — suprema injuria a essas pobres almas que a divina justiça não mandaria ás penas eternas sem lhes descontar os terribillissimos paroxismos, aquelle tormentoso debaterem-se nas prezas da desgraça, aquelle relance d'olhos ao céo e o grito d'alma nesta dilacerante pergunta: «Quando te pedi eu a vida, ó Creador?»

Tambem, num dos artigos publicados em fôlhas catholicas, nos seus tempos de mysticismo, e reunidos mais tarde nos vulumes das *Horas de paz*, Camillo disse: «Não chamem ao suicidio o resultado d'uma demencia. O homem que se mata é responsavel da sua morte: é arbitro d'aquelle ferro que empunha, d'aquelle braço que ergue e d'aquelle sangue que derrama.»

Nunca se escreveu falsidade maior, e nesse mesmo artigo, vem um dos argumentos que, se valesse a pena, lhe serviria de irrespondivel contradicta. E' quando, depois de muitas citações, tendentes a demonstrar a sua afirmativa, Camillo quer fulminar os incredulos com esta ultima prova: «Poderá alguem suspeitar demencia em Napoleão? E, comtudo, este seguro pensador três vezes attentou contra a sua existencia». Mal pensava Camillo que, annos volvidos, toda a gente saberia que o grande imperador foi declarada e provadamente um epileptico.

No livro *Horas de lucta*, colligido por Freitas Fortuna, vêm alguns pensamentos de Camillo sobre o suicidio, escriptos em Abril de 88. Transcrevo-os:

«A vida dos desgraçados irremediaveis seria um perfido escarneo do Creador se o suicidio lhe fôsse defeso.

*

«Quando confronto a minha covardia com as tentações redemptoras do suicidio, então comprehendo a grandêsa d'animo dos que se matam.

«Invectivar de covarde o suicida é escarrar na fronte d'um morto. Não se póde ser mais cruel nem mais infame.

«Um dos canticos do *Inferno* de Dante é um poema de lagrimas. São os suicidas que passam gementes.

«Se a alma do suicida pudesse subir á presença de Deus, a divina Magestade esconderia a face envergonhada ou condoida da sua obra; porque o suicida lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno?» — *Quare de vulva eduxisti me?...*»

Numa carta a Freitas Fortuna, inserta nas notas aos *Delictos da Mocidade:*

«Pergunta-me o meu amigo: Chegado a esse extremo de extraordinario soffrimento, porque te não matas? — Respondo: — Não posso; Deus não quer».

E numa carta ao Visconde d'Ouguella:

«Passo mal, não paro. As noites são intoleraveis. Se eu fosse só, como devia ser se tivesse juizo, já tinha resolvido isto summariamente». [1]

Sempre um pretexto: uma vez a fé em Deus,

[1] Log. cit. p. 116.

outra os deveres da familia e, em ambas ellas, fundamentalmente, a mesma indecisão do neurasthenico que se prende á menor ideia, ao menor facto que lhe forneça uma explicação plausivel. Mas a preoccupação de sempre, retrahindo-se um instante para irromper depois mais violenta, vae caminhando para a fatalidade d'um destino, creando forças novas a cada passo andado, accelerando-se com um incidente, por vezes futil, mas caminhando sempre, mas continuamente progredindo. «A premeditação mede-se por dias, por mêses, por annos até, escreveu Sousa Martins [1]; haja vista o por isso celebre H. Cousteux, que em 1863 se suicidou em Castellamare, decepando a cabeça numa guilhotina por suas proprias mãos construida, dia a dia, durante o longo periodo de dois annos.»

No prologo da 3.ª edição do *Romance de um homem rico,* datado de 1 de julho de 1889, Thomaz Ribeiro descreve o estado de Camillo nessa época, proxima do fim. «A medicina acode-lhe desvelada — escreve elle —; ensaia seus prodigiosos meios de acção, mas pede-lhe paciencia! e o homem que escreveu este livro, que soube dar tantos conselhos e offerecer tantos exemplos de resignação, não póde resignar-se. Como todas as casas lhe dão trevas, foge de todas as casas, de todas as terras, e até de todo o convivio, porque ouvir, sómente, aquelles

---

[1] Ob. cit., p. 300-301.

que o procuram, é ter multiplicados testemunhos da cegueira, que mais, dia a dia, vae julgando incuravel. Sabe que a sua anciedade o prejudica, mas o irrequietismo da nevrose póde mais que a sua razão; e dilacera-se no ergastulo. Alguma vez, de longe em longe, um raio de luz furtiva e ephemera dá-lhe fugidia esperança; e elle pensa então e fala nas *Chronicas das duas rainhas* que trazia em laboração e tanto deseja concluir. A medicina promette-lhe, com intima fé, a regeneração dos seus olhos, e elle escuta, provoca a demonstração, comprehende-a, espera! Esperança fugidia como o relampago que lhe cruzára pela retina! A descrença volta inexoravel e com ella o inferno e os tratos do *sempiterno horror*. Então a ancia do suicidio toma-o de novo e elle afaga o revolver, como seu ultimo recurso. Tristissimo. Assim vive, se é vida esta dilaceração angustiosa mil vezes peor que a morte, o nosso grande romancista, á hora em que escrevo estas linhas. Muitas vezes suffoca-o a dôr, e elle pede em jubilos que a morte lhe venha num spasmo. Os seus raros e curtos somnos trazem-lhe pezadellos afflictivos; por isso pede muitas vezes que o não deixem dormir. Acorda em gritos lancinantes, estendendo convulsivamente os braços a procurar mão valedora...»

E' um facto, conclusão natural do que está dito, que o suicidio é vulgar nos grandes homens, mas d'entre os grandes homens é nos escriptores que elle colhe em maior parte as suas victimas. A lista

é longa e seria ocioso transladá-la dos livros de sciencia que a divulgam, mas basta que se diga que uma estatistica italiana informa que nesse paiz a proporção de suicidas litteratos por um milhão é de 619, emquanto a dos professores primarios, que mais se lhe approxima é 355,3 apenas, a dos commerciantes 272, a dos moços de fretes 36, dos industriaes 80 e dos padres 53 [1]. Geralmente os que exercem profissões liberaes suicidam-se com armas de fogo, e os suicidas por armas de fogo visam na maior parte dos casos a cabeça. Sempre o tempo quente foi o mais propicio aos suicidas [2].

Foi numa tarde de Junho que, depois d'uma desillusão mais forte, Camillo Castello Branco, empunhando com a mão direita o revolver e segurando-o com a esquerda para que a pontaria não falhasse no ultimo momento, perfurou o parietal direito com uma bala que, atravessando o encephalo, foi bater contra o parietal do lado opposto. Soffreu ainda duas horas, já sem fala. E, como não fôsse possivel encontrar por ali perto um padre que lhe viesse prestar os ultimos soccorros religiosos, sem elles acabou de morrer tragicamente esse homem de genio que a desgraça acompanhou passo a passo a vida inteira.

---

[1] MOSSÉLLI: *Del Suicidio*, 1882; LÉGOYT: *Le Suicide*. 1881; LOMBROSO: Ob. cit., p. 71.

[2] SOUSA MARTINS: Ob. cit., p. 308.

II

Discussão

Até aqui, os factos. Cumpre, para que toda esta longa exposição não fique esteril, classificá-los, fazendo um trabalho de synthese que permitta chegar ás conclusões geraes que nos interessam. «As disposições d'espirito que fazem que um homem se distinga dos outros homens pela originalidade dos seus pensamentos e das suas concepções, pela sua excentricidade ou pela energia das suas faculdades affectivas, pela transcendencia das suas faculdades intellectuaes — afirmou Moreau (de Tours) no seu livro sobre a *Psycologia morbida,* publicado ha cincoenta annos e ainda hoje tão moço como na primeira hora — têm a sua origem nas mesmas condições organicas que as diversas perturbações moraes, de que a *loucura* e a *idiotia* são a expressão mais completa». Está sabido que Camillo foi um nevropatha e por concluso se pode ter tambem que a essa

maneira de ser doentia anda adstricta toda a primarcial grandêsa do seu genio.

Mas — occorre perguntar — adstricta de que modo? Sobre as relações do genio com a pathologia nervosa a sciencia não disse ainda a sua ultima palavra. Nesse problema, como em tantos outros que continuam irresolvidos no largo campo da sciencia psychiatrica, os tratadistas vacillam, de hypothese a hypothese, num terreno incerto e oscillante. É, com effeito, o genio um resultado de nevrose e consequentemente uma forma morbida especial, caracteristica? É antes a nevrose a resultante do genio, pelo uso excessivo de certas cellulas nervosas? Ou então o genio e a nevrose são as confinantes parallelas d'uma construcção mental anormalissima? Ainda não ha muito a questão foi posta nesses termos, num interessante estudo medico-psycologico, em que o auctor conclue com as seguintes palavras, que resumem todo o seu modo de considerar o problema: «Applicando ao espirito a lei da evolução, vem-se a considerar o genio como a realização antecipada d'um typo superior de humanidade ou de intelligencia que não apparecerá, normal e adaptado a uma existencia nova, senão num estado ulterior de evolução. A doença resulta da inadaptação do genio ás condições actuaes que só permittem um imperfeito esboço d'esse typo futuro de humanidade». [1] E' afinal o desenvolvi-

---

[1] Gaston Loygue: Ob. cit. p. 181.

mento da conhecida phrase de Gœthe: «O genio não é do seu tempo senão pelos defeitos».

Diga-se em verdade que o problema é complexo e quasi impossivel de resolver satisfatoriamente no estado actual dos conhecimentos scientificos. Moreau de Tours considera o genio como uma nevrose sem fórma determinada, Lombroso afirma-a de natureza epileptica; e, depois de lêrmos um e outro, uma observação aflora ao nosso espirito: é que a duvida nasce da ignorancia em que estamos d'essas nevroses com que queremos relacionar o genio, levados por factos positivos que realmente impressionam. Entrar na destrinça das psyconevroses para vêr em qual d'ellas o genio melhormente se intégra, é transpôr os limites d'um campo vago de incerteza. Não nos illudamos: depois de milhares de observações e centenas de volumes, a psychiatria está ainda metade por fazer, e não é sem razão que Sergi escreve no seu livro sobre as *Emoções*: «Penso que em psychiatria existe ainda a convenção e existirá até que a psycologia normal faça um progresso mais accentuado nas relações da base physica com os phenomenos mentaes.»[1] A expressão *sine materia* que pretende servir de rotulo a um certo numero de importantes e ainda quasi desconhecidas doenças do espirito, tem, mais tarde ou mais cedo, de desapparecer; e só então, fazendo-se sobre as

---

[1] S. SERGI: *Les Émotions*, 1901, p. 282.

localisações uma mais clara luz, será possivel entrar em caminho firme na investigação de certos ramos da psychiatria até hoje obscuros.

Lombroso é um homem de sciencia notabilissimo e o seu livro sobre o genio vale muito, mas eu julgo não errar afirmando que a poucos logrou convencer a sua theoria. O seu trabalho é uma coordenação de anecdotas interessantes, mais ou menos comprovadas, mais ou menos deturpadas pela tradição que as conduziu á sua banca de sabio; e embora a essas historias se procurasse applicar com toda a boa-vontade o melhor dos criterios, parece-me que arrancar-lhes uma theoria é um arrojo que extravasa um pouco dos methodos rigorosos que á sciencia compete seguir sempre. Haverá realmente uma correlação forçosamente mysteriosa entre a epilepsia e o genio? Occorrem-me as palavras de um illustre escriptor português, e medico, o sr. Julio Dantas, no seu lucido trabalho sobre *Pintores e poetas de Rilhafolles*: «O *morbus sacer*, nevrose banalissima a que se quiz vestir o pontifical do genio, nada de valioso produz sob o ponto de vista d'arte. Entre tantos epilepticos que tem Rilhafolles, nem um genio só, sendo a epilepsia o ventre creador dos genios! E que admira, se todo o comicial o é *ab-ovo*, terreno maldito para toda a raça de educação, se a grande massa dos «sagrados» são verdadeiros debeis, e se a decadencia intellectual, no *morbus sacer*, é uma verdade clinica que fere todos os observadores? Recorrendo á documentação d'este trabalho

encontramos a fina flôr das obras d'arte que nos tem dado, nos ultimos tempos, a população epileptica de Rilhafolles: incoherencias, predilecção pelas fórmas externas do culto, religiosidade excessiva e hypocrita, symetria, cacochromia e abuso d'oiro nos documentos picturaes, figuras desbragadas e escurrilidades torpes d'envolta com imagens devotas e latins de ritual, tendencias para a figuração de animaes fabulosos, — nos documentos escriptos, os offertorios de feitio bájulo e meloso, os diminuitivos constantes, os caracteristicos *vossa excellentissima, vossa reverendissima,* e, por derradeiro, ainda nas menos toscas manifestações d'arte, a afirmação d'uma inteira invalidade psychica. Se o mal sagrado fosse realmente o grande seio creador do genio, como Rilhafolles se desentranharia em luminosas creações, em estupendas riquezas plasticas e imaginativas, e como estaria deslocada, lá em baixo, nos muros fradescos de S. Francisco, a nossa beata academia de Bellas Artes!» [1]

Porventura seria mais defensavel relacionar o genio com a nevrose hysterica. Os homens superiores são, em geral, egoistas, irritaveis, de caracter um tanto pueril e bizarro como os hystericos, suggestionaveis como elles, sujeitos a esses desvios de senso moral que tão salientemente resaltam no estudo das caracteristicas psychicas dos nevropathas

---

[1] Julio Dantas: *Pintores e poetas de Rilhafolles,* 1900 p. 45-46.

d'essa cathegória. O poder creador dos hystericos, tão vivamente imaginativos, poderia mesmo servir de argumento-base na defesa de tal hypothese. Mas poder-se-ão relacionar com segurança dois estados morbidos só porque, em parte, e curvando um pouco á mercê da nossa boa-vontade a realidade verificavel das coisas, o seu quadro de symptomas se confunde? Será scientificamente correcto filiar o genio na hysteria, ou vice-versa, se em verdade nós fundamentalmente ignoramos quer o que seja a hysteria, quer o que seja o genio? Desde os tempos remotos em que se attribuia aos deslocamentos do utero (ὑστέρα) todos os phenomenos hystericos, até aos modernos continuadores da obra de Charcot, — Gilles de la Tourette, Pitres, Babinsky, Strumpel, Grasset, Raymond, Fleury, Sollier e tantos outros — quantas theorias, quantas hypotheses, quantas observações, quantos estudos, para saber ao certo a genese e a natureza d'essa nevrose caprichosa e esquiva!... E, comtudo, ainda em agosto do anno ultimo, o XVII Congresso dos medicos alienistas e neurologistas de França e dos paizes de lingua francêsa, reunido em Genebra-Lausanne, gastou uma longa sessão a discutir a definição e a natureza da hysteria. O primeiro a usar da palavra nessa assembleia a que presidiu Raymond, foi o dr. Claude que, num extenso relatorio afirmou, entre muitas outras coisas, que «na ausencia de constatações anatomicas ou biochimicas precisas, a interpretação dos factos clinicos, mesmo esclarecida pela physiologia

e pela psychologia, é uma base bem fragil» e que, portanto «no estado actual da sciencia, convem observar uma certa reserva na descripção da hysteria, cujas definições conhecidas nos não permittem desenhar o quadro.» [1] «A hysteria é uma diathese, como avançou Bernheim? — inquiriu ainda o mesmo relator.—Se se dá a essa palavra o sentido que lhe attribue o professor Bouchard, a hysteria póde ser considerada como uma disposição morbida para as doenças dependendo d'uma perturbação preliminar da nutrição? Poderemos tentar-nos a estabelecer um parallelo entre a diathese gottosa e a diathese hysterica: esta apparece sobre o terreno mal definido do nervosismo como aquella sobre o do arthritismo...» [2] Ao dr. Claude seguiu-se o medico suisso L. Schnyder que começou logo por dizer que «todos os esforços tentados até aqui para fazer entrar as innumeras perturbações qualificadas como hystericas no quadro d'uma entidade morbida tem sido infructiferas» e que a «hysteria considerada de tal modo apparece como um proteo gigantesco e escapa a qualquer definição.» [3] Na discussão tomaram parte Raymond (de Paris), Bernheim (de Nancy), Pailhas (d'Albi), Terrien (de Nantes), Babinsky (de Paris), Clarapède (de Genebra) e Mendicini Bono. Bernheim

---

[1] *Congrés de Genève-Lausanne.* Supplément de *L'Encéphale.* 2e Année. 1907. p. 208.

[2] Log. cit., p. 211.

[3] Log. cit, p. 215.

disse que «a entidade morbida descripta sob o nome de hysteria não existe»; que «a designação de hysteria deve ser supprimida ou reservada para os doentes apresentando crises de nervos» e que «essas crises não são mais que uma reacção emotiva, desenvolvendo-se em certos casos no seguimento de emoções accidentaes ou de emoções enxertadas em doenças psychicas, toxicas ou diversas.» [1] Babinsky afirmou: «Um ponto sobre o qual os neurologistas parecem d'accordo desde ha um certo tempo é que a questão da hysteria necessita absolutamente de ser revista e que se tem reunido sob essa denominação phenomenos discordantes.» [2] Sollier concluiu: «A hysteria não é uma entidade morbida. Tenho-o dito desde 1893. É um modo especial de reagir do systema nervoso e particularmente da crosta cerebral que tende a fixar-se nos estados de menor actividade, em que se encontra em virtude de diversas causas physicas ou moraes.» [3] Ora uma questão que se apresenta nesse pé não parece aproximar-se d'uma breve e concludente solução.

Moreau de Tours, no seu livro de ha meio seculo que é ainda hoje o que de mais perfeito existe sobre o assumpto, caminhou só até onde pôde pisar terreno firme. Afirmou que «todas as vezes que virmos as faculdades intellectuaes elevarem-se acima

---

[1] Log. cit., p. 222.
[2] Log. cit., p. 227.
[3] Log. cit., p. 230.

do nivel commum, sobretudo nos casos em que ellas attingirem um grau de energia absolutamente excepcional, podemos estar certos de que o estado nevropathico, sob uma forma qualquer, terá influenciado o orgão do pensamento, quer idiopaticamente, quer por via de hereditariedade, isto é, umas vezes em virtude da lei da ingenidade, outras em virtude da lei de imitação; o que equivale a dizer que os homens excepcionaes reconhecerão as mesmas condições d'origem ou de temperamento que os alienados e os idiotas». [1] E concluiu: «Em resumo, parece-nos sufficientemente estabelecido que a preeminencia das faculdades intellectuaes tem por condição organica um estado malsão especial do centro nervoso». [2]

Essa opinião, solidamente deduzida e nitidamente exposta ha tantos annos, vale bem mais que a hypothese moderna de Gastão Loygue já atrás condensada nos periodos transcriptos de sua obra, aliás, por mais d'um titulo, digna de interesse. Com effeito, esse auctor entende que a nevrose nos genios é uma resultante da inadaptação ao meio de typos moldados para a existencia numa época futura da evolução da especie humana. Por consequencia, segundo o seu modo de vêr, a creatura que apparece dotada de genio realiza um typo mais perfeito de humanidade e, como, nesse caso, se não

1. Moreau (de Tours): Ob. cit. p. 463.
2. Moreau (de Tours): Ob. cit. p. 484.

adapta ás condições ambientes, torna-se presa de estados morbibos mais ou menos accentuados. É um nevropatha porque é um inadaptado, é um inadaptado porque é um genio, é consequentemente um nevropatha porque é um genio. Mas se está, por pormenores de interpretação, sujeito a controversia o facto das relações da superioridade intellectual com as nevroses, o mesmo não succede com esse outro facto comprovadissimo da ancestralidade nevropathica dos homens de genio; e, de tal modo, o individuo nessas condições é por via de regra, mercê da fatalidade da herança, um nevropatha, antes ainda de ser um genio. Seria em qualquer caso um tarado e poderia dar num neurasthenico, num epileptico, num histerico... mesmo usufruindo um restricto desenvolvimento de intelligencia. Já aqui a afirmação do medico francês claudica. Poderá o genio não derivar da doença nervosa, mas o que é positivo é que a doença nervosa não resulta do genio, pela razão comesinha de que, mesmo, sem elle, existiria.

O genio anda adstricto, ou se quizerem mesmo, na dependencia de manifestações doentias do systema nervoso. Se essas manifestações revestem uma feição propria e caracteristica, ou entram no quadro symptomatico d'alguma das nevroses que conhecemos, é que se torna difficil afirmar, pela razão já dita, de que essas nevroses, classificadas um pouco arbitrariamente, não nos apresentam os limites precisos para podermos isolá-las e cotejar

com ellas, uma a uma, as manifestações morbidas do genio. Mesmo entre o estado que chamamos normal e a loucura ha uma transição insensivel. Escreve um medico francês — Dubois: «E' impossivel fazer dos estados pathologicos de espirito, entidades morbidas, classificá-los, segundo a sua symptomologia, em compartimentos nitidamente separados uns dos outros. Ha ao contrario, uma fusão de tintas, como num esbatido photographico que passa do branco brilhante ao negro mais retinto. Nenhum de nós póde ter a pretenção de tomar logar nessa zona de branco que representa a saude ideal, inaccessivel; estamos todos no branco apagado, no cinzento claro. O nevrotico que nos consulta póde estar tranquillo: não está tão longe de nós como imagina. Estendamos-lhe a mão, a esse pobre doente, não receiemos confessar-lhe sinceramente as nossas fraquezas, as nossas taras innatas: aproximemo-nos d'elle». [1]

O que é a neurastenia de que tanto se fala e de que tão pouco se entende? o facto é que nós, os sãos, estamos juntos d'ella e ella vae até bem longe. De modo que ha quem a colloque nesse branco sujo de que fala Dubois e ha tambem quem a ponha ameaçadoramente nas fronteiras da loucura. Depois, quando a nevrose é simples e quadra mais ou menos rigorosamente num dos modelos

[1] DUBOIS: *Les Psychonévroses et leur traitement moral*, 1904, p. 184.

*

conhecidos, ainda o caso se facilita; mas eu estou em crer que essas formas simples são raras. A propria neurasthenia, estado morbido tão vasto, d'uma elasticidade tamanha, pau para toda a colher, doença para todos os symptomas, tem de clinicamente acceitar fusões, já com a hysteria, já com outras nevroses. E, assim por deante, ahi temos nós essas nevroses a cruzarem-se, a fundirem-se, a mascarar caracteres proprios acolhendo os alheios, acoitando-se, não já sómente sob psycoses diversas, mas ainda sob as doenças organicas do cerebro, do bolbo e da medulla, a formar um conjuncto de novos symptomas que, emancipando-se, nos definem a cada passo estados morbidos autonomos. E nem sempre se trata nestes casos de adjuncções, como alguem pretende, mas muito nitidamente de *associações morbidas*.

Adjuncções ou associações, o certo é que esses casos são frequentes. Abro, neste momento, ao acaso uma revista scientifica francêsa [1] e vejo, apresentado pelos medicos Ernest Dupré e Leopold Levi, a citação d'um caso de delirio hypocondriaco de zoopathia interna, segundo a denominação por elles escolhida, num debil tabetico, hysterico e gastropatha. E concebe-se que, embrulhadas frequentemente as coisas d'esta maneira, se clinicamente o diagnostico é difficil, para especulações theoricas

[1] *Revue neurologique*, 30 de setembro de 1903.

d'uma outra ordem é pouco seguro contar com elle. Mesmo uma estatistica que, com toda a possivel certeza nos viesse dizer a nevrose especial de cada homem de genio, correria ainda o risco de conduzir a conclusões pouco exactas.

Nos homens de genio tem-se diagnosticado exemplares de quasi toda a serie da pathologia nervosa. Ainda em 1907, no já citado Congresso de Genebra-Lauzanne, o illustre psychiatra belga Régis apresentou uma interessante communicação relativa á phase de presenilidade de Jean-Jacques Rousseau, e são d'esse trabalho estas palavras: «Como já mostrei numa publicação anterior, destinada a um volume proximo, mais pormenorizado e mais completo, o auctor do *Emile* foi, antes de tudo, um *neurasthenico arterioscléroso,* no typo arthritico e constitucional. Sobre este estado pathologico fundamental, que durou a sua vida inteira e se traduziu pelas mais variadas manifestações physicas e psychicas, veio enxertar-se na edade madura, como um episodio paroxystico, um *delirio de perseguição* melancolica, isto é, com predominancia de inquietação, de anciedade, de reacções tristes e amedrontadas.» [1] Mais recentemente ainda, no Congresso de Amsterdam (27 de setembro de 1907) m.elle Pascal (de Ville-Évrard) afirmou que Robert Schumann soffreu, dos vinte e três aos quarenta annos, de

---

[1] Log. cit., p. 247.

Psychasthenia constitucional, e dos quarenta annos até á morte, de *Paralysia geral*. [1] E abstenho-me de mencionar a longa serie dos homens de genio citados por Moreau de Tours na documentação do seu trabalho.

Em vista de tudo o que fica dito, parece-me poder considerar o genio como UM SYMPTOMA, MUITO POUCO VULGAR, QUE ACOMPANHA NO QUADRO NOSOGRAPHICO UMA NEVROSE. Tal legitimamente o considero, sem comtudo dar a essa maneira de vêr, aliás bem cautelosa e bem simples, a pretensão pedante d'uma verdade scientifica. E tal o considerando, e restringindo todo o raciocinio anterior ao caso que me interessa, resta averiguar qual a nevrose que em Camillo se manifestou por toda a serie dos phenomenos morbidos já largamente enunciados — *e pelo genio*.

Segundo Charcot, «as nevroses resultam de dois factores: um essencial e invariavel: a hereditariedade nevropathica; o outro contingente e polymorpho: os agentes provocadores» havendo ainda a juntar á hereditariedade nevropathica os factores congenitaes, adquiridos na vida fetal, que a excessiva concisão d'aquella formula exclue. Quanto ao primeiro factor, essencial e invariavel, é notorio como em Camillo elle influiu. Eu penso que difficilmente se encontrará estirpe mais opulenta para

[1] *L'Encéphale*, 2.e Année. N.o 10. Octobre 1907. p. 451.

a guarda avançada d'um caso esplendido de genio. E pelo que se refere aos factores adquiridos na vida fetal, basta recordar as primeiras palavras d'esta nosographia: «Camillo Castello Branco foi gerado no periodo mais intenso d'um amôr violento...» Citar agora, um a um os agentes provocadores seria repetir o que está dito, contar de novo toda essa biographia accidentada, essa vida errante, de paixão e de amargura, que num periodo d'uma carta ao visconde de Ouguella, o proprio romancista synthetizou precisamente: «Eu, que não conheci minha mãe, e aos dez annos já não tinha pae, vê tu que mocidade tive, e como toda a minha vida se havia de sentir da esterelidade de emoções, com que passei a juventude.» [1]

Os symptomas morbidos observados em Camillo podem dividir-se methodicamente em três grupos: Ao primeiro pertencem as nevralgias, a impressão do ferro em braza na cabeça, a insomnia, as phobias, a abulia, as obsessões e impulsões, a irregularidade no trabalho, a tendencia para a auto-observação, a vagabundagem, e as primeiras perturbações visuaes. Ao segundo, o spasmo nervoso no esophago, a versatilidade, a instabilidade, o egoismo, o grande poder imaginativo, a interpretação mystica dos factos mais simples, as desigualdades psychicas, o exagero de todas as sensa-

---

[1] Log. cit. p. 7.

ções, as perturbações auditivas, ainda algumas perturbações visuaes (como a diplopia), os assomos de megalomano e perseguido, os sonhos, os pavores nocturnos, os pesadellos e a tendencia para o suicidio. Ao terceiro, finalmente, as dôres fulgurantes, os silvos nos ouvidos, a surdez, a ataxia, as perturbações visuaes mais adeantadas (taes como a epiphora, a amblyopia, a nevrite optica, a immobilidade da pupilla e a amaurose). Esses grupos não são, como facilmente se verifica, perfeitamente autonomos. Alguns symptomas que figuram no primeiro poderiam citar-se entre os do segundo, e vice-versa. E isso habilita-nos desde já a suppôr em Camillo a existencia d'uma associação morbida como as que referi.

Os symptomas que juntei no primeiro grupo denunciam-nos claramente o neurasthenico; os do segundo afiguram-se-me como pertencendo ao quadro de hysteria; os do terceiro devem, a meu vêr, attribuir-se a uma doença organica do systema nervoso — *o tabes,* na sua fórma clinica cerebro-bulbar.

Pelo que respeita á neurasthenia, eu ponho de parte a ideia d'um erro de diagnostico resultante dos symptomas de fórmas neurasthenicas que muitas vezes, na opinião de alguns auctores, acompanham o tabes incipiente. Eu penso que, em taes circumstancias, é bem a neurasthenia que existe, como bom terreno acolhedor de todos os males do corpo e do espirito. Quando, ha annos, me referi pela

primeira vez á doença de Camillo, houve quem contestasse o diagnostico da neurasthenia, dizendo-me illudido pelas perturbações cerebraes da ataxia que «adquiriram uma intensidade descommunal e accentuaram-se num sentido neurasthenoide».[1] Mas — por Deus! — não será entrar num caminho de subtileza demasiado... theorica, querer distinguir, sobretudo a distancia, um symptoma neurasthenico d'um symptoma neurasthenoide? Eu comprehendo que um medico fale afoitamente d'uma pseudo-tuberculose, d'uma pseudo-diphteria, d'um pseudo-tabes; nos dois primeiros casos presuppõe-se a investigação negativa dos bacillos caracteristicos, no ultimo considera-se concludente o depoimento da anatomia pathologica. Mas na neurasthenia, doença — se doença é! — tão mal conhecida, tão mal limitada sobretudo, doença que só se define pelos symptomas, como distinguir os casos reaes d'aquelles que se pretende apresentar como apparentes? Neurasthenoide?... Mas quem afirma ao meu critico que não é a propria neurasthenia, só ou ainda acompanhada de outra nevrose, que se sobrepõe ou mesmo se associa ao tabes nos casos em que elle julga descobrir «as perturbações cerebraes da ataxia»? quem lhe afirma que essas perturbações que não são constantes, que não são fataes, inevitaveis, nos ataxicos se podem integrar no quadro d'essa doença, independentemente de qual-

---

1 Vêr NOTA F.

quer associação ou adjuncção? Certamente, não é Dupré que, no artigo *Psychopathies organiques* do tratado de Gilbert Ballet, escreve: «Os tabeticos puros, aquelles em que se não póde suspeitar a existencia de lesões paralyticas, só raramente apresentam perturbações psychicas» nem são tambem Déjerine e André Thomas que, no seu artigo *Maladies de la moelle,* no tratado de Brouardel-Gilbert, não fazem a taes perturbações a minima allusão [1]. E Dupré não só considera raras as perturbações psychicas nos tabeticos puros, como escreve mais o seguinte, que eu posso trazer em apoio da hypothese que suggeri: «...Entre as perturbações psychicas observadas nos tabeticos é preciso conceder aqui uma breve menção aos *accidentes hystericos e neurasthenicos.* A *hysteria* associa-se muitas vezes ao tabes, principalmente nas mulheres. Esta associação *hystéro-tabetica,* rica em perturbações sobrepostas á da serie tabetica nos dominios da sensibilidade e da motilidade, é notavelmente pobre em accidentes psycopaticos propriamente ditos. Apenas menciono a intervenção da hysteria por motivo da natureza psychica d'estes accidentes, que testemunham perturbações ainda mal conhecidas, e além d'isso muitas vezes latentes, do automatismo psycologico e dos elementos inconscientes da menta-

---

1 *Traité de Pathologie Mentale,* publié sous la direction de M. Gilbert Ballet, 1903, p. 1193.

lidade. A associação do tabes com a *neurasthenia* é mais frequente, sobretudo nos homens e em particular nos doentes cultos: os artistas, os medicos, etc. A reunião dos accidentes tabeticos e das perturbações neurasthenicas, sobre as quaes não insisto, compõe um *quadro clinico*, variavel segundo os casos, e que póde simular muito de perto o da *paralysia geral post-tabetica*. A semelhança entre os dois quadros clinicos é ainda levada mais longe quando o tabes se complica com a *hystero-neurasthenia:* em tal caso certos accidentes hystericos simulam os signaes somaticos da paralysia geral, especialmente a dysarthria; e é necessaria uma analyse minuciosa dos elementos dos diversos syndromas tabetico, hysterico e neurasthenico para evitar um erro de diagnostico e prognostico. Certos tabeticos neurasthenicos tornam-se nosophobos e hypochondriacos: entre estes doentes, sobretudo nos medicos, desenvolve-se por vezes um estado melancolico durante o qual o tabetico póde *suicidar-se.*» [1]

Registei entre os symptomas de natureza hysterica a tendencia para o suicidio. Hão-de sem duvida citar-me a descripção tão impressionante que Thomaz Ribeiro fez da vida do romancista num periodo vizinho da sua morte e perguntar-me se será preciso recorrer á hysteria para justificar o

---

[1] Ob. cit., p. 1195.

desespero d'um homem que se vê torturado pela doença, impossibilitado de continuar na sua labuta indefensa de mais de quarenta annos. Mas eu lembrarei a espectaculosa tentativa de 49, com os versos da *Harpa do sceptico* e as libras sobre a banca para que ao suicidio romantico ninguem pudesse dar a razão grosseiramente material da falta de dinheiro. Esse foi bem um esboço de suicidio á maneira hysterica, com esse ar theatral das tentativas de genero tão espalhafatoso que faz com que Tardieu, Huchard, Taguet e Legrand du Saulle, contradictando as opiniões de Colin, Pitres, Ritti, Solier, Gilles de la Tourette e tantos outros, insistam em não vêr no suicidio hysterico mais que uma comedia. [1]

«Um grande facto — diz Henri Colin no artigo *Etat mental des hysteriques* no tratado de Gilbert Ballet [2] — domina a historia da hysteria masculina, qual é o da associação frequente, poderiamos quasi dizer forçada, da neurasthenia com a grande nevrose». [2] Charcot designou por *hysterio-neurasthenia* essa combinação [3] e os continuadores da sua obra, entre os quaes posso mencionar Gilles de la Tourette [3] poem a relevo a sua frequencia. Bodeus-

---

[1] PAUL COURBON: *Histérie et suicide*. Na *Revue de psychiatrie*. Janeiro de 1907. p. 17.

[2] Ob. cit. p. 828.

[3] CHARCOT: *Leçons du mardi à la Salpatriere: poli clinique* 1888-1889. Notes de cours de Blin, Charcot, H. Colin.

tein, em 122 casos de hysteria masculina regista a depressão melancolica da hysteria como caracter dominante [1]

Pelo que ao tabes de Camillo diz respeito, eu não hesito em confessar que o quadro clinico está longe de ser completo. Mas a lição dos factos diz-nos que o tabes cerebro-bulbar se manifesta quasi exclusivamente por perturbações visuaes e auditivas, [2] que aos tabeticos cuja affecção começa por attingir o neurone optico acontece parar o mal na evolução, [3] que não ha tabetico que apresente todos os symptomas attribuidos a essa doença, [4] que nada mais exacto que a phrase de Marie, afirmando que clinicamente não existem dois tabeticos que se pareçam. O dr. André Léri, no congresso de medicos alienistas e neurologistas de França e dos paizes de lingua francêsa, realizado em Pau, em agosto de 1904, apresentou uma communicação sobre as relações da cegueira com a paralysia geral e o tabes. Entre outras afirmações que menos directamente nos interessam, concluiu que a cegueira é rara no tabes confirmado, com grandes symptomas, e só frequente no tabes com symptomas minimos de

---

[1] BODEUSTEIN: *Hysterie bei männlichen Geschlecht Dissertatio Wurzburg.* 1889.

[2] MAURICE DE FLEURY: *Manuel pour l'etude des maladies du système nerveux*, 1904, p. 325.

[3] VIRÉS: Ob. cit., p. 358.

[4] FLEURY: Ob. cit., p. 234.

lesão dos cordões posteriores; que a cegueira, quando vem, é geralmente antes da maior parte dos symptomas tabeticos; que a affecção a que se dá o nome de *tabes com cegueira* é caracterizada por uma atrophia pupillar de evolução rapida, acompanhada frequentemente, não só de perturbações tabeticas minimas, mas tambem de perturbações mentaes minimas, em tudo analogas ás do começo da paralysia geral; e que a cegueira dita tabetica, poderia ser tambem considerada como uma cegueira paralytica, se as perturbações mentaes minimas da meningo-encephalite diffusa ligeira tivessem na nosographia a mesma importancia que as perturbações physicas e funccionaes minimas da méningo-myélite spinal posterior ligeira; e que o tabes, a paralysia geral e a amaurose tabetica representam simplesmente três localisações d'um mesmo processus, talvez de origem syphilitica terciaria, que pódem associar-se ou ficar mais ou menos completamente isoladas. Além d'isso, anatomicamente, disse ainda o mesmo congressista, a atrophia optica do tabes, é semelhante á da paralysia geral; trata-se da atrophia secundaria em lesões de meningite e de nevrite intersticial com ponto de partida vascular (endo e peri-arterite e phlebite). [1] Num livro sem responsabilidades scientificas, *Penseurs et savants*, assignado pelo dr. Gélineau, afirma este

---

[1] *Journal de Neurologie*, 5 de Outubro de 1904, p. 378.

medico que só encontrou entre os pensadores um exemplo de tabes, em Aubryet. [1] Mas já Pierret, na sua memoria *Sur la pathogenie du tabes,* apresentada ao congresso de Moscow, em 97, nos diz que: «A sensibilidade é muito grande nos futuros tabeticos. Romancistas, artistas, homens politicos, artifices muito bem dotados, são sensitivos». De resto é sabido que o grande pintor Manet e o grande poeta Henri Heine, para mais não citar, eram tabeticos.

Fournier pretende que o tabes é sempre de origem syphilitica. Charcot inclina-se mais para a perversão nervosa. Grasset relaciona-o com uma doença mais geral que se póde chamar a sclerose multipla disseminada. O que está fóra de duvida é que o tabes suppõe um terreno anteriormente preparado, perturbado, diminuido nas suas reacções, viciado, degenerado, sendo essa degenerescencia funcção da hereditariedade e traduzindo-se pela sensibilidade excessiva, doentia, anormal, que caracteriza os predispostos. [2] Quanto ao papel etiologico da syphilis, os homens de sciencia continuam em desaccôrdo. É uma questão remota e debatida, que continúa ainda e na qual eu não pretendo de nenhum modo entrar. Segundo a maioria dos tratadistas, a syphilis tem um logar importante, de evidente preponderancia, embora não exclusivo, na etiologia

---

[1] GÈLINEAU: *Penseurs et savants*, 1904, p. 190.

[2] VIRÉS: Ob. cit., p. 541.

tabetica. E esse mesmo logar primacial, *mas não exclusivo,* ha ainda hoje quem appareça a contestar-lh'o (Lancereaux). [1] Camillo era um syphilitico? Não sei. Não me repugna acreditar que o fôsse. Foi um sensual, foi um estroina, e durante o seu periodo de estudante, um amoroso que decerto se não prendia demasiado em escrupulos de escolha. Não tenho porém elementos que me habilitem a afirmar a existencia d'esse importante factor etiologico.

Poderia citar outros, de somenos importancia: a variola, por exemplo, que atacando-o em creança deixou no romancista vestigios que concorreram para que elle pudesse ser considerado como sempre realmente foi — um homem feio. Assim como poderia citar tambem o descarrilamento de que Camillo foi victima em 81 na linha do Minho, proximo a S. Romão [2] e do qual, como elle proprio confessa no prefacio do seu livro de versos, sahiu «com a cabeça oito vezes fendida». No inicio das manifestações hystero-neurasthenicas esse caso serviria para registar um dos traumatismos provocadores vulgarissimos nas origens d'essa doença. Mas naquella altura, se podia influir no desenvolvimento do mal, já estava livre de acarretar com as culpas de agente provocador. Da syphilis é que, porém, se me não depara o minimo indicio. Camillo, tão useiro em contar e em exagerar os seus males physicos, não fala d'ella;

---

1 Vêr NOTA F.

2 ALBERTO PIMENTEL: *O romance do romancista.*

o que de resto é explicavel, porque elle tinha ainda o cuidado romantico de cobrir com o manto discreto do lyrismo antigo as miserias realistas do amôr.

Mas, mesmo sem o diagnostico da syphilis, eu ouso pensar — com venia da intransigencia radical de certos sabios — que a ataxia, a atrophia optica, cuja bilateralidade é tão caracteristica nos tabeticos, e o symptoma de Argyll-Roberston, que me parece poder afirmar-se sem grande perigo de errar, são elementos bastantes para um diagnostico provavel.

III

Conclusões

«O que dissemos nos capitulos precedentes, com respeito á influencia exercida pelos estados nevropaticos sobre as faculdades intellectuaes propriamente ditas é applicavel, sob todos os pontos de vista, ás faculdades affectivas, a esta virtualidade da alma humana que é a origem das nossas emoções, dos nossos instinctos, dos nossos desejos e em parte tambem da vontade, pela qual amamos ou odiamos, nos inclinamos para o bem ou para o mal, somos levados a ser uteis aos nossos semelhantes ou a prejudicá-los, a cumprir ou transgredir o que prescreve o dever absoluto ou convencional, etc. O espirito humano, na sua parte sentimental, experimenta taes modificaçoes, taes mudanças passageiras ou duradoiras, que em vão se procuraria fóra da hereditariedade a origem d'ellas. Em outros termos: é na organização particular dos paes, e não fóra d'ella, que se encontra o principio ou a causa pri-

*

meira de certos estados affectivos e moraes que se observam em alguns individuos. Esse principio não poderia residir, como se pensou e escreveu, nas fórmas exteriores ou plasticas do organismo (conformação, volume, peso) mas na propria vitalidade dos orgãos, na sua actividade funccional. A accrescentar que, se elle se nos apresenta envolto em obscuridade e completamente imperceptivel nas condições materiaes, já o mesmo não acontece encarando-o nas suas condições dynamicas. D'isto a natureza inorganica póde fornecer-nos um exemplo. Pela maneira como vemos funccionar duas machinas quaesquer, podemos avaliar o que existe de commum entre ellas, sem que nos seja necessario inspeccionar-lhes as rodagens nem penetrar-lhes o mecanismo interior. As paixões affectivas são as mesmas em todos os homens. As differenças que apresentam em cada individuo sob o ponto de vista da energia e do desigual desenvolvimento de cada uma d'ellas não conseguiriam romper a uniformidade da natureza na especie. Mas por vezes acontece que, em virtude d'uma sobreexcitação resentida por todas igualmente ou de agitações parciaes devidas a uma desigual distribuição de sensibilidade, ellas são arrastadas para uma esphera d'actividade absolutamente excepcional. D'ahi a extranha associação, num mesmo individuo, das paixões mais diversas e mais oppostas, um mixto inexplicavel de vicio e de virtude, de elevação e de baixeza, de egoismo, de generosidade, de pusillanimidade, de

coragem, de doçura e de ferocidade. Em circumstancias diversas, toda a energia vital parece concentrar-se num pequeno numero de paixões boas ou más, d'onde dimanam os prodigios de virtude ou de depravação. Ordinariamente, faculdades intellectuaes pouco communs, uma imaginação viva, virão em auxilio da actividade desordenada das paixões affectivas. Mas noutros casos, ao contrario, esta actividade fará contraste com uma fraqueza intellectual que por vezes vae até á imbecilidade. E em outros emfim, é a essa mesma debilidade de espirito, ao mutismo da consciencia, a uma especie de atonia da vontade que as paixões deverão o seu poder impulsivo, mais que á sua violencia natural. A que outra causa, se não á acção da hereditariedade, nos é licito attribuir as disposições moraes d'excepção a que nos acabamos de referir?» [1]

Essas palavras do auctor do melhor trabalho que possuimos sobre as relações da psycologia morbida com a philosophia da historia, fazem uma perfeita e clara luz sobre o caracter de Camillo, tão complexo e inexplicavel aos olhos dos que pretendem vê-lo fóra do criterio que as observações da psycologia morbida permittem.

Camillo Castello Branco, degenerado hereditario, soffreu na sua vida agitada, de trabalho e de martyrio, uma nevrose — a *hystero-neurasthenia* e

---

[1] MOREAU (DE TOURS): Ob. cit., p. 248-250.

uma doença organica do systema nervoso — o *tabes*. Ao desvio pathologico da sua funcção nervosa devem attribuir-se os seus males physicos, as suas desigualdades de caracter e a sua superioridade intellectual eminentissima.

Na sua descendencia, indo até onde as naturaes reservas nos permittem, encontramos, na geração immediata, além d'uma filha morta creança e d'uma outra que vive ainda, o filho Nuno, estroinaço, nevralgico e alcoolico, e o Jorge, passando a vida ora bebendo e masturbando-se, ora em accessos de loucura extrema. Biographos, levados talvez por uma phantasia que força um pouco, á mercê dos seus bons desejos optimistas as leis da herança morbida, descobrem já na descendencia d'esses filhos a aura de novos genios...

A OBRA

«Ora, dos desequilibrios da funcção nervosa de Camillo, nasceria talvez para o tracto intimo, o homem de brusquerias phreneticas, de vulcanicos amôres physicos, de reviravoltas de humor, intractavel, cruel e caprichoso — demos que Camillo Castello Branco fosse tudo isto — mas precisamente esta mobilidade de caracter é que fez o artista genial dos seus romances, dos seus estudos ironicos, das suas verrinas litterarias; deu-lhe o condão de forjar a obra prima d'um jacto, com todos os symptomas d'um retalho de vida palpitante; de modelar almas tão diversas e tantas, numa prosa plastica como a cera e numa lingua rija como o bronze; e espargiu na sua obra emfim, toda essa porção de sangue insubmisso, d'independencia forte, e de sonho miguelangesco, que as litteraturas só de seculo a seculo registram, e que o cosmopolitismo hodierno de todo está hoje sonegando ás nacionalidades mortas que invadiu».

FIALHO D'ALMEIDA.

I

Disse Armand Carrel que a vida de um grande escriptor é o melhor commentario das suas obras, a explicação e, por assim dizer, a historia do seu talento. [1] A ninguem melhor que a esse desgraçado e grande Camillo se pode, com justeza, applicar o conceito, de tal modo os multiplices incidentes da sua vida accidentada influiram na genese da sua obra, quer indirectamente originando os estados de espirito que deram terreno ás suas creações, quer d'um modo directo suggerindo assumptos que a sua phantasia exhuberante depois romantizou. E, assim, essa obra sahiu irregular, desordenada, desigual, por vezes até incoherente, como irregular, desordenada, desigual e incoherente foi a vida do grande artista que a creou. E' o psycopatha a revelar-se a cada pagina: aqui, atirando para os olhos

---

[1] A. CARREL: *Essai sur la vie e les ecrits de P. L. Courier;* CAMILLO: *Maria da Fonte.*

do publico a sua propria vida, no que ella tem de mais secreto e de mais intimo; além, repudiando opiniões na vespera defendidas, com a mesma convicção e o mesmo ardor; ora fazendo da penna um instrumento de vindicta, numa arremettida indomita de orgulho que se não deixa impunemente magoar; ora procurando no leitor o confidente das suas horas de desalento e extrema angustia; esgrimindo hoje contra a palha d'uns mônos, na illusão megalomana de que por trás d'ella existe a cota d'armas de luctadores dignos d'elle; accumulando ámanhã provas contra uma dynastia, pela vaga suspeição de que o representante da linhagem pulluïda-lhe não quer dar um titulo; umas vezes, escalpellizando com o bisturi do sarcasmo, amorosamente, cruelmente deliciado, como uma fera do Santo Officio a commandar uma tortura; outras vezes, arrancando da vida real os personagens dos seus livros para os exalçar aos extremos romanticos do amôr, da abnegação e da ventura, por onde se librava, nas horas calmas, a phantasia alada do seu sonho. E' a vaidade, o orgulho, o misoneïsmo, o despeito, a inconfidencia, a impulsividade, a phantasia romanesca, a imaginação febril e poderosa, a faculdade creadora soberba, admiravel, succedendo-se, fundindo-se, associando-se, formando no conjuncto essa figura extraordinaria de homem de genio e desgraçado que a incomprehensão hesitante de coevos e de posteros nem sempre tem deixado serena e justiceiramente avaliar.

«Na litteratura portuguêsa contemporanea — escreveu o sr. Theophilo Braga — Camillo Castello Branco é a mais poderosa organização esthetica, exercida em uma prolongada e contínua idealização, reflectindo na sua obra todo o estado moral de uma época perturbada pela falta de uma doutrina.» [1] Mas porventura não será a essa falta de doutrina, tão claramente reflectida na sua obra, que nós devemos a expansão liberrima e admiravel do seu genio? Ao relêr, pagina a pagina, essa obra desconnexa e colossal, imperfeita e assombrosa, eu pergunto a mim proprio se uma systematização de toda ella, obedecendo a um claro programma de doutrina, roubando tudo que ali existe de admiravelmente expontaneo, por um acaso lhe augmentaria a grandeza. Porque de sobra eu sei que subordinar uma larga obra d'arte como essa a um corpo doutrinario, alinhando-a d'antemão, por uma ordem, como os capitulos regrados, rigorosos, d'um trabalho de sciencia, é correr o risco de pôr em debandada tudo o que á emotividade do artista tal obra d'arte tem de pedir, para ser grande. A critica não póde conscientemente lamentar a descoordenação d'uma obra como a de Camillo: tem de explicá-la como uma consequencia inevitavel e logica das caracteristicas dominantes do genio que a creou.

---

1 THEOPHILO BRAGA: *As modernas ideias na litteratura portuguêsa*, 1892, v. I, pag. 240.

É certo que Camillo Castello Branco viveu, litterariamente, numa época de transição, incerta e vacillante. Quando começou, o romantismo, semisolto das mãos de Garrett e prestes a cahir na rhetorica vasia de Castilho, entrava rasgadamente no caminho da decadencia. A desorientação tomava posse dos espiritos mais cultos: já se não sabia ao certo quaes as firmas litterarias, d'aqui e lá de fóra, dignas de admiração e de respeito. Os proprios mestres, como Herculano, não hesitavam em reunir na mesma citação Balzac e Kock e em falar, com todo o seu empertigado desprezo cathedratico «das fabricas parizienses de novellas, dramas, viagens, comedias, romances, folhetins, physiologias moraes ou immoraes, e não sei de que outros productos das fabricas de Balzac, Sue, Sand, Arlincourt e C.ª» [1] Porque para a opinião do solitario de Val-de-Lobos, que já por esse tempo falava sempre em tom solemne e era ouvido de joelhos como summo-pontifice da sciencia e da litteratura lusitanas, a *Comedia humana* valia tanto como os productos do onanismo de olhos em alvo do alambicado visconde d'Arlincourt. Estavam as coisas, pouco mais ou menos, nesse pé, quando Camillo começou. Quatorze annos mais tarde, Theophilo e Anthero, rompendo fogo contra o elogio-mutuo, inveterado vicio d'essa litte-

---

[1] ALEXANDRE HERCULANO: *Opusculos*, 1873, t. II, p. 79 e 104.

ratura official de que Castilho era o arbitro supremo, derribaram de vez o romantismo, rudemente, num ataque violento em que a audacia e o irrespeito nem sempre infelizmente iam servindo um erguido espirito de justiça. Fundou-se assim a chamada escola de Coimbra, precursora do realismo, que dez annos depois surgiu, exclusivista, intolerante, fincado nas suas apregoadas bases philosophicas e na irrefutavel justeza dos seus principios, colhidos no manancial da pura sciencia. Nesses modernos tempos, as doutrinas positivistas, pendão de revolta dos aguerridos espiritos militantes — pendão que o sr. Theophilo Braga, ficando só em campo, tem galhardamente segurado com as mãos ambas ha quasi meio seculo — nem sempre os impediam de discorrer erradamente. Assim, por 1880, quando os recemvindos no arraial das boas-letras julgaram que lhes era preciso derribar o velho glorioso para conseguirem onde acoitar os seus talentos a abarrotar de Ideias-Novas, um moço de real aptidão, que em mais sereno ramo d'arte nos deixou algumas pequenas e quasi ignoradas obras-primas, envergou um pseudonymo para dirigir a Camillo uma carta-aberta em que se lêem periodos assim: «V. Ex.a terá na litteratura portuguêsa o papel de Hugo, Dumas, Flaubert, Sue, Feuillet, Zola, Feydeau, Claretie, Macpherson, Klopstock, Schuchart, etc., etc., nas differentes litteraturas dos diversos paizes? Cremos que não». Elle sabia lá, o bom e ingenuo apostolo de Comte, que diabo de papel tinham em França

Feydeau e Claretie ou o arrevesado Macpherson nas nevoentas terras da sua Escocia! Era, afinal, o mesmo facciosismo de escola que fizera a hostilidade de Lopes de Mendonça e de Herculano quando Camillo litterariamente ensaiou os seus primeiros passos. Sempre o circulo de ferro de meia duzia de ideias talhadas pelo figurino em moda, a acorrentar a liberdade d'um juizo sem paixão, empanando inconscientemente um equitativo criterio de justiça.

Ora o que ha de mais admiravel na personalidade litteraria de Camillo é o modo como atravessou tão diversos periodos de combate, sem lhes soffrer sensivelmente a influencia, firme sempre nos seus processos d'arte, realizando insensivelmente um meio termo que seria difficil conseguir d'outra maneira. Realista demais para ser romantico, romantico demais para realista, mas camillesco sempre, elle só, inconfundivel, é assim que temos de considerá-lo, fóra de todas as escolas, de que apenas corticalmente, quando muito, soffreu influencia.

E a razão primeira d'esse isolamento, deve buscar-se na phase inicial da sua educação: o tempo da Samardan em que viveu com esse padre Antonio d'Azevedo, «nome que os pobres, seus irmãos, reverenceiam, e os enfermos da alma abençoam; anciào virtuoso; operario infatigavel em serviço de Deus e da humanidade», como o proprio Camillo escreveu mais tarde, na dedicatoria de *O bem e o mal*. Num dos volumes dos *Serões de S. Miguel de*

Seide é assim que o romancista se refere a essa época, que elle proprio confessa ter sido a melhor da sua vida:

«Uma vidraça do nosso quarto não tinha portadas. Elle queria ver o repontar da aurora. Quando a lua nascia por alta noite, eu acordava, ás vezes, e via-o sentado no seu leito banhado de luar, rezando os doze mysterios, por umas contas monasticas. Depois, chamava-me. Resavamos *matinas* com luz artificial. Iamos para a egreja. Eu tangia á missa e acolitava, pingando mais somno que devotas lagrimas. De volta do Presbyterio, faziamos chá; depois, lia-se a versão de Alexandre Garrett, os *Annaes da propagação da fé,* as *Noites de Joung,* a *Miscellanea curiosa e proveitosa,* os *Luziadas,* o *Theatro de los dioses,* as *Viagens de Cyro,* as *Perigrinações* de Fernão Mendes Pinto, e a *Historia de Portugal* por uma sociedade de inglezes».

No *Ao anoitecer da vida,* fazendo a historia da sua primeira poesia — uma ode ingenua, á maneira arcade, com seu triste Alcino e sua dôce Elemena enamorados — Camillo escreve:

«Creio que tinha eu então entre os quinze e os dezeseis annos. Scismava mais do que lia, e lia mais poetas que compendios escolares. Porém, que poetas eu conversei na minha infancia! O peculio das riquezas rithmadas que enthesourava a pequena bibliotheca da minha familia de aquelle tempo, bibliotheca de padres lá em cima na serra do

Mesio em Trás-os-montes, eram dois volumes de Bocage, um Camões, e umas trovas de não sei quem, dispersas nuns cinco tomos denominados *Miscellanea poetica*...... Já então e de muito antes, se liam e tomavam para molde as poesias de Castilho, Garrett e Herculano; avultavam os Lamartinistas; balbuciavam os bardos novos aquellas meiguices e amaneirados dizeres, nunca ensaiados entre nós com tanta louçania como, poucos annos depois, os admiramos na pleiade de moços que, em Coimbra, escreveram o *Trovador*. Ora, eu, em 1842, não conhecia alguns d'aquelles nomes, nem áquellas montanhas, onde me fiz homem, havia chegado livro de poeta, que merecesse enfileirar-se entre Bocage e um sermonario de José Agostinho de Macedo, com o *Theatro dos Deuses* á esquerda e o Fernão Mendes Pinto á direita, e as *Viagens do Cyro* por cima, e a theologia do *Lugdonense* por baixo».

Litterariamente, educou-se pois Camillo fóra da atmosphera do seu tempo, começou a lêr romanticos na altura já em que o seu espirito estava apto a recebê-los sem esse enthusiasmo vulgar na gente nova pelos nomes aclamados; ao contrario de todos os outros incipientes plumazes do seu tempo, elle soube que existiu um Bocage, um José Agostinho e um Fernão Mendes Pinto, antes de boquiabrir-se ao estylo floribundo do visconde de Castilho, adorar o visconde Garrett na *Lyrica de João Minimo*, e em Herculano, humildemente, saudar o Mestre.

D'ahi o seu amôr aos classicos, que depois foi lendo e estudando com interesse e, mais tarde, a sua paixão de papelista, proporcionando-lhe excellentes meios de investigação de factos historicos deturpados ou controversos; e ainda, como natural consequencia d'essas leituras, a acquisição d'um vocabulario vastissimo que lhe permittiu levar a nossa lingua, que desde o seculo dezoito se viera deploravelmente empobrecendo e abastardando, a um grau de malleabilidade e a um poder de expressão nunca attingidos. De tal modo, a orientação litteraria de Camillo entra como elemento importante na justificação critica da sua obra. Orientado já com segurança quando conheceu o romantismo, elle que em outro caso amesquinharia talvez o seu talento na corriqueira reproducção de moldes feitos, soube da escola que o recebeu aproveitar apenas as virtudes. Facciosismos de seita, exageros deploraveis, exclusivismos deprimentes — no que respeita, não aos seus pontos de vista criticos, mas aos processos da sua arte — não os tinha elle nem os podia ter d'essa maneira, e eis porque, começando durante a febre romantica, acabando no enthusiasmo realista, os romanticos achá-lo-iam avançado demais nos seus principios e os realistas haviam de vê-lo sempre, em seu trajar antigo, como velha reliquia de tempos já distantes.

Mas quaes eram esses processos da sua arte? Será possivel concretizá-los numa definição? Ou

coordená-los em grupos, marcando a sua evolução no largo percurso de mais de quarenta annos?

Em rigor, na evolução litteraria de Camillo não é possivel marcar phases distinctas, com caracteres de differenciação perfeitamente definidos; antes, essa evolução, um pouco sinuosa, é apenas a resultante das contingencias da vida aventureira do artista e da transformação social do meio, durante o largo periodo da sua actividade. Só um artificio póde fazer a divisão do seu trabalho em periodos autonomos; um estudo completo de cada uma das suas obras explica-nos a sua razão de ser, a origem da feição mais ou menos extranha que porventura ella revista, esclarece-nos suppostas contradicções, mas não nos dá, nem pode dar, os elementos para uma classificação que não redunde em passatempo meramente ocioso. De resto, a obra de Camillo não resultou, nem podia resultar, d'um trabalho methodico, regular, ordenado; a sua actividade era aos altos e baixos, como geralmente acontece nos nevropathas como elle. E eu vou mesmo até vêr na realização das suas obras todo o processo d'uma obsessão impulsiva, tanto mais que a sua psychose, amplamente provada, me auctoriza a pensar assim. Pois do mesmo modo que, se fôsse um kleptomano, num impulso irresistivel nos roubaria a carteira, se fôsse um pyromano nos lançaria fogo á casa, se fôsse um dipsomano não resistiria a beber, se fôsse um dumomano se veria forçado, contra toda a série de inhibições, a pôr-se em fuga, e se fôsse um coprolalo

não teria outro remedio senão proferir inconveniencias lamentaveis, — sendo um homem de genio, Camillo havia de irresistivelmente fazer-se admirar em obras-primas. Teimo em considerar o processo identico, fundando-me nos factos que me elucidam a sua maneira de trabalho. Certas obras suas, planeadas muito tempo antes de serem escriptas, impuzeram-se talvez todo esse tempo ao seu espirito, como uma obsessão: havia de por força hesitar mil vezes em escrever um livro, antes de traçar a primeira linha, esse homem que hesitou sempre em todos os actos da sua vida. Em alguns casos porém, essa hesitação se esclarece: alguns seus livros, inutilizados depois de impressos, por escrupulos de varias ordens, appareciam mais tarde com alterações que só muito superficialmente lhes tiravam o mal que os tinha condemnado. Mas, vencidas todas as resistencias do doente da vontade, a obra, romance ou historia, escrevia-se com uma rapidez prodigiosa, d'um só jacto, — num impulso: o *Livro Negro do Padre Diniz* foi feito em vinte dias, [1] o *Amôr de Perdição* em quinze, «os mais atormentados da *sua* vida». [2]

Nessas condições, a obra forçosamente havia de ser irregular no genero, na concepção e no processo, e ao estylo teria de faltar essa perfeição regrada e

---

[1] H. Marques: Ob. cit.

[2] Camillo: *Memorias do carcere.*

uniforme que é o privilegio dos que fazem do trabalho da fórma uma tortura. E, não obstante, é precisamente na fórma que é possivel marcar na obra do romancista uma marcha regularmente evolutiva. A cada passo, o estylo se torna mais ductil, mais harmonico, lucrando na sonoridade do periodo e no corte moderno da phrase o que porventura, até certo ponto, em espontaneidade e leveza ia perdendo. A comparação do *Anathema*, dos *Mysterios de Lisboa*, das *Scenas contemporaneas* e d'outros romances dos primeiros tempos com a *Brazileira de Prazins* ou com os capitulos conhecidos da novella incompleta *Via-sacra*, é, sob esse aspecto, elucidante.

No genero, já essa evolução se complica. O romance da actualidade, a novella historica, os bosquejos eruditos, as peças theatraes, os versos e os volumes de compilação, apparecem-nos alternando-se durante todo o periodo da sua actividade litteraria. Nem sempre, porém, á elaboração d'essas obras preside o acaso: os artigos religiosos reunidos nos dois volumes *Divindade de Jesus* e *Horas de paz*, foram feitos durante a crise de mysticismo que o levou ao Seminario: os estudos historicos appareceram quando elle, pela supposição de que o rei D. Luiz se oppunha a que lhe dessem o viscondado, coordenou um libello de tremer contra os Bragançs; as brochuras de fragmentos appareceram sempre nos periodos da sua vida em que a obra original não era monetariamente tão proveitosa que dispen-

sasse o recurso d'uma exploração, mais ou menos guarnecida, do seu nome glorioso, na capa de um volume de coisas triviaes. Esse trabalho de coordenador de coisas minimas foi quasi exclusivamente todo o emprego da sua actividade quando, no fim da vida, a doença lhe embotou, pelo cansaço, pela dôr, pela cegueira, os derradeiros recursos do artista. Os livros de polemica violentissima vêm quando, mais que o ataque do adversario, a doença nervosa o exaspera, e eis porque então da sua penna espirram odios e a sua prosa despedaça cruelmente, como se esse homem soffredor quizesse provar aos que gozavam a saude que lhe faltava, o bem-estar que não tinha, a fortuna que o trabalho lhe não dava, que, se não usufruia como elles esses bens, que Deus sabe com que grande ambição desejaria!, tinha o genio que os aniquilava, brincando, em meia duzia de paginas demolidoras.

Seria tambem inexacto, dizer que a obra de Camillo vae, em successão chronologica, numa ordem de merito crescente. Não. *A filha* e *A neta do arcediago,* publicados em 55 e 56, são já duas novellas interessantissimas, feitas com arte, architectadas sem esforço, d'uma graça espontanea que as faz lêr com agrado. *Onde está a felicidade?,* d'essa época tambem, corre como sendo uma das suas obras-primas e foi aquella que fez desanuvear a Herculano a carranca duvidosa do talento primacial do romancista. Esse livro foi, até então, o mais applaudido, e Camillo, animado com o successo,

fez-lhe a continuação em *Um homem de brios* que o não vale, e ainda, annos depois, nas *Memorias de Guilherme do Amaral*, notavelmente inferior a ambos os outros. O *Amôr de salvação,* publicado em 64, não chega, nem por sombras, ao *Amôr de perdição,* publicado dois annos antes e cujo exito retumbante na semelhança de rotulo explora. O *Livro de consolação*, feito a proposito do caso Vieira de Castro e publicado em 72, *As três irmãs,* encomenda do *Commercio do Porto,* em 61, e as *Coisas espantosas,* do anno seguinte, não figurariam, numa edição selecta, ao lado do *Romance d'um homem rico*, de 61, de *O bem e o mal*, de 63, do *Esqueleto,* de 65, e d'essa maravilhosa collecção das *Novellas do Minho,* impressa de 75 a 77. Depois da *Corja,* do *Eusebio Macario,* e da *Brazileira de Prazins,* veio o romance mediocre *Vulcões de lama.* E eis como a producção litteraria de Camillo, irregular em quasi todos os seus aspectos, artificializa, desvalorizando-a, toda a tentativa para fixar rigorosamente, adentro d'ella, os estadios de uma regular evolução.

Mas a sua maneira de considerar o romance? o seu processo? Fixar-se-ia esse processo em termos rigidos e intransigentes? seguiria, esse ao menos, as phases d'uma successão evolutiva? É bem difficil responder a taes perguntas. A observação do critico, procurando uma solução, a certa altura, desorienta-se e hesita. Sente-se a tentação de filiar os primeiros romances de Camillo na maneira ro-

mantica de Sue; de passar depois á observação de costumes e typos portuguêses; de registar a phase do romance historico, a do romance moralizador, a da transigencia com os modelos naturalistas. Mas, nos proprios *Mysterios de Lisboa* não é já a individualidade de Camillo que se destaca, superior a todos os modelos, acima de todos os propositos de imitação? Acaso, nos chamados *romances realistas* dos seus ultimos tempos, essa mesma individualidade pujante e victoriosa não amesquinha e inutiliza toda a convicta ou simulada intensão de transigencia? Porventura os capitulos adoraveis da *Via-sacra* não são tão romanticos ou tão naturalistas como os das *Novellas do Minho* ou do *Romance de um homem rico?*

Vejamos então qual o juizo que ao proprio Camillo mereceram algumas das suas obras e procuremos descobrir, por entre os traços enganadores d'uma ironia subtil, como, falando dos seus processos, mais d'uma vez contradictoriamente, o proprio romancista os definiu.

Em 1856, no prefacio de *Um Homem de Brios:*

«... Eu desejo escrever o romance de modo que o meu leitor — se Deus me deparar um com experiencia do mundo, e alma capaz de crear, pela reminiscencia de illusões extinctas, novas illusões — possa dizer: *a vida é isto*... Se posso espalhar alguma flôr sobre a chaga do vicio asqueroso, antes quero que os experimentados me taxem de imperfeito nos traços, e que os innocentes vejam as imper

feições sem conhecê-las. Creio que me entenderam; e se não entenderam, eu não sei explicar-me melhor. Desejo, outrosim, não crear visões de virtude exagerada, porque dou tanto pela immoralidade de Vautrin, como pela resignação da Angelica, como pela paixão suicida da Dama das Camelias. Na natureza não ha d'isto; e eu penso que a realidade é de si tão fertil, que não precisa pedir de emprestimo á imaginação. E não vejo outro modo de desmentir esta judiciosa sentença de Boiste: *Les romans ne peuvent être que dangereux soit par les exhalaisons du vice et de la corruption, soit par les fantômes d'une perfection idéale.* Por consequencia, verdade e mais verdade. Vivamos neste mundo com os nossos heroes e os nossos leitores, para que o critico citado nos não venha dizer, que *quem tem a cabeça cheia de romances não vive neste mundo*».

Em 1858, no *Discurso proemial* dos *Annos de prosa*, publicado cinco annos depois:

«Ha cincoenta annos que as senhoras não liam romances, por uma razão cujo descobrimento me custou longas vigilias: — não sabiam lêr. Algumas, rebeldes á vontade paternal, conseguiam soletrar e escrever á tia uma carta em dia de annos, copiada do *Secretario português* de Candido Lusitano. Os paes acceitavam com repugnancia aquelle abuso de intelligencia, e castigavam a filha, forçando-a a um trabalho litterario semanal: escrever em cada segunda feira o rol de roupa. Este systema penal tinha só a vantagem de tirar ao vicio os enfeites

da intelligencia, reduzindo-o á essencia bruta de sua nudez primitiva. Já não era pouco para exemplo e edificação das almas. O melhor moralista será aquelle que despir o delicto do coração das galas que lhe veste o desejo e o cobrir de farrapos repulsivos. Por esses tempos, e nos dez annos sequentes, os propagandistas da corrupção tentaram exercitar o seu maleficio, vertendo para pessima linguagem portuguêsa novellas francêsas, que transpuzeram as fronteiras no couce da bagagem do Junot. Em 1814, a immoralidade, até esse anno sopeada pela impertinente virtude das novellas, taes como *A virtude recompensada* e o *Escravo das paixões,* quebrou as ferropeas, e despejou do regaço dissoluto a versão de *Tom Jones,* o *Sophá,* o *Candido,* e quejandas faúlas incendiarias, que pegariam nos corações, se a manteiga e o paio das tendas não esfriassem a força comburente d'essa droga que acirrava os paladares antropóphagos d'aquelle festim de 1793. Bemdita e louvada seja a ignorancia! Os romances francêses, até 1830, encontraram as almas portuguêsas hermeticamente calafetadas. Até esse anno infausto, a mulher era o anjo caseiro, a alma da despensa, a providencia da piuga, e sobre tudo, a femea do homem, qual Jehovah a fizera d'uma costella do mesmo. O salão era como trintario cerrado onde, a espaços, uma gosmenta matrona espirrava, e a sociedade, a cabecear de somno, surgia estremunhada, dizendo: *Dominus tecum.* A menina casadeira não se erguia de ao pé da mãe. O noivo

mirava-a de longe em felina beatitude; e, no auge da sua casquilha audacia, piscava-lhe a furto o olho, onde reslumbrava a paixão. Não havia então d'esses homens molherengos, que alambicam a parlenda assucarada, coando por ouvidos incautos o veneno do estylo, que é o mais corrosivo de quantos ha na toxicologia do amôr. A mulher actual é quasi sempre victima da rhetorica requentada do romance, que esteril peralvilho lhe encampa como cousa de sua alma. Algumas conheço eu que resvalaram ao abysmo da perdição pela rampa de um adverbio euphonicamente intruso num periodo arredondado. Este sortilegio da linguagem que enfeitiça e dá quebranto ás mulheres, é apanhado no romance. O coração de certos individuos acha-se, muitas vezes, a paginas tantas da tal novella. Sem figurinos e romances não haveria corpos apresentaveis nem espiritos insinuantes. Muita gente se espanta das gloriosas aventuras de alguns sujeitos pyramidalmente tolos. Eu não. Tal ha que se vos afigura mazorro d'alma, e, não obstante, ao lado de mulheres, dispara descargas de phrases amorudas que é um pasmar. Asneira, dita em nome do coração, não ha uma só que não seja laureada. Cada Petrarcha lôrpa tem, a final, o seu capitolio. A mulher, por via de regra, é de seu natural tão boa, sensivel e generosa que chega a recompensar a pertinacia do homem que, primeiro, a nauseou: o segredo d'este paradoxo está na influencia contagiosa da tolice. A mulher que fez chorar o tolo, e

viu rebentar lagrimas de uma cabeça de granito, cuida que fez o milagre de Moysés na rocha de Horeb. Alliciada pela serpente da vaidade, succumbe como Eva. Que mudanças! D'antes o caixeiro principiava sempre a carta de namoro por: *Meu amado bem!* Agora já diz: *Anjo!* ou *Serafim!* Era d'antes a phrase sacramental do exordio: *Ver-te e amar-te foi obra de um momento.* Agora não é raro encontrar d'estes arrojos: *Amar e morrer é meu destino!* E, depois, o maleficio do romance não está sómente no plagiato irrisorio; o peor é quando as imaginações frivolas ou compassivas se entalham nos lances da vida phantasiosa da novella, e crêem que a norma geral de viver é essa. Emquanto a mulher estuda sómente a phrase que applica, bem ou mal, quando a enlouquece a vaidade de parecer o que não é, bem vae. Dá-se um exemplo: A apaixonada de um amigo meu, ao recebê-lo pela primeira vez em sua casa, no patamar da escada, antes de deixar-se beijar a mão, estendeu o braço direito em magestosa attitude, deu á fronte a regia altivez de uma Phedra de aguas-furtadas, e disse em tom cavo e solemne: *Juraes levar-me ás aras?* O meu amigo, que balbuciara um prefacio de longo estudo, soltou um frouxo de insolente riso, e desceu as escadas por não poder com o espectaculo da dama corrida do insulto. Eis aqui uma que os romances de Arlincourt salvaram; quantas, porém, perdidas por guardarem as phrases ridiculas para o final?... Grande mal é o identificar-se o espirito

ás visualidades do romance. Quando a leitora se ri das crendices da sua infancia e dos absurdos principios que lhe apoucaram o imaginar e o voar do espirito, vem-lhe os enfados, o escutar as mentiras do coração que se emancipa, o crêr que a vida passada foi apenas um vegetar do vulgo, e que o viver da alma, assim, será como o do arbusto bravio que dá flôres sem aroma, e fructos sem sabor. Seja, outra vez, bemdita e louvada a ignorancia de nossas mães, e nossas irmãs, e nossas esposas! A vida caseira, esta deliciosa monotonia, que a poucas é já saborosa no viver intimo, requer muita estupidez, muito somno a toda a hora, um estomago exigente e forte, muita digestão soporosa de substancias pesadas. Esta bemaventurança ha-de restaurá-la a ignorancia supina, não hão-de ser as palavrosas theorias de Michelet ácêrca do *amôr* e da *mulher*. Comecem os paes de familia por circumvalarem suas casas de um cordão sanitario contra a peste do romance, que não se abonar com a promettida pudicicia d'este, e de outros com que o auctor, coração aberto a todas as chimeras, e de entranhas lavadas, tem querido enxertar no tronco carcomido da humanidade toda a casta de virtude».

Em 1862, no prefacio da segunda edição dos *Doze casamentos felizes*:

«Cuidou o auctor que este livro, á custa da sua muita simpleza e naturalidade, desagradaria ao maximo numero de pessoas, que aferem, ou d'antes aferiam o quilate d'uma obra de phantasia, con-

soante os lances surprehendentes e extraordinarios. Não foi assim. A época é outra, e melhor. O maravilhoso teve sua voga, seu tempo e sua catastrophe. Tambem o auctor foi tributario da moda, quando, mais que a arte, o seduzia e subornava a gloria de ser lido. Ahi estão os *Mysterios de Lisboa* e o *Livro negro* e que taes volumes, cujas reimpressões são o proporcionado castigo de quem os fez. Não ousa o auctor dar-se algum dos seus livros como modelo a si mesmo: sem-razão seria pensarem que elle dá esta, ou outra obra, como pauta e exemplar a estranhos. Pediria, isso sim, que se fizessem romances como se pintam paisagens, de modo que o merecimento de taes escriptos assentasse na fidelidade da cópia, tal que cada leitor visse nella um seu modo de sentir, ou a reminiscencia d'algum quadro, mais ou menos analogo, que, alguma vez, se lhe offereceu. O auctor tem-se empenhado em averiguar se a leitura dos *Doze casamentos felizes* daria azo a que elle pudesse escrever mais um decimo terceiro. Vem a proposito agora pedir-se ao leitor, prosperamente casado, que, se este livro lhe melhorou o coração ou a razão, se não peje de o revelar ao auctor, que nenhum maior premio ambiciona. A revelação seria coisa original; mas animadora para quem escreve. Pois se dizem que alguns romances, inflorando o crime, e aconselhando o divorcio, corromperam as almas, será desatino esperar que o romance, conselheiro e panegyrista das virtudes conjugaes, produza salutares contentamentos?»

No prologo das *Estrellas funestas,* romance publicado nesse mesmo anno de 1862:

«Esta historia é innocente. Podem lê-la senhoras de imaginação impressionavel, e os moços descontentes da vida incolor e monotona que a sociedade lhes prescreve. O auctor, quando era rapaz, não enganou alguem escrevendo: ahi estão uns trinta volumes a defendê-lo da calumnia, se alguem o argue de romancista corruptor. Agora, que está velho, dobrada obrigação lhe corre de desvanecer preconceitos, que disparam em desordem da vida, e sacrificam os thesouros da paz ao pobre do coração que tão mal os paga, por não ter cousa boa que dar por elles. Crê o auctor que ha, no caminho da vida, muitas paragens alegres, se o caminheiro as sabe vêr com os olhos já cançados de perseguir as fugitivas visões. Nem podia deixar de ser assim, a menos que a verdade, filha do ceu, não fôsse um mal. E a verdade, para uns temporã, e serôdea para outros, a final, a todos alumia, como o sol do Senhor, que primeiro doura a colmada choça do montanhez, e depois desce os flancos da serra, doura e lustra os zimborios dos palacios, e verte do seu zenith um raio nas cavernas onde a formiga passeia por entre as unhas do leão. Aquellas paragens verdadeiras do caminho da vida, são hospedagem commum; todavia, os mais dilectos do anjo bom, que ali recebe os peregrinos, são os mais infelizes, os mais quebrantados da jornada, os que subiram até lá o desfiladeiro das illusões, e bem mereceram a graça do

anjo, rebaptisados na agua de suas lagrimas. Sentado numa d'essas paragens é que eu conto esta historia ás pessoas que a quizerem ouvir por complacencia com a minha velhice, e porque eu lhes assevero que este e todos os meus romances olham a prevenir o leitor contra os infortunios procedentes da mentira do coração.»

Em 1863, prefaciando a segunda edição do *Romance de um homem rico:*

«Este foi o mais querido dos meus romances e, se o vaticinio, que aventuro sobre o meu futuro de escriptor, me sae exacto, este romance prevalecerá a quantos a minha imaginação já desluzida, e como á força, der de si. Com tristeza sincera confesso que no que fui já mal me reconheço. As rugas da fronte empecem ao coar d'aquella flamma, que me aquentava a phantasia, e dentro me alumiava, como em lampada magica, lances da vida exterior, uns de riso, outros de lagrimas. E eu entrava em espirito e em coração neste interior mundo, e lá me sentia viver, soffrer e amar. A isto não ousaria eu chamar inspiração; mas sem modestia de vaidade, podia chamar-lhe feliz capacidade para engenhar obras d'um dia, leituras de duas horas, recreio a ocios de quem os não sabia gastar melhor e mais aproveitados. Como se foi amortiçando a luz da minha mocidade, e aquelle incansavel amôr ao trabalho, languido a ponto de já agora deixar cahir a fronte esfriada e dorida sobre o papel em que escrevo? Acabou-se como tudo que principia, e mais depressa

que o deperecer commum das faculdades inventivas. Esta é a sorte immerecida d'aquelles que não puderam ou não quizeram poupar o vigor do coração em vantagem do vigor da intelligencia. A mais ardente cabeça de homem empedrou debaixo da mão glacial da desfortuna. Foi este romance escripto nas cadêas da Relação do Porto em 1861...... Viveram no meu ergastulo da Relação do Porto, comigo, noite e dia, o padre Alvaro d'este romance, e Maria da Gloria, e Leonor, e a santa de Vairão; e Thereza, e Marianna, e meu tio desterrado do outro livro chamado *Amôr de perdição.* Viveram comigo aquelles ditosos pares que eu casei, e o publico hospedou alegremente, com o livro *Doze casamentos felizes.* E eu tenho saudades d'elles, e das noites em que os via sentados em volta do meu leito. Cá fóra, á luz em cheio do sol, não os encontro.»

Nesse mesmo anno de 1863, no prefacio da *Filha do Doutor Negro:*

«...A historia de Albertina no trajecto de vinte annos, muitas vezes me acudiu á lembrança, nas horas em que eu combinava na palheta as côres com que bosquejei os quadros tristes e alegres da humanidade, que m'os acceitou benignamente, não porque fôssem bons, mas porque eram fieis: das deformidades da natureza seria injustiça irrogar-me censura a mim. Desaproveitei o romance de Albertina, em todas as vezes que me lembrou, porque me alistára na laureada e gananciosa milicia dos romancistas do *terror grosso,* como d'elles dizia Julio

Janin, o celebrado folhetinista, que escreveu *O burro morto,* romance que começa a aterrar a gente desde o titulo, e, lá pelo meio adeante, mette a humanidade num banho de sangue, de muita gente e do burro citado. A final, e muito a tempo, desertei ás bandeiras dos mestres francêses, e entendi no melhor modo de descrever os usos e costumes da minha terra, os sentimentos bons e maus como por cá os tenho visto, as paixões como ellas são cá, e como creio que ellas são em toda a parte, tirante as composturas, artificios e maravalhas de linguagem, com que, para maior gloria do genero pestilencial, corruptor das almas, os pintores da sociedade adulteram a verdade das coisas e pessoas. Cae a proposito neste ponto declarar eu á critica bem intencionada de alguns dos avaliadores dos meus ultimos livros, editados em folhetins do *Commercio do Porto*, que nem levemente me constrangem as condições que me pauto e imponho, no desenvolvimento da ideia moralizadora, ou, pelo menos, intuito social e humanitario de cada um dos romances. Taes são os publicados com os titulos: *Três irmãs*, *Estrellas funestas*, *Estrellas propicias*, *O bem e o mal.* E, afóra estes, que a critica irreflectida cuidou me haviam sido assim prescriptos e agorentados pela seriedade d'aquelle jornal, escrevi com igual intento e desassombrada espontaneidade o *Amôr de perdição,* o *Romance de um homem rico*, e outro, que está no prelo, chamado *Amôr de salvação.* De nenhuns outros me ficou tão cheio o animo

de contentamento, contentamento sem vaidade, satisfação de ter povoado a minha phantasia de imagens, que seriam ainda sublimes e bellas, quando não fôssem imitaveis e verdadeiras. A esta serie de romances pertence a *Filha do Doutor Negro*, bem que o titulo prometta scenas escuras, e se dê um geito de engodo á curiosidade. Não vem para isso. Faço pouco finca-pé em titulos, e não dou nada pela cousa que traz logo um rotulo de negocio, no modo como se intitula. Chamei ao livro assim, porque a heroina do romance, como já se vae dizer, tinha muita honra em ser assim conhecida. A razão por que eu esperei vinte annos esta hora, hora de infinita dôr, em que principio a escrever tal romance, é que eu, nesse longo termo de meia existencia, cuidei que, sem intercalar de episodios imaginarios a historia de Albertina, mal ou de nenhuma maneira lograria dar-lhe vida, interesse, variedade, e numero, como diria um correcto juiz com o Quintiliano em mente. Agora, revirou-se o meu entendimento em cousas d'esta ordem, como em quasi todas as cousas ordenadas ou desordenadas pela gente. Estou apto para trasladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado á imaginativa o que a natureza me não dá. Se, alguma vez, falsifico as tintas, ou derramo a mãos cheias flôres sobre as ulceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e comigo. Bastam as miserias vistas: poupemo-nos á estampa, que não corrige nem condemna. Para juiz lá está Deus. Para algoz, basta que cada um o seja de si proprio.»

Ainda em 1863, no prefacio á segunda edição do *Amor de perdição:*

«Este livro, cujo exito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de primazia sobre todos os seus irmãos. Movia-me á desconfiança o ser elle triste, sem interpolação de risos; sombrio, e rematado por catastrophe de confrangir o animo dos leitores, que se interessam na boa sorte de uns e no castigo d'outros personagens. Em honra e louvor das pessoas que estimaram o meu livro, confessarei agradavelmente que julguei mal d'ellas. Não aprovo a qualificação; mas a critica escripta conformou-se com a opinião da maioria que antepõe o *Amôr de perdição* ao *Romance de um homem rico* e ás *Estrellas propicias*. É grande parte neste favoravel, embora insustentavel juizo, a rapidez das peripecias, a derivação concisa do dialogo para os pontos essenciaes do enrêdo, a ausencia de divagações philosophicas, a lhaneza da linguagem e desartificio das locuções. Isto, em quanto a mim, não póde ser um merecimento absoluto. O romance que não estribar em outras recommendações mais solidas, deve ter uma voga mui pouco duradoura. Estou quasi convencido de que o romance, tendendo a apellar da iniqua sentença, que o condemna a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma especie de utilidade, tal como o estudo da alma, ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento: que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas

litteraturas antigas, em nome e por amôr das quaes muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado auctor. Dou-me por suspeito nesta questão. Graças a Deus, ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locaes do jornalismo. Até escrupulizo em dizer que devem lêr-se romances: não vão cuidar que eu recommendo os meus. É certo que tenho querido imprimir em alguns dos meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem sã e ageitada á expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escriptos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. Nos *quinze atormentados dias,* em que o escrevi, falleceu-me o vagar e contensão que requer o acepilhar e brunir periodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto, em diversas circumstancias, podia ser.»

Prefacio do *Esqueleto,* publicado em 1865, pela primeira vez:

«Em quanto á influencia do romance nos costumes, estou mais que muito desconfiado de que o romance não morigera nem desmoraliza. Porém, admittida a ponderação que lhe alvidram os ex-

hortadores dos paes de familia, não sei decidir como se ha de escrever o romance fautor da sã moral. São dois os expedientes: levar os personagens viciosos ao despenhadeiro; ou crear anjos num paraizo sem serpente. Na primeira especie, mostra-se a lucta de virtude e crime; natural e concludentemente triumpha a virtude. É o costume com sacrificio, ás vezes, da verosimilhança. Na segunda forma de romancear, a virtude recebe as ovações sem batalha. O romancista põe peito á reformação das obras de Deus, e corrige-as. Quando os seus personagens se avizinham de algum sujo aguaçal, em que é de uso a gente commum salpicar as botas, atam-lhe azas de serafins, e largam-lhe trella por esse azul dos ceus dentro até lhes vir a geito poisá-los em alegretes de flôres. São estes os romances que moralizam, ou os outros? E' a minha duvida. Convem mostrar as repulsões do crime lá em baixo, onde a providencia social lhes cavou a paragem; ou é melhor conduzir, por entre hortos amenissimos, os nossos personagens engrinaldados, e mettê-los no ceu finalmente? Um homem de bem, proprietario de um dos primeiros jornaes d'este paiz, costuma editar os meus romances, com a previa clausula de não serem historias de crimes, que toque directa ou indirectamente com a probidade da vida conjugal, ou revelem desdouros da honra domestica. Ha poucos dias, tivémos esta pratica:—*Querem os paes de familias que suas filhas ignorem a corrupção, que lavra nos pantanos da sociedade*, observou-me o meu

amigo.—*Os paes de familia,* contestei, *não conseguem isso, em quanto não acharem o caminho da lua, onde presumo que não ha costumes, nem romances. E será preciso que se mudem para lá com as filhas, menores de dez annos, e não levem as mães, porque as mães, maximamente virtuosas, sempre têm que contar ás filhas a historia escandalosa das mães culpadas.— Mas não se ganha moralização para os espiritos brandos e virginaes das leitoras, em dar-lhes novellas de adulterios,* redarguiu o cavalheiro. — *Ganha, quando se lhes mostram os infortunios acapellados em volta da mulher que se deshonra. Ganha, porque as filhas do pae acautelado sabem que as ha, conhecem-nas, e apertam a mão das deshonradas; concorrem aos salões com ellas; sabem o nome e a culpa do homem que as requesta; observam-lhes uns exteriores de felicidade; e espantam-se de as verem ostensivamente satisfeitas, e, de mais a mais, acatadas com uma urbanidade, que as não estrema das honestas. Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzellas, até certo ponto innocentes, que o desdouro, cujo horror não as apavorou nos salões, tem angustias secretas, e infamias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo. — Acho-lhe razão,* obtemperou o honrado e illustrado editor dos meus livros, *mas que quer, se os paes de familia intendem que suas filhas desconhecem a existencia de certos crimes? e desadoram romances que revolvam essas sentinas hediondas?* Aqui ficou a contenda amigavel. Não procurei pae de familias nenhum

para argumentarmos. Fiquei-me a scismar se devia queimar este volume que estava escripto, no intuito de mostrar o squalor de uma chaga social, sem a minima pretenção de lhe pôr o cauterio. Não queimei; mas protesto extrahí-lo da circulação, se um dia me persuadir de todo em todo que esta coisa de romances, escriptos assim, peoram a humanidade, e alvorotam a quietação dos paes de familia».

Tambem em 1865, no prologo da *Lucta de gigantes:*

«Farto estou eu, leitor, de lhe denunciar boas e más paixões do tempo de agora. É já horas de lhe falar de umas paixões do tempo que foi. Nem ellas nem elle podem tornar a ser. Eram paixões de uma classe, que por sua culpa envelheceu e morreu intempestivamente. Este livro trata de frades. Não lhe chamo romance, porque é historia authenticada por documentos; não lhe chamo historia, porque seria presumpção impropria de minha humildade aforar-me em fidalguias tamanhas. Os catalogos das livrarias dêem-lhe o nome que muito quizerem; e o leitor, segundo a indigestão que lhe fizer o livro, qualifique-o, e áte-o, se lhe parecer, á capa surrada de alguma chronica de franciscanos. Será esse o caminho da immortalidade do meu livro, porque, de hoje a tresentos annos, será lida a *Historia de S. Domingos* e ninguem lerá o *Frei Luiz de Sousa,* de Almeida Garrett. Assim m'o faz pensar vêr eu pesados a ouro os in-folios antigos, e o desdenhar-se com abominavel descortezia o livro amaneirado,

correcto, lustroso e florido de fabrica moderna. Os *Miseraveis*, de Victor Hugo, já esqueceram; um exemplar do romance de Vasco de Lobeira, vendeu-se um d'estes dias por trinta libras. A *Vida de Christo*, por Ernesto Renan, por Strauss, por Veuillot, andam por ahi ao desbarato; ora a *Vida de Christo,* insulsissimo poema de Manuel das Povoas, é livro raro; e a *Vida de Christo,* por frei Bernardo de Alcobaça, vendida por 500$000 réis, será barata. Qualquer d'estas joias de bibliotheca, tão encarecidas, é bastante para matar d'enfado e aborrecimento duas academias; ao passo que, na leitura dos livros menospresados, se opulenta o entendimento ou agita a alma vivamente curiosa de lances de phantasia e movimentos do coração. Comprehendam lá este desconcerto do nosso capricho! Isto me induz a pensar que não será de todo engeitado um livro que relembra cousas esquecidas, e vai entrajado de velhas roupas um pouquinho sacudidas do pó de duzentos annos.»

Na dedicatoria «Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Manuel de Freitas Costa, Meritissimo Juiz da Relação do Porto» do romance *A Engeitada,* de 1866:

«Neste romance encontra v. ex.a o desenvolvimento da historia que me communicou. Se algumas côres do quadro substitui por outras, obedeci a umas regras d'arte que prescrevem ao romancista a dura lei de recompôr o que parecia estar bem feito das mãos da natureza. D'onde havemos de inferir que o verdadeiro, em romances, nem sempre é o bello»

e rarissimas vezes é o bom. Noutro paiz, noutros costumes e com mais habil colorista, a historia, referida por v. ex.ª, seria uma perfeita urdidura de optimo romance. Aqui na nossa terra, excellente, mercê de Deus, em muitos sentidos, requer-se melindroso geito nisto de contar vicios. Não discuto se o contá-los é fomentá-los, e se a ignorancia d'elles é fingimento. Seja o que fôr. Se ha innocencia, é dever santo conservá-la. Se dissimulação, é obsequio á historia das nossas virtudes dissimularmos tambem.»

Prefacio da segunda edição da *Doida do Candal*, datado de 1867:

«Reconhece o auctor que este livro seria deficientissimo, se assentasse em alguma ideia fundamentalmente philosophica. Não estamos em terra onde se invista a novella de missão que não seja espairecer o animo de estudos attentos, ou desenfastiá-lo dos enojos da ociosidade. Os lettrados, que baixam até ao romance, querem-no, dizem elles, philosophico, e apontado a discutir alguma transcendente questão social. Nada mais nem menos que encommendarem ao romancista os serviços que aos legisladores incumbe prestar á sociedade. Fazem-lhe muita honra, dão-lhe grande fôro nas coisas da republica; mas o peor é que os editores recommendam a menos philosophia que ser possa nestes livros, e queixam-se da mingua de concorrencia dos lettrados ao balcão, onde a novella discreteadora e pedagogica não ousa me-

dir-se com as facecias da scena-comica. E' vêr quem leva mais os olhos na sala das mascaradas — se Socrates sobraçando a tunica e mesurando os poderosos passos, se o palhaço tilintando os guisos... Não obstante, os famintos de romances com recheio de sucosas cabidelas, insistem que o romancista deve immolar ao agrado e contentamento da critica o gosto destragado da maioria dos leitores. Pensam e aconselham discretamente. Eu por mim tenho querido contentá-los; e, se alguma vez o consegui, foi pontualmente nos livros que esperam no limbo das estantes dos editores a redempção do *gosto-fino,* a segunda luz das intelligencias esclarecidas. Por onde havemos de concluir que o escrever para a posteridade é um sacratissimo dever tão sómente a uns bem-sorteados da fortuna que tem segura a vida presente, e se esmeram em prolongar a futura pela eternidade fóra até encontrar uma geração que lh'a perpetue no bronze da estatua. Bonito destino, quando os contemporaneos se não persuadem que o aparelho digestivo do escriptor é de bronze tambem, e como tal, descarecido da refeição das moleculas que dão calor vital ao sangue, ao musculo, á massa que fórma os camarins de espirito, esta coisa chamado engenho. *Engenho* de bem escrever! Palavra ôca de que ri galhofeiramente quem tiver um de fazer assucar ou serrar madeira. Tornando ao ponto: estive intentado a interpor nesta segunda edição da *Doida do Candal* uns discursos ácêrca do duelo, como quem

inculca tendencias a desbravar o genero humano de tão brutal selvageria. Nesse campo de mortos infamados e já tambem chorados, acharia eu que farte tristissimas flôres com que aformosear tragedias. Não o ha tão abundante para lagrimas e dadivoso ás menos inspiradas phantasias. Dei, todavia, de mão ao intento, quando o meu editor e amigo me disse que *A Bruxa de Monte Cordova* era menos lida que a *Doida do Candal.* Entrei a comparar os dois romances para entender a desigualdade dos meritos, e vim ao convencimento de que um pouquinho mais de philosophia estragara a *Bruxa.* Nada, pois, de tirar á novella a inutilidade que a faz preciosa. Seja cada um do seu tempo e do seu paiz. O melhor romancista em Portugal, por emquanto, ha de ser o que tiver mil leitores que lhe comprem o livro e o applaudam, contra dez que o leiam de graça e o critiquem em folhetins a dez tostões.

No prefacio do *Cavar em ruinas*, escripto em 1866:

«Os livros antigos pagam liberalmente a quem os atura. Não ha velhice mais dadivosa e agradecida do que a d'elles. Sentam-se comnosco á sombra de arvores, suas coevas, e contam-nos coisas que viram os plantadores das arvores...... O que ahi vae por chronicas de frades, por livros menos lidos do que as chronicas, bons para historia, optimos para philosophia, e, melhor de tudo, balsamicos e vivificantes para corações despegados do *hoje em*

dia e do nebuloso *amanhã* que a sciencia a cada hora vae ennoitando mais, apagando-lhe explendores que já num tempo entreluziram á espiritualidade do santo ou á candideza do poeta! O Presente é este sincero desgosto de muitos e intermittente embriaguez da felicidade de poucos. O Futuro é um descuido do maior numero e uma afflicção de poucos espiritos que vieram sãos a um mundo cheio de aleijados. O Passado, o passado, é já agora o unico, seguro e abençoado refugio de quem póde ir por trevas dentro a bater azas de luz e a poisar-se lá sobre ruinas, onde não chega a pedra d'esses fundibularios que têm seus arsenaes nos enxurdeiros das cidades florentes..... Tambem tenho o meu refugio do passado. Algumas duzias de livros levantados em cêrco á volta de dez palmos de taboado de pinho sem alcatifa nem xadresado, marcam as fronteiras das minhas delicias. É o que tenho. E dentro d'isto, nuns dias de saudade do meu querido Castilho, que ainda ali se me figura dizendo-me como Virgilio teria poetado se houvesse nascido em Portugal, na ausencia d'elle continuei a ouví-lo, na locução diamantica de Fernão Mendes e Bernardes...»

Aviso ás pessoas incautas, que precede os *Mysterios de Fafe,* impresso em 1878:

«Esta novella contém adulterios, homicidios, missionarios e outros scirros sociaes. Almas em flôr de innocencia e candura, não leiam isto que trescala podridão de gafaria, em que forçadamente a leitora,

affeita ao ar puro das regiões vizinhas do ceu, ha-de sentir nausear-se-lhe a alma. Nalgumas quintas do Minho, ameaçadas de ladrões, erguem-se uns postes que dizem: *aqui ha ratoeiras*. Os ladrões, graças á instrucção, lêem e passam. Neste livro inverte-se o estylo: os salteadores da pudicicia levantam bem alto o letreiro que diz: *aqui ha ladrões*. Sem o qual letreiro, este livro seria um abysmo.»

Da *Introducção* do romance *A mulher fatal*, que appareceu em 1870:

«... A minha raiva ao planeta em que estou é acerba; mas fica muito aquem da misanthrophia. Em rapaz fiz de Heraclito, quando não conhecia melhor do que hoje este grego que aforou as lagrimas com honras de escola de philosophia. De tal philosopho, coisa que sirva só temos o boato de que declamava e chorava em publico. Hoje em dia, um homem com esta sensibilidade era levado ao commissario de policia. Por mim e pelos meus vizinhos tambem eu chorei. Eis que desce a geada de muitos invernos a nevar-me, o frio a filtrar, a temperatura dos liquidos a descer, o sangue a coagular-se e logo o crystalizar das lagrimas no coração como as concreções vitreas d'uma caverna. Principiei a rir, ás vezes. Rir é contrairem-se o diaphragma e os musculos faciaes. Operação materialissima, muscular, carnal, e que nenhum outro animal exercita. Claro é que o rir é attributo do ser racional. A par e passo que a razão se allumia e fecunda, as contracções musculares amiudam-se. Raciocinar é rir. O

acume da sabedoria humana é vêr os reversos das tragedias sociaes; lá está por força a comedia. A ignorancia que esteriliza, e mirra, e encalvece, é a que só deixa vêr uma face da medalha. Eu não cheguei ainda aos pinaculos da sabedoria. Vou subindo..... Era meu proposito dizer espalmadamente que, ha vinte annos, comecei a vêr as duas faces dos lances tristes: uma que intende com as glandulas lacrimaes, outra com o diaphragma. Primeiramente, se não choro, condôo-me; depois, esgaravatando na raiz das dôres humanas, encontro ahi ou sedimento de perversidade ou ridicularias miserabilissimas. Então é o rir. E, afim de que os padecentes me desculpem, rio primeiro de mim. D'ahi se causou que os meus livros, entre muitos defeitos, realçam em um que tem ferido a benevolencia da critica: e é que não conservo, sem intercadencias desvanecidamente faceciosas, uma situação plangente, e amarguro com o acerbo da ironia a dulcidão das lagrimas. É justo o reparo. E neste livro me quer parecer que tal defeito subirá de ponto; porque vou intender em tragedias amorosas, nesta edade de quarenta e três annos feitos, velhice em que nenhum escriptor sincero, obediente a Horacio, deu aos seus leitores o exemplo das lagrimas. *Si vis me flere*, etc....»

Da dedicatoria «A D. Antonio da Costa», da *novella do Minho — O commendador*, impressa com data de 1875:

«...o que D. Antonio da Costa não teve tempo

de vêr e apalpar foi o miolo, a medula, as entranhas romanticas do Minho; quero dizer — os costumes, o viver que por aqui palpita no povoado d'estes arvoredos onde assobia o melro e a philomella trilla. Ah! meu amigo! Romances, tecidos de casos candidos e innocentes, apenas os fazem por aqui os passaros em abril, quando urdem e afôfam os seus ninhos. O restante dos animaes não oviparos vistam'os v. ex.ª no Catarro ou no estabelecimento da famosa senhora Cecilia Fernandes, da Travessa de Santa Justa, que eu lh'os farei representar ao vivo no proprio coração do Minho, entre Fafião e S. João do Kalendario, as scenas contemporaneas da fina *Baixa* e peores...... É neste meio que eu me abalanço a esgaratujar novellas. Ha trêse annos que apéguei por esse Minho, em cata do balsamo dos pinheiraes e das fragancias das almas innocentes. Diziam-me que a rusticidade era o derradeiro baluarte da pureza, e que os lavradores do Minho, nivellados com os saloios da Extremadura, eram os candidos pastores da Arcadia comparados aos malandrins de Gomorrha. Um dos meus estudos, no intuito de me habilitar para o confronto do saloio com o minhoto — da raça sarracena com a gallega — é esta historinha que lhe dedico, meu nobre amigo.»

De 1879: a *Dedicatoria* e a *Advertencia* do *Eusebio Macario:*

«Dedicatoria. — *Minha querida amiga:* Perguntaste-me se um velho escriptor de antigas no-

vellas poderia escrever, segundo os processos novo um romance com todos os tics do estylo realist Respondi temerariamente que sim, e tu apostas que não. Venho depositar no teu regaço o romance e na tua mão o beijo da aposta que perdi.»

«ADVERTENCIA. — A historia natural e social de uma familia no tempo dos Cabraes dá folego para dezesete volumes, compactos, bons, d'uma profunda comprehensão da sociedade decadente. Os capitulos inclusos neste volume são preludios, uma symphonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas guelas concavas, metalicas. Os processos do auctor são, já se vê, os scientificos, o estudo dos meios, a orientação das idéas pela fatalidade geographica, as incoerciveis leis physiologicas e climatericas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tyrannia dos nervos, a questão das raças, a ethologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de familia, tudo, o diabo! O auctor trabalha desde antes de hontem no encadeamento logico e ideologico dos dezesete tomos da sua obra de reconstrucção, e já tem promptos dez volumes para a publicidade. Mas é necessario a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ella quer ser desabada a ponta-pés de estylo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e adverbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pô-la nua, escrutar-lhe as lepras, lavrar grandes actas das

chagas encontradas, esvurmar as bostellas que cicatrizaram em falso, excoriá-las, muito cauterio de phrases em braza. É o que se faz nas folhas preliminares d'esta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a sahir pelas mercearias fóra.»

Tambem em 1879, prefaciando a quinta edição do *Amôr de perdição:*

«Publiquei, ha vinte e dois annos, o romance *Onde está a felicidade?* — Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e narrativas,* escrevia na *Advertencia: ...Nestes quinze ou vinte annos, creou-se uma litteratura, e póde dizer-se que não ha anno que lhe não traga um progresso. Desde as* Lendas e narrativas *até o livro* Onde está a felicidade? *que vasto espaço transposto!* — Se comparo o *Amôr de perdição,* cuja 5.ª edição me parece um exito phenomenal e extra-lusitano, com *O crime do padre Amaro* e *O primo Basilio,* confesso, voluntariamente resignado, que para o explendor d'estes dois livros foi preciso que a Arte se ataviasse dos primores lavrados no transcurso de dezeseis annos. O *Amôr de perdição,* visto á luz electrica do criticismo moderno, é um romance romantico, declamatorio, com bastantes aleijões lyricos, e umas idéas sceleradas que chegam a tocar no desafôro do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal d'esta novella, que tem a boçal innocencia de não devassar alcôvas, a fim de que as senhoras a possam lêr nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães,

e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amôr de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnisação, faz rir; tornou-se comico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas historias do Trancoso e do padre Theodoro d'Almeida. E por isso mesmo se reimprime. O bom senso publico relê isto, compara com aquillo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as paginas que ha dez annos aljofarava com lagrimas romanticas. Faz-me tristeza pensar eu que floresci nesta futilidade da novella quando as dôres da alma podiam ser descriptas sem grande desaire da grammatica e da decencia. Usava-se então a rhetorica de preferencia ao calão. O escriptor antepunha a frequencia de Quintiliano á do *Collête-encarnado.* A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me déra ter antes desabrochado hoje com os punhos arregaçados para espremer o pús de muitas escrofulas á face do leitor! Naquelle tempo, enflorava-se a pustula; agora, a carne com varêja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcizar num espelho fiel. Pois que estou a dobrar o cabo tormentorio da morte, já não verei onde vae desaguar este enxurro, que róla no bôjo a Ideia Novissima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por effeito de uma

grande evolução rigolboche. A logica diz isto; mas a Providencia, que usa mais da metaphysica que da logica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsycose, eu reapparecer na sociedade do seculo XXI, talvez me regosije de vêr outra vez as lagrimas em moda nos braços da rhetorica, e esta 5.ª edição do *Amôr de perdição* quasi exgotada.»

Num artigo *A respeito da Caveira da Martyr*, publicado sem assignatura, ainda em 79, na *Bibliographia portugueza e estrangeira,* do editor Ernesto Chardron:

«A *Caveira da martyr* foi tirada das livrarias não por conter peçonha de impiedade que derrancasse as profundas idéas religiosas que lavram no espirito publico, nem tão pouco por ataque ao pudor virginal, que é ainda uma coisa que conserva a virgindade até muito tarde. O romance foi retirado pelo seu proprietario, pessoa honrada mas escrupulosa até ao extremo de suspeitar que seria irreligioso um livro onde se pintavam no mosteiro de Odivellas algumas freiras frageis em amôr e uma d'ellas amante d'el-rei D. João V. A historia contára isto; e o romancista cuidou que lhe não corria o dever de guardar aos maus costumes das bernardas de Odivellas acatamento mais reverencioso que o dos historiadores. O editor expoz os seus escrupulos ao auctor, que lh'os respeitou e consentiu que os três tomos [1] fôssem queimados,

[1] Em 1902, reimpressos, num só volume.

tirando a salvo que o não queimassem a elle. O romance mereceu providencialmente o destino ardente que teve, não porque fôsse impio, mas porque era uma composição ordinaria, com alguns adjectivos velhos dos antigos processos.»

Em 1880, no prefacio da segunda edição do *Eusebio Macario:*

«Cumpre-me declarar que não intentei ridicularizar a escola realista. Quando appareceram o *Crime do padre Amaro* e o *Primo Bazilio,* e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que hoje em dia novella escripta d'outro feitio não vinga.»

Dos artigos da polemica com Alexandre da Conceição, a proposito da *Corja,* em 1881: [1]

«...Assevera o critico que eu, no *Eusebio Macario,* tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o *ridiculo sobre a escola realista.* O sr. Conceição de certo não póde citar phrase minha que o justifique. Assevera que eu me deixei *obsecar* (queria talvez dizer *obcecar)* por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do auctor do *Primo Bazilio* sómente esta estreita comprehensão: *de que é apenas um romancista ridiculo.* Não me conformo indifferentemente com esta aleivosia, porque admiro e releio os romances do sr. Eça de Queiroz. No *Can-*

---

[1] Colligidos na *Bohemia do espirito.*

cioneiro alegre, pag. 11, digo do *Primo Bazilio: O romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguêses.* — *Doutrinal,* escrevi como synonymo de *moralizador.* Em minha consciencia entendo que se já houve livro que pudesse e devesse salvar uma mulher casada, na aresta do abysmo, é o *Primo Bazilio.* O sr. Eça de Queiroz fez esse raro milagre, porque pintou o vicio repulsivo e nojento. As mesmas delicias do delicto emporcalhou-as, pondo as angustias parallelas com as torpezas..... O sr. Conceição diz que a *Corja* é uma *banalidade.* Pois que outra coisa ha de ser a minha novella senão uma frioleira? O meu romance não tem o desvanecimento de avantajar-se ás *banalidades* da sua especie. É com effeito uma bagatella risonha que não ha de augmentar o numero dos tolos; nem tão pouco estorvar que a luz do sr. Conceição penetre as camadas escuras que envolvem a ignorancia publica. Nem os futuros livros scientificos do sonoroso poeta sr. Conceição, nem os meus romances banaes hão de acrescer nem diminuir o numero dos parvos — a *incommensuravel maioria,* como diz o philosopho Schopenhauer. Acho de uma grande verdade aquillo de Voltaire: *Nous laisserons ce monde-ci aussi sot et aussi mèchant que nous l'avons trouvé en y arrivant...*»

«...Se escrevi *Eusebio Macario* em 1880, como escrevera as *Scenas da Foz* e a *Filha do Arcediago* em 1853, num estylo nú, de galhofa, mostrando espáduas brunidas de mulheres sem ulceras, e feição

por feição, a psycologia de alguns argentarios, que se deduz d'ahi na hermeneutica do sr. Conceição? Que tenho uma *rhetorica atrazada,* que sou um *velho catholico, um litterato auctoritario e quinhentista.* Quer dizer que as diversas obras d'arte estão todas subordinadas a um principio, ou não quer dizer nada? Taine, o legislador dos ideaes modernos, não me jarreta as pernas para eu me ageitar ao leite procusteano de mestre Conceição. Elle diz que *toutes les œuvres d'art sont de niveau et que le champ est ouvert à l'arbitraire.* E accrescenta: *En effet, si l'objet devient ideal par cela seul qu'il est conforme à l'idée, peu importe l'idée; elle est au choix de l'artiste; il prendra celle-ci ou celle-lá, à sont goût: nous n'aurons point de reclamation à faire.* Escrevi a *Corja,* sem previamente alinhavar os personagens consoante os moldes do sr. Eça de Queiroz, nem saberia destrinçá-los entre os que servem á obra evolutiva francêsa desde *Manon Lescaut* até *Nana;* e, se cotejo as novellas modernas com os praxistas sociologicos em que se estriba a esthetica da ultima hora, persuado-me que esses romances podem fazer-se com observação e estylo, sem que aos auctores urja a necessidade imprescindivel de manusearem a Biologia de Herbert Spencer, a Evolução humana de Hæckel e o Positivismo de Comte. Para que se ha de assoprar com tamanho empyrismo de sciencias pingues uma coisa tão ôca e futil como a novella? O burguês sensato pode rir-se do nosso charlatanismo. Sejamos francos. A gente faz romances

sujos porque a sociedade nos pede a historia contemporanea: é ella que faz os nossos romances. Não partimos de uma renovação de Moral; emergimos d'um lodaçal de inveterados vicios. Se algum de nós, politico ou romancista, nutrir o desvanecimento parvoinho de defecar o humor morbido da sociedade com o sudorifero dos artigos ou dos romances, deve começar por si a cura com os sedenhos; em vez de consultar Augusto Comte e Hartmann, cinja-se ás prescripções de Dagonet e de Maudsley. O sr. Conceição sabe...»

«Abro um parenthesis para uma pessoa discreta que me vae lêr e deplorar. Esta substanciosa controversia com o sr. A. da Conceição originou-se da injustiça com que fui accusado de hostilizar pela irrisão dois escriptores que descrevem as cousas e as pessoas como ellas são ou podem ser. Contestei com provas escriptas que admirava os dois escriptores realistas e outros da mesma phalange; mas nem me perfilei immodestamente ao seu lado, nem me gabei de usar os modernos processos com conhecimento de causa. Pareceu-me que o realismo se podia exercitar sem estudos prévios, por ser facil tarefa com observação e estylo descrever a verdade das cousas physicas e ter das moraes uma intuscepção mais ou menos aproximada da realidade. Offereci esta opinião, e ouzei dizer que as minhas ultimas novellas, tirante os vicios acintosos do estylo estragado pela imitação, não significavam apostasia da minha velha escóla; mas sim a reincidencia de

um mau genero que eu tinha ensaiado ha muitos annos com desagrado do publico. Replicou o sr. Conceição que eu não entendia o realismo, que era um inepto se pretendia mudar de systema, alistando-me com os positivistas, com os evolucionistas, uns porque eram psycologos, outros porque eram physiologistas, e eu não podia ser isto nem aquillo, porque era um velho romantico, catholico e quinhentista. Refugadas as chocarrices e as toleimas, a questão é isto. Ora eu não tinha o desvanecimento de formar hombro a hombro de quem quer que fôsse. Fiz esses dois frivolos livrecos cuidando que sociologicamente ninguem lhes dava mais importancia do que eu dou aos romances banaes dos escriptores eminentes; porque eu não creio que as novellas desde Lucio de Patras até Emilio Zola tenham feito bem nem mal ao genero humano...»

II

Ao lêr a longa serie das novellas de Camillo, com suas paixões infelizes, suas meninas envelhecidas penando peccados d'amôr na soledade dos mosteiros, seus paes tyrannos e seus brasileiros grotescos de joanetes, apercebe-se o estudo inteiro d'um meio e d'uma época e, dentro d'elle, a comprehensão singularmente feliz do caracter de cada uma das figuras que vivem intensamente através das paginas aventurosas dos seus livros. Completa justeza de scenario, em cada personagem um estudo psycologico perfeito e, sobre tudo isto, um certo ar desartificioso, familiar, na narração inimitavel e um rigor muito sobrio no desenho d'um typo ou d'um logar. Ha personagens em Camillo que meia pagina só define e maravilhas de intuição no traço d'um caracter que nos revelam desde logo no artista eminente um velho sabedor da sciencia das almas.

Camillo possuia no grau mais alto os dois po-

deres supremos de evocar e commover. Certas scenas dos seus livros — como essa, já celebre, da morte do lobo, no *Eusebio Macario*, a sahida do Melro na *Brasileira de Prazins* e o incendio no *Retrato de Ricardina*, fixam-se para sempre como se nós proprios as houvessemos visto, e ha paginas suas que se não lêem sem lagrimas, como essas sublimes cartas finaes do *Amôr de perdição.* E assim como a evocação é sobria, não distraindo a attenção em ninharias, mas fazendo gravar indelevelmente o aspecto geral que se pretende, assim tambem a commoção ali se consegue com simplicidade, nascendo da propria essencia das coisas descriptas e não dos mais ou menos plangentes termos em que as lêmos... Sob esse aspecto, sob todos os aspectos, as *Novellas do Minho* são, fóra de toda a duvida, uma collecção de preciosas e inimitaveis obras-primas. D'uma d'ellas, *O commendador*, eu traslado uma pagina que é um modelo de sobriedade intensa, conduzindo direito, sem uma palavra a mais, sem uma virgula inutil, ao effeito emocional que se pretende. É esta:

«Em março de 1852, fez-se á vela de Villa do Conde a Barca *Conceição.* Entre os passageiros ia o desertor. Chamava-se ahi Manuel José da Silva Guimarães, e nunca mais ouviu proferir o seu nome. Quando a policia deitava inculcas no concelho de Famalicão procurando a paragem da tia Bernabé, rendia ella a alma ao seu Creador em Villa do

Conde. Vira desapparecer as velas da barca *Conceição,* ajoelhada no terraço do Castello. Depois, quedára-se de bruços a chorar. Levaram-a nos braços a casa do cunhado. As lagrimas seccaram-se. Veio a febre e o delirio. Chamou, chamou por seu filho, até que Deus a chamou a ella. Não foi confessada nem ungida; mas morreu santa porque vivera santamente. Achára aquelle engeitadinho, creára-o, amára-o, vendêra um cordão para o vestir geitosamente a fim de o mandar á escola, vendêra as arrecadas para lhe comprar fato novo quando foi á primeira confissão, vendêra a casa e o tear e o leito onde morrêra sua mãe para o remir de soldado. Padeceu grandes angustias quando soube que o filho do seu coração era culpado na desgraça de uma rapariga honesta. Cuidou que o padre, o prégador da caridade e da igualdade dos servos de Jesus Christo, iria admoestar o lavrador abastado a conceder a filha para esposa do pobre. Esta santa cegueira da christã é de crêr que Deus lh'a perdoasse. Por fim, de virtude em virtude, e de dôr em dôr, logo que aos setenta annos de edade viu sumir-se para sempre o seu querido engeitado, pediu a Deus por elle, por si, e... morreu.»

Dir-me-ão, eu sei, que esses typos predilectos dos romances de Camillo, fogem, correndo, da verdade, pelo atalho resvaladiço do romantismo idealista. Não é precisamente assim. E, não obstante, já mais d'uma vez essa accusação se formulou.

Lembra-me agora que, prefaciando o *Brasileiro Soares*, do sr. Luiz de Magalhães, — historia ingenua d'um Joaquim de suissas que, de volta do Brasil, onde ganhou dinheiro, veio negociar em papel, casar com uma linda rapariga, ser trahido por um administrador de concelho e suicidar-se com um tiro de pistola — Eça de Queiroz vestiu o libello com toda a pompa gaulêsa do seu estylo d'oiro. E, nesse prefacio, interessante, como tudo quanto escreveu esse grande homem de talento que salvou o naturalismo português do grotesco d'uma morte ingloria, lê-se isto:

«...se ha um *typo* de que o Romance e o Theatro, em Portugal, tenham usado immoderadamente é, decerto, esse lavrador Minhoto, enriquecido e vestido de panno fino, a que nas aldeias se chama o *brasileiro!* Ha mais de trinta annos, em novella, em drama, em poemeto, o Romantismo (ou antes o Maneirismo Sentimental que entre nós representou o Romantismo) tem utilizado o *brasileiro* como a encarnação mais engenhosa e mais comprehensivel da sandice e da materialidade. Sempre que o enredo, como se dizia nesses tempos vetustos em que as Musas viviam, necessitava um ser de animalidade inferior, um boçal ou um grotesco, o Romantismo lá tinha no seu poeirento deposito de figuras de papelão, recortadas pelos Mestres, o *brasileiro* — já engonçado, já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placida-

mente na linguagem mais bronca os sentimentos mais sordidos. Bastava só collar-lhe na nuca um nome bem plebeu, arranjar-lhe uma aldeia d'origem que cheirasse bem a curral, atirá-lo para o meio de paginas tremulas e regadas de lagrimas, — e elle começava logo a ser bestialmente burlesco e a enojar os delicados. Nisto, os Mestres do Romantismo não procederam, originariamente, por animosidade contra uma classe cujos modos, gostos, interesses, lhe repugnassem: obedeciam d'instincto a um Idealismo nevoento, á theoria da Alma profundamente separada do Corpo, e á consequente divisão dos *typos* litterarios em Ideaes e Materiaes, segundo elles personificavam o Sentimento, cousa nobre e alta da Vida, ou representavam a Acção, que ao Romantismo apparecera sempre como cousa subalterna e grosseira. Ora em Portugal o homem que mais evidentemente symbolisava a Acção aos olhos turvos do Romantismo era esse labrego, que, largando a enxada, embarcava para o Brasil num porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho, e annos depois voltava de lá, na Mala Real, com botas novas de verniz, grisalho e jocundo, a edificar um palacete, a dar jantares de leitão ao abbade, a tramar eleições e a ser barão... E note V. que este mesmo cavador endinheirado commovia e Romantismo até á Elegia, quando elle era ainda o *triste emigrante*, parando uma derradeira vez na estrada, para ouvir o ruido do açude entre as carvalheiras da sua aldeia; quando elle era o

pobre embarcadiço, de noite, no mar gemente, encostado á borda da escuna *Amelia,* erguendo os olhos chorosos para a lua de Portugal... Apenas voltava, porém, com o dinheiro que juntara carregando todos os fardos da servidão, — o *saudoso emigrante* passava logo a ser o *brasileiro,* o bruto, o reles, o alvar. Desde que elle deixára de soluçar e ser sensivel, para labutar duramente de marçano nos armazens do Rio, o Romantismo repellia-o como creatura baixa e soez. O trabalho despoetizára o triste emigrante. E era então que o Romantismo se apossava d'elle, já rico e *brasileiro,* para o mostrar no livro e no palco, em caricatura, sempre material, sempre rude, sempre risivel, — não por um justo odio social contra um inutil que engorda, mas por aversão romanesca ao burguês positivo, videiro e ordeiro, que não lê versos, que se occupa de cambios, só olha a lua quando ella annuncia chuva, e só repara em Beatriz e Elvira quando ellas são roliças e faceis. Em contraste com este *materialão* estava o homem de poesia e de sonho, magro, altivo, malfadado, eloquente, e *trazendo* (como diziam a serio os estylos d'então) *um inferno dentro do peito.* Este permanecia pobre, ou desdenhava lyricamente o dinheiro: a sua occupação especial e unica era a Paixão: por elle as mulheres pallidas, todas de branco, iam chorar, agarradas ás grades dos mosteiros. Nos finaes d'actos, elle, só elle lançava, num gesto sombrio, *as palavras sublimes,* dolentemente sublinhadas pelos violoncellos, ao

rumor dos prantos abafados. O *brasileiro*, esse dizia as sandices, que nas farças mais francas eram tambem sublinhadas — com um estoiro sobre o tambor. Estes dois typos, insipidamente falsos como generalização, pareciam ainda mais postiços, mais distantes da vida e da realidade, como factura. O homem ideal era invariavelmente um grande boneco esguio, com longos e tristes bigodes de crepe, uma agoada de amarellidão na mascara de cera sempre contrahida de amargura, e umas luvas brancas que elle torcia na tortura perpetua do seu atroz destino: por dentro, para lhe dar uma apparencia d'alma, mettia-se-lhe, ao acaso, como se machuca a palha para dentro dos Judas d'Alleluia, um molho secco de phrases lacrimosas e balofas. O homem material, o *brasileiro*, esse consistia num outro boneco, achamboado, tosco, com um collete amarello, pellos nas orelhas, e joanetes — os immensos joanetes que o Romantismo, de pé pequeno, nunca deixava de accentuar, com um traço de sarcasmo e asco. Este boneco por dentro não tinha nada, nem phrases, nem palha. E o curioso, meu caro Luiz, é que, de todos os typos habituaes do nosso romance romantico — só o *brasileiro* tem origem genuinamente portuguêsa, de raiz. O homem fatal e poetico; a mulher de negros cabellos revoltos que perde; a mulher de pestanas baixas que salva; o arrogante fidalgo, com longos nomes e hostil ao seculo; o padre risonho que bemdiz e affaga — todos esses vieram importados de França: e as suas dôres, as

suas descrenças, os seus murmurios d'amôr, tudo chegou pelo paquete, e pagou direitos na Alfandega, misturado aos couros inglêses e ás peças de panno Sedan. O nosso Romantismo não é responsavel por essas gentis creações d'além dos Pyrineos. Ellas já aportavam ao Tejo e ao Douro, assim falsas e mal feitas, fóra da natureza e da verdade. O Romantismo acolhia-as com uma submissa reverencia provinciana: e assim as mandava imprimir á Casa Moré e á Casa Roland, taes como as recebia, traduzindo-lhes apenas em vernaculo os martyrios e os jubilos. O *brasileiro,* porém, era só nosso, tôdo nosso, d'este solo que pisamos, castiço e mais originalmente português que a chalaça e a louça das Caldas. Mais que nacional, era local. Era do Minho, como o vinho verde. Ora o Romantismo, que sendo triste amou sempre essa provincia verde-triste, encontrava lá o *brasileiro* constantemente, na feira, na romaria, na egreja, na varzea, na villa. No mirante caiado d'amarello, que elle avistava entre as ramadas, estava tomando o fresco o *brasileiro:* na caleche forrada de reps azul, que elle cruzava na estrada e que o empoeirava, vinha o *brasileiro,* de perna estendida. Muitas vezes o Romantismo (incoherencias inevitaveis da vida terrestre) jantava com o *brasileiro.* Assim, profusamente, acotovellando por essa provincia brasileiros innumeraveis, vira-os de todos os feitios exteriores: seccos, obesos, de barba, rapados, miudinhos, espadaúdos, calvos, guedelhudos, fracos, e fortes como os bois de Bar-

roso. Vira-os, homens varios, com as varias, multiplas qualidades humanas: bons e velhacos, ridiculos e veneraveis, generosos e torpes, finos e suinos... Que importa! O Romantismo deduzira uma vez do seu odio á Acção e ao *homem que sua* um typo symbolico de brasileiro gordalhufo e abrutado — e assim o apresentava invariavelmente, implacavelmente, em novella, em drama, em poema, como se não houvesse existido jámais senão aquelle *brasileiro,* e fôsse tão impossivel mostrá-lo sem os attributos de materialidade que o individualizavam, como é impossivel pintar Marte sem a sua armadura, ou contar Tiberio sem esboçar Capreia ao longe, nas brumas do mar... O brasileiro da rua a cada passo desmentia o brasileiro do livro? Que importa! O bom Romantico não cuida da rua: se é um Mestre, marcha altivamente, com os olhos alçados ás nuvens; se é um discipulo, segue cautelosamente, com os olhos attentos ás pegadas dos Mestres. Extraordinarios, estes Romanticos! E bem sympathicos, os primeiros, os grandes, os que tinham talento e uma veia soberba, com este inspirado, magnifico desdem pela natureza, pelos factos, pelo real e pelo exacto! Os discipulos esses, louvado seja Nosso Senhor, são bem pêcosinhos, e bem chochinhos!» [1]

---

[1] Carta-prefacio ao romance de LUIZ DE MAGALHÃES *O Brasileiro Soares,* 1886, pag. V-XIII.

Um «inspirado, magnifico desdem pela natureza, pelos factos, pelo real e pelo exacto»?... E, comtudo, o maior d'esses romanticos era aquelle mesmo que, já em 62, pedia «que se fizessem romances como se pintam paysagens, de modo que o merecimento de taes escriptos assentasse na fidelidade da copia, tal que cada leitor visse nella um seu modo de sentir ou a reminiscencia d'algum quadro mais ou menos analogo que alguma vez se lhe offereceu»!...

Não. Se o grande artista dos *Maias* quizesse olhar, com olhos de vêr, para a sociedade portuense, tal qual ella era no tempo dos brasileiros de Camillo, teria de concordar em que nem essa vulgar encarnação do grotesco, nem tão pouco os apaixonados romanticos, eram «typos insipidamente falsos como generalização». Não eram tal. Toda a gente recorda, ainda hoje, historias d'esse tempo, com seus amôres infelizes, suas meninas reclusas, olhando o ceu através das grades dos mosteiros, e o namorado, quasi sempre magro e pallido, sabendo Musset de cór e trazendo «um inferno dentro do peito» — segundo a phrase que o chronista da *sensação nova* decerto não poderia escrever sem se sorrir. Essa figura de namorado foi rareando e não haveria quem a descortinasse, nesta enorme confusão dos tempos d'hoje em que os poetas lyricos são vinhateiros e os homens de sciencia se fizeram sonhadores. O *brasileiro* é que ainda existe, sem a preponderancia d'outros tempos, mas sempre

com a camada de grotesco que lhe deu afinal todo o interesse.

Diz Eça que o romantismo carpia o *brasileiro* quando elle era apenas o *triste emigrante* e «e encostado á borda da escuna *Amelia*, *erguia* os olhos chorosos para a lua de Portugal», troçando-o sem piedade quando voltava com o dinheiro que, á custa de duros esforços, conquistára. Mas, por Deus!, é tão infantil o reparo que a maldosos olhos poderia parecer sem boa-fé. O *emigrante,* que ia com uma saca ao hombro, deixando a sua terra, deixando a familia, buscar a fortuna na obscuridade d'um destino incerto — era um humilde. Ignorante, alvar, abrutado — tanto importa! — nunca fazia rir. Na sua terra era um filho de lavrador, moirejando de sol a sol na labuta aspera dos campos; depois, a ambição arremessava-o desamparado, só, ao acaso do seu destino, para a riqueza ou para a morte. Mas, se resistiu ás inclemencias do clima, e se luctou com tenacidade e se venceu, ei-lo então que entra na sua aldeia entre repiques de sinos e musicas de festa, com seu corpo de lavrador mettido numa fatiota nova de mau gosto, as mãos callejadas dos mistéres grosseiros arrombando a pellica côr de canario d'umas luvas, todo elle impando o grosso cadeado d'oiro com medalhão cravejado de brilhantes. Depois é commendador, mesario de todas as confrarias, bemfeitor da Santa Casa e influente politico de vulto; passa o inverno no Porto ou em Lisboa e tem assignatura no lyrico e relaciona-se

com gente fina, viaja, toma uma mulher para montra de joias e cabide de velludos, come lombo de porco, bebe vinho verde, arrota abundantemente, soffre do figado, e um bello dia estoira, quasi sempre antes de velho, porque a conquista de todas essas coisas magnificas lhe tem custado annos de vida. É, de tal modo, uma figura notada nas cidades e um rei nos logarelhos, pertence á alta roda, lida com gente rica, frequenta os salões,—sem que comtudo, muitas vezes, em todo o seu tempo de Brasil houvesse tido o ensejo de adquirir essa educação superior que não tinha quando os paes o mandaram, num porão de navio, em busca da fortuna. É vulgarmente um inculto, um grosseiro, com toda a rudeza do trabalhador de enxada do seu Minho e do marçano do Brasil, socialmente arrogante d'uma importancia arranjada á custa dos seus cobres, dizendo em salões plebeismos tôrpes, escrevendo com erros, e sem essa mesma cultura toda artificial que nas relações de cada dia permitte a um imbecil fazer d'homem de espirito um quarto d'hora. D'ahi o grotesco. E grotesco esse que, mesmo depois de Camillo, tem sido explorado, pelos proprios que seria injusto acoimar de seus imitadores. Releio agora um precioso trecho, escripto por um grande escriptor, que tem no lance uma viva opportunidade e mereco por isso ser transcripto, se não na integra, porque é bastante longo, pelo menos na sua parte de mais incisiva e originalissima ironia. Diz elle assim:

«De facto, o pobre *brasileiro,* o rico *torna-viagem,* é hoje para nós o grande fornecedor do nosso riso. Pois bem! É uma injustiça que assim seja. E nós, os portuguêses que *cá* ficamos, não temos o direito de nos rirmos dos *brasileiros* que de *lá* voltaram. —Por que, emfim, o que é o Brasileiro? É simplesmente a expansão do Português. Existe uma lei de retracção e dilatação para os corpos, sob a influencia da temperatura. (Apprende-se isto nos lyceus, quando vem o buço). Os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas, que ao sol alargam e florescem, ao frio acanham e estiolam. A bananeira, nos nossos climas, é uma pequena arvore timida, retrahida, esteril: no calor do Brasil é a grande arvore triumphante, de folhas palmares e reluzentes, tronco possante, seiva insolente, toda sonora de *sábiás* e outros, escandalosa de bananas. Mesma lei para os homens. O hespanhol das Asturias, modesto, humano, discreto e grave—passando para o sol do Equador, nas Antilhas Hespanholas, torna-se o sul-americano vaidoso, ruidoso, ardente, palreiro e feroz. Pois bem! O Brasileiro é o Português — dilatado pelo calor. O que elles são, expansivamente — nós somo-lo, retrahidamente. As qualidades internadas em nós, estão nelles florescentes. Onde nós somos á sorrelfa *ridiculitos,* elles são á larga *ridiculões.* Os nossos defeitos, aqui sob clima frio, estão retrahidos, não apparecem, ficam por dentro: lá, sob um sol fecundante, abrem-se em grandes evidencias

grotescas. Sob ceu do Brasil a bananeira abre em fructo e o português rebenta em brasileiro. Eis o formidavel principio! O Brasileiro é o Português desabrochado. É o sol de lá que nos fecunda. O Chiado sob os tropicos dá inteiramente a rua do Ouvidor. Rirmo-nos do brasileiro é rirmo-nos de nós sem piedade. Nós somos o germen, elles são o fructo: é como que se a espiga se risse da semente. Pelo contrario! o brasileiro é bem mais respeitavel, porque é completo, attingiu o seu pleno desenvolvimento: nós permanecemos rudimentares. Elles estão já acabados como a abobora, nós embryonarios como a pevide. O Português é pevide de Brasileiro. Que somos nós? Brasileiros que o clima não deixa desabrochar. Sementes a que falta o sol. Em cada um de nós, no nosso fundo, existe em germen um brasileiro entaipado, afogado — que para crescer, brotar em diamantes de peitilho, callos e predios sarapintados de verde, só necessita embarcar e ir receber o sol dos tropicos. Cada lisboeta, sabei-o, traz em si a larva d'um brasileiro. Nós aqui vestimos côres escuras, lemos Renan, repetimos Paris, e no emtanto cá dentro, fatal e indestructivel, está aboborando — um brasileiro. Quem o não tem sentido agitar-se, como o feto no seio da mãe? —Fitaes ás vezes uma gravata verde com pintas escarlates? É o Brasileiro a remecher por dentro. — Desejaes inesperadamente uma boa feijoada comida em mangas de camisa? É o Brasileiro. — Appetece-vos ir visitar a Memoria do Terreiro do

Paço? É o Brasileiro, lá dentro. — Lembra-vos reler uma ode de Vidal ou uma fala de Melicio? É o Brasileiro! Elle está dentro de vós lisboetas! Ah sabei-o! vós, estaes sempre no vosso estado interessante — d'um Brasileiro! E quereis uma prova? É o verão! É o cruel verão! Então, sob a temperatura germinadora, — o Brasileiro interior tende a florir, a desabrochar, a alastrar em cachos. Então começaes a deitar o chapeu para a nuca, a usar quinzena de alpaca, a passear depois do jantar com o palito na bôca, a exigir dos vendedores a agua do Arsenal, a freqentar a Deusa dos Mares! Sabeis o que é? É o Brasileiro, que lá tendes dentro na entranha, attrahido pelo sol, a querer romper! Portanto quando nos rimos d'elle — intentamos a nós mesmo um processo amargo. No inverno a pevide contém a abobora: mas, quando a abobora cresce no verão, é ella que contém a pevide. Nós cá contemos o brasileiro; elle lá, chegado ao Brasil, germina, brota em fructo, e nós ficamos-lhe dentro. Ora se esmagarmos a abobora a grandes golpes de chacota, é sobre a nossa propria e rica pessoa que descarregamos o riso fero. Tenhamos juizo! Reconheçamo-nos nelles como nós mesmos — ao sol!»

Pensarão decerto os senhores que esta satyra cheia de vivacidade, chispando espirito, d'uma graça fina e adoravel, é obra d'algum d'esses romanticos a quem o espirito de justiça do auctor da *Reliquia* não perdôa. Pensarão talvez que o ho-

mensinho, numa hora de bom humor, se serviu dos instrumentos habituaes de troçar os *di lá* para jogar por tabella a sua maliciosa bisca aos de cá, tudo com aquelle facciosismo que contundia os delicados nervos do brilhante auctor do *Mandarim*... Puro engano. Eça de Queiroz não podia dizer mal d'esse pedaço de prosa, porque ella nasceu do seu proprio engenho! Vem num numero das *Farpas* e foi reproduzido depois na obra *Uma campanha alegre* (II vol. pag. 97-100), que reune a collaboração do grande escriptor no pamphleto seu e de Ramalho. E, de tal modo, a sua *Carta-prefacio* do *Brasileiro Soares*, escripta quatorze annos mais tarde, é, não apenas um libello accusatorio, mas ainda um sentido e eloquente *acto de contricção.*

Mas, na qualidade de regra, que lhe tem sido attribuida, pode esse modelo de brasileiro que fixei soffrer as suas excepções? Nada mais certo, e tanto que o proprio Camillo assim pensava, traçando algumas das suas figuras de *torna-viagem* nas *Novellas do Minho,* cheias de acções nobres, de abnegação, de amôr e de bondade. Mas a lenda a que deu curso a conhecida diatribe d'uma princêsa nymphomaniaca, fez dos brasileiros de Camillo apenas typos toscos; e Eça de Queiroz preferiu citar de ouvido, sem ter o incommodo de solidamente fazer primeiro a prova. Se bem que elle falou de um modo vago de romantismo, sem sequer citar o nome do romantico de S. Miguel de Seide. Mas romanticos grandes que em novellas troçassem o bra-

sileiro e que fizessem duettos d'amôr entre jovens pallidas e mancebos languidos, de melena ao vento, houve em Portugal apenas um. E nem o proprio Eça iria gastar tão prolixamente as gemmas do seu estylo numa longa referencia a meia duzia de subalternos obscuros. A não ser que o illustre ironista se lembrasse da carta de Jacaré-Paguá na *charge* de Garrett *O Brasileiro em Lisboa* ou do *Spiridião Cássiáno di Mello i Mátoss,* do incompleto romance *Helena* do mesmo auctor, — o que ainda assim não excluiria da referencia o nome de Camillo. De resto, Eça de Queiroz não cuidou nunca de pôr a figura do seu grande antecessor na gloria litteraria a coberto das ferroadas d'uma ironia discreta e contundente. Já nos *Azulejos,* do sr. Bernardo Pindella, hoje conde de Arnoso, outra referencia apparece sem rebuços:

«Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas reprêsas, besuntam-se tambem de lôdo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignadamente nos arguiram de chafurdarmos num lameiro, vêm agora pé ante pé enlabusar-se com a nossa lama! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas letras este lettreiro — *romance realista,* — parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarrada: — *Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós... Acreditem que*

tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimos sujos!» [1]

D'esta vez, o proprio Camillo acudiu á chamada, tão clara era a referencia, e, no final de um artigo ácêrca do pae do romancista da *Reliquia*, depois de citar as palavras impressas no livro do sr. Pindella, respondeu assim:

«Ora aquillo é comigo. O sr. Eça de Queiroz desembestou aquella frecha apontada ao meu peito innocente; mas alvejou com o seu olho mais myope, ou sacrificou a verdade a umas pittorescas phrases azedas e já bastante puídas que não valiam a pena do holocausto. Em primeiro logar, eu nunca censurei a pouca limpeza dos livros do sr. Eça; e, sempre que de passagem os indiquei, foi para os elogiar incondicionalmente, porque para mim livros sujos são sómente os mal escriptos. Em segundo logar, nenhuma novella minha se inculca na capa *romance realista*. Alguem arguiu, com razão, um meu editor, que nos annuncios da 4.ª pagina dos jornaes especializava a factura realista da novella. D'ahi procedeu talvez o equivoco importuno e flagellador do sr. Eça de Queiroz. Se s. ex.ª me julgasse menos irracional do que o seu modo de lêr os frontispicios dos meus livros sem os vêr (eu é que vejo tudo

---

[1] *Carta-prefacio* aos *Azulejos*, do sr. Bernardo Pinheiro, Pindella. 1886, p. XX-XXI.

quanto o insigne romancista imprime) duvidaria que eu fôsse capaz d'essa parvoiçada para chamar aos meus romances a attenção dos leitores de s. ex.ª. Crédo! Pois eu precisaria, para ser visto, de me nivelar com a espadua litteraria do sr. Eça? Mas, se o fizesse, era essa a *maneira de me tornar invisivel,* como diz a sentença de não sei que grande sabio... Talvez seja do grande sr. Eça de Queiroz a sabia sentença. [1]»

Camillo começava a ser ironico no fim d'esses periodos e é, com esforço, apparentemente calmo em todo o artigo. Era preciso que elle tivesse por Eça uma consideração enorme para não responder com a brutalidade de um ataque violento — elle, que não perdoava nunca. Não sei mesmo se Eça o comprehendeu mais tarde quando, arrefecidos os ardores de combatente, desfeitos facciosismos de escola, recordando os tempos moços, decerto pesou, com magua, os desatinos da juventude, numa hora calma de justiça.

---

[1] CAMILLO: *José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz.* No *Obulo ás Creanças.* 1887, pag. 142.

III

Português antes de tudo, encarando as coisas e os acontecimentos com o modo de vêr da sua raça, Camillo não pôz nem seria capaz de pôr todas as suas eminentes qualidades ao serviço d'uma causa ou d'uma doutrina; nos seus romances não ha aquillo a que hoje se convencionou chamar — a these, mas sempre, na bôca do auctor ou dos seus personagens, os considerandos d'uma philosophia um poucochinho burguêsa, brilhando de onde a onde pela novidade do paradoxo e conduzindo as mais das vezes a conclusões moraes de pouco arrojo. Mas essa mesma moralidade varia de livro para livro, é de cynismo ou de crença, de bondade ou de sarcasmo, á mercê da instabilidade do caracter do artista. Ha novellas de Camillo em que rara é a scena inventada: uma das suas caracteristicas litterarias é, como já disse, a inconfidencia. E eis porque, em grande parte dos livros seus, nos apparecem, mais

ou menos velados, episodios da sua propria vida. Toda a gente sabe, por exemplo, que nos *Annos de prosa* e no *Ultimo acto* figura Anna Placido, que o *Amôr de perdição* e a *Mulher fatal* são verdadeiros ou, pelo menos, assentam num fundo de verdade, e que o episodio macabro da Maria do Adro arrancada do tumulo pelo romancista apaixonado, deu assumpto para um trecho do livro *Scenas contemporaneas* e figura episodicamente em alguns outros. Nos seus ultimos annos, era com prazer que recordava o passado, a sua mocidade, os seus amôres, toda a historia vivida de uma existencia tumultuosa. E assim, no *General Carlos Ribeiro,* na *Maria da Fonte*, nos *Serões de S. Miguel de Seide*, na *Bohemia do espirito*, nos derradeiros versos, apparecem a cada passo reminiscencias d'um passado distante; e o romancista, escrevendo os seus ultimos livros sob a inspiração melancolica da saudade, lembra-nos Rousseau interrompendo a sua ultima obra incompleta, as *Réveries,* quando, retrocedendo o seu espirito á mais viva e mais cara recordação da sua juventude, de novo contava o seu primeiro encontro, tão poetico e tão fresco, com M.me de Warens. [1]

Mas, ainda mesmo nos casos em que o auctor não entra na propria acção da novella, nunca elle cede o seu logar de espectador que commenta, elucida e

---

[1] RÉGIS: *La phase de presenilité chez J. J. Rousseau.* Log. cit.

observa; e essa posição, que dá um certo pittoresco ás suas narrativas, favorece a opportunidade das largas divagações do psycologo. Toda a acuidade do seu espirito de analysta apparece então nitidamente. Esses mesmos que lhe recusam os dotes de observação noologica, não o fazem senão porque o seu processo de analyse os desorienta. As grandes crises dos romances de Camillo nunca se limitam a violentos estados d'alma, exteriorizam-se sempre, concretizando-se, materializando-se em factos. De modo que, como é natural d'essa maneira, o romancista faz o estudo dos seus personagens de fóra para dentro: observa-lhes os actos e investiga depois as razões intimas que os determinaram a agir de forma tal. E, por esse processo, chega á realização de typos admiraveis. Apenas, em certa altura, uma vez por outra, o sarcasta intervem, surprehende a figura em meio, com uma gargalhada, arremessalhe o escopro em meia duzia de traços diabolicos e faz d'aquillo uma caricatura. Taes os personagens do *Morgado de Fafe*, tal o typo, aliás admiravel, de Calisto Eloy de Barbuda da *Queda d'um anjo,* ou, nos *Annos de prosa,* o de José Francisco Andraens.

E pois que falei do seu sarcasmo, e pois que consequentemente ia falar da sua graça, opportuno será referir-me ao aspecto, se não o mais brilhante, se não o mais valioso, pelo menos o mais inimitavel e inconfundivel do seu alto espirito. É o trabalho de humorismo adstricto ás suas obras de critico e de polemista, que constitue o mais admiravel

documento de genio em obras-primas de irreverencia grosseira e rude crueldade.

Em Camillo existia a negação completa de todas as qualidades que para o critico em geral se preceituam. Faltava-lhe a visão serena das coisas e dos homens e o poder de serenamente julgar; via tudo através das sympathias ou dos odios que favores ou offensas enxertavam na sua natural bondade — tamanha quanto o póde ser a bondade num nevropatha da sua força — e via a mesma coisa contradictoriamente, segundo a variabilidade habitual do seu espirito.

«Uma tarde, em S. Miguel de Seide, — escreve o sr. Silva Pinto — sahiramos a passeiar pela aldeia: Camillo Castello Branco e eu. Num caminho de atalho, um velho, sentado a uma porta, ergueu-se respeitosamente e cortejou: — *Tenham vossas senhorias muito boa tarde!* Correspondemos, e Camillo, interrompendo a palestra, informou-me: — *É um homem veneravel este ancião. Tem sido uma esponja de amarguras. A filha deu em mulher perdida, o filho em ladrão, e a mulher morreu-lhe de dôr... Mas,* concluiu com movimento brusco, *Deus lá sabe o que faz.* Um quarto d'hora depois, passavamos novamente pelo velho. Este ergueu-se outra vez. Tirei o chapeu; e Camillo, attentando no caso, perguntou-me: — *Quem foi que V. cortejou?* — *Foi o velho de ainda agora.* — *Qual velho?* — *Aquelle desgraçado de quem V. Ex.ª me contou a historia. O*

pae do ladrão e da...—Ah! sim: um borrachão!, cortou elle, encolhendo os hombros.» [1]

«A deliberação da ida para Lisboa — assevera Camillo numa das cartas a Vieira de Castro — só poderá desfazê-la a gravidade da doença. Eu vivi sempre mal ahi...» [2] E em cartas a Silva Pinto: «Grita-se contra Lisboa; eu quando ahi vou parece-me que bebo saude nessa atmosphera, tão boa que transforma esse oxygenio a gazes do Arrobas...... Estive no Porto com a familia uns dias. Vim doente, como se sahisse d'uma cloaca. O Porto tem m... por dentro e por fóra. Lisboa é só por dentro...... Invejo-lhe a vida de Lisboa. Tenho muitas saudades d'isso tudo e sei que não torno a vêr a minha querida Lisboa.» [3] E em cartas colligidas na *Illustração Moderna*, do Porto, sem designação de destinatario: «O Porto seria uma sentina fétida a toda a Europa, se a notoriedade do Porto, com as suas bandeirolas coçadas e a sua limonada de *cavallinhos*, passasse além de Campanhã...... Eu abomino essa Praça de D. Pedro, esses Clerigos, toda essa algazarra a fingir terra civilizada com ares de New-York. Acho tudo melhor que o Porto, desde a Ovelhinha até Barcellos.» E, numa carta ao auctor do *Romance do romancista:* «O Alberto

---

[1] SILVA PINTO: *Cartas de Lisboa*, na *Voz Publica* de 20 e 21 de junho de 1902.

[2] *Correspondencia epistolar*, t. II, p. 50.

[3] Ob. cit., p. 115, 102 e 106.

Pimentel tambem foge do Porto? Essa terra é insalubre para todos os que respiram pela alma; e eu, a dizer a verdade, em nenhuma outra me dou tão bem, quer do corpo quer do espirito.» [1]

Comprehende-se que uma volubilidade de opiniões de tal feitio não póde ser qualidade que atteste a excellencia d'um criterio. Não: Camillo nunca poderia ser um critico: nunca o foi. E elle mesmo o reconhece, embora por outra especie de motivos, quando escreve nos seus *Esboços de apreciações litterarias*, em 1863: «Dei-me pouco a este genero de escriptos, temeroso das difficuldades. Poderia, porventura, vencer algumas das venciveis a todo o escriptor applicado; mas a minha sáfara era outra, e o tempo escasso para me sahir acceitavelmente d'ambas. A critica em Portugal é quasi impraticavel por duas causas: a primeira é que somos poucos a escrever, e nos apertamos cordialmente a mão todos os dias; a segunda é que, por este theor de vida, nenhum escriptor se faria um nome que o compensasse dos dissabores e da pouquidade dos lucros.»

Camillo nunca desprezava uma aggressão — partisse ella d'onde partisse. Elle proprio o confessou a Silva Pinto:

«Sempre que um dos novos me aggride, ha quem me aconselhe *a não fazer caso.* Foi assim quando V.

---

[1] ALBERTO PIMENTEL: *O romance do romancista*, p. 277

me provocou. O Teixeira de Vasconcellos escreveu-me de Lisboa: *Não responda. Este sujeito não guarda o decoro.* E eu respondi ao Teixeira: *Nem eu. Quem melhor as tiver, melhor as joga!* É claro que os meus quarenta annos de serviços, ou quantos são, concedem-me o direito de silencio quando um rapaz faz negaças com muito phrenesi á minha innocente pachorra. Mas que quer o meu amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Herculano sahirem d'esta vida com muitas nodoas negras no corpo. Não surgiu luctador novo que não fôsse ali ensaiar-se, applicando dois pontapés áquelles dois velhos. O Herculano creio eu que á força de orgulho chegasse a persuadir-se de que os não levára: mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto, que logo, pelo telegrapho e pelo correio, me avisava do sacrilegio — para que eu o desaggravasse. Acudi pelo nome d'aquelle sublime ingenuo duas vezes, que me lembre: na questão coimbrã e na do *Fausto.* Mas pela minha parte resolvi não me deixar contundir sem usar de represalias. Os rapazes dão-me; mas eu reajo, como se vê...» [1]

Os criticos do Cancioneiro, a *Questão da sebenta* e a polemica com Alexandre da Conceição, a proposito da *Corja,* são documentos admiraveis de aggressão, em que o humorismo se alliava á violen-

---

[1] SILVA PINTO: *Cartas de Lisboa*, Log. cit.

*

cia, garantindo para o lado do romancista, ao primeiro assalto, a absoluta certeza da victoria. O adversario podia argumentar com erudição ou recorrer ao mais despejado vocabulario do insulto. Camillo pegava nas suas phrases uma a uma, expunha-as numa gargalhada que fazia rir tambem os que o liam, punha em cada argumento consideravel do adversario o barbicacho do sarcasmo e depois fazia-o pular, em divertidas cabriolas, á custa dos beliscões, com que, num cynismo cruel, o torturava. De tal modo, a dois passos do começo, já se via o adversario apopletico, debatendo-se, vomitando injurias, descomposto, desconcertado, perdido, e Camillo gozando o prazer de o aniquilar de todo, de o arrazar, de lhe fazer pagar bem cara a audacia de profanar, mesmo ao de leve, a intangibilidade do seu nome e da sua obra. Era bem o representante litterario d'essa geração de Botelhos, violentos, provocadores, desordeiros, que espalhára o terror em Villa Real; era bem o sobrinho de Simão Antonio, derribando, de penna em punho, reputações litterarias, como outrora seu tio, com um fueiro, punha em cacos os cantaros do chafariz.

Essa polemica da *Corja* é modelar e define bem em absoluto a sua maneira de combate. No primeiro artigo de resposta, Alexandre da Conceição escrevia:

«Uma ultima observação. O sr. Camillo Castello Branco, pelos excessos da sua bilis palavrosa, adquiriu neste paiz a reputação lendaria de um polemista

temeroso e intractavel. Nós queremos prevenir o sr. Camillo de que emancipámos ha muito o nosso espirito do terror sagrado de todas as lendas e do temor pueril dos grandes homens, depois que nos resolvemos a tocar-lhes com um dedo e reconhecemos que estavam cheios de palha, como os espantalhos. Em homenagem por isso ao glorioso nome do romancista e á seriedade da imprensa, procuramos manter esta resposta nos limites que nos são impostos pelos preceitos mais communs da decencia e da urbanidade. Se porém os assomos olympicos da vaidade irritada do sr. Camillo o levarem a replicar-nos em tom e por fórma que exceda as raias da boa educação, nós não teremos duvida em o seguir a esse terreno e em converter esta inoffensiva polemica no mais divertido e decotado escandalo que tem entretido ha muito a ociosidade indigena. Como temos sobre s. ex.ª, apesar de velhos, a vantagem de menos vinte annos seguros, afiançamos-lhe que havemos de ser o ultimo a falar, porque d'aqui a vinte annos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer. Neste ponto, a nossa imaginação é d'uma fecundidade illimitada e o nosso pulchro arminho d'uma pureza relativamente excepcional. Agora... *Tirez le premier*, Monsieur l'Anglais.» [1]

---

[1] *Bibliographia portuguêsa e estrangeira*, terceiro anno, 1881, n.º 1, p. 6 e 7. (Transcripto do *Seculo*).

Nunca combatente algum entrou em campo com mais denodada decisão, e a muitos pareceu nesse momento que Camillo ia ter emfim o contendor digno d'elle. Pois bem: escriptos mais três artigos contra outras tantas respostas de Camillo, obras-primas de ironia insolente, o adversario que com tão altisonantes propositos entrara, bate em retirada sem serenidade, sem argumentos, nem ironia, nem mesmo insultos que o salvem.

«Esta questão está terminada — escreve elle então. — Não é possivel discutir com um insensato num tal estado de allucinação. Quebramos aqui o protesto de continuar indefinidamente esta polemica. Contavamos com todas as torpêsas; com o que não contavamos, porém, foi com a tolerancia do nosso estomago para supportar a presença do torpe. Vencem-nos o nojo da sua baixêsa e não o receio do seu valor.» [1]

É claro que isso teve resposta e, como ainda depois, numa carta publicada, Conceição se lhe referisse ligeiramente, Camillo, ao vêr que o adver-

---

[1] *Bibliographia portuguêsa e estrangeira*, 1.º anno, n.º 5, p. 81

sario derrotado ainda bulia, aniquillou-o de vez num ultimo artigo.

Nessas polemicas violentas, o grande escriptor sentia-se sempre á-vontade. Tinha ao seu dispôr os elementos d'uma erudição que mais d'uma vez lhe proporcionava sahidas livradoras nos lances de maior perigo, tinha a *verve* soberba, extraordinaria, maravilhando pela naturalidade, pela vehemencia e pelo imprevisto, tinha um estylo ductil, elastico, soberbo que a cada passo desabrochava em fórmas novas, de uma mais vigorosa expressão e d'um mais brilhante colorido. Elle só se indignava, por dentro; por fóra, á vista do publico, era a personificação da serenidade, confiada e omnipotente, que pára, sorrindo, os golpes mais certeiros e responde com a impiedade cynica d'um executor.

O sr. dr. Manuel Maria Rodrigues, hoje lente da Universidade e, apesar de tudo, esse mesmo Alexandre da Conceição, foram os adversarios de mais valor que terçaram armas com o grande polemista. Elle proprio o reconheceu quando, feitas as treguas, serenamente o seu espirito pôde avaliar os factos e os homens. Mas afinal o odio caía com a ultima palavra dos seus artigos de combate. Atacou o sr. Theophilo Braga com extrema violencia e quando este escriptor perdeu dois filhos e João de Deus organizou um album de homenagem, Camillo deu-lhe o soneto *A maior dôr humana*, que é a sua melhor obra rimada. E, na morte de Alexandre da Conceição, escreveu versos assim:

Bem me lembra que o vi, na juventude,
Rosado pela aurora d'essa edade.
Eram prismas d'amôr e d'amizade
Os carmes do seu mystico alahude.

Sendo fatal que degenere e mude
A crença e o affecto e o bem da mocidade,
Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem
Ralado por desgostos que consomem,
E poem na face um gesto acre e severo..

Se o seu bondoso riso era apagado,
Restava-lhe este honroso predicado:
Prégando o Socialismo, era sincero.

IV

Fazendo historia, Camillo foi um investigador honesto, erudito e intelligente, com a faculdade notavel de dar ás narrativas todo o relevo da sua prosa d'arte. Não tinha talvez a sciencia das grandes generalizações, mas sabia como poucos acingir-se á verdade, averiguando os factos com um minucioso e paciente criterio que bastava a garantir-nos a sua probidade. Corrigiu velhos erros consagrados, aclarou duvidas antigas e disse-nos trechos de historia aos quaes a sua prosa suggestiva deu um soberbo poder de evocação. Tal, por exemplo, no livro sobre o *Marquês de Pombal,* a scena da morte dos Tavoras no supplicio.

Dos seus escriptos de theatro, salientarei as comedias, algumas das quaes ainda hoje se ouvem com agrado. Os dramas, que fizeram época, corresponderam ao seu tempo, e passaram com elle, na vida ephemera das obras a que o genio não marca

uma grandêsa imperecivel. Camillo não foi um grande dramaturgo, como tambem não foi um grande poeta; dir-se-ia que as regras do palco e das rimas comprimiam, suffocavam a inspiração do artista, como um circulo de ferro dentro do qual o seu engenho se não sentia bem.

Os seus versos... O proprio Camillo se definiu como poeta no seu implacavel *Cancioneiro alegre:* «No cerebro d'este sujeito, — diz elle num artigo que tem por titulo o seu proprio nome — nunca phosphoreou pyrilampo de poesia bem medida. Não perpetrou grandes delictos de romantismo impresso, porque foi de uma roda de homens praticos, scepticos, desconhecidos da lua, mais amigos do theatro que das florestas rumorosas e mais dados ao ponche queimado do que ao remugir das vagas e ás brisas fagueiras do mar, do qual principalmente apreciavam as ostras na Aguia d'Ouro. Foi muito parco em trovas aos objectos dos seus ais. Poesia parturejada com dôr e não contada syllabicamente pelos dedos fez uma só e foi a ultima. Nas outras inflammava-se a frio. Quando tinha saude e dinheiro, regrava elegias, debulhava-se em lagrimas de consoantes. Se ás catarrhaes se ajuntavam as angustias da fallencia, entrouxava-se nos cobertores e vingava-se da therapeutica e dos capitalistas, fluminando o lapis d'onde rutilavam coriscos de chalaças salôbras. De certo tempo em deante começou a dizer que morria e mandava adeante d'elle um volume de versos á voragem do esquecimento. Isso

nelle era presumpção; porque aos funeraes do seu EU de poeta já elle tinha assistido em pessoa e de saude perfeita. Quando estava sinceramente velho, acabou por onde começara.»

E já antes tinha escripto, na prosa que vem a acompanhar o seu livro de rimas *Ao anoitecer da vida*: «Os meus versos estão dizendo que eu nunca estudei os rythmos variados e elegantissimos da poesia moderna. A minha sede de ideal e de infinito não se apagava com a sciencia das graças cadenciosas, em que funda a sublimidade do poema. Achava eu mais consolação em poetar pelas velhas artes, e consoante o arpejar chão e monotono dos mestres, que eu tinha acceitado, ao sahir da provincia, sem saber que havia outros melhores. Quando, mais tarde, dei tento do atrazo e anachronismo das minhas oitavas rimas, e superabundancia de hendecassylabos, era fóra de tempo o reformar-me. Continuei a versejar sem arte e a pensar que o muito do coração suppria bem o desatavio, ou o demasiado alinho da forma. Se alguma vez me desci da minha pertinaz ignorancia, tentando modelar os meus versos pela accentuação metrica e rythmica dos melhores poetas contemporaneos, sahia-me o dizer tão amaneirado e contrafeito, que acabava comigo em persuadir-me que não havia corrigir o rachitismo da mocidade... Assim pois, de boa mente e má vontade me apartei da escola do meu tempo, e, por bem não saber qual havia de seguir, fiquei fóra de todas.»

Mas, ou porque as tentativas rimadas coincidissem com os periodos de maior abatimento moral, ou porque ao senso-critico do grande escriptor não escapasse a noção nitida da sua inferioridade, o certo é que em alguns dos seus livros de versos vem, em subtitulo, a promessa infantil de *não tornar a fazer outra*. Em 1874, sob o titulo do livro *Ao anoitecer da vida,* lê-se a designação — *ultimos versos*. Em 1888, as *Nostalgias* apresentam-se como a sua *ultima prosa rimada*.

É de justiça comtudo mencionar que a melhor parte da obra poetica de Camillo se contêm no seu ultimo livro — *Nas trevas*. O paroxysmo da desgraça fazia o milagre de entremostrar-nos o genio do grande escriptor num genero litterario que tão avêsso á aptidão d'elle se demonstrára no decorrer da sua vida inteira.

E analysada succintamente, em todos os seus aspectos, essa obra grande, soberba e inconfundivel, é tempo de dizer como a patria, que esse homem extraordinario tanto honrou, soube corresponder ao esforço monumental do seu trabalho.

Em 1885, foi Camillo Castello Branco agraciado pelo rei D. Luiz com o titulo de visconde de Correia Botelho e, por deliberação das côrtes, dispensado do pagamento de emolumentos, direitos e

sello de que se constituia devedor, acceitando essa mercê.

Em 1889, como «reconhecimento publico dos relevantissimos serviços prestados ás letras patrias pelo visconde de Correia Botelho» foi, com o voto das camaras, concedida a seu filho Jorge Camillo Castello Branco a pensão annual e vitalicia de um conto de réis.

Em 1907, o parlamento approvou uma pensão annual de 400$000 réis, em favor dos netos de Camillo, filhos de Nuno Castello Branco, que luctavam com falta de recursos para a sua subsistencia e educação.

Por mais d'uma vez, grupos de homens de letras, grandes commissões com representação de todas as classes, e associações litterarias, têm procurado interessar o publico e o Estado na ideia de se levantar um monumento em honra do grande escriptor. E comtudo ainda hoje, por vergonha nossa, Camillo, como Herculano, não tem uma estatua em Portugal.

Eu não quero neste momento investigar qual o verdadeiro motivo do insuccesso de tão insistentes tentativas, nem procurar as vergonhosas razões occultas que fizeram com que não merecesse sequer a sancção camararia, no municipio portuense, o padido que ha annos fez a Associação dos Jornalistas d'aquella cidade para que o nome do glorioso escriptor fôsse dado a uma rua. Mas seria absurdo contestar a existencia d'uma má-vontade que vem de lónge e que nem a morte de Camillo, nem o

tempo decorrido depois d'ella, conseguiram ainda apagar inteiramente. Odios semeados pelas suas palavras d'azedume, odio ainda d'uma sociedade a que elle arrancou os seus melhores grotescos, o odio das vaidadesinhas feridas e do amôr proprio que o ridiculo fulmina, — tudo isso veio deitar raizes de calumnia, intrigar na sombra, difamar, servindo-se da arma covarde do desprezo, esquecendo-se do respeito que primeiro se deveu ao nome do maior artista da nossa terra, e depois ainda se deve em homenagem á sua memoria altissima.

Camillo morreu, e morreu d'uma maneira tragica. Era um homem cego que se matava, era o fim cruel de um desgraçado. Pois quando o cadaver d'esse homem chegou ao Porto, havia na *gare* apenas um cento de pessoas que o esperavam, e, entre essas, nem um unico escriptor, nem um unico artista! Estavam *reporters* por dever de officio, o conego Alves Mendes, o padre Sebastião e Freitas Fortuna por amizade, estava o editor Costa Santos e mais um pequeno grupo anonymo que a admiração humilde ou a curiosidade banal levou ali. «O cortejo era composto apenas de 18 trens e atravessou a cidade no meio da indifferença geral e quasi despercebido», diz o telegramma do Porto para um jornal da epoca. [1] Mas, aqui e além, o mercante saltava o balcão e vinha ás portas — rir.

---

[1] *Correio da Manhã*, de 4-6-90.

O Porto rancoroso, incivil, materialão e ignorante — vingava-se. E vingava-se cuspindo o fel do seu odio sobre a face de um morto. Ia ali, emmudecido para todo o sempre, o sarcasta que escreveu a *Filha* e a *Neta do Arcediago,* os *Brilhantes do Brasileiro,* toda essa galeria em que os seus grotescos vivem e a sua sociedade egoista, plebêa, utilitaria, sem intelligencia e sem nobreza, anima os bellos quadros que a fixam, com o poder gravativo d'um artista de genio, na parte mais deprimente e caricatural dos seus aspectos. Ia ali Camillo, esse endemoninhado que, pilhando-os bem ridiculos, com as suas sobrecasacas do domingo e os seus cartolões velhos, lhes agarrava pelas suissas e os fazia cabriolar no ar, como fantoches; e toda a rua de S. João vomitava injurias sobre o corpo morto que aquelle feretro continha, que lhe fizera andar á roda a cabeça das mulheres nos seus tempos gloriosos de velho leão das salas, que lhe corrompera as filhas com as paixões romanescas dos seus livros.

E, atrás do cadaver d'esse homem de genio que fez na sua terra, durante quarenta annos de indefesso trabalho, quasi toda a litteratura d'uma época, d'esse supremo artista, dos maiores da sua patria, o maior decerto do seu tempo, — nem ao menos um unico escriptor, nem sequer um unico artista: um editor, os amigos, *reporters* dos jornaes e curiosos...

Maio e Junho de 1908.

NOTA *A* — A genealogia de Camillo

Domingos Correia Botelho, picheleiro ambulante, aventureiro, descendente directo de familia mais d'uma vez suspeita de sangue judeu. Casou duas vezes, a primeira das quaes

com

Arcangela Fernandes

de quem teve —

— **Manoel Correia Botelho**, arguido de cumplicidade num crime de assassinio. Casou

com

Maria de Carvalho e Menezes, filha de Luiza Rebello e de Francisco Martins Menezes, christão novo,

de quem teve —

— **Frei José de S. Bernardo**, agostinho descalço. Accusado de delictos e devassidões.

— **2 filhas** que recolheram a mosteiros.

— **Domingos José Correia Botelho**, excentrico, brigão, muito estupido, accusado de irregularidades no desempenho dos seus cargos publicos e de cumplicidade num crime de assassinio. Casou

com

Rita Thereza Margarida Castello Branco

de quem teve —

— **José Correia Botelho de Menezes**, provocador e desordeiro, arguido do crime de assassinio.

— **José**, que morreu creança.

— **Manuel Joaquim Botelho Castello Branco**, que morreu doido. Viveu

com

Jacintha Rosa d'Almeida do Espirito Santo, hysterica, filha d'uma doida e, talvez, irmã de duas doidas. *(Camillo diz que teve duas tias doidas, mas não esclarece se eram irmãs do pae ou de mãe)*

de quem teve —

— **Rita Emilia da Veiga Castello Branco.**

— **Simão Antonio Botelho**, condemnado a degredo por um crime de assassinio ou tentativa de assassinio.

— **2 filhas** (segundo o [illegible]

— **Carolina Rita Botelho Castello Branco.**

— CAMILLO CASTELLO BRANCO, hystero-neurasthenico, tabetico, homem de genio,

que teve —

De Joaquina Pereira — Uma filha que morreu creança

De Patricia Emilia — Bernardina Amelia, que ainda vive

De Anna Placido — Jorge Placido Castello Branco, que morreu doido

— Nuno Placido Castello Branco, estroina, alcoolico, nevrotico, dissipador.

NOTA *B*

O «Amôr de Perdição»

O que ha, afinal, de verdade na historia da familia de Camillo, tal como vem contada no mais celebre e mais vulgarizado dos seus livros? Não tenho elementos que me permittam responder com segurança. Estou porém em crêr que o auctor doirou ali, com o brilho romantico da sua phantasia, os episodios fundamentaes alicerçados num irrecusavel fundo de verdade; e que, mais de uma vez, deslocou do seu logar chronologico distante factos com que guarneceu, artisticamente valorizando-a, a trama essencial do seu romance. Não me detenho a citar as inexactidões em tudo quanto diz respeito aos antepassados do protagonista da sentimental novella. O leitor, se conhece o livro e se leu este trabalho, já está sufficientemente habilitado para ajuizar d'essas contradicções. Quanto a Simão Botelho é que alguma coisa ainda ha que dizer.

«Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartorio das cadeias da relação do Porto — escreve Camillo na *Introducção* do seu romance -- li,

no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte:

«*Simão Antonio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na occasião da sua prisão na cidade de Vizeu, edade de 18 annos, filho de Domingos José Corrêa Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castello Branco; estatura ordinaria, cara redonda, olhos castanhos, cabello e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, collête de fustão pintado e calça de panno pedrez. E fiz este assento, que assignei. — Filippe Moreira Dias.*

«A' margem esquerda d'este assento está escripto:
«Foi para a India em 17 de Março de 1807».

Esse é o documento official que figura no *Amôr de perdição*. O resto é a historia que me abstenho neste momento de contar detidamente: o amôr de Simão por Thereza, a opposição das familias, a reclusão de Thereza num convento, as pretensões do primo Balthazar, o assassinio d'este por Simão, o auxilio do ferrador João da Cruz, a abnegação apaixonada de Marianna, a morte de Thereza no mirante de Monchique, a morte de Simão a bordo da nau que o conduzia, a morte de Marianna nos braços do cadaver do homicida arrojado ao mar no caminho da India.

A versão do caso, escudada em documentos, e a que me referi com detença nas paginas 28 a 30 e 33 d'este trabalho, diz apenas que Simão Botelho foi criminado pelo estrupiamento que praticou com um tiro de clavina na pessoa do criado de um individuo de Vizeu, de parceria com um homem de pessima reputação, de nome José Jeronymo de Loureiro e Seixas. O criado ferido chamava-se Francisco

José Ferreira e o patrão José Cardoso Cerqueira. Sabe-se tambem que Simão era useiro em acompanhar com um *ladrão publico* e *caçador*, de nome José Rodrigues Quintas, do logar de Travanca.

O sr. Pedro d'Azevedo, auctor do interessantissimo trabalho sobre os *Antepassados de Camillo*, não viu o processo de Simão, que suppõe estar feito em pasta no archivo da Relação do Porto. Eu tambem não o vi. E, nessas condições, tenho forçosamente, nesta altura, de quedar-me no terreno movediço das hypotheses incomprovadas.

E' possivel que, exceptuando a scena do assassinato do morgado de Castro Daire, o resto que constitue o enredo do romance seja essencialmente verdadeiro: que Simão amasse realmente uma menina, que poderia ser filha d'esse Cardoso Cerqueira; que, por amôr d'ella, se visse na situação do encontro com os criados, narrado no romance; que fôsse um dos seus companheiros o outro accusado do processo, e que ou esse ou o tal Quintas da Travanca fôsse o que Camillo designa pelo nome de João da Cruz. E' possivel que tudo isso seja assim e que Camillo modificasse a acção, attendendo a que, fóra de duvida, é muito mais romanesco assassinar um rival que estrupiar um criado, e morrer d'amôr pela filha de um fidalgo que pelo rebento d'um tal Cerqueira que ninguem sabe quem é.

Mas isto tudo são hypotheses, meras hypotheses, talvez inconsistentes e que, em todo o caso, eu não saberia comprovar. O que eu quero deixar accentuado é que, dada embora provadamente como falsa a versão que o romancista attribue ao crime de Simão, nem por isso nos é licito concluir pela falsidade da maioria dos episodios do romance.

Referindo-se a Thereza, seu pae, seu primo, o ferrador João da Cruz e a filha d'este, figuras que lhe

parecem ter sido creadas pela fantasia de Camillo, o sr. Pedro d'Azevedo escreve que «não seria todavia muito improvavel que o amôr de Simão tivesse sido consagrado a uma rapariga pobre e de tão baixa condição, que ao juiz de fóra sobreviesse repugnancia em a admittir por nóra, a qual todavia, praticado o crime pelo amante, o tivesse acompanhado até á morte, quer nas profundidades do oceano, quer nas regiões do oriente.»

Sim, póde ser... tudo póde ser. Mas se não ha documentos officiaes que comprovem a existencia real dos personagens a que o sr. Azevedo se refere, tambem, pelo menos que eu saiba, ainda até hoje não appareceram quaesquer que neguem essa existencia. De resto, a averiguação, pelo que diz respeito ao ferrador e á filha, seria, em qualquer caso, inutil, porque nenhum d'elles tinha mesmo que figurar no processo. A versão documentada que o illustre investigador nos apresenta, apenas inutiliza a presumpção de realidade de certos nomes de personagens e d'um dos episodios do romance — a morte do morgado. Nada mais.

*

Depois de escripta e composta esta *nota*, appareceu no *Diario de Noticias* (n.º de 6-X-1908) o seguinte, que entendo dever archivar como valioso subsidio:

«SIMÃO BOTELHO — Suppunha-se com bom fundamento que o *Amôr de perdição* era uma especie de memorial de familia, uma auto-biographia dos ascendentes de Camillo Castello Branco. Tal supposição vae-se desvanecendo em presença do resultado das pesquizas archivistas, a que ultimamente se tem procedido. Verifica-se que as tradições de

familia, transmittidas ao eminente escriptor, chegaram muito obliteradas ou adulteradas. A parte fundamental do *Amôr de perdição* póde affirmar-se até certo ponto que continúa a manter-se, o que já não succede com alguns factos e episodios importantes e até com o caracter das personagens que mais ou menos salientemente figuram no trama urdido pelo eximio estylista. E' necessario applicar, em mais de um incidente, em mais de um logar, os devidos coefficientes de correcção, *os embargos á phantasia,* para nos servirmos de uma phrase do proprio Camillo. Este diz que Simão Botelho, o heroe da sua epopeia amorosa, fôra atirado ás ondas na sua viagem de degredo para a India. Ora o sr. Ismael Gracias encontrou, no archivo do governo d'aquelle estado, documentos pelos quaes se prova que Simão Botelho, longe de fallecer no caminho, chegára a Gôa. O distincto investigador indiano vae publicar no *Oriente portuguez* um artigo sobre o assumpto. D'este facto, que não é unico, aliás muito frequente, se deduz quanto cuidado, quanto criterio e discernimento deve haver na interpretação, como documento biographico, das obras de certos auctores. Se não se tivesse procedido, como se está procedendo, a averiguações minuciosas ácêrca da vida de Camillo Castello Branco e de seus antepassados, quanto não se teria phantasiado a seu respeito, nos seculos vindouros, como tem succedido e está succedendo com Bernardim Ribeiro, Camões, Gil Vicente e muitos outros. Quaesquer que sejam as inexactidões historicas que se encontrem no *Amôr de perdição,* este romance continuará a ser a obra-prima de Camillo, uma das mais bellas joias da nossa litteratura, e um dos espelhos, onde mais nitidamente se reflecte a sentimentalidade portuguêsa.»

NOTA *C*

A mãe de Camillo

No seu citado e valioso estudo sobre *Os antepassados de Camillo,* o sr. Pedro d'Azevedo diz, referindo-se a Manuel Joaquim Botelho Castello Branco:

«Uma senhora com a qual não tinha impedimento canonico, deu-lhe uma filha e o grande Camillo. Aquella senhora, de quem ainda não estão bem averiguados os nomes, pois umas vezes se lhe dá o nome de Jacintha Rosa d'Almeida do Espirito Santo, outras de Jacintha Emilia Rosa do Espirito Santo e ainda outras de Jacintha Rosa de Proença, suspeita-se que era açoreana e casada, formando as relações d'ella com seu pae um episodio que Camillo introduziu no *Amôr de perdição*».

Devagar... Ainda se não sabe hoje ao certo quem foi a mãe do romancista. Tem-se procurado relacionar com episodios provaveis da vida d'essa senhora, algumas passagens da obra de Camillo, e tem-se tambem procurado descobrir na historia do

adulterio de Manuel Botelho com a açoreana, contada no *Amôr de perdição,* a narração veridica do episodio amoroso que deu origem ao auctor do livro. Para mais complicar as coisas, em 1905 appareceu numa folha do Porto a citação d'um documento, da existencia do qual era licito inferir que D. Jacintha Rosa do Espirito Santo chegou a casar com o pae de Camillo. O auctor do artigo em que apparece essa referencia é um velho condiscipulo e amigo meu, João de Meyra, hoje lente da Escola Medica do Porto, e a quem se devem algumas interessantissimas investigações sobre episodios da vida do grande escriptor. A elle me dirigi recentemente, pedindo-lhe que me dissesse tudo quanto soubesse sobre o caso, e são da carta com que teve a amabilidade de responder ao meu pedido estes periodos, que vêm collocar a questão nos seus devidos termos:

«... O que sei sobre o assumpto em que me fala a pouco se reduz. E' verdade que, em 1905, criticando na *Folha da Noite* (n.º 87, de 19 de abril) a *Auto-biographia* de Camillo colligida pelo sr. Tavares Proença, escrevi que o pae do romancista fallecera em 22 de dezembro de 1835 e que chegára a casar com D. Jacintha Rosa do Espirito Santo. Você deve recordar-se d'isto porque, em nota á pag. 24 do seu *Camillo Castello Branco — Esboço de critica,* diz: *João de Meira, num artigo publicado na* Fòlha da Noite, *do Porto, em 19-4-09, oitavo de uma serie intitulada* Para a biographia de Camillo, *afirma o casamento dos paes do romancista, facto que ainda nenhum outro biographo tinha mencionado. Tambem, nesse mesmo artigo, vem a afirmação, que se diz escudada com provas, de que o pae de Camillo morreu em 1835, ficando elle assim orphão aos dez e não aos nove annos...»*

«O documento em que me baseei para fazer aquellas duas afirmativas não é actualmente inedito, pois o publiquei no 2.º numero da revista lisbonense *Cosmos*, conjunctamente com um pequeno artigo sobre Camillo, que não era mais do que a abreviação de outros já publicados no *Independente*, de Guimarães (n.º 19, de 16 de março de 1902), na *Germinal*, do Porto (n.os 11 e 12, de julho de 1902), e na *Alma nova*, tambem do Porto (n.º 1, de maio de 1903). O documento é o seguinte:

«*Em os 22 dias do mez de Dezembro do anno de 1835 falleceu com o Sacramento da Extrema-Uncção Manoel Joaquim Botelho Castello Branco, viuvo de Jacintha Rosa do Espirito Santo, morador na rua dos Douradores, e no mesmo dia foi sepultado no Cemiterio do Alto de S. João, do que fiz este assento que assignei. O Prior José Antonio Durães. (Livro d'Obitos da freguezia de Santa Justa, de 1835; fls. 20 v.)*

«Não posso dizer que esse assento me désse muito trabalho a obter, nem me custasse longas pesquizas. Eu havia pedido para a freguezia dos Martyres, onde Camillo nasceu, o assento d'obito de Manuel Botelho; mas as buscas feitas não tinham dado resultado. Foi então que se me deparou, a pag. 207 do *Romance do romancista*, de A. Pimentel, a transcripção de uma petição para que lhe fôssem concedidas ordens menores, onde Camillo se dizia natural da freguezia de Santa Justa. Occorreu-me logo que o engano só podia provir do facto de Camillo residir nessa freguezia á data da morte do pae. Escrevi então para lá e veio-me o assento de que você póde agora, se quizer, pedir uma certidão com as formalidades legaes.

«Mas, já depois que escrevi aquellas duas afirmativas na *Folha da Noite*, entrei a pensar que, se a

data da morte de Manuel Botelho ficava definitivamente assente, o mesmo não succedia com o seu casamento. De facto podia ter havido erro de informação, propositado ou casual, tanto mais que o assento de casamento, apesar de subsequentemente procurado em Santa Justa, não appareceu. E' bom todavia notar que não appareceu tambem o assento d'obito de D. Jacintha, e que os dois factos podiam ter-se dado na area d'outra freguezia. Eu, como vivia no Porto quando esses factos me preoccupavam, estava mal collocado para continuar em averiguações que difficilmente podem tratar-se por carta. Desisti por isso de pesquizas. Você que está ahi em Lisboa é que as podia fazer......»

As investigações a que até hoje procedi no fito de alcançar o assento d'obito da mãe de Camillo, têm dado resultado negativo. Nas freguezias centraes que percorri — Sacramento, Martyres, Santa Justa — esse assento não existe. Mas é forçoso convir em que ainda ha largo campo aberto para longas inquirições. Quanto á relacionação possivel do nascimento de Camillo com o adulterio narrado no romance, diz a carta de João de Meyra:

«O adulterio de Manuel Botelho com uma açoriana é narrado no fim do cap. II e no cap. XVI do *Amôr de perdição*. Este episodio tanto póde ser verdadeiro como de pura invenção do escriptor; mas dada a predilecção de Camillo para romancear factos basilarmente veridicos e dada a pouca relacionação d'essa narrativa com o seguimento do enredo (a ponto que seria ocioso inventá-la se não tivesse succedido), inclino-me para acceitar a sua veracidade. O que me é impossivel admittir é que d'essa ligação extra-matrimonial de Manuel Botelho,

tal como é contada no *Amôr de perdição*, nascesse Camillo e sua irmã mais velha. O cadete Manuel Botelho, no anno lectivo de 1802 a 1803 (ou 1803 a 1804?, você verá já porque tenho a duvida) e, ao que parece, antes de fevereiro (*Amôr de perdição*, cap. I e II) fugiu com a esposa de um estudante de medicina, natural dos Açôres, primeiro para Lisboa e depois para a Curuña, onde viveram um anno e tanto (*Amôr de perdição*, cap. XVI), voltando ao Porto 15 dias depois da entrada de Simão Botelho na Relação. Segundo Camillo, foi em fevereiro de 1803 que o de Castro Daire começou a pretender a mão de Thereza d'Albuquerque, em junho que Simão Botelho o matou (*Amôr de perdição*, cap. X) e em março de 1805 que Simão entrou na Relação. Como o mesmo Camillo, em mais de um logar, conta que medearam 7 mezes entre o assassinato e a entrada na Relação, é claro que ha um engano de um anno ou na data do assassinato para menos, ou na data da entrada da Relação para mais. De um modo ou de outro, Manuel Botelho estava de volta a Portugal o mais tardar em março de 1805. Do Porto, onde visitou o irmão, seguiu para Villa Real com a amante. Ahi, foi logo denunciado ao pae, que chamou a açoriana a casa do juiz de fóra e lhe propôz reenviá-la para a familia á sua custa, proposta que foi immediatamente acceita, partindo a adultera *para Lisboa e d'ali para a sua terra e para o abrigo de sua mãe, que a julgára morta, e lhe deu annos de vida, se não ditosa, socegada e desilludida de chimeras.* (*Amôr de perdição*, cap. XVI, in fine). Como póde ser que esta açoriana adultera, reenviada á familia em 1804 ou 1805, venha a ser justamente 20 annos depois a mãe de Camillo? Só póde afirmá-lo quem não attentar nos pormenores e na data do episodio inserto no

Amôr de perdição. Alberto Pimentel diz tambem (*Os amôres de Camillo*, pag. 27, nota 3): *A mãe de Camillo, que hoje supponho natural dos Açores, foi raptada por Manuel Botelho Castello Branco. Ha quem suspeite que era casada ao tempo do rapto.* Mas, perguntado por mim sobre as bases das suas presumpções, em carta que não tenho presente agora, respondeu-me, se bem me recordo, que tinha esses factos do conselheiro Antonio d'Azevedo, sobrinho do romancista. E' de crêr que Antonio d'Azevedo não saiba mais do que vem no *Amôr de perdição.*

«Quanto á veracidade da narrativa, independentemente de qualquer relação com o nascimento de Camillo, so lhe posso dizer que estudantes açorianos frequentando medicina em Coimbra de 1801 a 1806 só houve dois: 1.º) Joaquim Antonio de Paula Medeiros, filho de Francisco de Paula Medeiros, natural da ilha de S. Miguel, que de 1801 a 1802 frequentou o 2.º anno, de 1802 a 1803 o 3.º, de 1803 a 1804 o 4.º e de 1804 a 1805 o 5.º.—2.º) José Ignacio da Silva, filho de José Rodrigues Concellas, natural da ilha do Fayal, que frequentou de 1801 a 1802 o 4.º anno, de 1802 a 1803 outra vez o 4.º anno e de 1803 a 1804, o 5.º. Este José Ignacio é do Fayal, como a açoriana de Camillo, e repetiu o quarto anno de 1802 a 1803. Não trazem os annuarios da Universidade o estado civil dos alumnos, nem o dizem os documentos precisos para a matricula, como informou o secretario Silva Gayo á pessoa que a meu pedido lh'o perguntou...»

Em virtude de informação posterior, João de Meyra fez o favor de me informar em carta recente que esse José Ignacio da Silva, unico estudante do Fayal que por aquelle tempo andou na

Universidade, que era o n.º 5 do curso e morava, em Coimbra, na rua da Alegria, teve por mãe D. Helena Rosa d'Oliveira e casou-se com D. Maria de tal, irmã de um capitão Antonio Manuel, da ilha do Pico. Foi pessoa respeitavel e, após uma vida sem sobresaltos domesticos, morreu Physico-mór da ilha Terceira.

Ora, falso o episodio do romance na época em que vem contado, sê-lo-ia menos vinte annos depois, em data visinha do nascimento de Camillo? Eis o problema. De resto essas transposições chronologicas são, como já disse, muito vulgares na obra do romancista.

E é talvez este o ensejo de reproduzir aqui um documento que póde ser um bom auxiliar para investigações que procurem illuminar esta questão ainda obscura. Vem no trabalho do sr. Pedro de Azevedo sobre os *Antepassados de Camillo,* e diz assim:

«Carlos Augusto Scola, Notario da Comarca de Lisboa, por Sua Magestade Fidelissima que Deus Guarde

«*Certifico*—Que em meu poder e cartorio existem os livros de notas do tabellião que foi d'esta cidade José Manoel d'Antas Barboza, e entre elles encontra-se um com o numero duzentos quarenta e cinco, com principio em dois de abril de mil oitocentos vinte e nove e fim em vinte e quatro de julho do mesmo anno; e n'elle a folhas cento e oito verso está o instrumento do theor seguinte:

«Saibão quantos este instrumento de Legitimação e Preffilhação, qual em direito mais firme seja e obrigação virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos vinte e nove, aos vinte e sete dias do mez de Junho,

nesta Cidade de Lisboa, no meu Escritorio na rua Bella da Raynha, appareceo presente Manoel Joaquim Botelho Castel branco que vive dos seos Rendimentos e morador na rua da Oliveira, numero tres, freguezia do Sacramento.

«E por elle Outorgante Manoel Joaquim Botelho Castel branco foy dito a mim Tabelião perante as testemunhas abaixo asignadas:

«Que elle tem dois filhos naturaes e de May incognita, por nomes Carolina Rita Botelho Castello Branco e Camilo Ferreira Botelho Castelo branco, os quaes forão baptisados o primeiro aos dois de Abril do anno de mil oito centos vinte e hum, na freguezia de Nossa Senhora do Soccorro, por filha de pais incognitos, cujo assento depois o fizera declarar e averbar aos nove dias do mez de Junho do anno de mil oito centos vinte e cinco, declarando então ser a dita Carolina Rita Botelho Castello branco sua filha e de May encognita; e o segundo fora baptizado aos quatorze do mez de Março do anno de mil oito centos vinte e cinco por seu filho natural e de May incognita; e porque pertenda ultimar este acto com todas as declaraçoens e meios necessarios para a sua validade afim de que os ditos seus filhos a elle Outorgante sucedão em todos os seus bens, direito e acçoens, e em tudo o mais que pelas Leis do Reyno em direito devão de herdar, por isso dice que desde já por esta Escritura reconhece a elles seos filhos Carolina Rita Botelho Castelo branco e Camilo Ferreira Botelho Castelo branco por seos legitimos filhos afim de que em tudo e por tudo lhe possão suceder e herdar até em qualquer Grau que Sua Magestade se digne pelos serviços delle Outorgante atendelo por asim ser a sua vontade e não ser para isto constrangido por pessoa alguma podendo am-

bos elles ou qualquer deles requererem a Sua Magestade pelo Regio Tribunal do Desembargo do Paço a competente Provisão de confirmação para cujo fim lhe presta toda a faculdade necessaria e pela sua validade promete responder aonde se requerer o seu cumprimento para o que renuncia o Juizo do seu foro domecilio e previlegios presentes e futuros que alegar possão.

«Assim o outorgou pedio e aceitou e eu Tabellião o aceito em nome de quem deva tocar auzente, sendo testemunhas presentes Thomaz Roiz Anão e Fabio Camilio Reisi que rezidem no meu cartorio que todos afirmamos o ser elle Outorgante o proprio que assignou e testemunhas depois de lida. E eu José Manoel d'Antas Barboza, Tabellião o escrevy.

«Manoel Joaquim Botelho Castelbranco — Thomaz Roiz Anão — Fabio Camilo Reisi. Está conforme ao original a que me reporto; e declaro que no transcripto instrumento estão riscadas as seguintes palavras: «Cal» — «ultima» — «Camilio», — o que não está resalvado. — Lisboa, seis de setembro de mil novecentos e seis. — Rasa novecentos e sessenta réis. — Sello trezentos réis. — Total mil duzentos e sessenta réis. — *Carlos Augusto Scola.*»

NOTA *D*

A casa de Seide

Em nota á *Autobiographia*, de Camillo Castello Branco, coordenada e annotada pelo sr. F. Tavares Proença Junior, (Coimbra, 1905), apparece a afirmação de que «a casa de S. Miguel de Seide pertencia ao pae de D. Anna Placido». Como essa afirmação brigasse com os informes que eu colhêra sobre o assumpto para escrever o meu *esboço de critica*, pretendi certificar-me com segurança e para isso recorri ao sr. Alberto Pimentel, que precedentemente tambem a elle se referira por um modo differente d'aquelle por que o fazia o sr. Tavares Proença. Com uma amabilidade que muito me penhorou, apressou-se o sr. Alberto Pimentel a responder-me: «Estou convencido de que a quinta de Seide era do marido de D. Anna, tanto mais que elle nasceu ali perto, em S. Payo de Seide. Mas vou escrever a pessoa que poderá fazer fé no assumpto, e dentro de 3 ou 4 dias terá V. uma certeza absoluta.» E, dias volvidos, essa certeza chegou-me realmente nestas novas palavras do sr.

Alberto Pimentel: «Não ha duvida nenhuma: a casa e quinta de S. Miguel de Seide era do marido de D. Anna, Manoel Pinheiro Alves, que já a havia herdado dos paes. D. Anna, por sua vez herdou-a do filho, Manuel Placido. Este rapaz, como V. sabe, viveu sempre affectuosamente com Camillo».

NOTA *E*

Cartas ineditas

O sr. conego Senna Freitas teve a extrema gentileza de expontaneamente me facultar a publicação d'algumas cartas que recebeu de Camillo e que até hoje tem conservado ineditas. Essas cartas a que mais d'uma vez faço referencia no decorrer do meu estudo, são as seguintes:

I

Meu presado amigo

A urgencia de o ver é grande; mas não tenho forças que me levem; não durmo, não como, estou na prostração mais desgraçada d'alma e corpo que dar-se póde. Anna Placido tem uma angina pectoris. Eu considero-a perdida. Tenho dois filhos d'esta senhora. Um d'elles é adulterino, está privado de lhe succeder nos bens. Além d'isso, se ella morre,

a saudade hade pungir-me com o remorso de a não ter honrado aos olhos dos f.os e do mundo.

Eu queria que V. Exa me obtivesse licença do seu arcebispo para eu a poder receber. Isto é exequivel sem os preparativos do costume? Dá-lhe isto mto incommodo, meu amo? Ou por ser um acto religioso não será mto custoso alcançar-se a licença? Será como podér. Escrevo-lhe ás 2 da manhan ouvindo-a gemer nas agonias do coração.

Do de V. Exa

tão grato como infeliz

amo

22/11/79

Camillo Casto Branco

II

Meu mto querido amigo

A nubente requereu hontem a convocação do Cons.o de fam.a Espera-se que a decisão seja favoravel. Se o não for, o q̃ V. Exa alcançou do Cardeal não só é mto, mas tudo.

Principio a sentir a prostração sequente ás rijas commoções que me abalaram os nervos com este, *com q.to a mim,* desgraçado episodio. O que eu precisava era socêgo e que á volta de mim não tumul-

tuássem as ambições dos que olham para a vida sem verem d'ella mais que a lama estrellada de lantejoulas. O q̃ eu preciso — já lh'o disse, meu caro am° — é morrer. Envio-lhe uns livros. A *Correspd.ª* e 2 sobre Darwin.

De V. Exª

C de V. Exª

mto grato am°

13/5/81

Camillo Castello Branco

III

Meu querido amigo.

Forçarei os olhos á escripta de poucas linhas que representem a mª grande vaidade agradecida pelo seu tão lisongeiro quanto magistral livrinho. Ha n'elle lanços extremadamente verdadeiros. São uns em que V. Exª faz publica a inalteravel amisade que lhe dedico, e que me parece já existir antes de o conhecer. Depois da mª morte, é natural que os estylistas se preoccupem com a mª vida e os meus recursos de Artista. Nunca se escreverá um livro como este de V. Exª, e com tão rara destresa e tão superior engenho escripto por um *padre!*

Quão melindroso era o assumpto! E, se o *Perfil* chegasse a Portugal, quantos clerigos desejariam

quebrar o perfil de V. Exª, e a mim os dois perfis!

Beijo-lhe as mãos, sagradas pelo talento.

R^{ce} o livro do sr. Dr. Almeida. Ainda não o pude ler, nem sei se já o lerei. Reservo os meus agradecimentos áquelle cavalheiro para quando possa conscienciosam^{te} applaudir a sua obra que pelo *Indice* me parece proficuamente historica.

A final, a sciencia descobriu que a m^{a} infermid^{e} inexoravel é uma myelite. A paralysia por em q^{to} está nas extremid^{es} inferiores. Se a lesão da columna vertebral chegar ás vertebras cervicaes tenho de morrer asphyxiado. *Quod Deus avertat.* No principio de Agosto, se ainda viver, vou p^{a} a Povoa. Melhorei ali um pouco ha 2 annos; no anno passado peorei. Vou ver agora. Ha 10 annos, 17 de 7tbr^{o} de 1877, *(4 setes!)* morreu o meu Manoel. Talvez lá me esteja esperando.

Desculpe as m^{as} faltas p^{r} commiseração com as m^{as} angustias.

Seu do c.

Camillo.

IV

Meu querido amigo

Ainda pude ver o seu retrato que me alvoroçou alegremente. Não me podia restar outra esperança

de o ver. Acho-o n'um *bon point* de saude e socêgo de corpo e alma. M^{to} lhe agradeço este novo favor, por que desejo que os meus netos o conheçam.

No «Cancioneiro alegre» não ha referencia alguma a...... q̃. por nome não perca. Publicado que foi o referido livro, esse homem promiscuam^{te} com alguns litteratos brazileiros, jogou-me umas chalaças que vão compendiadas no escripto impresso que envio a V. Exª. Nada mais escrevi, depois da provocação, contra esse sujeito: Se alguma coisa estivesse no «Cancioneiro» que o incommodasse, seria aspada a pedido de V. Exª.

Estou a escrever a trote, p^{r} que não vejo. Tenho apenas algumas fibras contracteis em uma das retinas. Quanto ao padre que lhe ladrou, não podia deixar de ser. Se os de cá o não lapidaram é p^{r} que o não leram, nem lerão. Enfream a má lingua com a serrilha de burros.

Estou em preparativos p^{a} voltar a Lisboa onde estive ha dias em consultas de ophtalmologistas. Não me fazem nada, mas tem a pied^{e} de me illudir. Inutil pied^{e}!

Adeus, meu caro amigo. Heide enviar-lhe de Lx^{a} o meu retrato — o ultimo, o mais convisinho da podridão.

Do seu m^{to} grato

C. Castello Branco.

11/11/87.

Refere-se a segunda d'estas cartas aos episodios que precederam o casamento d'um dos filhos do romancista. A historia d'esse casamento é assim contada pelo sr. Alberto Pimentel, no seu livro *Os amôres de Camillo:*

«Gosando de melhor saude que o irmão, isto é, sendo menor nelle a tara hereditaria, Nuno Placido Castello Branco não tinha habitualmente o brilho de intelligencia que o Jorge revelava nos momentos lucidos. Comtudo, tambem ás vezes escrevia desleixadamente em prosa e verso, mas sem paixão pelas letras, e sem possuir maior illustração do que o Jorge. Educara-se á guisa de marialva minhôto, e a sua paixão eram cavallos, trens, o jogo, as feiras, as conquistas amorosas. Tinha, principalmente, a mania da dissipação, de que já padecera o seu irmão uterino, Manuel Placido. Camillo não via para este filho outro caminho a seguir senão o de um casamento rico. Elle havia nascido para morgado, sem o ser. E Camillo bem sabia que na vida dos antigos morgados o casamento vantajoso, sem previa consulta do coração, era o salvaterio de todas as dissipações e estroinices — era o unico *emprego* possivel. Portanto, o romancista pediu á sua imaginação mais um capitulo de romance essencialmente nacional; encarregou-a de descobrir um bom casamento para o Nuno. Não lhe foi preciso dar muitos tractos á imaginação, porque havia ali perto, em Villa Nova, uma menina rica, a quem o proprio Camillo chamava a *tricentenaria,* pois se lhe calculava a riqueza em 300 contos de réis.

«Esta menina chamava-se D. Maria Isabel da Costa Macedo. Era filha de Antonio Joaquim da Costa Macedo, natural de Famalicão, que em tempo tinha ido para o Brazil, onde casara com uma brasileira, D. Thereza Martins Marques, que trou-

xera um grande dote. Tendo-lhe morrido os paes em Famalicão, D. Maria Isabel vivia naquella villa em casa de um vogal do seu conselho de familia, o sr. Antonio Joaquim Ferreira Tinoco. Era muito pretendida em casamento. Os pintalegretes de muitas leguas ao redor disputavam-lhe os trezentos contos, e a difficuldade da conquista estava em evidenciar qualidades que supplantassem a rivalidade dos concorrentes. Essas qualidades faltavam ao Nuno, que não era gentil nem doce de maneiras; que não era loquaz, nem insinuante; e que, apesar de marialva, tinha, em cerimonia, uma timidez que o embaraçava. Camillo traçou na sua phantasia um plano audacioso, uma novella, que não era para lêr-se, mas para representar-se. Velho romantico de acção, e conhecendo por experiencia propria no amôr que a fortuna ajuda aos audazes, reconheceu ser indispensavel que o ultimo capitulo terminasse por um rapto, como nos bons tempos das grandes paixões romanticas. Para chegar mais facilmente ao epilogo, lembrou-se de ser elle proprio quem escrevesse pelo filho as cartas d'amôr, e, molhando a penna no tinteiro, promptamente encontrou o opulento filão d'aquellas missivas exhuberantes de apaixonado lyrismo, que ficaram na memoria de quantos leram o *Amôr de perdição*. Abalado o espirito de Maria Isabel por a mais vehemente correspondencia que em tempo algum tinha estonteado a cabeça de uma menina minhôta, isto é, depois de Camillo ter estado em scena por detrás do filho, e preparado convenientemente o terreno, chegara o momento opportuno de pôr em acção o rapto. O assumpto de uma das cartas era o convite e o plano da fuga, que ambos foram acceitos. Na vespera do dia que Maria Isabel julgasse ser o mais proprio para a evasão, devia dar signal pondo uma flôr no

peitoril de uma janella, que deitava para a rua de Santo Antonio. Uma flôr! Aqui se conheceu mais uma vez o dedo romantico de Camillo. Qualquer prosaico amante de Lisboa lembrar-se-ia de recommendar um — trapo; Camillo propôz uma flôr. E a flôr appareceu no dia 3 de maio de 1881.

«Logo os emissarios de Camillo, que andavam á espreita, correram a Seide a annunciar a apparição do signal combinado. O romancista deu a ultima demão ao plano do rapto. Preveniu a hypothese de quaesquer contrariedades supervenientes. Uma d'essas contrariedades seria a do raptor e os seus auxiliares encontrarem uma mulher de má vida, de nome Maria da Conceição, por alcunha a *Marcada*, que andava de noite a embebedar-se pelas tabernas de Famalicão e era capaz das ultimas torpezas. Esta rameira chegou a merecer a confiança de alguns administradores do concelho, pois que ella valia por si mesma todo um corpo de policia civil em serviço nocturno. Era, sobretudo, um espião vigilante. Camillo acudiu logo com um alvitre: — *Se apparecer a* Marcada, *levem-n'a para os lados de S. Thiago de Antas, a pretexto de beber uma pinga; e dêem-lhe ali uma sova, de modo que ella grite bem alto* Aqui d'el-rei, *afim da attenção dos habitantes da villa se voltar para esse lado e vocês poderem fugir a salvo pelo lado opposto.* Retocado o plano do rapto, Camillo fez-se sahido para uma estação da linha do Douro. Na noite de 4 de maio, os auxiliares de Nuno estiveram comendo á tripa fôrra e bebendo a rêgo cheio, numa taberna da villa. A hora aprazada para o rapto era a meia noite, consoante o estylo do romantismo. Ouvidas as doze badaladas, sahiram os homens da taberna e, de bacamartes aperrados, foram, cosidos com as paredes, postar-se nas embocaduras das ruas que davam para a casa da bra-

sileira. Nessa mesma occasião avançava lentamente um carro, vindo do Porto, tirado por uma valente parelha, com as patas entrapadas, para evitar o fazer tropel. O trem parou á barreira da villa, na estrada de Guimarães, e ahi esperou ordens. Nuno Castello Branco, em trage disfarçado, foi collocar-se atrás da praça do peixe, e adormeceu. Essa informação é exactissima; póde ser confirmada por todas as pessoas de Famalicão. Adormeceu! Se Camillo teria adormecido em lance identico! Era que entre o filho e o pae estava o tumulo do romantismo. Aquelles dos auxiliares do rapto que deviam receber nos braços a fugitiva, quando se deixasse escorregar da janella, ficaram contrariados ao vêr ainda luz nas janellas da Assembléa, fronteira á casa de Tinoco. Era que nessa noite o voltarete se tinha enremissado muito, e os parceiros da bisca sueca foram remanchando a partida até que os do voltarete acabassem. — *Diabo!* praguejavam os emissarios dé Camillo. Finalmente, ás duas horas da noite, apagou-se a luz na Assembléa; os ultimos parceiros tinham sahido, a occasião era propicia. — *E' agora, D. Isabelinha, deixe-se escorregar pela janella, que nós a receberemos nos braços,* disseram de baixo os auxiliares do rapto. A brasileirinha assim fez. Escorregou, descalça, como se havia aproximado da janella. Colhida nos braços dos raptores, foi ao collo de um transportada ao trem. Outro dos auxiliares teve algum trabalho para despertar o Nuno, que dormia a somno solto. Ah! pobre Isabelinha dos trezentos contos! se ella soubesse que fôra preciso acordar o seu raptor, teria, apesar de ingenua, voltado para casa num impeto de indignação, numa furia de raiva. O carro largou á desfilada até á Portella de Requião, sem que nin-

guem désse pelo acontecimento. A *Marcada* não appareceu, felizmente para ella.

«Quando o raptor e a raptada chegaram a Seide, Camillo, que nessa mesma tarde se dera como regressado, sentiu-se decerto contente do *successo* d'este romance em acção, que tão habilmente havia planeado, e que era seguramente a mais productiva das suas novellas. Imagine-se a sensação causada no outro dia, em Villa Nova, por este estupendo acontecimento, tão perturbador dos patriarchaes habitos da provincia do Minho. Nas casas, nas lojas, na praça, não se falava de outra coisa. E toda a gente attribuia a Camillo o plano e o exito da emprêsa. Os pretendentes fallidos ainda por cima recebiam os chascos e os epigrammas dos commentadores alegres. Não lhes bastava o julgarem-se roubados em 300 contos, cada um! A's seis horas da manhã d'esse mesmo dia apparecia Camillo em Santo Thyrso a procurar o filho, que, dizia, lhe tinha fugido. O conselho de familia da *brasileirinha*, que era composto do dr. João Bernardo do Valle Vessadas, Camillo de Lellis Ribeiro de Campos, Silverio Ferreira de Macedo, Manuel Bento de Sousa, além de Albino Joaquim Ferreira Tinoco, já mencionado, reuniu a requerimento da menor raptada e deliberou, por maioria, que ella casasse com o raptor. O tutor, que era o dr. Theotonio José Rodrigues d'Abreu Fontes, de Braga, tambem transigiu. Em Villa Nova causou impressão o facto de alguns dos vogaes do conselho de familia se terem opposto ao casamento, malquistando-se com Camillo. D. Maria Isabel voltou de S. Miguel de Seide para Famalicão, onde ficou depositada em casa de Adriano Pinto Basto e de sua esposa D. Florinda de Carvalho Sá Miranda. Conheci muito bem Adriano Pinto Basto, fallecido ha annos. Era

o maior influente regenerador d'aquelles sitios, e intimo amigo de Lopo Vaz. O casamento realizou-se em Braga, na egreja de S. Pedro de Maximinos, no dia 2 de julho, sendo padrinhos Jeronymo da Cunha Pimentel, ao tempo governador civil do districto, e D. Amelia Castello Branco de Carvalho, a filha de Camillo, cuja filiação o Nuno havia de pôr em duvida alguns annos depois!»

*

Na terceira carta, Camillo allude ao *seu Manuel*. Era o filho de Anna Placido e de Pinheiro Alves, morto d'uma pneumonia, na Povoa de Varzim, com dezenove annos. Camillo estimava deveras esse rapaz. «Adoptei-o no coração extremoso de pae — disse elle ao sr. padre Senna Freitas — e senti então que o sangue nada é e nada conclue.» São ainda de Camillo, nas *Scenas da hora final*, os seguintes periodos:

«Nas horas mais crueis que a Providencia me ha dado, quando a saudade de um morto a quem o meu coração chamava filho, me quebrava o restante pulso com que tantas e grandes desgraças dobrei, li, nessas horas, este opusculo nas columnas de um periodico inglês, a *Quarterly Review*. Eu tinha assistido aos paroxismos de Manuel Placido, aquelle moço gentil que, cinco dias antes, era ainda a exhuberante alegria da felicidade sem intercadencias de tristeza, a flôr dos dezenove annos com a raiz já ferida de morte e a corola cheia de perfumes. A sua doença, e ao mesmo tempo agonia, durára quatro dias. Cheguei á beira do seu leito cercado de amigos, quando a febre cerebral deixara entrar em sua alma um raio de luz, uma intermit-

tencia da razão. Manuel viu sua mãe e cuidou que ella poderia dar-lhe segunda vez a existencia. Mas elle não acreditava na morte. Quem tem dezenove annos, e nunca chorou, nem duvidou dos contentamentos infinitos da mocidade, não receia que um subito calafrio, uma dôr de cabeça, uma convulsão a espaços, e uma anciedade febril sejam a vanguarda de molestia mortal. Julguei-o salvo quando a sciencia o considerara perdido. Beijara-me com expansiva ternura, fitara-me com os seus bellos olhos negros e brilhantes, contava-me os descuidos da sua saude, mostrava-me a epiderme lacerada pelos causticos, e pedia-me que o trouxesse para o seu quarto de S. Miguel de Seide. Mas, uma vez, amparei-o nas braços e senti na rigidez inflexa d'aquelle corpo, que a vida se lhe despedaçava nas convulsões do cerebro, e o restante corpo era já algido como deve ser a sua mortalha nesta fria noute de novembro. Dez horas antes de expirar, vestiu-se em ancias com umas fadigas apparentemente afflictivas. Queria vêr o sol, queria esfriar-se no vento do mar, sentia-se forte; se era a morte que o assaltava na escuridão de um quarto infecto, queria affrontá-la, desafiá-la para a grande luz d'aquelle bello dia de 17 de setembro. Tinha dezenove annos, e via-me vivo, a mim, velho, coberto de cans e lagrimas, alanciado de dôres, e assim me vira sempre, desde creancinha, quando os meus braços o erguiam até aos labios, e o meu coração lhe chamava filho. Vestiu-se pois, e foi, amparado apenas, até á extrema de um corredor, onde recebeu o ultimo beijo da luz. Aqui, obedecendo aos meus rogos, pediu-me agua, bebeu-a soffregamente, arquejando, e disse-me: — *Eu já sabia que não me deixavam sahir. Contavam que eu cahisse de fraco. Enganaram-se. Eu não caio.* Queria dizer

que aos dezenove annos não podia morrer. Deitei-o na minha cama e despi-o. Pediu-me que chamasse sua mãe. Ella cahiu de joelhos deante d'elle, que a contemplava com torvo spasmo, ou a chamava com as meigas palavras da sua amimada infancia, ou retinha a respiração estortorosa para ouvi-la soluçar, como se aquelles gemidos lhe soassem extranhos, inexplicaveis. Quando ella o transportava, sósinha, nos braços robustecidos pela angustia e pelo amôr, de uma cama para outra, o moribundo dizia-lhe sorrindo: — *A mamá póde lá com este Hercules!* E olhava espavorido para o seu corpo escoriado, rôxo de pus e sangue. Depois, nas ultimas sete horas, tartamudeava gemidos longos, offegantes. Parecia debater-se em angustias enormes, intimas, da alma, da saudade da vida, como se, afinal, conhecesse que era forçoso morrer aos dezenove annos. O respirar arquejante abateu; enxuguei-lhe o rosto banhado de suor pegajoso e frio, curvei-me sobre os seus olhos fixos embaciados, senti-lhe a derradeira vibração de todo o corpo, e no dedo sobre o pulso a ultima contracção da arteria. Voltaram-no morto, com os olhos ainda abertos para mim. Havia nos seus labios uma expressão dôce semelhante a um sorriso de conformidade com a vontade da Morte que, aos dezenove annos, o fulminara. Desde aquelle instante, as minhas lagrimas só pode estancá-las o pejo de as mostrar. Houve para mim uma consolação: a certeza que me deu a sciencia de que Manuel não soube que morria, não teve consciencia da sua dilaceração, anciava sem dôres, não sentiu as vibrações que o convulsionavam quando os seios do cerebro se iam esphacellando, queimados pela febre. Este beneficio, que pouco vale á minha eterna saudade, devo-o a este livrinho. Ha confortos aqui para os que temem os transes ultimos da vida, e

confortos, ainda mais necessarios, para os que assistem ás agonias inconscientes de um amigo, de um filho! Ah!... vêr morrer um filho! Meu querido Manuel, acabaste sem saber o que são dôres da alma. Não chegaste a vêr morrer tua mãe. Parabens! oh minha santa saudade! Se Deus te pedisse contas da tua vida, dir-lhe-ias: — *Eu tinha dezenove annos!* Se fôsses condemnado e repulso da presença do teu creador, as lagrimas que te choram aqui moveriam o juiz das acções da tua infancia a uma piedade que, para ser misericordiosa, não precisaria ser divina. Adeus, Manuel! filho do meu coração.»

Numa carta ao visconde de Ouguella, Camillo escreveu ainda: «Mataram-me as saudades de Manuel Placido, que pouco se lhe dava de mim».

*

Nessa mesma terceira carta, as referencias amaveis do grande escriptor, são para o livro *Perfil de Camillo Castello Branco,* pelo padre Senna Freitas, publicado, em S. Paulo, em 87 e, no Porto, um anno depois.

NOTA *F*

Camillo e o sr. dr. Bombarda

Reproduzo seguidamente os meus artigos de resposta á aggressão de que fui victima, por parte do sr. Miguel Bombarda, quando, ha três annos, publiquei o meu primeiro livro sobre Camillo. E reproduzo tambem, a titulo documental e com a devida venia, os termos da aggressão.

Não abandonou o sr. Bombarda neste ligeiro pleito os processos de critica que já alguns dissabores lhe têm valido. Para esse psychiatra são questões decididas todas aquellas sobre as quaes sua ex.a fixou uma opinião. Rebatendo essa sua illuzão teimosa, já um dia o sr. Julio de Mattos lhe disse que em psychiatria não ha nem pode haver questões decididas: «Nesta sciencia (em activo trabalho de remodelação, como sua ex.a superiormente sabe) tudo se discute, tudo se examina, tudo se revê.» [1] *O sr. Bombarda, comtudo, não se convenceu, como, d'esta feita, tambem por certo se não convencerá. E' tarde já para mudar.*

Seguem, pela ordem em que foram publicados, os artigos de sua ex.a e os meus:

---

1 Estudo polemico do sr. dr. Julio de Mattos no opusculo do sr. dr. Mendes Martins, *Justa defeza*, 19.3. Pag. 10.

I

Psychologia do soffrimento... nos que não soffrem

O soffrimento, debaixo dos seus multiplos aspectos, — condições, modalidades, effeitos, — tem sido objecto de muitas e profundas analyses. Mas onde os psychologistas teem parado é no estudo da acção que a dôr, qualquer que seja a sua fórma, vem a exercer sobre aquelles que lhe são meros espectadores. O logar commum de que a dôr alheïa move á propria dôr e a bondade d'um coração é aferida pelo seu compadecimente é, nos parece, o extremo limite até onde se tem ido n'este campo que se offerece hoje á nossa consideração e que antevemos fertil em observações illustrativas.

Uma ha que se póde já marcar, não menos notavel que inesperada, e é que para o mesmo assistente, para o mesmo «receptor», o compadecimento não depende tanto da intensidade do soffrimento alheio, como de elementos que lhe são inteiramente accessorios. Quer se trate de soffrimento physico, quer de soffrimento moral, ha um dominante — é a diuturnidade combinada com a persistencia. Reflecte-se aqui uma lei psychologica, que mostra a intensidade da sensação ou da commoção decrescendo com a habituação. Mas ao lado ha outro, que julgamos poder-se fixar nitidamente e nos parece digno de attenção.

Dôres physicas e mesmo dôres moraes de condicionamento normalmente determinado movem á piedade. Mas soffrimentos ha, horrorosos acima de toda a expressão humana, que não encontram senão a inattenção e a indifferença e que, mesmo no meio o mais sympathico, apenas conduzem ao tedio, quando não á irrisão. Taes são os soffrimentos da neurasthenia.

N'um neurasthenico constitucional, n'aquelle em que a doença chega a ser uma alienação mental e em que ella exprime tão sómente uma defeituosa construcção cerebral, o que o espirito padece chega a ser pavoroso. A obsessão e a phobia, a idéa fixa e a confusão mental, mesmo quando se tomem em toda a sua terrifica significação, constituem pallidas expressões das tempestades que se passam num craneo, como nunca Victor Hugo as póde sonhar. É preciso que junto de taes doentes tenha havido o interesse scienti-

fico e que se tenha tentado analysar o tumultuar do seu cerebro batido por todos os horrores, para que se consiga medir em toda a sua grandeza a intensidade de um soffrimento que só á anciedade de um melancolico se deve equiparar. Tenho-os visto endoidecer, por que elos, por que encadeamentos, não sei, mas endoidecem apoz mezes e annos de atroz soffrimento, e endoidecem na mais furiosa das loucuras. Tambem os tenho visto que terminam pelo suicidio, puramente movidos pela atrocidade da «dòr psychica» e sem que um factor de occasião, moral ou outro, leve á final determinação.

Ora, todo este medonho soffrimento é por assim dizer sem echo. A insensibilidade da familia corre parelhas com a indifferença do medico de clinica commum, que, tendo consagrado a sua vida ao allivio dos padecimentos physicos, nunca tentou penetrar n'estes insondaveis arcanos, nem mesmo para lhes avaliar os effeitos. Para elle, por melhor que tenha sido a libertação do seu pensamento, por mais que saiba, de sciencia certa, que a mentalidade não resulta senão do funccionamento cerebral, para elle ainda vigora um residuo que figurativamente se diria atavico e o leva a admittir um «medico da alma» que não é elle. Não o confessa, é certo, mas por tal modo se isola no dominio das chamadas doenças physicas, por tal modo se separa de toda a penetração psychologica, que é como se o corpo humano se dividisse em duas partes — uma para o seu estudo e interferencia, a outra para o estudo e interferencia de outrem. E todavia a acção do medico em estados d'esses é tão altamente poderosa que faz lastima andem ao abandono tantos miseraveis, que uma psychotherapia regrada, longe das brutalidades da suggestão theatral e do hypnotismo, poderia resuscitar á felicidade da vida.

Qual a razão d'essa indifferença da familia e do medico? Por que motivo aquella desdenhosamente encolhe os hombros e este trata os seus doentes de «enfermos de imaginação» e por isso mesmo mais lhes acirra o soffrimento?

É que não ha uma base physica que se possa apalpar, nem ao menos uma base que se figure como representação do espirito. Se alguma vez se tivesse penetrado n'estes dominios, se estes factos do cerebro morbido alguma vez tivessem interessado, se se tivesse chegado a conquistar a convicção de que neurasthenias d'essas veem d'um cerebro vicioso como architectura, ahi se teria um elemento de firme apoio e os medicos communs não se mancommunariam com os não medicos no desprezo de doentes que só «de

imaginação» padecem, mas que na verdade são tanto mais interessantes quanto teem a plena consciencia da extranheza do seu mal.

Que é esta ausencia de objectividade a origem do desprezo, a razão mesma do franco dominio do egoismo do *entourage*, tira-se d'este facto — que em muitos males physicos acompanhando-se de confusos soffrimentos mentaes, estes, que muitas vezes são incomparavelmente superiores aos outros, vão desdenhados por aquelles mesmos que mais lamentam o padecimento physico do doente.

Ha pouco appareceu um livro — e foi elle que veio suscitar estas considerações — em que, n'um esboço critico, se procura aquilatar a individualidade de Camillo e principalmente se lhe ventila a nosologia (*Camillo Castello Branco, esboço de critica*, por Paulo Osorio; Lisboa 1905). O A. procura demonstrar que Camillo era um neurasthenico, e para isso vale-se, valha a verdade, do avolumamento de muito pormenor que não contém, longe d'isso, a significação que se lhe quer conceder. E' assim que se faz um montão de phobias onde nem uma talvez se possa apurar: porque a verdade é que a phobia não é só o simples horror á doença ou á morte, porque então seria neurasthenico, mais ou menos, todo o ser humano, do mesmo modo que não é phonophobo quem não tem ouvido musical, como emfim se não acha possuido do neurasthenico horror á luz aquelle que d'ella foge, physicamente soffrendo dos orgãos visuaes. Isto mesmo teria de ser dito para toda a symptomatologia armada no livro com coisas verdadeiras, é facto, mas que só muito pela rama se podem tomar á conta de phobias, obsessões ou delirios (grandeza, perseguição).

Camillo não era um neurasthenico.

Bastaria, para o pensar, esta phrase que elle escreveu: «Ha quatro noites que apenas durmo instantes». Qual é o neurasthenico que confessa que dormiu instantes?

Psychicamente era outra coisa, que se me antolha, mas que não quero pronunciar, porque não possuo o conhecimento bastante do homem nem da sua obra. E physicamente, como doença que o levou ao desespero final, julgo não poderá haver duvida para nenhum medico que Camillo era um ataxico. A ataxia acorrentou-o á dôr nos ultimos annos da vida, e foi ella que o conduziu ao suicidio. E a ataxia não é, como pensa o sr. Paulo Osorio, um mal neurasthenico ou que por qualquer modo se ligue a este padecimento. Citações, em que *da lettra* se possam tirar quaesquer illações contrarias, não teem valor algum por mais eminentes que

sejam os que as subscrevem. A verdade é que hoje, a bem dizer para todos os medicos, a ataxia locomotora, do mesmo modo que a paralysia geral, não é mais do que um derradeiro golpe da syphilis.

Apenas, em Camillo, as perturbações cerebraes da ataxia, de resto tão communs, adquiriram uma intensidade descommunal e accentuaram-se n'um sentido neurasthenoide, que só póde valer como neurasthenico para quem não conheça a fundo o valor d'esta palavra. E digo-o bem de certeza, não só pelo que elle descreveu e serve ao A. para fundar as suas asserções, mas ainda pela observação de casos similares, como o d'aquelle nosso pobre collega que ainda ha pouco trepou o mesmo calvario de Camillo e como elle veio a acabar.

Ora, a citação d'este livro, que medicamente tem um valor diminuto, perdõe-nos o A. dizer-lh'o, veio para mostrar como nelle está o reflexo da demonstração que acima inquirimos. É o A., e como elle outros que cita, o padre Senna Freitas, por exemplo, a tratar a Camillo como um doente de imaginação. Vê-se um homem a soffrer coisas temerosas e lançam-n'o á conta d'um nosomaniaco e d'um thanatophobico. Que nosophobia é esta quando a doença é muito real e muito grave! que phobico horror á morte é este num doente certamente e irremediavelmente condemnado á morte!

BOMBARDA.

(D'*A Medicina Contemporanea*, de 9 de julho de 1905).

II

Camillo Castello Branco e o sr. dr. Bombarda

Em um dos numeros recentes da *Medicina Contemporanea*, num artigo intitulado *Psychologia do soffrimento... nos que não soffrem*, o sr. dr. Miguel Bombarda, professor da Escola Medica de Lisboa e director do Hospital de Rilhafolles, refere-se ao meu livro *Camillo Castello Branco (esboço de critica)* em termos que não prescindem de uma resposta.

Alguem, um dia, em polemica com esse illustre psychiatra, lembrou a phrase de Barbey d'Aurevilly: «Il est des renommées qui durent par leur vague même; en les precisant, on les ruine» e nem eu sei que diabolica tentação

me deu agora de pôr em epigraphe do meu artigo essas palavras. Mas não; fugindo á analyse da sua bizarra prosa, cheia de pretenção e de ridiculo, e não tentando immergir no denso emaranhado da sua philosophia abstrusa, eu limitar-me-ei a demonstrar — e facilmente — que o artigo do sr. Bombarda, afirmando coisas vagas que não prova, attribuindo-me asserções que nunca fiz, desprezando os pontos capitaes do meu trabalho para limitar as suas referencias a um ou outro pormenor de menos monta — longe de me convencer, longe de me dar uma lição que eu avidamente escutaria, apenas veio apresentar em publico o inesperado documento d'uma comprehensão pouco lucida e d'uma sciencia pouco em dia. .

O sr. Miguel Bombarda começa assim o seu libello accusatorio:

«O A. procura demonstrar que Camillo era um neurasthenico, e para isso vale-se, valha a verdade, do avolumamento de muito pormenor que não contém, longe d'isso, a significação que se lhe quer conceder. É assim que se faz um montão de phobias onde nem uma talvez se possa apurar: porque a verdade é que a phobia não é só o simples horror á doença ou á morte, porque então seria neurasthenico, mais ou menos, todo o ser humano, do mesmo modo que não é phonophobo quem não tem ouvido musical, como emfim se não acha possuido do neurasthenico horror á luz aquelle que d'ella foge, physicamente soffrendo dos orgãos visuaes. Isto mesmo teria de ser dito para toda a symptomatologia armada no livro com coisas verdadeiras, é facto, mas que só muito pela rama se podem tomar á conta de phobias, obsessões ou delirios (grandeza, perseguição).»

E diz, mais adeante, definindo a obra:

«É o A., e como elle outros que cita, o padre Senna Freitas, por exemplo, a tratar a Camillo como um doente de imaginação. Vê-se um homem a soffrer coisas temerosas e lançam-n'o á conta d'um nosomaniaco e d'um tanatophobico. Que nosophobia é esta quando a doença é muito real e muito grave! que phobico horror á morte é este num doente certamente e irremediavelmente condemnado á morte!»

D'onde, o sr. Bombarda entende que toda a symptomatologia do meu livro está armada em bases que sua ex.ª

poderia, se quizésse, deitar a terra, mas que não deita para não assustar ninguem com o barulho; afirma que eu trato Camillo como um doente de imaginação, quando é certo que lhe diagnostiquei duas doenças, pelo menos, e ambas graves; e dá a entender depois que a phobia nunca tem uma razão de ser que essencialmente a justifique.

Se um alumno da Escola Medica apresentasse ao sr. Bombarda uma these com conclusões do feitio d'essas e d'outras que se lêm no decorrer do seu artigo, sua ex.ª tinha um dever profissional a cumprir: reprová-lo.

No livro *Les Obsessions e les Impulsions* de que são auctores A. Pitres e E. Régis, o primeiro professor de Clinica medica e o segundo encarregado do curso de Psychiatria na faculdade de medicina da Universidade de Bordeaux, vem mencionada uma phobia em que provavelmente sua ex.ª já ouviu falar: a *psychopathophobia*. Se o doente em que tal phobia se verifique fôr declaradamente um psychopata, o sr. Bombarda exclamará: «Que psychopatophobia é esta num doente em que a psychopathia é mais que demonstrada!» E comtudo, se o doente não fôr um psychopatha, como se ha-de explicar a existencia da phobia que é, sem duvida, um phenomeno de natureza pathologica?

O sr. Bombarda sabe decerto que a phobia (dando ao termo a accepção scientifica) não é o horror normal, vulgar, de toda a gente: é o horror morbido, justificado ás vezes fundamentalmente, mas nunca no seu exagero nem na sua anciedade. O sr. Bombarda sabe decerto o parentesco que a phobia tem com a obsessão e sabe que Magnan define a obsessão: «um modo de actividade cerebral em que uma palavra, um sentimento, uma imagem, se impõe ao espirito, independentemente da vontade com uma angustia dolorosa que a torna irresistivel» e sabe decerto ainda que o mesmo eminente professor do Asylo de Sant'Anna marcou para as phobias estes dois caracteres essenciaes: a impossibilidade para o doente de vencer o sentimento de medo que experimenta em presença d'um phenomeno, d'um objecto ou de uma substancia e o estado de consciencia completa que acompanha esse sentimento.

Assim, as observações do sr. Bombarda a respeito de phobias, que, feitas por um seu alumno, seriam simplesmente um disparate, dimanando de sua ex.ª são um documento comprovativo do velho latim de Horacio: «Quandoque bonus dormitat Homerus». O sr. Bombarda por vezes não se limita a dormitar: dorme — e resona de tal modo que chega a incommodar os transeuntes.

Mas, no seu artigo, que é mais um fructo d'esse resonar impertinente, o illustre psychiatra lusitano atira uma afirmação, solemnemente: «Camillo não era um neurasthenico». E para demonstrar essa asserção, sua ex.ª oppõe a toda a prova laboriosa e cuidadosamente feita do meu livro esta phantastica razão:

«Bastaria para o pensar, esta phrase que elle escreveu: «Ha quatro noites que apenas durmo instantes». Qual é o neurasthenico que confessa que dormiu instantes?»

Se o sr. Bombarda não escreveu isso zombando, dever-se-á dizer-lhe que foi d'uma infelicidade lamentavel. Em que se funda o illustre psychiatra para dizer que um neurasthenico nunca confessa que dormiu instantes? Se sua ex.ª, para ser original, quizesse provar o contrario, teria talvez mais argumentos. O neurasthenico, em consequencia mesmo da abulia que geralmente o caracteriza, foge das afirmações cathegoricas, absolutas. É raro ouvi-lo dizer: «vou ámanhã a tal parte», prefere fórmas menos positivas: «tenciono ir», «vou se Deus quizer». Uma afirmativa formulada com a mais absoluta certeza, por vezes, perturba-o como uma obsessão e não é raro inutilizar uma carta, por exemplo, para pôr uma nota de duvida em qualquer coisa que cathegoricamente haja dito antes. Um neurasthenico dirá mais facilmente «dormi apenas instantes» do que «não dormi um só instante». Mas póde dizer d'uma fórma ou d'outra, que isso nada influe para um diagnostico em termos. Afirmar o contrario, é uma subtileza do sr. Bombarda que só conseguirá *épater* alguns incautos admiradores das apregoadas prendas de sua ex.ª.

*
* *

O sr. Bombarda diz — e muito bem — que «não poderá haver duvida para nenhum medico que Camillo era um ataxico». Eu não sou medico, mas tambem não tenho duvida. Mas sua ex.ª escreve ainda:

«... a ataxia não é, como pensa o sr. Paulo Osorio, um mal neurasthenico ou que por qualquer modo se ligue a este padecimento.»

E, pouco depois:

« A verdade é que hoje, a bem dizer para todos os medicos, a ataxia locomotora, do mesmo modo que a paralysia geral, não é mais que um derradeiro golpe da syphilis. »

Em primeiro logar, eu nunca afirmei que a ataxia, ou, mais propriamente, o tabes, fôsse um mal neurasthenico. Admitti a possibilidade da associação das duas doenças e admitto a neurasthenia como origem da predisposição que é o primeiro elemento etiologico tanto da paralysia geral como do tabes. Posso fazer tudo isso em boa companhia. Ch. Féré, illustre alienista francês, medico de Bicêtre, escreveu que a neurasthenia póde ser considerada como um estado morbido, constituindo o terreno mais proprio para o desenvolvimento, não só das outras nevroses e vesanias, como das affecções organicas cerebro-espinaes, e Clavelier e A. Rémond, este ultimo professor de clinica das doenças nervosas na Faculdade de Toulouse, escreveram, nas addições á traducção do *Atlas* de Jacob: « A hysteria é mais que um estado, é uma doença, uma doença por vezes mal distincta, dissimulada, mas sempre uma doença. A neurasthenia, ao contrario, é um fundo commum, um terreno, uma predisposição morbida no que ella tem de mais geral. »

Quanto ao papel etiologico da syphilis no tabes e na paralysia geral, eu não me dispenso de dizer ao sr. Bombarda o que actualmente se pensa a tal respeito e que sua ex.ª, pelo visto, ignora ou finge ignorar.

J. Virés, professor na faculdade de medicina de Montpellier, afirma a proposito do tabes, no seu livro sobre doenças nervosas (1902): « A syphillis não é a causa exclusiva: é anti-scientifico pretender que sem syphilis não ha tabes e inversamente ». Lancereaux diz que a influencia da syphilis na etiologia tabetica é nulla. Pierret, na sua memoria sobre a pathogenia do tabes, apresentada em 1897 ao congresso de Moscou, afirma que os tabeticos são uns predispostos para a syphilis e não inversamente, como pensa Fournier. Rémond, no seu livro *Maladies mentales*, publicado em 1904, dá o primeiro logar á syphilis entre as causas da paralysia geral, não a admittindo porém num papel exclusivo. Grasset attribue ao tabes uma etiologia muito complexa, contrariando assim, é claro, a opinião de Fournier. Charcot, Landouzy, Ballet e Plinchon sustentam que a hereditariedade nervosa é a causa primordial da ataxia locomotora e que a syphilis, excessos de todos os generos, traumatismo, etc., apenas representam o papel de causas determinantes. Féré faz notar quanto é fallivel a estatistica

em que os partidarios da etiologia syphilitica assentam as suas asserções, por isso que, emquanto uns auctores têm concluido, dos dados estatisticos, que a proporção de paralyticos geraes syphiliticos é de 0,7 ou 1,7, outros, em face d'esses mesmos dados, sobem a percentagem a 93 por 100. Em artigos publicados no *Journal of mental pathology*, em 1903: *Sobre a paralysia geral progressiva, segundo os estudos feitos no hospital Zemskoi de Kharkoff durante um periodo de dôze annos*, o dr. Greidenberg regista casos de paralysia geral em que a syphilis não entra como factor etiologico. Num *Ensaio das investigações medico-estatisticas em 900 casos de paralysia geral* publicado pelo dr. G.-A. Diedoff em agosto e novembro de 1904 na *Obozrienie psykhiatrii nevrologii i experimentalnoi psykhologii*, esse medico afirma que a paralysia geral é uma consequencia da «surmenage» cerebral, na lucta pela vida; que a syphilis, o alcoolismo, a hereditariedade, nada mais são que factores da predisposição; que cada um d'esses factores não dá origem á doença senão combinado com outros ou graças á intervenção de phenomenos provenientes quer d'um estado de fadiga, quer d'outras causas occasionaes. Maurice Faure, no 13.º congresso dos medicos alienistas e neurologistas de França e dos paizes de lingua francêsa, realisado em Bruxellas, em agosto de 1903, disse que a syphilis não exerce na génese e evolução do tabes uma influencia essencial e exclusiva. A proposito da communicação de Fournier sobre a *Paralysia geral da syphilis*, apresentada á Academia de medicina de Paris nas sessões de 13 e 28 de fevereiro d'este anno, travou-se, nas sessões de 7, 14 e 28 de março, uma grande discussão em que tomaram parte, além de Fournier, Joffroy, Raymond, Pinard, Halopeau, Lancereaux, Cornil, etc. Nessa discussão, Joffroy chegou a afirmar que a paralysia geral e a syphilis são duas affecções distinctas, tendo cada uma a sua individualidade, a sua essencia, e não podendo qualquer d'ellas originar a outra, em virtude da sua differente natureza.

Ora é depois de tudo isto que um sr. Bombarda, psychiatra lisboeta, nos declara no seu jornal que, «*a bem dizer para todos os medicos*, a ataxia locomotora (ou tabes), do mesmo modo que a paralysia geral, não é mais do que um derradeiro golpe da syphilis».

Mas, depois de nos dizer que Camillo não era um neurasthenico, o curioso alienista assim se exprime:

«Psychicamente era outra coisa, que se me antolha,

mas que não quero pronunciar, porque não possuo o conhecimento bastante do homem nem da sua obra.»

Não deixando de notar que este modo de considerar um doente psychica e physicamente, em separado, contradiz os preceitos scientificos de que o proprio sr. Bombarda se faz éco em outros pontos do seu artigo, — eu sinceramente lamento que sua ex.ª se não resolva a dizer o que, segundo o seu modo de vêr, Camillo era. Ninguem mais do que eu estimaria conhecer a opinião de tão sabia personagem sobre um caso que muito me interessa, como de resto, segundo creio, deve interessar a toda a gente. Se o sr. Bombarda me demonstrar que estou em erro, curvar-me-ei vencido e jubiloso ainda por ter feito surgir a opinião de tamanha summidade medica sobre um dos maiores escriptores do meu paiz.

Mas diga o sr. Bombarda o que é essa tal coisa. Não se faça rogado; não leve para o tumulo comsigo esse segredo. Meio Portugal está de olhos postos em sua ex.ª. E' um dever de homem de sciencia tornar publica tal revelação. E esse dever, não será sua ex.ª tão mau que deixe de cumpri-lo.

PAULO OSORIO.

(D'*O Primeiro de Janeiro,* do Porto, de 2 e 3 de agosto de 1905).

III

Oscillações

Em 9 de julho appareceu na *M. C.* um artigo em que ao de leve se apreciava um livro do sr. Paulo Osorio, intitulado *Camillo Castello Branco. Esboço de critica.* Agora, em 2 e 3 do agosto, apparecem no *Primeiro de Janeiro* dois artigos em que o mesmo A. pensa rebater o que aqui foi escripto. O sr. Paulo Osorio evidentemente deseja polemica. Ora nós temos simplesmente a dizer a s. ex.ª que não temos tempo para lhe ensinar, a elle que não é medico, nem o que sejam phobias, nem qual o estado da sciencia na questão das relações da syphilis com a ataxia locomotora. Isto mesmo, ha alguns mezes, antes da publicação do livro, tivemos de lhe dizer, quando s. ex.ª, depois de nos ter consul-

tado sobre a sua idéa da ataxia nascendo d'um fundo neurasthenico, quiz abrir discussão por cartas, quando lhe affirmámos que a sua idéa não estava na sciencia de hoje. Se o sr. Paulo Osorio tiver meios de nos arranjar algumas horas mais para o nosso dia, muito lhe agradeceremos; tirar-nos minutos que sejam do nosso tempo para figurar em discussões com medicos, é que está de todo fóra do nosso programma.

Por isso, apenas diremos que s. ex.ª nem sempre pensou assim quando teve a tentação de pôr como epigraphe dos seus artigos alguma coisa que já nos tinha sido dirigida em polemica, por que de todo não demos, e é a phrase de Barbey d'Aurevilly: «Il est des renommées qui durent par leur vague même; en les précisant on les ruine». Com effeito, em 17 de junho ultimo, ainda o sr. Paulo Osorio nos fazia o favor de escrever em dedicatoria do seu punho: «*Ao Ex.mo Sr. Miguel Bombarda com a mais alta admiração pelo seu brilhantissimo espirito...*»

M. B.

(D'*A Medicina contemporanea*, de 13 de agosto de 1905.)

IV

A fuga d'um psychiatra

> «Il est des renomées qui durent par leur vague même ; en les précisant, on les ruine.»
> (*Palavras de Barbey d'Aurevilly, citadas pelo sr. Mendes Martins em polemica com o sr. Miguel Bombarda*),

Na secção de *Variedades* do ultimo numero da *Medicina Contemporanea*, [1] o sr. dr. Miguel Bombarda fez inserir, sob o titulo de «Oscillações», estas palavras:

(Segue a transcripção do artigo precedente)

---

1 N.º de 13 de agosto, ultimo publicado na data em que este artigo foi escripto, data que dista 8 dias da de sua publicação, retardada por falta de espaço, conforme foi dito em local do *Primeiro de Janeiro* do dia 20.

Precisemos os factos.

Eu apenas conhecia o sr. Bombarda de nome e como auctor d'um livro de vulgarização scientifica intitulado *A consciencia e o livre arbitrio*, quando sua ex.ª teve a amabilidade de desenvolver e applaudir idéas minhas, expostas num dos numeros das *Aguilhadas*, em três longos artigos insertos na sua *Medicina*. Agradeci em carta a que sua ex.ª respondeu declarando que sempre lhe era « muito agradavel acompanhar e applaudir aquelles que trabalham em prol da nossa terra, tão desamparada de todo o progresso » e que eu fazia « um grande serviço tocando nestas questões capitaes para a nossa vida como sociedade civilizada ». Tudo isso disse sua ex.ª, na sua prosa solemne de conselheiro Accacio, terminando por se confessar « com a maior consideração » meu admirador.

Tempos depois, tendo eu chegado ás conclusões, que expuz no meu livro, sobre a nosographia de Camillo, inquiri do que d'ellas pensava a magna sciencia do sr. Bombarda e, como quer que s. ex.ª me respondesse expondo ideias com as quaes eu não podia concordar de fórma alguma, respeitosamente lhe expuz, numa carta amabilissima, as minhas objecções. Sua ex.ª, que, no fim da sua primeira missiva, se declarara « sempre ao *meu* dispor e muito feliz por *me* ver encarar tão interessante assumpto » e se confessava ainda meu « admirador obrigadissimo », num simples cartão de visita me falou depois, d'esta maneira:

« Só hoje posso responder á sua carta e tenho muita pena de não o poder fazer como desejaria. Foi um esforço ter 10 minutos para os esclarecimentos que me pediu ; agora seria impossivel enviar-lhe novos porque seriam precisos largos desenvolvimentos. Apenas lhe digo que se quizer pode publicar as suas affirmações ».

No fim d'esse bilhete, o snr. Bombarda dizia-se apenas « muito attento e venerador ». Desde que discordei das suas opiniões, sua ex.ª deixou de me admirar. O que eu perdi!

*
* *

O sr. Miguel Bombarda, todo impando a sua magisteratica magestade, vem agora de novo declarar que não tem tempo, — expediente que sua ex.ª usa, pelo visto, todas as

vezes que se engasga. E diz mais que não sou medico e que á custa de discussões com medicos como sua ex.ª pretendo figurar. E' uma esperteza saloia, que não colhe.

Em primeiro logar, se o sr. director de Rilhafolles rebatesse triumphantemente o que afirmei, a figura que eu fazia era bem triste; em segundo logar, notarei que, nos meus artigos, me abstive de expor a descoberto ideias minhas.

No seu primeiro artigo, o sr. Bombarda, depois de varias calinadas de caloiro sobre phobias e neurasthenia, declarou que « hoje, a bem dizer para todos os medicos, a ataxia locomotora, do mesmo modo que a paralysia geral, não é mais que um derradeiro golpe da syphilis ». Não lhe disse se sim ou não realmente a ataxia, do mesmo modo que a paralysia geral, é o tal ultimo golpe. Limitei-me a provar-lhe irrefutavelmente que, ao contrario da afirmação de sua ex.ª, nem todos os medicos pensam de tal modo.

Se é certo que hoje se attribue á syphilis um papel importante na etiologia do tabes e da paralysia geral, certo é tambem que, no modo de vêr da maior parte dos psychiatras, esse papel não é de forma alguma essencial e exclusivo. Já citei muito em comprovação do que afirmo, e posso citar ainda mais. Depois de publicado o meu artigo, tive occasião de lêr na integra os discursos de Fournier, pronunciados na Academia de Medicina de Paris em sessões de fevereiro e março do anno corrente, e pude vêr que, entre os muitos auctores que o orador citou em abono das suas opiniões, só um lhe deu a afirmação de que a paralysia geral é « uma affecção d'origem exclusivamente syphilitica ». E sabem quem foi esse auctor? Um português que falou, ha dois annos, no congresso de medicina de Madrid: — o snr. dr. Bombarda.

O que Fournier não disse — porque lhe não convinha — foi que, nesse mesmo congresso de Madrid, um illustre psychiatra, nosso compatriota tambem, o sr. dr. Magalhães Lemos — se levantou rebatendo as afirmações do sabio lisboeta e declarando, apoiado em observações suas e do seu eminente collega sr. dr. Julio de Mattos, que não podia admittir a opinião de que todos os paralyticos geraes fossem syphiliticos. De resto, já o illustre director do Hospital do Conde de Ferreira, no seu livro *A Loucura*, fala de paralysias geraes sem precedentes syphiliticos e menciona incidentemente um caso publicado por Tuczek e em que taes precedentes tambem se não observam.

A questão, porém, não merece mais detença, já que o

sr. Bombarda não hesita em dar a publico dislates, mas não tem tempo para responder a quem lh'os contraría.

*
* *

Diz o sr. Bombarda que eu registei numa dedicatoria as qualidades fulgentes do seu espirito. Não o contesto. O espirito de sua ex.ª indubitavelmente brilha. Mas brilha como os diamantes do «Bera» da esquina da rua Nova do Carmo e do Chiado: á custa das lamparinas que em redor os alumiam. Os diamantes da loja são de vidro e espelho, o espirito de sua ex.ª é de pechisbeque.

Tinha o sr. Bombarda agora um optimo ensejo de fazer obra util e de demonstrar que tudo isto não passa d'uma aleivosia que só o meu azedume e a minha vaidade ferida justificam. Sua ex.ª disse que, a seu vêr, Camillo, psychicamente, era uma coisa diversa d'aquillo que eu pensava. Convidei-o a dizer qual é a coisa qual é ella que o grande e infortunado Camillo foi em sua alma. Invoquei a bondade do sr. Bombarda, os seus indeclinaveis deveres de scientista; e sua ex.ª, em vez de responder, pôs-se a fugir.

Sr. dr. Miguel: venha cá; diga o que pensa; diga sem medo, que ninguem lhe faz mal, se fôr tolice! Pois não vê v. ex.ª, que, se eu sei quão profunda e copiosa é a sua sciencia, outro póde vir menos instruido e que, em frente ao silencio de v. ex.ª, desprezando os seus titulos, os seus cargos e as suas honrarias, se lembre de lhe chamar parlapatão?

Paulo Osorio.

(D'*O Primeiro de Janeiro*, de 23 de agosto de 1905.)

NOTA G

Lista das obras originaes de Camillo, pela ordem chronologica da sua publicação, segundo os elementos fornecidos pelo snr. Henrique Marques, na sua excellente «Bibliographia Camilliana»:

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
1	1845	Os pundonores desagravados	Poemeto satyrico	Nesta sua primeira producção impressa, Camillo, faz troça d'um projectado duello entre dois condiscipulos seus d'aquella época.
2	1845	O Juizo Final; e o Sonho do Inferno	Poemeto satyrico	«...para de uma assentada dizer mal de toda a gente — escreve Camillo no prologo do *Ao Anoitecer da vida* referindo-se a essa sua satyra — escrevi e publiquei um *poema*, em que descrevia a vida que viviam no inferno todas as classes da minha antipathia»
	1847	Agostinho de Ceuta	Drama	Esta primeira composição dramatica de Camillo, cuja primeira edição trás a dedicatoria: «A seu tio João Pinto da Cunha, por um dever» anda ligado á aventura amorosa com Patricia Emilia. Para que ella o

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				ouvisse, improvizou Camillo em Villa Real um theatro onde o drama se representou.
4	1848	Maria! Não me mates que sou tua mãe!	Narrativa	« Uma viuva, Mathilde do Rosario da Luz, que morava em Lisboa na travessa das Freiras n.º 17 — conta o snr. Alberto Pimentel no *Romance do romancista* — tinha duas filhas uma das quaes se chamava Maria José. Esta rapariga enamorou-se d'um rapaz chamado José Maria, o qual foi pedi-la em casamento. Desde esse dia, Mathilde do Rosario admittiu em sua casa José Maria, que abusou da intimidade. Maria José appareceu gravida. A mãe, indignada, ameaçou ir denunciá-la ao regedor. Maria José, segundo se dizia então, fôra aconselhar se com o amante, que, por suppor que Mathilde era rica, induziu a filha a assassiná-la. Maria José acceitára o conselho e matára a mãe á facada. A pobre velha, quando a filha investiu deshumanamente com ella, em vão appellou para os sentimentos de piedade e ternura filiaes: *Maria não me mates, que eu sou tua mãe.* » Falando do caso Thomaz Ribeiro afirmou que o crime fôra falsamente attribuido á filha da assassinada. Em todo o caso Camillo explorou sentimentalmente o assumpto, recebeu em cobre o preço do trabalho e, como ao sr. Alberto Pimentel, elle proprio confessou, « foi grande a sua satisfação quando em

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				casa começou a despejar as algibeiras atulhadas de patacos.»
5	1848	A Murraça	Poemeto satyrico	Camillo mette a ridiculo um conflicto entre o padre João Bernardo, intimo do conde de Thomar e o arcediago Almeida Pinheiro, irmão do barão de Grimancellos.
6	1849	O marquez de Torres Novas	Drama	A primeira edição d'este drama era offerecida «á ex.ma sr.ª D. Maria Felicidade de Couto Browne.» Conta Vieira de Castro que a *Censura dramatica*, que ao tempo ainda existia no Porto, sentenciou assim sobre a peça de Camillo: «Não poderá representar-se o drama *Marquez de Torres Novas* emquanto o seu auctor não emendar com letras maiusculas a palavra *rei* que teima sempre em escrever com *r* pequeno.»
7	1849	O caleche	Opusculo politico	
8	1850	O clero e o snr. Alexandre Herculano	Critica	
9	1851	Inspirações	Poesias lyricas	Uma d'essas poesias é a *Harpa do sceptico*.
10	1851	Anathema	Romance	
11	1852	Salvé, Rei!	Poesia de saudação	Inspirado pelo casamento de D. Miguel de Bragança.
12	1852	Revelações	Opusculo	Este trabalho, publicado sem o nome do auctor, refere-se a uma questão de familia, entre o conde do Bolhão e sua mulher. Conta o sr. Ramalho Ortigão, no *Estudo critico* que precede a edi-

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				ção monumental do *Amór de Perdição:* «Espancado na rua de Santo Antonio, em reivindicação de um artigo de jornal contra a familia de Constantini, então em demanda com a familia Bolhão, Camillo, já por terra, com uma larga ferida na cabeça, antes de ser levado para casa do alfaiate Augusto de Moraes, desfechou ao peito do agressor um tiro, de que elle escapou pela circumstancia de trazer em couraça um espesso collete de pelles.»
13	1852	Hosanna!	Poesias religiosas	Este opusculo foi a origem d'uma polemica entre o auctor e o professor portuense Amorim Vianna.
14	1854	Um livro	Poesias lyricas	
15	»	Duas épocas na vida	Poesias lyricas	Este volume contem as poesias do *Hosanna* e outras divididas em duas partes: *Preceitos do coração* e *Preceitos da consciencia,* que um editor mais tarde publicou em volumes separados.
16	»	Folhas cahidas, apanhadas na lama	Poesias satyricas	
17	»	Mysterios de Lisboa (3 vol.)	Romance	
18	»	Á Signora Laura Geordano	Poesia de saudação	5 quadras distribuidas no theatro de S. João, na noite do beneficio da cantora.
19	»	Á Senhora Laura Geordano	Poesia de saudação	Um soneto distribuido na mesma occasião.
20	1855	A filha do Arcediago	Romance	

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
21	1855	Scenas contemporaneas	Miscellanea	Romances, poesias, um drama, narrativas historicas, etc. Camillo publicou varios livros d'este genero, que figurarão nesta lista sob egual designação generica. No romance *A caveira* apparece a scena de Maria do Adro.
22	»	Livro negro do padre Diniz	Romance	Continuação dos *Mysterios de Lisboa.*
23	1856	A neta do Arcediago	»	Continuação da *Filha do Arcediago.*
24	»	Onde está a felicidade?	»	
25	»	Um homem de brios	»	Contiuuação do precedente.
23	»	Justiça	Drama	
27	1857	Duas horas de leitura	Miscellanea	
28	»	Lagrimas abençoadas	Romance	
29	»	Espinhos e flores	Drama	
30	»	Purgatorio e paraizo	»	
31	»	Scenas da Foz	Romance	
32	1858	Carlota Angela	»	
33	»	Vingança	»	
34	»	O que fazem mulheres	»	No fim do romance vêm a primeira poesia offerecida por Camillo a Anna Placido, designada ahi por *Ludovina.*
25	1861	Abençoadas Lagrimas!	Drama	
36	»	O Morgado de Fafe em Lisboa	Comedia	

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
37	1861	Doze Casamentos Felizes	Romances	
38	»	O romance d'um homem rico	Romance	Um dos personagens d'este romance de Camillo é uma evocação do padre Antonio d'Azevedo, que foi, na Samardan, o primeiro educador do romancista.
39	»	Poesia ou dinheiro?	Drama	Este drama já tinha sido incluido em 55 no volume das *Scenas contemporaneas*. Menciono-o aqui, porque elle desappareceu das edições subsequentes d'esse livro, correndo depois impresso em separado. Nesse drama reproduz-se, ao que se diz, a historia do casamento de Anna Placido, que lá apparece sob o nome de *Henriqueta*.
40	1862	As três irmãs	Romance	
41	»	O ultimo acto	Drama	Diz-se que este drama reproduz uma das scenas da agitada vida do romancista. E' natural; tanto mais que lá apparece Anna Placido, já sem o disfarce de qualquer pseudonymo, mas apenas designada pelos seus nomes de baptismo: *Anna Augusta*.
42	»	Amôr de perdição	Romance	E' ocioso recordar que este vulgarizadissimo romance é todo baseado em episodios em que figuram pessoas da familia de Camillo. Foi escripto na cadeia. Este livro representa o maior successo de livraria que até hoje se tem registado em Portugal. Vae na 15.ª edição o que, em calculo aproximado, nos au-

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				ctoriza a suppôr que d'elle já se hajam consumido cêrca de 45:00C exemplares. E isso entre nós è extraordinario.
43	1862	Memorias do carcere (2 vol.)	Impressões e narrativas	
44	»	Coisas espantosas	Romance	Nos *Amôres de Camillo*, o sr. Alberto Pimentel pretende que no primeiro capitulo d'este romance se encontra, sob o resguardo de nomes suppostos, a melhor biographia da mãe do romancista.
45	»	Coração, cabeça e estomago	»	Diz, tambem nos *Amôres de Camillo*, o sr. Alberto Pimentel: « No livro *Coração, cabeça e estomago*, (ultima parte, *Estomago)* ha muitas recordações, posto que já diluidas num soluto de ironia, dos amôres e do casamento de Camillo com Joaquina Pereira. Salvas a edade, a côr dos cabellos, o não saber lêr, e alguma phantasia no vestir, a Thomasia do livro é a Joaquina da realidade. »
46	»	Estrellas funestas	»	
47	1863	Annos de prosa	»	Aqui apparece mais uma vez Anna Placido com o nome com que Camillo a cantou em verso varias vezes: *Rachel.*
48	»	Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado	»	
49	»	O bem e o mal	»	

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
50	1863	Estrellas propicias	Romance	
51	»	Memorias de Guilherme do Amaral	»	Continuação dos romances *Onde está a felicidade?* e *Um homem de brios*.
52	»	Noites de Lamego	Miscellanea	
53	»	Scenas innocentes da comedia humana	»	Neste livro encontram-se mais uma vez insistentes e claras referencias ao caso de Anna Placido.
54	»	Agulha em palheiro	Romance	
55	1864	Amôr de salvação	»	
56	»	A filha do Doutor Negro	»	Diz-se que o protagonista d'este romance viveu realmente no Porto. O sr. H. Marques regista esse facto.
57	»	No Bom Jesus do Monte	Impressões e narrativas	Os trechos autobiographicos do auctor occupam largo espaço neste livro. Anna Placido passa a chamar-se nelle *Adriana*.
58	»	Vinte horas de liteira	Romance	
59	1865	Divindade de Jesus e tradição apostolica	Escriptos religiosos	Os artigos que compõem este volume haviam sido publicados em jornaes em 52 e 54.
60	»	Esboços de apreciações litterarias	Critica	
61	»	O esqueleto	Romance	Neste livro, apparece de novo a narrativa do episodio da Maria do Adro.

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
62	1865	Horas de paz	Escriptos religiosos	A maior parte dos artigos incluidos neste livro tinham sido tambem publicados em jornaes no mesmo periodo dos a *Divindade de Jesus e tradição apcstolica.*
63	»	Lucta de gigantes	Romance	
64	»	O Morgado de Fafe amoroso	Comedia	
65	»	A sereia	Romance	
66	»	Preceitos do coração	Poesias lyricas	É o 1.º vol. da 2.ª ed. das *Duas epocas da vida*, constituindo tambem vol. autonomo.
67	»	Preceito da consciencia	Poesias lyricas	É o 2.º vol., nas mesmas condições do precedente.
68	1866	A engeitada	Romance	
69	»	O Judeu (2 vols.)	»	O protagonista d'este romance historico é o escriptor português do seculo XVIII, Antonio José da Silva, *O Judeu*, morto nas fogueiras do Santo Officio.
70	»	O Olho de vidro	»	
71	»	A queda d'um anjo	»	O protagonista d'este romance satyrico é, ao que parece, um conhecido personagem que occupa logar distincto no episcopado português.
72	»	O santo da montanha	»	
73	»	Vaidades irritadas e irritantes	Critica	Foi a contribuição de Camillo para a celebre Questão Coimbrã.

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
74	1867	A bruxa do Monte Cordova	Romance	
75	»	A doida do Candal	»	
76	»	Cavar em ruinas	Miscellanea	
77	»	Cousas leves e pesadas	»	
78	»	O Senhor do paço de Ninães	Romance	
79	1868	Mosaicos e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas	Miscellanea	A publicação d'este livro deu origem a uma questão judicial e, annos depois, a uma escandalosa polemica entre o auctor e o editor Anselmo de Moraes. Vêr *Noites de Insomnia*.
80	»	Mysterios de Fafe	Romance	
81	»	O retrato de Ricardina	»	
82	»	O sangue	»	
83	»	As virtudes antigas ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis.—Um poeta portuguès... rico!	Miscellanea	
84	1869	Os brilhantes do brazileiro	Romance	
85	1870	D. Antonio Alves Martins, Bispo de Vizeu	Esboço biographico	
86	»	O condemnado	Drama	Este drama foi escripto a proposito da tragedia em que foi protagonista José Cardoso Vieira de Castro, a quem elle é dedicado. Juntamente com

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				este drama, que tem três actos e quatro quadros, publicou-se um outro em um acto, ***Como os anjos se vingam*** que, mais tarde, foi posto á venda em separado.
87	1870	A mulher fatal	Romance	Diz o sr. H. Marques que, «ao que parece este romance não é de pura phantasia mas simplesmente a narrativa d'uma historia verdadeira».
88	»	Theatro comico	Comedias	As duas comedias que compõem este vol. — ***A Morgadinha de Val d'Amores*** e ***Entre a Flauta e a Viola*** foram depois vendidas em separado.
89	1871	Voltareis, ó Christo?	Narrativa	Ainda a proposito do caso Vieira de Castro.
90	1872	A infanta capellista	Romance	Escreve o sr. H. Marques: «Está incompleto este romance, que é incontestavelmente o livro mais raro de Camillo; a historia d'elle creio ser a seguinte: Estava Camillo escrevendo-o quando foi visitado pelo sr. D. Pedro II, ao tempo Imperador do Brazil; este augusto personagem informou-se de qual o assumpto do romance — um escandalo da casa de Bragança — e muito naturalmente pediu ao auctor que não o continuasse; Camillo accedeu, participou ao dono da imprensa que era preciso inutilizar as folhas impressas, e este carregou com ellas uma carroça que mandou para casa do auctor; Camillo — conta-se — não sabendo o que fazer de tanta papelada, deu-a ao seu barbeiro,

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				que tratou logo de a passar a patacos, vendendo-a a um merceeiro da rua de Santo Antonio. A que estava destinado um livro de Camillo! Embrulhando assucar, café e outras especialidades da tenda, as folhas da *Infanta* iam desapparecendo, até que algumas foram parar ás mãos de gente esclarecida, que tentou pôr cobro á profanação. Foi porém tarde, porque apenas meia duzia de exemplares completos (as 128 paginas publicadas) se conseguiu apurar. Passados mesês, Camillo, arrependido talvez do sacrilegio que tinha commettido, inutilizando a sua obra, reimprimiu-a e completou-a em volume, mudando-lhe os nomes de alguns personagens, alterando ligeiramente a fórma, arredondando certos periodos, e deu-no-la inteira no *Carrasco de Victor Hugo José Alves*, cuja protagonista, se não é perfeitamente uma *Infanta capellista*, é, como em algures disse, uma *Infanta luveira*, da rua Nova da Palma, em Lisboa. Eis, como m'a contaram varios amigos de Camillo, a curiosa historia do mais raro livro do glorioso romancista»:
91	1872	O carrasco de Victor Hugo José Alves	Romance	Vêr *obs.* precedente.
92	»	Livro de consolação	»	Ainda a proposito do caso Vieira de Castro. Parte d'esse romance sahiu no *Primeiro de Janeiro*, com o titulo de *Espelho de desgraçados*.

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
93	1872	Quatro horas innocentes	Miscellanea	
94	»	A espada d'Alexandre	Opusculo satyrico	Vem reproduzido na *Bohemia do espirito.*
95	1873	O Visconde de Ouguella	Perfil biographico	
96	73-74	O Demonio do Ouro (2 vol.)	Romance	
97	1874	Ao anoitecer da vida	Poesias lyricas	
98	»	Correspondencia epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco	Cartas e annotações	
99	»	Noites de Insomnia (12 vols.)	Miscellanea	Publicação mensal
100	»	O regicida	Romance	
101	1875	A filha do regicida	»	Continuação do precedente
102	75-76	A caveira da martyr (3 vols.)	»	Continuação dos precedentes.
103	75-77	Novellas do Minho (12 vols.)	Romances	Publicação mensal
104	1876	Curso de litteratura portuguêsa	Historia litteraria	Continuação e complemento do *Curso de litteratura portuguêsa* por José Maria de Andrade Ferreira.
105	1879	Cancioneiro alegre de poetas portuguêses e brasileiros	Compilação e commentario	
	»	Os criticos do Cancioneiro alegre	Polemica.	
	»	Sentimentalismo e historia	Miscellanea	Vem incluido neste volume o romance *Euse-*

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				bio Macario, que nunca se publicou em separado.
106	1880	Suicida	Narrativa	Já publicada nas *Noites de Lamego* com o titulo de *A formosa das violetas*.
107	»	Luiz de Camões	Notas biographicas	É o prefacio da 7.ª ed. do *Camões* de Garrett. Foi depois tambem incluido na *Bohemia do espirito*.
108	»	Historia e sentimentalismo	Miscellanea	Vem incluido neste vol. o romance *A corja*, continuação do *Eusebio Macario*, que tambem nunca sahiu em volume autonomo.
109	»	Echos humoristicos do Minho (4 opusculos)	»	
110	»	A Senhora Rattazzi	Critica	Reproduzida na *Bohemia do espirito*.
111	1882	Perfil do Marquês de Pombal	Historia	
112	»	Como os anjos se vingam	Drama	Vêr *obs.* ao n.º 87 d'esta lista.
113	»	A morgadinha de Val-d'Amores	Comedia	Vêr *obs.* ao n.º [illegible] d'esta lista.
114	»	Entre a flauta e a viola	»	Vêr *obs.* ao n.º 80 d'esta lista.
115	»	Narcoticos	Miscellanea	
116	»	A brasileira de Prazins	Romance	
117	1883	D. Luiz de Portugal	Historia	
118	»	Questão da Sebenta	Polemica	São 9 os opusculos que encerram todos os documentos da contenda

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
				litteraria entre Camillo e os srs. drs. Avelino Calisto, já então lente de Direito, e José Maria Rodrigues, ao tempo ainda alumno da faculdade de Theologia. As replicas de Camillo foram reproduzidas na *Bohemia do espirito.*
119	1884	O General Carlos Ribeiro	Memorias	
120	»	O vinho do Porto	Historia	
121	»	Maria da Fonte	»	É o commentario ao livro do padre Casimiro, *Apontamentos para a Historia da Revolução do Minho em 1846.*
122	1885	Serões de S. Miguel de Seide (6 vols.)	Miscellanea	
123	1886	A Lyra Meridional	Critica	É uma separata, *fóra do mercado,* do prefacio do livro de versos que, com o mesmo titulo, o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco publicou.
124	»	Bohemia do espirito	Miscellanea	
125	»	A diffamação dos livreiros, successores de Ernesto Chardron	Polemica	A proposito d'uma questão judicial entre o auctor e os mencionados livreiros, originada na publicação da *Bohemia do espirito.*
126	»	Esboço de critica	Critica	É uma detida analyse da traducção do *Othello* de Shakespeare, pelo rei D. Luiz.
127	»	Vulcões de Lama	Romance	
128	1888	Nostalgias	Poesias lyricas	

N.º d'ordem	Data da 1.ª edição	Titulo	Genero litterario	Observações
129	1889	Delictos da Mocidade	Miscellanea	É a compilação, feita e annotada por Freitas Fortuna, das primeiras composições de Camillo.
130	»	Vida do José do Telhado	Narrativa	É um folheto reproduzindo as paginas que Camillo consagra nas *Memorias do carcere* ao celebre salteador.
131	»	Revista do Porto	Folhetim	É a reproducção, feita por Freitas Fortuna, d'um folhetim publicado no *Nacional*, em 25 de fevereiro de 1850.
132	1890	Nas trevas	Sonetos	

O sr. H. Marques menciona mais, com escrupuloso desenvolvimento, ainda que advertindo de que não pretende dar essas listas como completas:

— Livros traduzidos por Camillo 14

— Livros de diversos auctores, acompanhados de advertencia, analyse, annotações, apreciação, carta, introducção, juizo critico, nota, preambulo, proemio ou prefacio de Camillo 87

— Outros livros illustrados com escriptos de Camillo, ineditos ou reproducções . . . 88

— Revistas litterarias, periodicos, jornaes e publicações de genero identico, redigidas ou collaboradas por Camillo (ineditos ou reproducções) 129

Mencionando nas obras originaes um livro de cartas ao sr. Joaquim d'Araujo, dividindo os opusculos da *Questão da sebenta* e mencionando em separado as edições do *Maria não me mates que sou tua mãe!* que sahiram com os titulos de *Maria José* e *Matricidio sem exemplo*, o sr. H. Marques regista 456 numeros na sua *Bibliographia*.

INDICE

ERRATA

Entre alguns lapsos de revisão facilmente compreh
siveis, cumpre corrigir o seguinte:

Na pagina 155, linha 2 do primeiro paragrapho, o
se lê *intenso,* deve lêr-se *doloroso.* Na transcripção do mes
periodo, em pag. 247, linha 5, deve fazer-se igual emen

